



ARTHUR E. POWELL

O CORPO ASTRAL

PENSAMENTO





Arthur E. Powell

O CORPO ASTRAL

E outros fenômenos astrais

Tradução de
Nair Lacerda

Editora Pensamento
São Paulo

Título do original:

The Astral BODY AND OTHER ASTRAL PHENOMENA

The Theosophical Publishing House Ltd., Londres, 1972

SUMÁRIO

Prefácio dos Editores	03
Obras e Autores Consultados	06
Introdução	07
I. Descrição Geral	08
II. Composição e Estrutura	10
III. Cores	14
IV. Funções	22
V. Chacras	27
VI. Kundalini	32
VII. Formas-Pensamentos	35
VIII. A Vida Física	49
IX. A Vida no Sono	60
X. Os Sonhos	67
XI. Continuidade de Consciência	74
XII. A Morte e o Elemental do Desejo	76
XIII. A Vida depois da Morte: Princípios	79
XIV. A Vida depois da Morte: Peculiaridades	84
XV. A Vida depois da Morte: Casos Especiais	94
XVI. O Plano Astral	99
XVII. Diversos Fenômenos Astrais	106
XVIII. A Quarta Dimensão	110
XIX. Entidades Astrais: Humanas	114
XX. Entidades Astrais: Não-humanas	119
XXI. Entidades Astrais: Artificiais	128
XXII. Espiritismo	130
XXIII. Morte Astral	137
XXIV. Renascimento	139
XXV. O Domínio da Emoção	143
XXVI. Desenvolvimento de Poderes Astrais	149
XXVII. Clarividência no Tempo e no Espaço	155
XXVIII. Auxiliares Invisíveis	158
XIX. Conclusão	166

Dedicatória

Este livro é dedicado, com apreço e reconhecimento,
a todos cujo trabalho e pesquisas conscienciosas
forneceram o material com o qual ele foi compilado.

"Conhecer o homem é conhecer Deus.

"Conhecer Deus é conhecer o homem.

"Estudar o Universo é instruir-se sobre Deus e sobre o homem;
porque o Universo é a expressão do Pensamento Divino,
e o Universo está refletido no homem.

"O conhecimento é necessário para que o Eu se torne livre
e se conheça unicamente como Si mesmo."

ANNIE BESANT

PREFÁCIO DOS EDITORES

A intenção do autor ao compilar os livros desta série foi a de poupar o tempo e o trabalho dos interessados no assunto, oferecendo uma síntese condensada da volumosa literatura sobre os temas de cada volume, em sua maior parte da autoria de Annie Besant e de C. W. Leadbeater. A lista da página seguinte mostra o grande número de obras consultadas. Tanto quanto possível, o método adotado foi o de explicar primeiro o aspecto formal e, depois, o aspecto vital: primeiro descrever o mecanismo objetivo dos fenômenos e depois as atividades da consciência expressas através desse mecanismo. Não se procurou provar ou mesmo justificar nenhuma das declarações. As referências à margem dão ensejo para que se consultem as fontes.

As obras de H. P. Blavatsky não são usadas porque o autor afirma que a pesquisa a ser feita na *Doutrina Secreta*, e em outras obras, teria sido uma tarefa grande demais para ele empreender. E acrescentou: "A dívida para com H. P. Blavatsky é tão grande que nunca poderia ser indicada por citações tiradas de suas obras monumentais. Não tivesse ela mostrado o rumo e os pesquisadores nunca teriam encontrado o caminho".

Esta edição foi um pouco resumida e editada para evitar possíveis equívocos nas atuais circunstâncias. Pede-se que o leitor tome nota dos seguintes pontos:

1. A palavra "Ego" é usada aqui no sentido de Individualidade reencarnada; não, como na psicologia moderna, no sentido de personalidade evanescente.
2. As palavras "átomo", "atômico", "subatômico" e "molécula" são usadas no sentido especializado, e não se referem ao átomo ou molécula químicos. O mesmo ocorre com "éter" e "etérico".

OBRAS E AUTORES CONSULTADOS

Obra:	Autor:	Edição:
<i>Ancient Wisdom</i>	A. Besant	1897
<i>Astral Plane</i>	C. W. Leadbeater	1910
<i>Changing World</i>	A. Besant	1909
<i>Clairvoyance</i>	C. W. Leadbeater	1908
<i>Crowd in Peace and War</i>	Sir Martin Conway	1915
<i>Death and After</i>	A. Besant	1901
<i>Dreams</i>	C. W. Leadbeater	1903
<i>Hidden Side of Things</i> , vols. I e II	C. W. Leadbeater	1913
<i>Inner Life</i> , v. I	C. W. Leadbeater	1910
<i>Inner Life</i> , v. II	C. W. Leadbeater	1911
<i>Introduction to Yoga</i>	A. Besant	1908
<i>Invisible Helpers</i>	C. W. Leadbeater	1911
<i>Karma</i>	A. Besant	1897
<i>Key to Theosophy</i>	H. P. Blavatsky	1893
<i>Law of Psychic Phenomena</i>	T. J Hudson	1905
<i>Life after Death</i>	C. W. Leadbeater	1912
<i>London Lectures, 1907</i>	A. Besant	1907
<i>Man and His Bodies</i>	A. Besant	1900
<i>Man Visible and Invisible</i>	C. W. Leadbeater	1902
<i>Masters and the Path</i>	C. W. Leadbeater	1925
<i>Monad</i>	C. W. Leadbeater	1920
<i>Occult Chemistry</i>	A. Besant e C. W. Leadbeater	1919
<i>Occult World</i>	A. P. Sinnet	1906
<i>Other Side of Death</i>	C. W. Leadbeater	1904
<i>Reincarnation</i>	A. Besant	1898
<i>Science of the Emotions</i>	Bhagavan Das	1900
<i>Secret Doctrine</i> , vols. I, II	H. P. Blavatsky	1905
<i>Secret Doctrine</i> , vol. III	H. P. Blavatsky	1897
<i>Self and its Sheaths</i>	A. Besant	1903
<i>Seven Principles of Man</i>	A. Besant	1904
<i>Seven Rays</i>	ErnestWood	1925
<i>Some Glimpses of Occultism</i>	C. W. Leadbeater	1909
<i>Some Occult Experiences</i>	J. VanManen	1913
<i>Study in Consciousness</i>	A. Besant	1904
<i>Textbook of Theosophy</i>	C. W. Leadbeater	1914
<i>Theosophy and the New Psychology</i>	A. Besant	1909
<i>Thought Forms</i>	A. Besant e C. W. Leadbeater	1905
<i>Thought Power: Its Control and Culture</i>	A. Besant	1903

INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro é apresentar aos estudantes de Teosofia uma síntese de todo o conhecimento, que possuímos até hoje (1926), do Corpo Astral do homem, juntamente com uma descrição e explanação do mundo astral e seus fenômenos. Por conseguinte, esta obra vem a ser uma continuação natural de O Duplo Etérico e Seus Fenômenos, publicada em julho de 1925.

Como no caso de O Duplo Etérico, o compilador reuniu material de um grande número de obras, das quais fornecemos uma lista à parte. Organizou-se esse material (que abarca um campo muito extenso e extraordinariamente complexo) o mais metodicamente possível. Espera-se que, desta maneira, os estudantes desse assunto, atuais e futuros, economizarão muito trabalho e tempo, posto que encontrarão não apenas a informação de que precisam, apresentada num volume relativamente pequeno, mas também referências às fontes originais através de citações no decorrer da leitura.

Para que a obra não resultasse demasiado volumosa e, ao mesmo tempo, satisfizesse plenamente o objetivo em vista, foi adotado um plano geral de expor os princípios subjacentes aos fenômenos astrais, omitindo-se exemplos ou casos particulares. Os conferencistas e outros que desejarem ilustrações específicas dos princípios enunciados poderão encontrá-las nas obras que nos serviram para esta compilação, relacionadas no final do presente livro.

Além disso, à medida que o permitem a complexidade e ramificações do tema, o método adotado consiste em expor primeiramente o aspecto forma, depois o aspecto vida; ou seja, primeiro se descreve do fenômeno e depois as atividades de consciência expressas por meio desse mecanismo. Se o estudante levar isto em conta, não se surpreenderá ao encontrar passagens que à primeira vista parecem repetições, mas que são descrições de um mesmo fenômeno, primeiramente do ponto de vista da forma material externa e depois do ponto de vista do Espírito ou consciência.

Esperamos suplementar este volume com outros similares, que tratem dos corpos Mental e Causal do homem, completando assim toda a informação disponível relativa à constituição do homem ao nível Causal e Mental Superior.

Existe atualmente uma grande quantidade de informações sobre esses temas e outros análogos, porém disseminada em numerosos livros. Por isso, então, cremos satisfazer essa urgente necessidade ao colocarmos todo esse material à disposição do estudante cujo tempo é limitado.

"O verdadeiro estudo da humanidade é o homem." E o tema é tão extenso, tão absorvente e tão importante que cabe fazer todo o possível para pôr ao fácil alcance de todos quantos anseiam por tal conhecimento, todo o material acumulado até o presente.

A. E. P.

CAPÍTULO I

Descrição Geral

Antes de iniciar um estudo detalhado do corpo astral e dos fenômenos relacionados com o mesmo, é conveniente que apresentemos ao estudante um breve perfil da área que nos propomos abarcar, a fim de que obtenha uma rápida visão do todo e da relativa dependência entre as suas diferentes partes.

De maneira resumida, o corpo astral do homem é um veículo que, à visão do clarividente, não aparece muito diferente do corpo físico, está rodeado de uma aura de cores cintilantes e é composto de matéria muito mais fina que a física: é o veículo por meio do qual o homem expressa seus sentimentos, paixões, desejos e emoções, servindo como uma ponte ou meio de transmissão entre o cérebro físico e a mente, a qual atua em um veículo de ordem superior — corpo mental.

Não obstante todo ser humano possuir e utilizar um corpo astral, comparativamente, bem poucos estão conscientes da existência do mesmo ou são capazes de controlá-lo e atuar nele com plena consciência. Na imensa maioria das pessoas, quase não passa de uma massa amorfa de matéria astral, da qual os movimentos e atividades não estão sob o domínio do próprio homem, ou seja, o Ego. Em outros, entretanto, o corpo astral é um veículo bem desenvolvido e completamente organizado, possuindo vida própria e conferindo ao seu possuidor muitos e úteis poderes.

Durante o sono do corpo físico, o homem não desenvolvido vive uma existência vaga e fantasista em seu corpo astral relativamente primitivo, e ao despertar em seu corpo físico, recorda muito pouco ou nada de sua vida durante o sono.

Por outro lado, a vida do homem desenvolvido, no corpo astral, enquanto o físico dorme, é ativa, interessante e útil, da qual a lembrança pode, sob certas condições, ser trazida à memória do cérebro físico. A vida de uma pessoa, assim, deixa de ser uma série de dias de consciência desperta e noites de esquecimento, para converter-se em vida permanente de consciência ininterrupta, que se alterna entre os planos ou mundos físico e astral.

Uma das primeiras coisas que aprende o homem a fazer no corpo astral é viajar através dele, pois tal corpo possui grande mobilidade e pode trasladar-se a grandes distâncias do corpo físico mergulhado no sono. Uma compreensão deste fenômeno arroja muita luz sobre um grande número dos chamados fenômenos "ocultos", tais como "aparições" de diversos tipos, conhecimento de lugares nunca visitados fisicamente, etc.

Como o corpo astral é *par excellence* o veículo dos sentimentos e emoções, um entendimento da sua composição e de como ele atua é de grande valor para compreender muitos aspectos da psicologia humana, tanto individual como coletiva; proporciona, ademais, uma explicação simples do mecanismo de muitos fenômenos revelados pela Psicanálise moderna. A clara compreensão da estrutura e natureza do corpo astral, de suas possibilidades e limitações, é essencial para se entender a vida para a qual passam os seres humanos ao morrerem fisicamente. Os diversos tipos de "céus", "infernos" e "purgatórios",

nos quais acreditam seguidores de inúmeras religiões, podem ser classificados e se tornam inteligíveis tão logo se conheça a natureza do corpo e do mundo astrais.

O estudo do corpo astral ajuda-nos também a compreender muitos dos fenômenos das "sessões" espíritas, bem como certos métodos físicos e não físicos de curar enfermidades. Aqueles que tenham interesse na chamada quarta dimensão também encontrarão a confirmação de muitas das teorias formuladas através da Matemática e da Geometria no estudo dos fenômenos do mundo astral, tal como são descritos por quem os tenham observado.

Vemos, pois, que o estudo do corpo astral do homem abre um vasto campo e expande de maneira extraordinária uma concepção da vida baseada tão somente no mundo físico e nos sentidos puramente físicos. À medida que avancemos em nossos estudos, veremos que os sentidos físicos, embora sejam valiosos, não representam de maneira alguma o limite daquilo que os veículos do homem podem ensinar-lhe a respeito dos mundos em que ele vive. O despertar para o funcionamento das faculdades astrais revela um mundo novo dentro do velho, e, quando um homem se torna capaz de entender corretamente os seus significados, esse homem alcançará uma visão mais ampla de sua própria vida e de toda a Natureza, bem como se dará conta plenamente das possibilidades, quase ilimitadas, latentes em sua própria natureza. Deste conhecimento virá, mais cedo ou mais tarde, mas inevitavelmente, ao homem o impulso e depois a firme determinação de dominar esses mundos e a si próprio, tornar-se superior a seu destino terrestre e converter-se num inteligente cooperador daquilo que, com propriedade, se tem chamado a Suprema Vontade em Evolução.

Agora, procederemos a estudar, em detalhes, o corpo astral e muitos fenômenos astrais estreitamente relacionados com o mesmo.

CAPÍTULO II

Composição e Estrutura

A matéria astral existe em sete graus, ou ordens de espessura, correspondentes aos sete graus da matéria física, que são: sólido, líquido, gasoso, etérico, superetérico, subatômico e atômico. Não tendo sido ainda planejados nomes para esses estados astrais, é comum serem descritos pelo número do grau ou subplano, sendo o mais fino o Número 1 e o mais espesso o Número 7, ou pelo grau físico correspondente. Falamos, por exemplo, da matéria sólida astral, referindo-nos à sétima ou mais baixa variedade e dizemos matéria etérica astral quando nos referimos ao quarto grau a partir do mais fino. E assim por diante.

A matéria astral, sendo muito mais fina do que a matéria física, interpenetrada, cada átomo físico, portanto, flutua num mar de matéria astral, que o circunda, enchendo cada interstício da matéria física. Naturalmente, sabe-se bem que mesmo na substância mais dura dois átomos jamais tocam um no outro, sendo o espaço entre dois átomos adjacentes imensamente maior, na realidade, do que os próprios átomos. A ciência física ortodoxa de há muito pressupôs um éter que interpenetra todas as substâncias conhecidas, tanto a mais densamente sólida como o gás mais rarefeito; e, tal como esse éter se move com perfeita liberdade entre as partículas da mais densa matéria, a matéria astral interpenetra-a, por sua vez, e se move com perfeita liberdade entre suas partículas. Assim, um ser, vivendo no mundo astral, pode estar ocupando o mesmo espaço ocupado por um ser que vive no mundo físico; entretanto cada qual seria inteiramente inconsciente do outro, e não impediria a sua livre movimentação. O estudante deve familiarizar-se perfeitamente com essa concepção fundamental, pois, a não ser que a aprenda com clareza, não lhe será possível entender grande número de fenômenos astrais.

O princípio de interpenetração torna claro que as diferentes regiões da natureza não estão separadas no espaço, mas existem entre nós, aqui e agora, de forma que para percebê-las e investigá-las não há necessidade de movimento no espaço, mas apenas uma abertura, dentro de nós mesmos, de sentidos através dos quais elas podem ser percebidas.

O mundo, ou plano astral, é, pois, uma condição da natureza, mais do que uma localização.

Devemos notar que um átomo físico não pode ser rompido, diretamente, fazendo-se átomos astrais. Se a força que faz girar catorze milhões (aproximadamente) de "bolhas", tornando-as em derradeiro átomo físico, for pressionada de volta, por um esforço da vontade, por sobre o limiar do plano astral, o átomo desaparece, libertando as "bolhas". A mesma força, trabalhando então em plano mais alto, expressa-se, não através de um átomo astral, mas através de um grupo de quarenta e nove desses átomos.

Relacionamento similar, representado pelo número 49, existe entre os átomos de quaisquer outros dois planos contíguos da natureza: assim, um átomo astral contém 49^5 , ou 282.475.249 "bolhas", um mental contém 49^4 bolhas, e assim por diante.

Há razões para que se acredite que os elétrons são átomos astrais. Os físicos

declaram que um átomo químico de hidrogênio contém, provavelmente, de 700 a 1000 elétrons. Pesquisa oculta afirma que um átomo químico de hidrogênio contém 882 átomos astrais. Pode ser uma coincidência, mas não parece provável que o seja.

Deve-se notar que os derradeiros átomos físicos são de duas espécies, macho e fêmea: no macho, a força vem do mundo astral, passa através do átomo para o mundo físico; na fêmea, a força passa do mundo físico, através do átomo, para o mundo astral, desaparecendo, assim, do mundo físico.

A matéria astral corresponde, com curiosa exatidão, à matéria física que a interpenetra, cada variedade de matéria física atraindo matéria astral da densidade correspondente. Assim, a matéria física sólida é interpenetrada pelo que chamamos de sólida matéria astral; a matéria física líquida por matéria astral líquida, isto é, por matéria do sexto subplano, e, da mesma forma, a matéria gasosa, e os quatro graus de matéria etérica estão interpenetrados pelo grau correspondente de matéria astral.

Tal como é necessário que o corpo físico contenha em sua constituição matéria física em todas as suas condições — sólida, líquida, gasosa e etérica — é indispensável também que o corpo astral contenha partículas dos sete subplanos astrais, embora naturalmente as proporções possam variar muitíssimo, conforme os casos.

O corpo astral do homem, sendo assim composto de matéria dos sete graus, é possível, para ele, experimentar uma grande variedade de (desejos, dos mais altos aos mais baixos, e em seu mais extenso grau. Essa capacidade peculiar para a reação, própria do corpo astral, capacita-o a servir de invólucro no qual o Eu pode obter a experiência da sensação.

Além da matéria comum do plano astral, a que é conhecida como o Terceiro Reino Elemental, ou simplesmente, como Essência Elemental do plano astral, também entra largamente na composição do corpo astral do homem, e forma o que é chamado o "Desejo Elemental", do qual nos ocuparemos mais amplamente em capítulos posteriores.

A essência elemental astral consiste em matéria dos seis níveis mais baixos do plano astral, vivificados pelo Segundo Fluxo, vindo da Segunda Pessoa da Trindade. A matéria astral do mais alto nível atômico, igualmente vivificada, é conhecida como Essência Monádica.

Num homem não desenvolvido, o corpo astral é massa de matéria astral nevoenta, frouxamente organizada, vagamente delineada, com uma grande predominância de substâncias, dos graus mais baixos. E tosca, escura e densa — às vezes tão densa que o contorno do corpo físico quase desaparece nela — e é, assim, preparada para responder a estímulos relacionados com paixões e apetites. Em tamanho, estende-se para todas as direções em cerca de dez a doze polegadas para além do corpo físico.

Num homem de mediano nível moral e intelectual, o corpo astral é consideravelmente maior, estendendo-se por cerca de 18 polegadas de cada lado do corpo; sua matéria é mais equilibrada e de qualidade mais fina, a presença de qualidades mais raras dando certa luminosidade ao todo. Seu contorno é claro e definido.

No caso de um homem espiritualmente desenvolvido, o corpo astral é ainda maior em tamanho e compõe-se das mais finas partículas de cada grau de matéria astral, predominando amplamente a mais alta.

Há tanto que dizer no que se refere às cores dos corpos astrais que o assunto fica reservado para um capítulo especial. Aqui, contudo, podemos afirmar que nos tipos não desenvolvidos as cores são grosseiras e turvas, tornando-se aos poucos cada vez mais luminosas à proporção que o homem se desenvolve emocional, mental e espiritualmente. O próprio nome "astral", herdado dos alquimistas medievais, significa "estelar", referindo-se à aparência luminosa da matéria astral.

Como já foi dito, o corpo astral de um homem não só penetra no corpo físico como também se estende ao redor dele, como uma nuvem.

Essa porção do corpo astral que se estende para além dos limites do corpo físico é chamada, habitualmente, de "aura" astral.

Os sentimentos intensos correspondem a uma grande aura. Podemos mencionar, aqui, que o tamanho aumentado da aura é um pré-requisito para a Iniciação, e, nela, as "Qualificações" devem ser visíveis. A aura aumenta, naturalmente, a cada Iniciação. A aura de Buda — diz-se — tem uma irradiação de três milhas.

A matéria do corpo físico sente forte atração para a matéria do corpo astral, e daí segue-se que a maior parte (cerca de 99%) das partículas astrais ficam comprimidas dentro da periferia do corpo físico, e só o remanescente 1% enche o resto do ovoide e forma a aura.

A porção central do corpo astral toma, assim, a forma exata do corpo físico e é, na verdade, muito sólida e definida, e bem claramente distinguível da aura circundante. Habitualmente, é chamada a contraparte astral do corpo físico. A exata correspondência do corpo astral com o físico, entretanto, é apenas questão de forma externa e não envolve qualquer similaridade de função nos vários órgãos, como veremos mais amplamente no capítulo sobre os Chakras.

Não só o corpo físico do homem, mas tudo quanto é físico, tem seu correspondente de matéria astral em constante associação, e não é separado a não ser mediante considerável esforço de força oculta, e, mesmo então, só se manterá separado enquanto seja exercida, positivamente, essa força e com esse fim. Em outras palavras, cada objeto físico tem sua contraparte astral. Porém, como as partículas astrais estão em constante movimento entre si, tão facilmente como um líquido físico, não há associação permanente entre qualquer partícula física e a quantidade de matéria astral que aconteça, em dado momento, estar agindo como sua contraparte.

Habitualmente, a porção astral de um objeto projeta-se um tanto para além de sua parte física e, assim, metais, pedras etc. são vistos circundados por uma aura astral.

Se alguma parte do corpo físico do homem for removida, por amputação, digamos, a coerência já matéria astral viva é mais forte do que sua atração para a porção amputada do corpo físico. Consequentemente, a contrapartida astral do membro não será retirada com o membro físico amputado. Já que a matéria astral adquiriu o hábito de manter aquela forma particular, continuará a reter o feitio original, mas depressa se retrairá para dentro os limites da forma mutilada. O mesmo fenômeno se dá no caso de uma árvore da qual um galho seja removido.

Contudo, no caso de um corpo inanimado — tal como uma cadeira ou uma bacia — não há a mesma espécie de vida individual para manter a coesão. Consequentemente,

quando um objeto físico se quebra, sua contraparte astral também se divide.

Inteiramente à parte dos sete graus da matéria, arrançados por ordem de finura, há uma classificação totalmente diferente da matéria astral, conforme seu tipo. Na literatura teosófica, o grau de finura é habitualmente designado como divisão horizontal, e o tipo como divisão vertical. Os tipos, dos quais existem sete, estão completamente mesclados como o estão os componentes da atmosfera, e em cada corpo astral há matéria dos sete tipos, a proporção entre eles mostrando o temperamento do homem, se é devocional ou filosófico, artístico ou científico, pragmático ou místico.

O conjunto da porção astral de nossa terra e dos planetas físicos, reunido aos planetas puramente astrais do nosso Sistema, forma coletivamente o corpo astral do Logos Solar mostrando assim que a antiga concepção panteísta era verdadeira.

Similarmente, cada um dos sete tipos de matéria astral é, até certo ponto, visto como um todo, um veículo separado, e é possível também imaginá-lo o corpo astral de uma Deidade ou Ministro subsidiário, que é, ao mesmo tempo, um aspecto da Deidade, uma espécie de seu gânglio ou centro de força. Daí ser o mais ligeiro pensamento, movimento, ou alteração de qualquer espécie, na Deidade subsidiária, instantaneamente refletido, de uma forma ou de outra, em toda a matéria do tipo correspondente. Tais modificações psíquicas ocorrem periodicamente: talvez correspondam à inalação e expiração, ou ao pulsar do nosso coração no plano físico. Observou-se que os movimentos dos planetas físicos fornecem uma pista para a operação das influências que fluem dessas modificações: daí o que há de racional na ciência astrológica. Daí também o fato de qualquer dessas modificações deverem alterar, até certo ponto, os homens, na proporção da quantidade daquele tipo de matéria que eles possuam em seu corpo astral. Assim, uma das modificações afeta as emoções ou a mente, ou ambas; outra pode intensificar a excitação e irritabilidade nervosas, e assim por diante. Essa proporção é que determina em cada homem, animal, planta ou mineral, certas características fundamentais que jamais se modificam — às vezes chamadas sua tônica, sua cor, sua radiação.

O prosseguimento desta interessante linha de ideias nos levaria para além do escopo deste livro; assim, o estudante é remetido ao livro: *“O Lado Oculto das Coisas”*, pp. 31-36.

Há sete subtipos em cada tipo, formando quarenta e nove subtipos ao todo.

O tipo, ou radiação, é permanente através de todo o esquema planetário, de forma que a essência elemental do tipo A, em seu devido tempo, animará minerais, plantas e animais do tipo A, e daí emergirão os seres humanos do mesmo tipo.

O corpo astral também se gasta, lenta e constantemente, tal como se dá com o corpo físico, mas em lugar do processo de ingestão e digestão de alimentos, as partículas que tombam são substituídas por outras, retiradas da atmosfera circundante. Apesar disso, o sentimento de individualidade é comunicado às novas partículas, conforme entram, e também a essência elemental incluída em cada corpo astral de homem sente-se como uma espécie de entidade, indubitavelmente, e atua de acordo com o que considera de seu próprio interesse.

CAPÍTULO III

Cores

Para a visão clarividente, uma das principais características do corpo astral consiste em cores que estão nele constantemente em movimento, cores que correspondem e são a expressão de sentimentos, paixões, e emoções, na matéria astral.

Todas as cores conhecidas, e muitas que presentemente não conhecemos, existem, em cada um dos planos superiores da natureza, mas, conforme subimos de um estágio para outro, tornam-se mais delicadas e mais luminosas, de sorte que podem ser descritas como oitavas de cor. Não sendo possível representar fisicamente no papel essas oitavas, os fatos acima devem ser tidos em mente quando se considerar as ilustrações coloridas do corpo astral a que nos referiremos abaixo.

O que se segue é uma lista das cores principais e das emoções que elas expressam:

Preto: em nuvens espessas: ódio, malícia.

Vermelho: centelhas de um vermelho profundo, habitualmente sobre fundo preto: cólera.

Nuvem escarlate: irritabilidade.

Escarlate brilhante: sobre o fundo habitual da aura: "nobre indignação".

Vermelho acobreado e sanguíneo: indiscutivelmente, embora não seja de fácil descrição: sensualidade.

Marrom acinzentado: um marrom acinzentado opaco e escuro: egoísmo, uma cor das mais comuns no corpo astral.

Marrom avermelhado: opaco, quase ferrugem: avareza, quase sempre apresentada em listas paralelas através do corpo astral.

Marrom esverdeado: iluminado por cintilações de um vermelho profundo ou escarlate: ciúmes. No caso do homem comum há, quase sempre, muita dessa cor presente, quando ele está "amando".

Cinza: pesado, chumbo: depressão. Como o marrom avermelhado da avareza, disposto em linhas paralelas, dando a impressão de uma gaiola.

Cinza, lívido: coloração repulsiva e assustadora: medo.

Carmesim: opaco e pesado: amor egoísta.

Cor-de-rosa: amor sem egoísmo. Quando excepcionalmente brilhante, tocado de lilás: amor espiritual pela humanidade.

Laranja: orgulho ou ambição. Muitas vezes encontrado ao lado da irritabilidade.

Amarelo: intelecto: varia do tom profundo e opaco para o ouro brilhante, limão-claro e luminoso, ou amarelo claro, desmaiado. *Amarelo-ocre opaco* implica na direção das faculdades para propósitos egoístas; *amarelo-claro dourado* indica um tipo distintamente

superior; *amarelo-claro* denota intelecto devotado a fins espirituais; *ouro* indica intelecto puro, aplicado à filosofia ou à matemática.

Verde: em geral, varia muitíssimo em sua significação, e necessita estudo a sua interpretação correta: quase sempre indica adaptabilidade. *Verde-cinza*, de aparência viscosa: engano e astúcia. *Verde-esmeralda*: versatilidade, engenhosidade, habilidade, aplicadas sem egoísmo. *Verde-azulado pálido, luminoso*: profunda simpatia e compaixão, com o poder de perfeita adaptabilidade que só ela pode dar. *Verde-maçã brilhante*: parece acompanhar sempre uma vigorosa vitalidade.

Azul: escuro e claro: sentimento religioso. Pode acontecer que tenha toques de muitas outras qualidades, tomando assim qualquer tonalidade, do anil ou de um rico e profundo violeta até um fosco azul-acinzentado. *Azul-claro*, tal como ultramarino ou cobalto: devoção a um nobre ideal espiritual. Um toque de *violeta* indica mescla de afeição e devoção. *Azul-lilás luminoso*: habitualmente acompanhado de cintilantes estrelas douradas: a mais alta espiritualidade, com elevadas aspirações espirituais.

Ultravioleta: desenvolvimentos mais altos e mais puros das faculdades psíquicas.

Ultravermelho: faculdades psíquicas inferiores de quem cultiva as formas egoísticas e más da magia.

A alegria aparece em resplandecência e fulgor geral, tanto no corpo astral como no corpo mental, e numa ondulação característica da superfície do corpo. A jovialidade revela-se numa forma borbulhante e modificada daquela última, e também em estável serenidade.

A surpresa mostra-se em aguda contração do corpo mental, habitualmente comunicada tanto ao corpo astral como ao físico, acompanhada por crescente refulgir da faixa de afeição, se a surpresa for agradável, e por um aumento do marrom e do cinza, se a surpresa for desagradável. A contração causa com frequência sensações desagradáveis, afetando muitas vezes o plexo solar, causando abatimento e doença; outras vezes afeta o centro cardíaco, levando a palpitações, e mesmo à morte.

Deve-se compreender que, sendo as emoções humanas quase sempre mescladas, aquelas cores raramente se mostram perfeitamente puras, fazendo-se, mais comumente, tons misturados. Assim, a pureza de muitas cores é nublada pelo duro tom marrom-acinzentado do egoísmo, ou tocado pelo laranja profundo do orgulho.

Para ler a completa significação das cores, outros pontos também devem ser levados em consideração, por exemplo: o brilho geral do corpo astral; a previsão ou imprecisão relativas do seu contorno; o brilho relativo dos diferentes centros de força (ver Capítulo V).

O amarelo do intelecto, o rosa do afeto e o azul da devoção encontram-se sempre na parte superior do corpo astral: as cores do egoísmo, da avareza, do engano, do ódio, estão na parte mais baixa; a massa das sensações sensuais flutua, geralmente, entre os dois pontos.

Daí segue-se que, no homem não desenvolvido, a parte inferior do ovoide tende a ser maior do que a superior, de forma que o corpo astral tem a aparência de um ovo com a ponta mais fina para cima. No homem mais desenvolvido o caso é ao reverso, a ponta mais fina do ovo apontando para baixo. A tendência é sempre para a simetria do ovoide, obtida de grau em grau, de forma que tais aparências são apenas temporárias.

Cada qualidade, expressa por uma cor, tem seu próprio tipo de matéria astral, e a posição mediana dessas cores depende da gravidade específica dos respectivos graus da matéria. O princípio geral é o de que o mal ou as qualidades egoísticas se expressam em vibrações relativamente lentas de matéria tosca, enquanto as boas e não egoísticas funcionam através de matéria mais fina.

Sendo assim, felizmente para nós, as boas emoções persistem ainda por mais tempo do que as más, o efeito de um sentimento forte de amor ou devoção permanecendo no corpo astral muito tempo depois que a ocasião que os causou já está esquecida.

É possível, embora não comum, ocorrerem dois graus de vibrações atuando fortemente no corpo astral ao mesmo tempo; por exemplo, amor e cólera. Os efeitos posteriores serão paralelos, mas um estará em nível muito mais alto do que o outro, persistindo portanto por mais tempo.

A afeição e devoção elevadas e sem egoísmo pertencem ao mais alto (atômico) subplano astral e se refletem na matéria correspondente do plano mental. Assim, tocam o corpo causal (mental superior) e não o mental inferior. Este é um ponto importante ao qual o estudante deve dar especial atenção. O Ego, que reside no plano mental superior, é assim afetado apenas pelos pensamentos não egoísticos. Os pensamentos inferiores afetam, não o Ego, mas os átomos permanentes.

Em consequência, no corpo causal haverá vácuos, e não cores más, correspondendo aos sentimentos e pensamentos inferiores. O egoísmo, por exemplo, mostra-se como a *ausência* de afeição ou simpatia: assim que o egoísmo é substituído pelo seu oposto, o vácuo do corpo causal ficará preenchido.

Uma intensificação das cores rudes do corpo astral, representando emoções baixas, embora não encontre expressão direta no corpo causal, nem por isso deixa de enevoar a luminosidade das cores que representam, no corpo causal, as virtudes opostas.

A fim de que se compreenda a aparência do corpo astral, é preciso que se tenha em mente que as partículas de que ele é composto estão sempre em rápido movimento; na vasta maioria dos casos, as nuvens de cores fundem-se umas nas outras e estão todo o tempo rolando umas sobre as outras, a superfície da luminosa mistura assemelhando-se, de certa forma, à superfície de água que ferve violentamente. As várias cores, portanto, de forma alguma retêm as mesmas posições, embora haja uma posição normal à qual tendem a retornar.

Recomendamos ao estudante o livro *O Homem Visível e Invisível* do Bispo C. W. Leadbeater, para as ilustrações da real aparência dos corpos astrais:

Gravura VII, p. 32; Corpo astral do homem não desenvolvido.

Gravura X, p. 33; Corpo astral do homem comum.

Gravura XXIII, p. 96; Corpo astral do homem desenvolvido.

As características principais dos três tipos ilustrados — não desenvolvido, comum e desenvolvido — podem ser resumidas como se segue:

Não desenvolvido. — Uma grande proporção de sensualidade: engano, egoísmo e ganância são evidentes: a cólera violenta revela-se por manchas e salpicos de um tom escarlate opaco: poucos são os afetos que aparecem, e os sentimentos intelectuais e religiosos existentes são da mais baixa qualidade. O contorno é irregular e as cores

borradas, espessas e pesadas. Todo o corpo mostra-se, evidentemente, mal regulado, confuso e desordenado.

Homem comum. — O sensualismo, embora menor, ainda é proeminente, como também o é o egoísmo, havendo certa capacidade de engano para fins pessoais, embora o verde comece a dividir-se em duas qualidades diferentes, mostrando que a astúcia vai, paulatinamente, se tornando adaptabilidade. A cólera ainda é marcada: a afeição, o intelecto, a devoção, são mais notáveis e de mais alta qualidade. As cores, como um todo, estão melhor definidas e são mais brilhantes, embora nenhuma delas se mostre perfeitamente clara. O contorno do corpo astral é mais definido e regular.

Homem desenvolvido. — As qualidades indesejáveis estão quase desaparecidas: através da parte superior do corpo há uma faixa lilás, indicando aspirações espirituais: acima da cabeça, e envolvendo-a, há uma nuvem com o amarelo brilhante do intelecto: abaixo dela existe uma larga faixa com o rosa da afeição, e na parte mais baixa do corpo uma grande quantidade do verde da adaptabilidade e simpatia encontra seu lugar. As cores são brilhantes, luminosas, em tiras claramente marcadas; o contorno é bem definido, e todo o corpo astral dá a impressão de estar em boa ordem e sob perfeito controle.

Embora neste livro não estejamos tratando do corpo mental, ainda assim deve ser mencionado que, conforme um homem se desenvolve, seu corpo astral cada vez mais se assemelha ao seu corpo mental, até que se torna pouco mais do que um reflexo deste último, na matéria mais densa do plano astral. Isso, naturalmente, indica que o homem tem seus desejos sob seguro domínio da mente, e já não tende a ser arrastado pelos impulsos emocionais. Um homem assim estará, sem dúvida, sujeito a uma irritabilidade ocasional e a desejos indesejáveis de vários tipos, mas agora já sabe o bastante para reprimir essas manifestações inferiores e não ceder a elas.

Em um estágio mais adiantado, o próprio corpo mental torna-se um reflexo do corpo causal, já que o homem aprende a seguir apenas as sugestões do Eu superior, e a guiar sua razão exclusivamente por meio delas.

Assim, a mente e o corpo de um *Arhat* teriam muito poucas das cores características que lhe são próprias, mas essas cores seriam reproduções do corpo causal até o ponto em que suas oitavas mais baixas pudessem expressá-las. Haveria uma bela iridescência, um efeito parecido à tonalidade opalescente da madrepérola, que fica muito além de qualquer descrição ou representação.

Um homem desenvolvido tem cinco graus de vibração em seu corpo astral; um homem comum possui pelo menos nove vibrações, com o acréscimo de tonalidades variadas. Muitas pessoas têm de 50 a 100 graus, estando toda a superfície partida numa infinidade de pequenos remoinhos e correntes cruzadas, todos batendo-se uns contra os outros, em adoidada confusão. É o resultado de emoções e preocupações desnecessárias, sendo a pessoa comum do Ocidente uma massa dessas coisas, através da qual muito de sua força é dispersada.

Um corpo astral, que vibra de cinquenta maneiras ao mesmo tempo, não só é feio, mas também um sério incomodo. Pode-se compará-lo a um corpo físico que sofre de uma forma grave de paralisia espástica, com todos os músculos contraindo-se aos arrancos, simultaneamente, em diferentes direções. Tais efeitos astrais são contagiosos e afetam

todas as pessoas sensíveis que se aproximam, comunicando-lhes uma sensação desagradável de inquietude e preocupação. Exatamente pelo fato de milhões de pessoas estarem assim desnecessariamente agitadas por todo tipo de tolos desejos e sentimentos, é que se torna tão difícil, para uma pessoa sensível, viver numa grande cidade ou mover-se entre multidões. As perpétuas perturbações astrais podem mesmo reagir através do duplo etérico e originar doenças nervosas.

Os centros de inflamação do corpo astral são, para ele, como os furúnculos para o corpo físico — não só agudamente incômodos, mas também pontos fracos através dos quais a vitalidade se extravasa. Eles, praticamente, não oferecem resistência às más influências, e impedem que as boas influências os beneficiem. Esta é uma condição dolorosamente comum: o remédio está em eliminar as preocupações, o medo e os aborrecimentos. O estudante de ocultismo não deve ter sentimentos pessoais que possam ser afetados assim, seja em que circunstâncias for.

Só uma criança muito nova tem uma aura branca ou relativamente destituída de cores, as quais só começam a aparecer quando as qualidades se desenvolvem. O corpo astral de uma criança é, com frequência, uma das coisas mais belas — puro e brilhante em suas cores, livre das manchas da sensualidade, da avareza, da má vontade e do egoísmo. Também ali podem estar, latentes, os germes e tendências que vieram de sua vida passada, alguns deles maus, outros bons. Assim, as possibilidades da vida futura da criança podem ser vistas.

O amarelo do intelecto, encontrado sempre próximo da cabeça, é a origem da ideia da auréola, ou glória, que se encontra ao redor da cabeça de um santo, pois esse amarelo é a cor mais evidente entre as do corpo astral, a que mais facilmente é percebida pela pessoa que está desenvolvendo clarividência. Às vezes, devido a uma atividade pouco comum do intelecto, o amarelo pode tornar-se visível mesmo na matéria física, de forma a fazer-se perceptível à visão física habitual.

Já vimos que o corpo astral tem uma certa ordenação normal, na qual suas várias partes tendem a agrupar-se. Um súbito ímpeto de paixão ou sentimento, contudo, pode temporariamente forçar toda ou quase toda a matéria do corpo astral vibrar a um certo grau, produzindo assim resultados surpreendentes. Toda a matéria do corpo astral é sacudida como por um violento furacão, e a esse tempo as cores ficam muitíssimo misturadas. Exemplos coloridos desse fenômeno são dados no livro *Man Visible and Invisible (O Homem Visível e Invisível)*:

Ilustração XI, p. 48/9: Súbito ímpeto de afeição.

Ilustração XII, p. 48/9: Súbito ímpeto de devoção.

Ilustração XIII, p. 48/9: Cólera intensa.

Ilustração XIV, p. 49: Choque de medo.

No caso de uma onda de pura afeição, quando, por exemplo, a mãe arrebatada o bebê e o cobre de beijos, todo o corpo astral é atirado, num momento, a uma violenta agitação, e as cores originais naquela ocasião ficam quase que obscurecidas.

A análise descobre quatro efeitos separados:

(1) Certos remoinhos ou vórtices, e de cor viva, são vistos, bem definidos e com

aparência sólida, resplandecentes por uma luz intensa que vem de dentro. Cada um deles é, na realidade, uma forma-pensamento de intensa afeição, gerada dentro do corpo astral e saindo dele para derramar-se sobre o objeto daquele sentimento. As nuvens rodopiantes de luz viva são indescritivelmente belas, embora difíceis de descrever.

(2) Todo o corpo astral é cruzado por linhas latejantes de luz carmesim, ainda mais difícil de descrever, pela rapidez excessiva de seu movimento.

(3) Uma espécie de película cor-de-rosa cobre a superfície de todo o corpo astral, de forma que tudo quanto há dentro é visto através dela, como através de um vidro colorido.

(4) Uma espécie de coloração carmesim enche todo o corpo astral, colorindo até certo ponto as demais cores, e aqui e ali condensando-se em flocos flutuantes, como nuvens formadas a meio.

Essa exibição provavelmente durará apenas alguns segundos, e então o corpo rapidamente reassume sua condição normal, os vários graus de matéria dispondo-se de novo em suas zonas habituais, segundo sua gravidade específica. Ainda assim, esses ímpetos de sentimentos acrescentam um pouco do tom carmesim à parte mais alta do oval e torna um pouco mais fácil, para o corpo astral, responder à próxima onda de afeto que pode vir.

Da mesma maneira, um homem que sente, com frequência, alta devoção, vem a ter uma grande área de azul em seu corpo astral. Os efeitos de tais impulsos são, assim, cumulativos: além da radiação de vividas vibrações de amor e alegria, produzem boa influência em outros.

Com a substituição do azul pelo carmesim, um súbito acesso de devoção, envolvendo uma religiosa entregue à contemplação, produz quase que o mesmo efeito.

No caso de cólera intensa, o fundo comum do corpo astral é obscurecido por remoinhos ou vórtices de massas pesadas, tempestuosas, de um negrume fuliginoso, iluminado pela parte de dentro com o clarão sinistro do ódio em atividade. Flocos da mesma cor escura são vistos percorrendo todo o corpo astral, enquanto flechas de fogo da cólera desatada são atiradas entre eles como fulgores de relâmpagos. Esses fulgores terríveis são capazes de penetrar em outros corpos astrais como se fossem espadas, causando, assim, danos a outras pessoas.

Nesse caso, como em outros, cada explosão de raiva predispõe a matéria do corpo astral inteiro a responder, por assim dizer, mais prontamente do que antes a essas vibrações muitíssimo indesejáveis.

Um repentino choque de terror, num instante, envolve todo o corpo numa curiosa neblina de um cinzento pálido, enquanto linhas horizontais da mesma coloração aparecem, mas vibrando com tal violência que dificilmente são reconhecidas como linhas separadas. O resultado é indescritivelmente horrendo: toda a luz desaparece durante esse tempo daquele corpo e o todo da massa cinzenta estremece, irresistivelmente, como gelatina.

Um fluxo de emoção não afeta grandemente o corpo mental, embora, por algum tempo, se torne quase impossível que qualquer das atividades mentais possam atingir o cérebro físico, porque o corpo astral, que funciona como ponte entre o corpo mental e o cérebro, está vibrando tão inteiramente em determinado ritmo que o incapacita de receber

qualquer ondulação que não esteja em harmonia com ele.

Os exemplos acima são dos efeitos de súbitos e temporários ímpetos vindos do sentimento. Há outros efeitos, de certa forma similares, e de caráter mais permanente, produzidos por certas disposições ou tipos de caráter.

Assim, quando um homem comum se apaixona, seu corpo astral de tal forma se modifica que mal pode ser reconhecido como pertencente àquela mesma pessoa. O egoísmo, a falsidade e a avareza desaparecem, e a parte mais baixa do oval enche-se com um grande desenvolvimento de paixões animais. O verde da adaptabilidade foi substituído pelo marrom esverdeado peculiar ao ciúme, e a extrema atividade desse sentimento mostra-se em relâmpagos brilhantes de cólera, de cor escarlata, que o penetram. Contudo, as modificações indesejáveis são mais ou menos contrabalançadas pela esplêndida faixa carmesim que enche uma grande parte do oval. Essa é, na ocasião, a característica predominante, e todo o corpo astral resplandece com sua luz. Sob sua influência, o aspecto enublado do corpo astral habitual desapareceu, e os coloridos são brilhantes e claramente marcados, tanto os bons como os maus. Trata-se de uma intensificação da vida em todas as direções. O azul da devoção também melhora claramente, e mesmo um toque de violeta-pálido aparece no ponto mais alto do ovoide, indicando certa capacidade de resposta a um ideal realmente alto e destituído de egoísmo. O amarelo do intelecto, contudo, desaparece inteiramente nessa ocasião — fato que os cínicos podem considerar como uma característica da condição!

O corpo astral de um homem irritável mostra, habitualmente, uma larga faixa escarlata como elemento predominante e, além disso, todo o corpo astral está coberto de pequenos flocos escarlates, parecidos a um ponto de interrogação.

No caso de um sovina, a avareza, o egoísmo, a falsidade e a adaptabilidade são naturalmente intensificados, mas a sensualidade diminui. A modificação mais notável, entretanto, é uma curiosa série de linhas horizontais paralelas através do oval, dando a impressão de uma gaiola. As barras são de cor marrom profundo, quase um castanho queimado. O vício da avareza parece ter o efeito de deter completamente o desenvolvimento durante esse tempo, e é muito difícil de ser repellido desde que consiga firmar-se.

Depressão profunda produz um efeito cinzento, em lugar do marrom, muito semelhante ao do avaro. O resultado é indescritivelmente sombrio e depressivo para o observador. Não há condição emocional mais infecciosa do que o sentimento de depressão.

No caso do homem não intelectual, que é decididamente religioso, o corpo astral assume uma aparência característica. Um toque de violeta sugere a possibilidade de resposta a um alto ideal. O azul da devoção é extraordinariamente desenvolvido, mas o amarelo do intelecto mostra-se escasso. Há uma proporção razoável de afeto e adaptabilidade, porém mais do que a quantidade média de sensualidade, sendo a falsidade e o egoísmo também predominantes. As cores se mostram irregularmente distribuídas, mesclando-se umas às outras, e o contorno é vago, indicando a imprecisão das concepções do homem devoto.

A sensualidade extrema e o temperamento devoto são vistos, frequentemente, em associação: talvez porque esses tipos de homens vivem, principalmente, em seus

sentimentos, e são governados por eles, em lugar de dominá-los pela razão.

Um grande contraste surge no homem de tipo científico. A devoção está inteiramente ausente, a sensualidade fica abaixo da média, mas o intelecto é desenvolvido em grau fora do comum. A afeição e a adaptabilidade mostram-se em pequena quantidade e em má qualidade. Grande dose de egoísmo e avareza estão presentes, bem como o ciúme. Um cone imenso, cor de laranja brilhante, no meio do amarelo dourado do intelecto, indica orgulho e ambição, relacionados com o conhecimento adquirido. O hábito ordenado e científico da mente leva ao arranjo das cores em faixas regulares, sendo as linhas de demarcação bastante definidas e claramente marcadas.

Do estudante se solicita que estude, ele próprio, o livro admirável do qual foi retirada a informação acima, sendo aquele trabalho um dos mais valiosos entre os muitos produzidos pelo grande e talentoso escritor C. W. Leadbeater.

Já que estivemos tratando das cores no corpo astral, podemos mencionar que os meios de comunicação com os elementais, que estão associados tão intimamente com o corpo astral do homem, se faz através de sons e de cores. Os estudantes podem recordar alusões obscuras, aqui e ali, sobre uma linguagem das cores, e o fato de os antigos manuscritos sagrados do Egito serem escritos em cores, sendo os erros de cópia castigados com a morte. Para os elementais, as cores são tão inteligíveis como as palavras o são para o homem.

CAPÍTULO IV

Funções

As funções do corpo astral podem ser toscamente agrupadas sob três títulos:

1. Tornar possível a sensação.
2. Servir de ponte entre a mente e a matéria física.
3. Agir como veículo independente de consciência e ação.

Trataremos dessas três funções em sequência.

Quando um homem é analisado em seus "princípios", isto é pelo modo de manifestar a vida, descobrimos os quatro princípios interiores, às vezes chamados "Quaternário Inferior", que são:

Corpo físico.

Corpo etérico.

Prana, ou Vitalidade.

Kama, ou Desejo.

O quarto princípio, Kama, é a vida manifestando-se no corpo astral e condicionada por ele: sua característica é o atributo do sentimento, que, em forma rudimentar, é sensação e, em forma complexa, emoção, com muitos graus entre as duas formas. Isto às vezes se resume como desejo, aquilo que é atraído ou repellido por objetos, segundo eles causem prazer ou dor.

Kama inclui, assim, sentimentos de toda espécie, e pode ser descrito como de natureza passional e emocional. Compreende todos os apetites animais, tais como a fome, a sede, o desejo sexual; todas as paixões, tais como as formas inferiores do amor, o ódio, a inveja, o ciúme; é o desejo de existência senciente, de experimentar alegrias materiais — "a luxúria da carne, a luxúria dos olhos, o orgulho da vida.

Kama é o bruto em nós, o "símio e o tigre" de Tennyson, a força que mais nos prende à terra e sufoca em nós todas as aspirações mais altas, usando para isso as ilusões dos sentidos. É o que há de mais material na natureza do homem, e o que o liga mais fortemente à vida terrena. "Não é matéria molecularmente constituída, e ainda menos que tudo o corpo humano, Sthula Sharira, que é o mais grosseiro de todos os nossos princípios, mas verdadeiramente o princípio *médio*, o verdadeiro centro animal, enquanto que nosso corpo é apenas uma casca, o fator irresponsável e o meio através do qual a besta em nós atua em toda a sua vida" [*Secret Doutrine* (Doutrina Secreta), I, 280-1].

Kama ou Desejo também é descrito como um reflexo do aspecto inferior de Atma ou Vontade; a diferença é que a Vontade é autodeterminada, enquanto que o Desejo é ativado pelas atrações ou repulsas causadas por objetos circundantes. O Desejo é, assim, a Vontade destronada, o cativo, o escravo da matéria.

Outra forma de encarar Kama foi bem expressa por Ernest Wood em seu livro esclarecedor *The Seven Rays (Os Sete Raios)*: Kama "significa todo o desejo. E o desejo é o aspecto do amor voltado para fora, o amor das coisas dos três mundos, enquanto que o próprio amor é amor da vida e amor do divino, pertencendo ao eu superior ou voltado para dentro".

Para os nossos propósitos neste livro, as palavras desejo e emoção são usadas amiúde como se praticamente fossem sinônimas: estritamente, contudo, emoção é o produto do desejo e do intelecto.

O corpo astral é muitas vezes conhecido como Kama Rupa: e às vezes, em nomenclatura mais antiga, como Alma Animal.

Impactos externos, atingindo o corpo físico, são recebidos como vibrações pela ação de Prana ou Vitalidade, mas permaneceriam apenas como vibrações, simples movimentos do plano físico, se Kama, o princípio da sensação, não traduzisse essa vibração em sentimento. Assim, prazer e dor não surgem enquanto o centro astral não é atingido. Daí Kama reunido a Prana ser chamado de "alento de vida", o princípio vital senciente espalhado sobre cada partícula do corpo.

Parece que certos órgãos do corpo físico estão especificamente associados com as ações de Kama: entre eles estão o fígado e o baço.

Devemos fazer notar, aqui, que Kama, ou desejo, está começando apenas a ser ativo no reino mineral, quando ele se expressa como afinidade química.

No reino vegetal ele está, naturalmente, muito mais desenvolvido, indicando uma capacidade muitíssimo maior de utilizar a matéria astral inferior. Os estudantes de botânica têm consciência de que simpatias e antipatias, isto é, desejo, são muito mais predominantes no mundo vegetal do que no mineral, e que muitas plantas mostram uma grande dose de engenhosidade e sagacidade para atingir seus fins.

As plantas respondem bem depressa aos cuidados amorosos e são claramente afetadas pelos sentimentos do homem a seu respeito. Deleitam-se com a admiração e a ela respondem. São capazes também de se apegarem individualmente, como são capazes de cólera ou antipatia.

Os animais podem sentir, em alto grau, os desejos, inferiores, mas sua capacidade quanto a desejos mais altos é limitada. Entretanto, tal capacidade existe e, em casos excepcionais, um animal é capaz de manifestar um tipo muitíssimo elevado de afeto e devotamento.

Passando, agora, à segunda função do corpo astral — atuar como ponte entre a mente e o corpo físico — notamos que um *impacto* sofrido pelos sentidos físicos é transmitido para o interior por Prana, e torna-se uma *sensação* pela ação dos centros sensórios que estão situados em Kama, e esse impacto é *percebido* por Manas, ou Mente. Assim, sem a ação geral através do corpo astral, não haveria conexão entre os impactos físicos e a percepção desses mesmos impactos pela mente.

Inversamente, sempre que pensamos, pomos em movimento a matéria mental que está dentro de nós; as vibrações assim geradas são transmitidas à matéria de nosso corpo astral, a matéria astral afeta a matéria etérica, que, por sua vez, atua sobre a densa matéria física, a matéria cinzenta do cérebro.

O corpo astral é, assim, verdadeira ponte entre nossa vida mental e nossa vida física, servindo como transmissor de vibrações, tanto do físico para o mental como do mental para o físico, e é, na verdade, desenvolvido principalmente por essa constante passagem de vibrações de um ponto para outro.

No curso da evolução do corpo astral do homem há dois estágios distintos: o corpo

astral tem de ser primeiro desenvolvido até um ponto razoavelmente elevado como um *veículo transmissor*: então, deve ser desenvolvido como corpo independente, no qual o homem possa funcionar no plano astral.

No homem, a inteligência normal do cérebro é produzida pela união de Kama com Manas, ou Mente, sendo essa união chamada, com frequência, Kama-Manas. Kama-Manas é descrita por H. P. Blavatsky como "intelecto racional, porém terreno ou físico do homem, encaixado e ligado à matéria, portanto sujeito à influência desta última". Esse é o "eu inferior", que, agindo nesse plano de ilusão, imagina-se ele próprio o verdadeiro Ser ou Ego, e cai naquilo que a filosofia budista chama a "heresia da separabilidade".

Kama-Manas, que é Manas com desejo, também é descrito curiosamente como "manas interessado em coisas externas".

Podemos notar, de passagem, que um claro entendimento do fato de Kama-Manas pertencer à personalidade humana e funcionar nessa personalidade através do cérebro físico, é essencial para a compreensão do processo da reencarnação, e mostra-se suficiente, por si próprio, para explicar o porquê de não haver lembrança de vidas anteriores, já que a consciência não se pode erguer para além do mecanismo do cérebro, sendo que esse mecanismo, ligado ao de Kama, forma-se de novo a cada vida, não tendo portanto ligação direta com as vidas passadas.

Manas, por si só, não pode afetar as células do cérebro físico, mas quando unida a Kama é capaz de dar movimento às moléculas físicas, produzindo assim a "consciência do cérebro", inclusive a memória do cérebro e todas as funções da mente humana, tal como normalmente as conhecemos. Não se trata, naturalmente, de Manas superior, e sim de Manas inferior (isto é, matéria dos quatro níveis inferiores do plano mental) que se associa a Kama. Na psicologia ocidental, esse Kama-Manas se torna parte daquilo que naquele sistema é chamado Mente. Kama-Manas, formando o vínculo entre a natureza superior e a natureza inferior do homem, é o campo de batalha durante a vida e também, como veremos mais tarde, tem parte importante na existência após a morte.

Tão íntima é a associação entre Manas e Kama, que os hindus falam do homem como possuindo cinco invólucros, cada um deles para todas as manifestações do intelecto ativo e do desejo. Esses cinco invólucros são:

1	Anandamayakosha	o invólucro da beatitude	Buddhi
2	Vignanamayakosha	o invólucro discriminador	Manas superior
3	Manomayakosha...	o invólucro do intelecto e do desejo	Manas inferior e Kama
4	Pranamayakosha...	o invólucro da vitalidade	Prana
5	Annamayakosha...	o invólucro do alimento	Corpo físico denso

Na divisão usada por Manu, o pranamayakosha e o annamayakosha são classificados juntos e conhecidos como Bhûtâtman, ou eu elemental, ou corpo de ação.

O vignanamayakosha e o manomayakosha são classificados por ele como corpo do sentimento, e recebe o nome de Jiva: define-o como o corpo no qual o Conhecedor, o Kshetragna, torna-se sensível ao prazer e à dor.

Em suas relações externas, o vignanamayakosha e o manomayakosha, especialmente

o manomayakosha, estão relacionados ao mundo Deva. Os Devas, segundo se diz, "entraram" no homem, referência às deidades que presidem aos elementos (veja capítulo XXI). Essas deidades dirigentes fazem surgir as sensações no homem, transformando os contatos externos em sensações ou levando a reconhecer esses contatos a partir de dentro, tal coisa sendo essencialmente uma ação Deva. Daí o vínculo com todos estes Devas inferiores, que, quando se obtém o controle supremo sobre eles, faz do homem um senhor em todas as regiões do Universo.

Manas, ou mente, sendo incapaz, como ficou dito acima, de afetar as partículas grosseiras do cérebro, projeta uma parte de si mesmo, isto é, Manas inferior, que se envolve em matéria astral, e então com o auxílio da matéria etérica penetra em todo o sistema nervoso da criança, antes do nascimento. A projeção de Manas é chamada, amiúde, seu reflexo, sua sombra, seu raio, e também é conhecida por outros nomes alegóricos. H. P. Blavatsky escreve (*Chave da Teosofia*, p. 184): "Uma vez aprisionada ou encarnada, sua essência (o Manas) torna-se dual; isto quer dizer que os *raios* da eterna Mente divina, considerados como entidades individuais, assumem duplo atributo, que é (a) sua característica essencial, inerente, mente que aspira ao céu (Manas superior), e (b) a qualidade humana de pensar, de cogitação animal, racionalizada devido à superioridade do cérebro humano, voltada para Kama, ou Manas inferior".

O Manas inferior é assim engolfado no quaternário e pode ser visto como agarrando Kama com uma das mãos enquanto que com a outra mantém seguro seu pai, o Manas superior. Se ele será arrastado para baixo, completamente, por Kama e arrancado da tríade (atma-buddhi-manas) à qual pertence por sua natureza, ou se levará de volta, triunfantemente, à sua fonte, as experiências purificadas de sua vida terrena — é o problema vital enfrentado e resolvido em cada encarnação sucessiva. Esse ponto será considerado mais adiante, nos capítulos sobre *A Vida Depois da Morte*.

Assim, Kama fornece os elementos animais e passionais; Manas inferior racionaliza-os e acrescenta-lhes as faculdades intelectuais. No homem, esses dois princípios ficam entretrecidos durante a vida e raramente atuam separadamente.

Manas pode ser visto como a chama, Kama e o cérebro físico como a mecha e o combustível que alimentam a chama. Os egos de todos os homens, desenvolvidos ou não desenvolvidos, são da mesma essência e substância: o que faz um grande homem, e o que faz outro homem vulgar e tolo, é a qualidade e a estrutura do corpo físico, e a capacidade do cérebro e do corpo para transmitirem e expressarem a luz do verdadeiro homem interior.

Em resumo, Kama-Manas é o eu pessoal do homem: Manas inferior dá o toque individualizador que faz a personalidade reconhecer-se a si própria como "Eu". Manas inferior é um raio do Pensador imortal, *iluminando uma personalidade*. É o Manas inferior que fornece o último toque de deleite aos sentidos e à natureza animal, conferindo-lhe o poder de antecipação, de memória e de imaginação.

Embora esteja fora de lugar neste livro o muito avançar pelos domínios de Manas e do corpo mental, ainda assim pode ser de auxílio para o estudante, neste estágio, acrescentar que o livre arbítrio reside em Manas, sendo Manas o representante de Mahat, a Mente Universal. No homem físico, o Manas inferior é o agente do livre arbítrio. De

Manas vê o sentimento da liberdade, o conhecimento de que podemos nos governar, de que a natureza superior pode dominar a inferior. Identificar a consciência com Manas, e não com Kama, é, assim, passo importante no caminho do autodomínio.

A própria luta de Manas para afirmar-se é o melhor testemunho de que, por natureza, ele é livre. É a presença e o poder do ego que capacita o homem para escolher entre os desejos, e dominá-los. Quando Manas inferior governa Kama, o quaternário inferior toma sua correta posição de subserviência à tríade superior — atma-buddhi-manas.

Podemos classificar os princípios do homem da seguinte maneira:

1	{ Atma Buddhi Manas superior	} Imortal
2	{ Kama-Manas	} Condicionalmente imortal
3	{ Prana Duplo etérico Corpo denso	} Mortal

Vamos agora considerar a terceira função do corpo astral — como veículo independente de consciência e de ação. O tratamento integral desse trecho do nosso assunto — uso, desenvolvimento, possibilidades e limitações do corpo astral em seu próprio plano — será feito passo a passo na maioria dos capítulos que vão se seguir. No momento será suficiente enumerar, muito resumidamente, as principais formas pelas quais o corpo astral pode ser usado como veículo independente de consciência. Essas formas são as que se seguem:

1. Durante a consciência normal, acordada, isto é, enquanto o cérebro físico e os sentimentos estão bem despertos, os poderes dos sentidos astrais podem ser levados à ação. Alguns desses poderes correspondem aos sentidos e aos poderes de ação possuídos pelo corpo físico. Deles trataremos no próximo capítulo sobre os *Chakras*.

2. Durante o sono ou no transe é possível ao corpo astral separar-se do corpo físico e mover-se e funcionar livremente em seu próprio plano. Isso será tratado no capítulo sobre *Vida no Sono*.

3. É possível desenvolver os poderes do corpo astral a tal ponto que um homem pode, consciente e deliberadamente, a qualquer momento que o deseje, deixar o corpo físico e passar, sem interrupção de consciência, para o corpo astral. Disso trataremos no capítulo sobre *Continuidade da Consciência*.

4. Depois da morte física a consciência recolhe-se no corpo astral, e a vida, variando grandemente em intensidade e duração, dependendo de certo número de fatores, pode ser levada no plano astral. Isso será tratado nos capítulos sobre *A Vida Depois da Morte*.

Essas divisões do nosso assunto, com numerosas ramificações, constituirão a maior parte do que resta deste tratado.

CAPÍTULO V

Chakras

A palavra *Chakra* é sânscrita e significa, literalmente, uma roda ou disco giratório. É usada para classificar o que amiúde se chama Centros-de-Força do homem. Há desses Chakras em todos os veículos do homem, e são pontos de conexão pelos quais a força flui de um veículo para outro. Estão ainda intimamente associados com os poderes dos sentidos dos vários veículos.

Os Chakras do corpo etérico são amplamente descritos em *O Duplo Etérico*, e os estudantes devem recorrer a esse livro porque um estudo dos Chakras etéricos os ajudará a compreender os Chakras astrais.

Os Chakras etéricos estão situados na superfície do duplo etérico e são habitualmente indicados pelo nome do órgão físico ao qual correspondem.

São eles:

1. Chakra da base da espinha.
2. Chakra do umbigo.
3. Chakra do baço.
4. Chakra do coração.
5. Chakra da garganta.
6. Chakra de entre os olhos.
7. Chakra do alto da cabeça.
- 8.

Há também três chakras inferiores, mas estes são usados apenas em certas escolas de "magia negra" (1) e aqui não nos interessam.

Os Chakras astrais, que estão frequentemente no interior do duplo etérico, são vórtices em quatro dimensões (ver capítulo XVIII), tendo assim uma extensão em direção bastante diferente dos etéricos: consequentemente, embora correspondam aos Chakras etéricos, nem por isso são limítrofes com eles, embora alguma parte seja sempre coincidente.

Os chakras astrais recebem os mesmos nomes dos do duplo etérico, e suas funções são as seguintes:

1. *Chakra da base da espinha.* — Este é o sítio da Serpente de Fogo, Kundalini, a força que existe em todos os planos e por meio da qual todos os demais Chakras são ativados.

Originalmente, o corpo astral era uma massa quase inerte, possuindo apenas a mais vaga das consciências, sem poder definido para coisa alguma e sem um conhecimento nítido do mundo que o cercava. A primeira coisa que aconteceu foi o despertar de kundalini no nível astral.

2. *Chakra do umbigo.* — Kundalini, tendo sido despertado no primeiro Chakra, move-se

para o Chakra do umbigo, que é vivificado, despertando assim no corpo astral o poder de sentir — uma sensibilidade a todo tipo de influências, embora ainda sem nada bem definido como a compreensão que vem do ver e ouvir.

3. *Chakra do baço.* — Kundalini passa, então, ao Chakra do baço e, através dele, vitaliza todo o corpo astral, sendo uma das funções desse Chakra a absorção de Prâna, a Força Vital, que também existe em todos os planos. A vivificação do Chakra do baço capacita o homem a viajar em seu corpo astral, conscientemente, embora apenas com uma vaga concepção daquilo que encontra em suas viagens.
4. *Chakra do coração.* — Este Chakra permite ao homem compreender e simpatizar com as vibrações de outras entidades astrais, de uma forma que o leva a compreender instintivamente seus sentimentos.
5. *Chakra da garganta.* — Este Chakra confere, no mundo astral, o poder que corresponde à audição no mundo físico.
6. *Chakra de entre os olhos.* — Este Chakra confere o poder de perceber, com precisão, a forma e a natureza dos objetos astrais, em lugar de apenas vagamente ter a sensação de sua presença.

Associado com este Chakra aparece também o poder de aumentar à vontade as mais diminutas partículas físicas ou astrais para qualquer tamanho desejado, como por um microscópio. Esse poder capacita o pesquisador oculto a perceber e estudar moléculas, átomos etc. O domínio completo dessa faculdade, contudo, pertence mais ao corpo causal.

O poder inerente aos *siddhis*, descrito nos livros orientais como "o poder de tornar-se grande ou pequeno, à vontade". A descrição é apropriada, porque o método empregado é o de usar um mecanismo visual temporário, de inconcebível pequenez. Inversamente, para minimizar a visão, entra em uso a construção de um mecanismo visual imensamente grande.

O poder de aumentar é muito distinto da faculdade de funcionar em plano mais elevado, tal como o poder de um astrônomo para observar planetas e estrelas é bem diferente da capacidade para se mover ou funcionar entre eles.

Nos sutras hindus se diz que a meditação em certa parte da língua conferirá visão astral. A declaração é uma "venda", pois a referência alude ao corpo pituitário, situado exatamente acima dessa parte da língua.

7. *Chakra do alto da cabeça.* — Este Chakra completa e remata a vida astral, dotando o homem com a perfeição de suas faculdades.

8.

Parece haver dois métodos nos quais este Chakra trabalha.

Em um tipo de homem, o sexto e sétimo Chakras convergem para o corpo pituitário, sendo este corpo para tal tipo, praticamente, o único vínculo direto entre o plano físico e os planos mais elevados.

Em outro tipo de homem, contudo, embora o sexto Chakra fique ainda ligado ao corpo pituitário, o sétimo Chakra é curvado ou inclinado até que seu vórtice coincida com a glândula pineal. Em pessoas desse tipo a glândula pineal é assim vivificada e posta em linha de comunicação diretamente com o mental inferior, sem aparentemente passar através do plano astral intermediário, como é a forma comum.

No corpo físico, como sabemos, há órgãos especializados para cada sentido: os olhos, para ver; os ouvidos, para ouvir; e assim por diante. No campo astral, entretanto, não é esse o caso.

As partículas do corpo astral estão fluindo e girando constantemente, como as da água fervente: em consequência, não há partículas especiais que permaneçam continuamente em qualquer dos Chakras. Pelo contrário, todas as partículas do corpo astral passam através de cada um dos Chakras.

Cada Chakra tem a função de despertar um certo poder de resposta nas partículas que fluem nele; um dos Chakras faz isso com o poder da visão, outro com a audição, e assim por diante.

Consequentemente, nenhum dos sentidos astrais está, estritamente falando, localizado ou confinado a qualquer parte do corpo astral. É, antes, o conjunto das partículas do corpo astral que possui o poder de resposta. Um homem que desenvolveu visão astral usa portanto qualquer parte da matéria de seu corpo astral para ver, e assim pode ver igualmente os objetos que estão à frente, atrás, acima, abaixo e de ambos os lados. O mesmo se dá com todos os outros sentidos. Em outras palavras: os sentidos astrais estão ativos em todas as partes do corpo.

Não é fácil descrever o substituto da linguagem por meio do qual as ideias são astralmente comunicadas. O som, no sentido comum da palavra, não é possível no mundo astral — não é possível, aliás, mesmo na parte mais alta do mundo físico. Não seria correto dizer que a linguagem do mundo astral é a transferência de pensamento: o máximo que se poderia dizer é que se trata da transferência de pensamento formulada de maneira particular.

No mundo mental, um pensamento é instantaneamente transmitido à mente de outro sem qualquer forma de palavras; portanto, nesse mundo, a linguagem não é o que importa, absolutamente. Mas a comunicação astral fica, por assim dizer, a meio caminho entre a transferência de pensamento do mundo mental e a fala concreta do mundo físico, e ainda é necessário formular em palavras o pensamento. Para esse intercâmbio é necessário, portanto, que as duas partes tenham uma linguagem em comum.

Os Chakras etéricos e astrais estão em correspondência muito íntima, mas entre eles e interpenetrando-os de uma forma que não se pode descrever prontamente há um invólucro ou teia de textura apertadamente tecida, composta de uma camada de átomos físicos muito comprimidos e impregnados de uma forma especial de Prâna. A vida divina, que desce normalmente do corpo astral para o corpo físico, é adaptada para passar com muita facilidade através dessa proteção, que é, contudo, uma barreira absoluta para todas as forças que não podem usar a matéria atômica de ambos os planos. A teia é uma proteção natural para evitar uma abertura prematura de comunicação entre os planos, desenvolvimento que a nada pode levar, a não ser a prejuízo.

É isso que normalmente impede a recordação clara da vida no sono, e que causa, também, a inconsciência momentânea que sempre ocorre por ocasião da morte. Se não fosse por esse dispositivo, o homem comum poderia, a qualquer momento, ser levado por qualquer entidade astral a submeter-se à influência de forças que não teria a possibilidade de enfrentar. Estaria exposto a obsessão por parte de entidades astrais desejosas de se

apoderarem de seus veículos.

A teia pode ser danificada de várias maneiras:

1. Um grande choque no corpo astral, por exemplo, um pavor súbito, pode dilacerar essa delicada membrana e, tal como se diz habitualmente, levar o homem à loucura.

Uma tremenda explosão de cólera também pode produzir o mesmo efeito, tal como pode fazê-lo qualquer outra emoção forte de um caráter mau, o que produz uma espécie de erupção no corpo astral.

2. O uso de álcool e drogas narcóticas, inclusive o tabaco. Essas substâncias contêm matéria que, ao partir-se, volatiliza-se, uma parte dela passando do plano físico para o plano astral. Mesmo o chá e o café contêm essa matéria, mas só em quantidades infinitesimais, de forma que apenas o abuso deles, longamente mantido, produziria efeito.

3.

Esses elementos correm através dos Chakras em direção oposta àquela que deveriam tomar e, fazendo isso repetidamente, prejudicam seriamente a delicada teia, acabando por destruí-la.

Essa deterioração ou destruição pode ter lugar de duas formas, segundo o tipo de pessoa de que se trate e na proporção dos elementos citados em seus corpos, o etérico e o astral.

Em certo tipo de pessoa, a corrida da matéria volatilizada realmente queima a teia, deixando portanto a porta aberta para toda espécie de forças irregulares e más influências. Os que chegam a isso tombam no *delirium-tremens*, na obsessão, na insanidade.

Em outro tipo de pessoa, o elemento volátil, fluindo, de certa forma enrijece o átomo, de modo que sua pulsação é em grande parte detida e prejudicada, já não sendo capaz de ser vitalizada pelo tipo particular de Prâna que os tece a fim de que formem uma teia. Isso resulta numa espécie de ossificação da teia, de forma que, em lugar de passar muita coisa de um plano para outro, teremos muito pouca passagem, seja de que espécie for. Essas pessoas tendem a um amortecimento de suas qualidades, o que dá como resultado um grosseiro materialismo, brutalidade, animalismo, a perda de todos os mais finos sentimentos e o poder de autodomínio.

Todas as impressões que passam de um plano para outro devem passar através dos subplanos atômicos, mas quando o processo amortecedor tem lugar, infecciona não só outra matéria atômica, mas até a matéria do segundo e terceiro subplanos, de forma que a única comunicação entre o astral e o etérico vem dos subplanos mais baixos, nos quais apenas as influências más e desagradáveis são encontradas.

A consciência do homem comum ainda não pode usar matéria atômica pura, seja ela física ou astral; portanto, normalmente, não há, para ele, possibilidade de comunicação consciente à vontade, entre os dois planos. A maneira apropriada de se obter isso está na purificação dos veículos, até que a matéria atômica esteja inteiramente vivificada em ambos, de modo que toda a comunicação entre os dois possa passar por esse caminho. Nesse caso a teia retém, em grau máximo, sua posição e atividade e já não é barreira para a comunicação perfeita, ao mesmo tempo em que continua a evitar contato íntimo com os

indesejáveis subplanos inferiores.

4. A terceira forma pela qual a teia pode ser prejudicada é o que em linguagem espiritualista se chama "submeter-se a desenvolvimento".

5.

É bastante possível, e na verdade muito comum, que um homem tenha seus Chakras astrais bem desenvolvidos, de maneira que pode funcionar livremente no plano astral e ainda assim pode não recordar nada de sua vida astral quando retorna à consciência desperta. Trataremos mais apropriadamente desse fenômeno e de sua explicação no capítulo *Sonhos*.

CAPÍTULO VI

Kundalini

Recomenda-se ao estudante a leitura de *O Duplo Etérico* para uma descrição de Kundalini, com especial referência ao corpo etérico e seus Chakras. Aqui nos ocuparemos da sua conexão com o corpo astral.

As três forças conhecidas que emanam do Logos são:

1. Fohat: que aparece como eletricidade, calor, luz, movimento etc.
2. Prana: que aparece como vitalidade.
3. Kundalini: também conhecida como Fogo Serpentino.

Cada uma destas três forças existe em todos os planos de que sabemos algo. Tanto quanto se sabe, nenhuma das três pode converter-se em qualquer das outras: permanecem separadas e distintas.

Kundalini é chamada, em *A Voz do Silêncio*, o "Poder ígneo" e "Mãe do Mundo". O primeiro nome porque aparece como fogo líquido ao percorrer o corpo, seguindo, durante esse curso, uma linha em espiral, semelhante ao colear de uma serpente. É chamada Mãe do Mundo porque por meio dela nossos vários veículos podem ser vivificados, de modo que os mundos superiores nos possam ser abertos sucessivamente.

Sua localização no corpo do homem está no Chakra da base da espinha, e para o homem comum ali fica sem despertar e insuspeitada durante toda a sua vida. É muito melhor para ela permanecer adormecida até que o homem tenha tido um desenvolvimento moral definido, até que sua vontade seja forte o bastante para controlá-lo, e seus pensamentos puros o bastante para capacitá-lo a suportar o despertar dela sem ser prejudicado. Ninguém deve experimentá-la sem instruções definidas dadas por um instrutor que entenda integralmente do assunto, porque os perigos relacionados com ela são muito reais e terrivelmente sérios. Alguns deles são puramente físicos. Seu movimento sem controle muitas vezes produz intensa dor física e pode facilmente dilacerar tecidos e mesmo destruir a vida física. Pode também causar dano permanente aos veículos superiores ao físico.

Um efeito muito comum do despertar prematuro de Kundalini é levá-la a fluir para baixo, no corpo, e não para cima, excitando assim as paixões mais indesejáveis — excitando-as e intensificando seus efeitos a tal ponto que se torna impossível ao homem resistir-lhes, porque uma força foi acionada e, diante dela, ele permanece indefeso. Tais homens tornam-se sátiros, monstros de depravação, estando a força além do poder humano de resistência. Poderão, tais homens, ganhar provavelmente certos poderes supernormais, mas serão poderes que os colocam em contato com uma ordem inferior de evolução, com a qual a humanidade não deve ter relacionamento. Escapar de tal cativeiro é coisa que pode exigir mais de uma encarnação.

Há uma escola de magia negra que usa, propositadamente, esse poder dessa forma, a

fim de que através dele possam ser vivificados aqueles Chakras inferiores, que jamais são usados pelos seguidores da Boa Lei.

O despertar prematuro de Kundalini tem outras desagradáveis possibilidades. Intensifica tudo na natureza do homem e alcança mais facilmente as qualidades más e inferiores do que as boas. No corpo mental a ambição é prontamente acordada e depressa estufa até um grau incrivelmente descomedido. Provavelmente levará com ela uma grande intensificação do intelecto, acompanhada de orgulho anormal, satânico, tal como é inconcebível para o homem comum.

Um homem não instruído, no qual acidentalmente Kundalini foi despertada, deve imediatamente consultar alguém que entenda completamente desse assunto.

O despertar de Kundalini — o método usado para tal coisa não é publicamente conhecido — e a tentativa de passá-la através dos Chakras — a ordem dos quais também é deliberadamente escondida do público — nunca devem ser tentados, a não ser sob expressa sugestão de um Mestre que vigiará seu aluno durante os vários estágios da experiência.

Os mais solenes avisos são dados por ocultistas experientes, contra qualquer forma de tentativa para despertar Kundalini, a não ser sob direção qualificada, por causa dos reais e grandes perigos envolvidos nesse caso. Tal como é dito no *Hathayogapradipika*: "Ela dá libertação aos iogues e servidão aos imprudentes" (III, 107).

Em alguns casos Kundalini desperta espontaneamente, fazendo sentir-se um calor lânguido; ela pode, mesmo, começar a mover-se por si própria, embora isto se dê raramente. Neste último caso provavelmente causará grande dor, já que as passagens não estão preparadas para isso e Kundalini terá de abrir seu caminho queimando realmente grande quantidade de impurezas etéricas, processo que é, necessariamente, doloroso. Quando ela acorda assim por si mesma ou é acidentalmente despertada, tenta quase sempre subir pelo interior da espinha, em lugar de seguir o caminho espiralado pelo qual o ocultista sabe como guiá-la. Se for possível, a vontade deve funcionar para deter sua subida, mas se isso se mostrar impossível, como é mais provável, não se deve alarmar-se. Kundalini provavelmente se precipitará através da cabeça e se escapará para a atmosfera circundante, e com certeza nenhum prejuízo advirá disso, a não ser um leve enfraquecimento. O pior que pode ocorrer, é uma perda passageira de consciência. Os piores perigos estão relacionados com sua descida para o interior e não com a sua subida.

A principal função de Kundalini, em conexão com o desenvolvimento oculto, está no fato de que, quando enviada através dos Chakras no corpo etérico, ela vivifica esses Chakras e torna-os disponíveis como entradas de comunicação entre os corpos físico e astral. Diz-se, em *A Voz do Silêncio*, que quando Kundalini alcança o centro entre os olhos e os vivifica inteiramente, confere o poder de ouvir a voz do Mestre — o que significa, neste caso, a voz do Ego ou do Eu Superior. O motivo está em que, desde que o corpo pituitário é levado à atividade, forma um elo perfeito com o corpo astral e assim toda a comunicação interior pode ser recebida.

Além disso, os Chakras superiores têm de ser despertados, em devida ordem, e cada qual deve tornar-se responsivo a todos os tipos de influências astrais vindas dos vários subplanos. A maioria das pessoas não pode obter isso durante a encarnação

presente, se é a primeira na qual começaram a levar seriamente em conta tais assuntos. Alguns hindus podem consegui-lo, já que seus corpos, por hereditariedade, são mais adaptáveis que os de muitos outros. Para a maioria dos homens será trabalho para uma Ronda posterior.

A conquista de Kundalini deve ser repetida em cada encarnação, já que os veículos são novos de cada vez, mas, depois que foi obtida, essas repetições serão coisa fácil. A ação de Kundalini varia com os diferentes tipos de pessoas. Alguns, verão antes o eu superior do que ouvirão sua voz. Também essa comunicação com o superior tem muitos estágios. Para a personalidade significa a influência do ego, mas para o próprio ego significa o poder da mônada: para a mônada, por sua vez, significa tornar-se expressão consciente do Logos.

Não parece que haja limite de idade com relação ao despertar de Kundalini, mas a saúde física é uma necessidade, devido ao esforço envolvido.

Um símbolo antigo era o tírso — isto é, um bastão com um cone de pinho na ponta. Na Índia, o mesmo símbolo é encontrado, mas em lugar do bastão usa-se um pedaço de bambu, com sete nós. Em algumas modificações do mistério usou-se uma vara oca de ferro, que se dizia conter fogo, em vez do tírso. O bastão ou o bambu com seus sete nós representam a coluna espinhal com seus sete Chakras. O fogo oculto é, naturalmente, Kundalini. O tírso não era apenas um símbolo, mas também um objeto de uso prático. Tratava-se de um objeto fortemente magnético, usado pelos iniciados para libertar o corpo astral do físico, quando passavam inteiramente conscientes para uma vida superior. O sacerdote que magnetizava o tírso colocava-o contra a espinha do candidato e dava-lhe, desta maneira, algo de seu próprio magnetismo, a fim de ajudá-lo naquela vida difícil e nos esforços que iria encontrar pela frente.

CAPÍTULO VII

Formas - Pensamentos

Os corpos mental e astral são os que estão principalmente ligados com a produção do que é chamado forma-pensamento. A palavra forma-pensamento não é inteiramente exata, porque as formas produzidas podem ser compostas de matéria mental, ou, na grande maioria dos casos, tanto de matéria mental como de matéria astral.

Embora neste livro estejamos tratando, antes de mais nada, do astral e não do corpo mental, contudo, as formas-pensamentos, como acabamos de dizer, na grande maioria dos casos são tanto astrais como mentais. A fim, portanto, de tornar inteligível o assunto, é necessário tratar amplamente tanto com o aspecto mental como com o aspecto astral.

Um pensamento puramente intelectual e impessoal — tal como o relacionado com a álgebra ou a geometria — estaria confinado à matéria mental. Se, por outro lado, o pensamento traz consigo qualquer desejo egoísta ou pessoal, ele atrairá para si a matéria astral, além da mental. Se, ainda mais, o pensamento for de natureza espiritual, se tiver o toque do amor e da aspiração, ou profundo e não egoístico sentimento, então pode também entrar nele um pouco do esplendor e glória do plano búdico.

Cada pensamento definido produz dois efeitos: primeiro, uma vibração radiante, depois uma forma flutuante.

A vibração instalada no corpo mental e dele irradiando é acompanhada com um jogo de cores que tem sido descrito como o do borrifar de uma cascata quando a luz do sol a atravessa, porém em grau elevadíssimo de cor e vívida delicadeza.

Essa vibração radiante tende a reproduzir seu próprio ritmo de movimento em qualquer corpo mental com o qual ela possa entrar em contato, isto é, produzir pensamentos do mesmo tipo daqueles a partir dos quais a vibração se originou. Deve-se notar que a vibração radiante leva consigo não o assunto do pensamento, mas seu caráter. Assim, as ondas de pensamento-emoção irradiando de um hindu engolfado em devoção a Shri Krishna tenderia a estimular os sentimentos devotos em quem quer que tombasse sob a sua influência, não necessariamente dirigidos tais sentimentos para Shri Krishna, mas, no caso de um cristão, para Cristo, no caso de um budista, para o Senhor Buda, e assim por diante.

O poder da vibração para produzir tais efeitos depende principalmente da nitidez e precisão do pensamento-emoção, bem como naturalmente da quantidade de força nele colocada.

Essas vibrações radiantes tornam-se menos eficazes na proporção da distância em que estão da sua fonte, embora seja provável que a variação se mostre proporcional ao cubo da distância, e não (como acontece com a gravidade e com outras forças) ao quadrado, por causa da adicional (quarta) dimensão envolvida.

A distância até a qual uma onda de pensamento pode irradiar eficazmente depende da oposição que encontra. Ondas do tipo inferior da matéria astral são, habitualmente, logo

desviadas ou dominadas por uma quantidade de outras vibrações do mesmo nível, tal como um som suave é afogado no estrépito de uma cidade.

O segundo efeito, o de uma forma flutuante, é causado pela porção de vibração que o corpo mental lança de si próprio, modelada pela natureza do pensamento, que junta em torno de si matéria de ordem correspondente de delicadeza, retirada da essência elemental circundante do plano mental. Essa é uma forma-pensamento pura e simples, composta apenas de matéria mental.

Se feita dos melhores tipos de matéria, será de grande poder e energia e pode ser usada como o agente mais poderoso quando dirigida por uma vontade firme e forte.

Quando o homem dirige sua energia para objetos externos de desejo ou está ocupado com atividades passionais ou emocionais, processo idêntico se verifica em seu corpo astral: uma porção dele é expulsa e reúne em torno de si própria a essência elemental do plano astral. Essas formas- pensamentos-de-desejo são causadas por Kama-Manas, a mente sob o domínio da natureza animal, Manas dominada por Kama.

Tal forma-pensamento-de-desejo tem como corpo a essência elemental, e como alma animadora, por assim dizer, o desejo ou a paixão que a projetou. Tanto essas formas-pensamentos-de-desejo como as formas-pensamentos puramente mentais são chamadas *dementais artificiais*. A vasta maioria das formas-pensamentos comuns são do primeiro tipo, pois poucos são os pensamentos dos homens e mulheres comuns que não sejam matizados pelo desejo, a paixão ou a emoção.

Tanto a essência elemental mental como a astral, que possuem vida meio inteligente que lhes é própria, respondem muito facilmente à influência do pensamento humano e ao humano desejo: conseqüentemente, cada impulso enviado, seja do corpo mental de um homem, seja de seu corpo astral, reveste-se imediatamente de um veículo temporário de essência elemental. Esses elementais artificiais tornam-se, assim, uma espécie de criaturas vivas, entidades de intensa atividade, animadas pela ideia que as gerou. São, na verdade, amiúde, tidas erroneamente, pelos psíquicos e clarividentes não treinados, como entidades realmente vivas.

Assim, quando um homem pensa num objeto concreto — um livro, uma casa, uma paisagem etc. — constrói minúscula imagem do objeto na matéria de seu corpo mental. Essa imagem flutua na parte superior daquele corpo, quase sempre diante do rosto do homem e mais ou menos ao nível de seus olhos. Permanece ali durante todo o tempo em que o homem estiver pensando no objeto, às vezes mesmo algum tempo mais, a extensão daquela vida dependendo da intensidade e clareza do pensamento. A forma é bastante objetiva e pode ser vista por qualquer outra pessoa que possua visão mental. Se um homem pensa em outra pessoa, cria um minúsculo e exato retrato dessa pessoa.

Costuma-se comparar as formas-pensamentos, praticamente, com uma garrafa de Leyden (recipiente carregado de eletricidade estática), a própria garrafa correspondendo à essência elemental e a carga elétrica referindo-se ao pensamento-emoção. E tal como a garrafa de Leyden, quando toca outro objeto, descarrega sua eletricidade acumulada sobre o objeto, o mesmo faz um elemental artificial quando se choca com um corpo mental ou astral. Descarrega sobre esse corpo sua energia mental e emocional acumulada.

Os princípios subjacentes na produção de todas as formas de pensamento-emoção

podem ser assim definidos:

1. *Cor*, determinada pela *qualidade* do pensamento ou emoção.
2. *Forma*, determinada pela *natureza* do pensamento ou emoção.
3. *Clareza de contorno*, determinada pela *precisão* do pensamento ou emoção.

O período de vida de uma forma-pensamento depende de: (1) sua intensidade inicial; (2) a força que lhe seja comunicada pela repetição do pensamento, seja pelo gerador, seja por outros. Sua vida pode ser continuamente reforçada por essa repetição, já que um pensamento, sobre o qual nos detemos longamente, adquire grande estabilidade de forma. Além disso, as formas-pensamentos de tipo idêntico são mutuamente atraídas e, ainda mutuamente, fortalecem-se, criando uma forma de grande energia e intensidade.

Ademais, tal forma-pensamento parece possuir o desejo instintivo de prolongar sua vida, e reagirá sobre seu criador, tendendo a evocar nele a renovação do sentimento que a criou. Reagirá da mesma forma, embora não perfeitamente, sobre quaisquer outras pessoas com as quais possa entrar em contato.

As cores nas quais as formas-pensamentos se expressam são idênticas às encontradas na aura.

O brilho e a profundidade das cores são habitualmente a medida da força e da atividade do sentimento.

Para nosso presente propósito, podemos classificar as formas-pensamentos em três espécies: (1) as relacionadas apenas com seu originador; (2) as relacionadas com outra pessoa; (3) as que não são nitidamente pessoais.

Se o pensamento de um homem é a seu próprio respeito ou baseado num sentimento pessoal, como costumam ser os pensamentos em sua vasta maioria, a forma pairará na vizinhança imediata do seu gerador. A qualquer tempo então, quando ele estiver em condição passiva, seus pensamentos e sentimentos não estando especificamente ocupados, sua própria forma-pensamento retornará para ele, descarregando-se sobre si próprio. Além disso, cada homem também serve como magneto para atrair a si as formas-pensamentos de outras, que sejam idênticas às suas, atraindo assim para sua própria pessoa um reforço de energia vinda de fora. As pessoas que se estão tornando sensíveis imaginaram, às vezes, em tais casos, que tinham sido tentadas pelo "diabo", quando suas próprias formas-pensamentos-de-desejo eram a "tentação". Longa meditação sobre o mesmo assunto pode criar uma forma-pensamento de tremendo poder. Tal forma durará, possivelmente, por muitos anos e durante algum tempo terá toda a aparência e poder de uma verdadeira e viva entidade. A maioria dos homens atravessa a vida encerrados numa gaiola construída por eles próprios, rodeada por massas de formas criadas pelos seus pensamentos habituais. Um resultado importante disso está em cada homem olhar o mundo *através* de suas próprias formas-pensamentos e assim ver tudo colorido por elas.

Dessa maneira, as formas-pensamentos do próprio homem reagem sobre ele, inclinando-se a se reproduzirem e instalando assim hábitos definidos de pensamento e sentimento, que podem ser benéficos se forem de caráter elevado, mas que são

entorpecedores e um inconveniente para o desenvolvimento, obscurecendo a visão mental e facilitando a formação do preconceito e das tendências e atitudes fixas que se podem transformar em determinados vícios.

Tal como escreveu um Mestre: "O homem está constantemente povoando sua corrente no espaço com um mundo que lhe é próprio, repleto dos filhos de suas fantasias, desejos, impulsos e paixões". Essas formas-pensamentos permanecem em sua aura, aumentando em número e intensidade, até que certas espécies entre elas dominem sua vida mental e emocional e o homem antes responda aos seus impulsos do que se decida por outros: assim são criados hábitos, a expressão externa de sua força armazenada, e assim seu caráter é construído.

Ademais, como cada homem deixa atrás de si uma esteira de formas-pensamentos, segue-se que quando andamos ao longo de uma rua estamos caminhando por um mar de pensamentos de outros homens. Se um homem deixar sua mente vazia por algum tempo, esses pensamentos de outros passam através dela: se um deles chama a sua atenção, sua mente dele se apodera, torna-o próprio, fortalece-o pelo acréscimo de sua força e então torna a lançá-lo fora, a fim de que vá afetar alguma outra pessoa. Um homem não é, portanto, responsável por um pensamento que flutue em sua mente, mas é responsável se o tomar para si, meditar sobre ele & mandá-lo a outros, fortalecido.

Um exemplo de formas-pensamentos está nas nuvens sem forma, de intensa tonalidade azul, que podem ser vistas com frequência rolando pelo espaço, como coroas de fumaça densa sobre as cabeças dos fiéis numa igreja. Nas igrejas onde o nível de espiritualidade é baixo, as mentes dos homens podem criar fileiras de cifras, representando seus cálculos de negócios, transações comerciais e especulações, enquanto a mente das mulheres pode criar quadros de chapéus, joias etc.

O hipnotismo fornece outro exemplo de formas-pensamentos. O operador pode criar uma forma-pensamento e projetá-la sobre um papel em branco, onde será visível para o indivíduo hipnotizado: ou pode tornar a forma-pensamento tão objetiva que o paciente irá vê-la e senti-la como se fosse, de fato, um objeto físico. A literatura do hipnotismo está repleta de tais exemplos.

Se a forma-pensamento está dirigida para outra pessoa, irá para essa pessoa. Um, de dois efeitos, pode então resultar daí. (1) Se na aura da pessoa visada há material capaz de responder simpaticamente à vibração da forma-pensamento, então a forma-pensamento permanecerá junto da pessoa ou mesmo em sua aura, e, quando chegue a oportunidade, descarrega-se automaticamente, inclinando-se assim a fortalecer na pessoa aquele ritmo particular de vibração. Se a pessoa a quem é dirigida a forma-pensamento acontece estar ocupada ou já engolfada em alguma linha definida de pensamento, a forma-pensamento, não podendo descarregar-se no corpo mental da pessoa, que já está vibrando a um determinado ritmo, fica suspensa na vizinhança até que o corpo mental da pessoa esteja suficientemente descansado para permitir sua entrada, quando então a forma-pensamento imediatamente se descarrega.

Fazendo isso ela exhibirá o que parece uma quantidade bastante considerável de inteligência e adaptabilidade, embora seja realmente uma força atuando ao longo de uma linha de menor resistência — pressionando com firmeza numa direção todo o tempo, e

aproveitando qualquer canal que lhe aconteça encontrar. Tais elementais podem naturalmente ser fortalecidos e seu período de vida estendido pela repetição do mesmo pensamento.

(2) Se, por outro lado, não houver na aura da pessoa matéria capaz de responder, então a forma-pensamento não pode afetá-la. Portanto, irá refluir dali, com força proporcional à energia com a qual foi atirada contra o alvo, retornando para bater em seu criador.

Assim, por exemplo, o pensamento de desejo de uma bebida não pode entrar no corpo de um abstinente. Golpearia seu corpo astral, mas não chegaria a penetrar nele e retornaria a quem o tivesse enviado.

O velho ditado que diz: "Maldições (podemos acrescentar bênçãos) voltam para o lugar de onde vieram", transmite essa verdade e explica acontecimentos em que, tal como muitos o sabem, maus pensamentos dirigidos a pessoas boas e altamente desenvolvidas, não as afetam de forma alguma, mas reagem às vezes com terrível e devastador efeito sobre seu criador. Daí se depreende também, é óbvio, que a mente e o coração puros são a melhor proteção contra assaltos inamistosos de sentimento e pensamento.

Por outro lado, uma forma-pensamento de amor e desejo de proteção, fortemente dirigida para alguém muito amado, atua como agente de amparo e proteção. Procurará todas as oportunidades para servir e defender, aumentará forças amistosas e enfraquecerá as inamistosas que ataquem sua aura. Pode proteger a pessoa contra a irritabilidade, a impureza, e o medo etc.

Pensamentos amigáveis e sinceros bons desejos criam e mantêm, assim, o que é virtualmente um "anjo da guarda", sempre ao lado da pessoa em que se pensa, não importando o que ela possa ser. Os pensamentos e orações de muitas mães, por exemplo, têm dado assistência e proteção ao seu filho. Tais pensamentos são vistos com frequência pelos clarividentes e em raros casos podem mesmo materializar-se, tornando-se visíveis.

Torna-se, assim, evidente o fato de que um pensamento de amor enviado de uma pessoa para outra envolve uma real transferência de certa quantidade, tanto de força como de matéria, que vai de quem o envia para quem o recebe.

Se o pensamento for suficientemente forte, a distância não faz nenhuma diferença, mas um pensamento fraco e difuso não é eficaz para além de uma área limitada.

Uma variante do nosso primeiro grupo consiste naqueles casos em que um homem pensa fortemente em si próprio num lugar distante. A forma assim criada contém uma grande proporção de matéria mental, toma a imagem de quem pensa e, de início, é pequena e comprimida. Atrai em redor de si uma quantidade considerável de matéria astral e habitualmente expande-se até atingir o tamanho natural antes de aparecer no seu destino. Tais formas são vistas com frequência por clarividentes e não é raro serem tomadas como o corpo astral da pessoa ou mesmo pela própria pessoa.

Quando tal coisa acontece, o pensamento ou desejo deve ser suficientemente forte para fazer uma de três coisas: (1) evocar, por influência mesmérica, a imagem de quem pensa na mente da pessoa para a qual ele deseja aparecer; (2) pelo mesmo poder estimular, no momento, as faculdades psíquicas da pessoa visada, de forma que ela possa ver o visitante astral; (3) produzir uma materialização temporária que será fisicamente visível.

As aparições no momento da morte, que de forma alguma são raras, representam

realmente, com muita frequência, a forma astral do moribundo, mas podem também ser formas-pensamentos evocadas pelo seu ansioso desejo de ver algum amigo, antes de morrer. Em alguns casos o visitante é percebido logo depois da morte e não um pouco antes, mas por inúmeras razões essa forma de aparição é menos frequente do que as outras.

Um espírito familiar pode ser: (1) uma forma-pensamento, (2) uma impressão extraordinariamente vívida na luz astral, ou (3) um autêntico ancestral, apegado à terra, ainda vagando em algum lugar particular.

Relacionado com isso podemos acrescentar que sempre que uma intensa paixão foi sentida, tal como terror, dor, tristeza, ódio etc., uma impressão tão poderosa se faz na luz astral que pessoas dotadas do mais ligeiro lampejo de faculdade psíquica podem ser impressionadas por ela. Um ligeiro e temporário aumento da sensibilidade capacitará um homem a visualizar toda a cena: daí muitas histórias sobre locais assombrados, e sobre influências desagradáveis em pontos que se tornam conhecidos.

Aparições no local onde um crime foi cometido são, quase sempre, formas-pensamentos projetadas pelo criminoso, que, esteja vivo ou morto, mas muito especialmente quando morto, está perpetuamente pensando, sempre e sempre, nas circunstâncias da sua ação. Já que esses pensamentos estão, como é natural, vívidos em sua mente na data aniversária de seu crime, pode acontecer que a forma-pensamento seja forte bastante para se materializar de forma a se tornar visível à visão física, assim explicando muitos casos em que a manifestação é periódica.

Da mesma forma uma joia que tenha sido causa de muitos crimes, pode reter as impressões e paixões que levam ao crime, com absoluta nitidez, por muitos milhares de anos, continuando a irradiá-las.

Um pensamento tremendamente enérgico e concentrado, seja de bênção ou de maldição, cria a existência de um elemental que vem a ser, virtualmente, uma bateria de acumuladores viva, com um mecanismo de relógio a ela apenso. Essa bateria pode ser arranjada para se descarregar regularmente, a determinada hora do dia ou em certa data aniversária, ou sob determinadas circunstâncias. Muitos exemplos dessa classe de elemental têm sido registrados, especialmente na Alta Escócia, onde avisos físicos ocorrem antes da morte de um membro da família. Nesses casos, quase sempre é a poderosa forma-pensamento que dá o aviso, segundo a intenção de que está carregada.

Um desejo suficientemente forte - esforço concentrado de amor ou de ódio - criará tal entidade de uma vez para sempre, uma entidade que será, então, bastante desligada de seu criador e levará adiante o trabalho que lhe foi designado, sem considerar as intenções e desejos posteriores que aquele venha a manifestar. Simples arrependimento não a traz de volta nem evita a sua ação, tal como o arrependimento não pode deter uma bala, uma vez disparada. O poder da entidade só poderia ser bastante neutralizado com o envio, em seu seguimento, de pensamentos de tendência contrária.

Ocasionalmente, não conseguindo exercer sua força sobre seus objetivos nem sobre seu criador, um elemental dessa classe pode tornar-se uma espécie de demônio errante, atraído por qualquer pessoa que manifeste idênticos sentimentos. Se for suficientemente poderoso, conseguirá mesmo apoderar-se de um cascão que passe e nele instalar-se,

empregando mais cautelosamente seus recursos. Nessa forma pode manifestar-se através de um médium e, fingindo-se um amigo bem conhecido, obtém influência sobre pessoas que, de outra maneira, não conseguiria impressionar.

Tais elementais, transformados assim em demônios errantes — tenham sido consciente ou inconscientemente formados — procuram invariavelmente prolongar sua vida, seja alimentando-se como vampiros da vitalidade dos seres humanos, seja influenciando-os para que eles lhes façam ofertas. Entre as tribos simples, primitivas, têm conseguido, com frequência, tornar-se considerados como deuses da aldeia ou da família. Os tipos menos perigosos podem contentar-se com oferendas de arroz e alimento cozido; os de classe mais baixa, os mais repulsivos, pedem sacrifícios sangrentos. Ambas as variedades existem hoje na Índia e, em número maior, na África.

Sugando principalmente a vitalidade de seus devotos e usando também a nutrição que podem obter com as suas oferendas, conseguem prolongar sua existência durante anos ou mesmo séculos. Chegam até a realizar fenômenos ocasionais, muito simples, a fim de estimular o zelo e a fé de seus seguidores, e tornam-se invariavelmente desagradáveis, de alguma forma, se os sacrifícios forem negligenciados.

Os magos negros da Atlântida — os "senhores da face escura" — ao que parece especializaram-se nesse tipo de elementais artificiais, e alguns deles, segundo se tem sugerido, conservam sua existência mesmo em nossos dias. A terrível deusa hindu, Káli, será provavelmente uma relíquia desse tipo.

A imensa maioria das formas-pensamentos é, simplesmente, cópia ou imagem de pessoas ou de outros objetos materiais. Constroem-se primeiro dentro do corpo mental e passam então para o exterior, mantendo-se suspensas diante do homem. Isso se aplica ao que quer que seja em que se possa estar pensando: pessoas, casas, paisagens ou qualquer outra coisa.

Um pintor, por exemplo, imagina, com o material de seu corpo mental, a concepção de seu quadro futuro, projeta-a no espaço diante de si, mantém-na diante dos "olhos da mente", e a copia. Essa forma-pensamento-emoção persiste e pode ser tomada como contraparte invisível da pintura, irradiando suas próprias vibrações e afetando todos os que fiquem sob sua influência.

Da mesma maneira um romancista constrói, com material mental, as imagens de seus personagens, e então, usando a sua vontade, move esses bonecos de uma posição ou agrupamento para outro, de forma que o enredo da história é literalmente desenvolvido diante dele.

Efeito curioso surge de tal caso. Um travesso espírito-da-natureza (ver capítulo XX) pode animar as imagens e levá-las a fazerem coisas que não são as que o autor pretendia para a atividade delas. Mais frequentemente um escritor morto pode perceber as imagens e, ainda interessado na arte de escrever, consegue moldar os tipos e influenciar suas ações, de acordo com suas próprias ideias. O escritor real muitas vezes percebe que o enredo está agindo sozinho, de acordo com um plano bastante diferente da sua concepção original.

Lendo um livro, o estudante autêntico pode, com a atenção integralmente concentrada, entrar em contato com a forma-pensamento original, que representa a concepção do autor ao escrever. Através da forma-pensamento, o próprio autor pode mesmo ser alcançado e

maior informação assim obtida, bem como a obtenção de luz sobre pontos difíceis.

Há no mundo mental, como no astral, muitas reproduções de histórias bem conhecidas, cada nação tendo, habitualmente, sua apresentação particular, os personagens vestidos com seus próprios trajes nacionais. Existem, assim, excelentes formas-pensamentos de aspecto vivo, referentes a pessoas como Sherlock Holmes, Capitão Kettle, Robinson Crusoe, personagens de Shakespeare etc.

Na verdade, há no mundo astral grande número de formas-pensamentos de caráter relativamente permanente, muitas vezes o resultado do trabalho acumulado das gerações. Muitas se referem a pretensas histórias religiosas, e a visão delas, por parte de pessoas sensíveis, é responsável por muitas e verdadeiras narrações dadas por videntes não treinados de ambos os sexos. Qualquer grande acontecimento histórico, no qual se pensa constantemente e é imaginado vividamente por grande número de pessoas, existe como exata forma-pensamento no plano mental, e quando quer que surja forte emoção com ela relacionada, materializa-se também na matéria astral e, conseqüentemente, pode ser vista por um clarividente.

O que ficou dito acima aplica-se igualmente, como é natural, a cenas e situações da ficção, do drama etc.

Considerados em conjunto, é fácil compreender o tremendo efeito que essas formas-pensamentos ou elementais artificiais têm na produção de sentimentos nacionalistas ou de raça, torcendo as mentes e criando preconceitos, porque as formas-pensamentos de igual tendência inclinam-se a se agregarem, formando uma entidade coletiva. Vemos tudo através dessa atmosfera, sendo cada pensamento mais ou menos refratado por ela, e, de acordo com ela, vibrando nosso próprio corpo astral. Como a maioria das pessoas é mais receptiva do que iniciadora em sua natureza, atuam quase como reprodutores automáticos dos pensamentos que as alcançam, e assim a atmosfera nacional é continuamente intensificada. Esse fato explica, obviamente, muitos dos fenômenos de consciência coletiva (ver capítulo XXV).

A influência dessas formas-pensamentos agrupadas vai ainda mais longe. Formas-pensamentos de tipo destrutivo agem como agente destruidor e muitas vezes desencadeiam a devastação sobre o plano físico, causando "acidentes", convulsões da natureza, tempestades, terremotos, inundações, ou crime, doença, distúrbios sociais e guerras.

É possível, também, para pessoas mortas e outras entidades não humanas, tais como perversos espíritos-da-natureza, por exemplo, entrar nessas formas-pensamentos e vivificá-las. O vidente treinado deve aprender a distinguir a forma-pensamento, mesmo quando vivificada, dos seres vivos e fatos importantes do mundo astral dos moldes temporários em que eles são vazados.

Nossa terceira classe de formas-pensamento-emoção consiste daquelas que não estão diretamente ligadas a qualquer objeto e que se expressam portanto em formas que lhes são inteiramente próprias, exibindo suas qualidades inerentes na matéria que atraem para seu redor. Nesse grupo, portanto, temos um relance das formas naturais para os planos astral e mental. As formas-pensamentos dessa classe manifestam-se, invariavelmente, no plano astral, já que a imensa maioria delas são expressões de sentimento, bem como de

pensamento.

Uma forma assim flutua, simplesmente, destacada na atmosfera, a todo o tempo irradiando vibrações semelhantes às enviadas pelo seu criador. Se não entrar em contato com qualquer outro corpo mental, a irradiação exaure gradualmente sua provisão de energia e a forma se desintegra. Mas se consegue despertar simpáticas vibrações em qualquer corpo mental que lhe esteja próximo, uma atração surge e a forma-pensamento é quase sempre absorvida por aquele corpo mental.

Pelo que ficou dito acima, vemos que a influência de uma *forma-pensamento* tem alcance menor que a de uma *vibração-pensamento*, mas atua com precisão muito maior. Uma *vibração-pensamento* reproduz pensamentos de uma ordem *similar* ao que o levou a nascer. Uma *forma-pensamento* reproduz o *mesmo* pensamento. As radiações podem afetar milhares e despertar neles pensamentos do mesmo nível do original, embora nenhum lhe seja idêntico. A *forma-pensamento* consegue influenciar apenas uns poucos, mas nesses poucos casos reproduzirá exatamente a ideia inicial.

O estudante deve procurar um trabalho clássico no gênero: *Formas-Pensamentos*, de Annie Besant e C. W. Leadbeater, e ali encontrará ilustrações coloridas de muitas formas-pensamentos. Todo este capítulo, realmente, é em grande parte um sumário condensado dos princípios enunciados naquele trabalho.

Pensamentos ou sentimentos vagos mostram-se como vagas nuvens. Pensamentos e sentimentos definidos criam claramente formas definidas. Assim, uma forma definida de afeição dirigida a determinado indivíduo forma-se de maneira não muito diversa do que acontece com um projétil; um pensamento de afeição protetora torna-se de certa forma parecido a um pássaro, com a porção central em amarelo e duas projeções em forma de asa, coloridas em tom rosado; um pensamento de amor universal torna-se cor-de-rosa, no feitio de um sol, seus raios partindo para todas as direções.

Os pensamentos nos quais o egoísmo ou a ganância são destacados tomam quase sempre o feitio ganchoso, os ganchos em alguns casos realmente cravados no objeto desejado.

Como princípio geral, a energia de um pensamento egoísta move-se em curva fechada e assim inevitavelmente retorna e se exaure sobre seu próprio nível. Um pensamento absolutamente destituído de egoísmo, o mesmo se dando com um sentimento desse tipo, vai para a frente, entretanto, em curva aberta e assim *não* retorna, no sentido comum, mas atravessa o plano acima, porque apenas nessa condição mais alta, com sua dimensão adicional, pode encontrar lugar para se expandir. Mas, atravessando assim, tal pensamento ou sentimento abre uma porta, como simbolicamente podemos dizer, de dimensão equivalente ao seu diâmetro e obtém assim um canal através do qual os planos mais altos podem derramar-se para os inferiores — muitas vezes com maravilhosos resultados, como no caso da oração, tanto para quem emitiu o pensamento como para outros.

Aqui temos a mais alta e melhor parte da fé na resposta dada às orações. Nos planos mais altos há um fluxo infinito de força sempre pronto e à espera de derramar-se quando um canal lhe é oferecido. Um pensamento de devoção inteiramente destituída de egoísmo oferece esse canal, a maior e a mais nobre parte de um pensamento assim subindo até o próprio Logos. A resposta que Ele dá é um descer da vida divina, fortalecendo e elevando o

autor do canal e derramando em torno dele uma influência poderosa e benéfica, que flui através do reservatório existente nos planos mais altos para auxiliar a humanidade. Esse acréscimo ao reservatório de força espiritual é a verdade que está implícita na ideia católica das obras de super-rogação. Os Nirmâna-kâyas estão especialmente associados com esse grande reservatório de força.

A meditação sobre um Mestre forma um vínculo com Ele, vínculo observado pelo claridente como uma espécie de linha de luz. O Mestre, sempre subconscientemente, sente o choque de tal linha e envia ao longo dela, em resposta, um fluxo magnético constante que continua a agir muito depois do término da meditação. A regularidade em tal meditação é um fator muito importante.

Um pensamento de segura e bem mantida devoção pode assumir uma forma bastante semelhante a uma flor, enquanto a aspiração religiosa criará um cone azul, o ápice apontando para cima.

Tais formas-pensamentos de devoção mostram-se, muitas vezes, extraordinariamente belas, variando muito em seu contorno, mas caracterizadas por pétalas curvas que apontam para cima, como chamas azuis. É possível que o feitio de flor, característico das formas religiosas, tenha produzido o costume de oferecer flores, no culto religioso, já que as flores sugerem as formas visíveis à visão astral.

A curiosidade intensa, ou o desejo de saber, toma a forma de uma serpente amarela; a cólera explosiva, ou a irritação, é mancha vermelha e laranja; a cólera refreada tem a forma de um estilete agudo, vermelho; o ciúme despeitado mostra-se como cobra de tonalidade marrom.

As formas produzidas por pessoas que têm a mente e a emoção bem sob controle e são bastante treinadas em meditação mostram-se claras, objetos simétricos de grande beleza, muitas vezes tomando formas geométricas bem conhecidas, como triângulos, dois triângulos entrelaçados, estrelas de cinco pontas, hexágonos, cruzes, e assim por diante, numa indicação de pensamentos relacionados com a ordem cósmica ou com conceitos metafísicos.

O poder do pensamento unido de várias pessoas é sempre muitíssimo maior do que o resumo de seus pensamentos separados: esse poder seria representado, mais aproximadamente, pelo produto desses pensamentos.

A música também produz formas que não são, talvez, tecnicamente, formas-pensamentos — a não ser que as tomemos, como poderíamos, como resultado do pensamento do compositor, expressado pela habilidade do intérprete através do seu instrumento.

Essas formas musicais variarão de acordo com o tipo de música, o tipo de instrumento que a reproduz e a habilidade e méritos do executante. A mesma peça musical, se corretamente tocada, sempre construirá a mesma forma, mas essa forma, quando tocada por um órgão de igreja ou por uma orquestra, será imensamente maior, bem como de textura diferente daquela que produz a interpretação ao piano. Haverá também uma diferença em textura entre o resultado de uma peça musical tocada ao violino e a mesma peça executada por uma flauta. Há também ampla diferença entre a radiante beleza de uma forma produzida por um verdadeiro artista, perfeito na expressão e na execução, e o

efeito relativamente pesado que lhe dá um instrumentista bisonho, mecânico.

As formas musicais conservam-se como estruturas coerentes durante um período considerável de tempo — pelo menos uma ou duas horas — e durante todo esse período estarão irradiando suas vibrações características para todos os lados, tal como fazem as formas-pensamentos.

No livro *Formas-Pensamentos*, são dados três exemplos coloridos de formas musicais nascidas da música de Mendelssohn, de Gounod e de Wagner, respectivamente.

As formas construídas variam muito segundo os diferentes compositores. Uma abertura de Wagner forma um todo magnífico, como se fora montanha em que as pedras fossem chamas. Uma das fugas de Bach ergue uma forma ordenada, ousada porém precisa, rude porém simétrica, com riachos paralelos, em prata, ouro ou rubi, correndo através deles, marcando os sucessivos retornos do *motif*. Um dos *Lieber ohne Worte*, de Mendelssohn, faz nascer uma estrutura etérea, como um castelo de filigrana trabalhado em prata fosca.

Essas formas, criadas pelos executantes da música, são bastante diferentes das formas-pensamentos que vêm do próprio compositor e que muitas vezes persistem durante anos, mesmo durante séculos, se ele for por todo esse tempo compreendido e apreciado, de forma que sua concepção original seja fortalecida pelos pensamentos de seus admiradores. Edifícios idênticos são construídos pela ideia de um poeta sobre seu épico ou pela concepção de um escritor quanto ao seu tema. Às vezes, uma multidão de espíritos-da-natureza pode ser vista admirando as formas musicais e banhando-se nas ondas de influência que delas emanam.

Ao estudar as representações pictóricas das formas-pensamentos é importante ter em mente que as formas-pensamentos são objetos quadrimensionais. Há, portanto, uma impossibilidade prática de descrevê-las adequadamente em palavras que pertencem às nossas comuns experiências tridimensionais e ainda menos de apresentá-las em gravuras de duas dimensões, sobre papel. Estudantes da quarta dimensão vão compreender que máximo que se pode fazer é representar uma parte das formas quadrimensionais.

É um fato notável, e possivelmente significativo, o de muitos dos mais altos tipos de formas-pensamentos assemelharem-se muitíssimo às formas vegetais e animais. Temos assim, pelo menos, a presunção de que as forças da natureza trabalham de maneira semelhante àquela através da qual o pensamento e a emoção trabalham. Desde que todo o universo é uma poderosa forma-pensamento trazida à existência pelo Logos, bem pode ser que minúsculas partes dele também resultem das formas-pensamentos de entidades menores, ocupadas no mesmo trabalho criador. Essa concepção faz lembrar a crença hindu sobre a existência de 330 milhões de Devas.

Vale a pena reparar também que, enquanto algumas das formas-pensamentos se mostram tão complicadas e tão delicadamente modeladas que o reproduzi-las fica além do poder da mão humana, ainda assim elas podem ser reproduzidas, bastante aproximadamente, através de meios mecânicos. O instrumento conhecido como Harmonógrafo consiste numa ponta fina guiada em seu caminho por vários pêndulos, cada um dos quais tem sua própria e independente oscilação, todas elas combinadas num movimento composto que se comunica à ponta, que, por sua vez, registra esse movimento sobre uma superfície apropriada. Outras formas, embora mais simples, parecem-se com as

figuras produzidas na areia pela famosa placa sonora de Chladni, ou pelo Eidofone (vide *Eidophone Voice Figures*, de M. W. Hugues).

Escalas e arpejos lançam voltas e curvas como as produzidas por um laço: uma canção com coro constrói uma quantidade de contas ensartadas num fio prateado de melodia; numa alegre canção a três vozes, sem acompanhamento, são produzidos fios entrelaçados de diferentes cores e texturas. Um hino de procissão constrói uma série de formas retangulares nítidas, como elos de cadeia ou carros de composição ferroviária. Um canto anglicano forma fragmentos cintilantes, muito diferentes da luminosa uniformidade do canto gregoriano, que não é diferente do efeito dos versículos sânscritos cantados por um *pandit* hindu. Música militar produz longa esteira de formas em rítmica vibração, o compasso regular daquelas ondulações inclinando-se a reforçar as dos corpos astrais dos soldados, quando o impacto de uma sucessão de firmes e poderosas oscilações fornecem, por aquela ocasião, a força de vontade que talvez se visse afrouxada pela *fadiga*.

Um temporal cria flamejante faixa colorida, o trovão trazendo forma que sugere a de uma bomba que explode ou esfera irregular eriçada de pontas. As ondas quebrando sobre a areia formam linhas paralelas ondulantes, de colorido mutável, linhas que se transformam em cordilheiras de montanhas, quando de um temporal. O vento nas folhas de uma floresta cobre-a com uma teia iridescente, erguendo-se e tombando em suave movimento ondulatório.

O canto dos pássaros aparece como linhas curvas e laços de luz, desde os dourados globulosos do pássaro sineiro até a massa amorfa e rudemente colorida dos gritos dos papagaios ou das araras. O rugido de um leão também é visível na matéria superior e é possível que algumas criaturas selvagens possam ver, por via clarividente, essa forma, tendo aumentado assim o seu terror. Um gato, ao ronronar, rodeia-se de películas concêntricas, em nuvem rosada; o latido de um cão envia projéteis de pontas agudas, não muito diferentes do disparo de um rifle, que atravessam o corpo astral de pessoas e perturbam-nas seriamente. O ladrar de um sabujo atira contas parecidas com bolas de futebol, de movimento mais lento e menos tendentes a se fazerem perigosas. A cor dessas bolas é habitualmente vermelha, ou marrom, variando com a emoção do animal e o timbre de sua voz.

O mugido de uma vaca produz formas pesadas e rombudas, como tocos de madeira. Um rebanho de ovelhas forma nuvem amorfa, cheia de pontas, parecida a uma nuvem de poeira. O arrulhar de um casal de pombos desenha formas curvas, graciosas, tal como a letra S invertida.

Voltando aos sons humanos, uma exclamação colérica atira-se como espada escarlata; o cascadear de tagarelice tola constrói intrincada rede de linhas metálicas, de um tom duro, entre o marrom e o cinzento, formando barreira quase perfeita contra qualquer pensamento ou sentimento mais alto e mais belo. O corpo astral de uma pessoa tagarela é impressionante lição objetiva sobre a insensatez da conversa desnecessária, inútil e desagradável.

O riso de uma criança forma borbulhantes desenhos rosados, o gargalhar de uma pessoa cuja mente é vazia tem o efeito explosivo de massa irregular, quase sempre marrom, ou de um verde sujo. O riso zombeteiro atira projéteis sem forma, de um vermelho opaco, quase

sempre pintalgado de marrom esverdeado, eriçado de pontas agudas.

As cachinadas da pessoa constrangida dão o aparecimento e cor de um poço de lama fervente. Risinhos nervosos criam um emaranhado parecido ao das algas marinhas, em linhas de um marrom com linhas de tom amarelo opaco, e têm mau efeito sobre o corpo astral. Risada alegre, bondosa, sobe em formas arredondadas, em ouro e verde. Assovio suave e musical produz efeito não muito diferente do de flauta pequena, porém mais agudo e mais metálico. Assobio dissonante dispara pequenos projéteis pontudos, de tonalidade marrom sujo.

Inquietação, reboliço, produzem na aura vibrações trêmulas, de forma que nenhum pensamento ou sentimento pode passar para dentro ou para fora sem distorção, e mesmo os bons pensamentos que estão sendo enviados para fora são tomados por um estremecimento que virtualmente os neutraliza. A exatidão no pensar é essencial, mas ela deve ser obtida pela perfeita calma e não através de precipitação e de inquietação.

O apito estridente de uma locomotiva produz projétil muito mais penetrante e poderoso do que o latido de um cão e ocasiona no corpo astral um efeito comparável ao de uma espada enterrada no corpo físico. Um ferimento astral cura-se em poucos minutos, mas o choque não desaparece tão depressa do organismo astral.

O disparo de um canhão produz um sério efeito sobre as correntes astrais e sobre os corpos astrais. Tiros de rifle ou pistola atiram em derredor uma cascata de pequenas agulhas.

Ruídos repetidos afetam os corpos mental e astral, precisamente como as pancadas afetam o corpo físico. No corpo físico, o resultado é dor; no corpo astral, significa irritabilidade; no corpo mental, uma sensação de fadiga e incapacidade de pensar claramente.

Está bastante claro que todos os sons altos, agudos ou súbitos, devem, tanto quanto possível, ser evitados por quem deseje conservar seus veículos astral e mental em boa ordem. Especialmente desastroso é o efeito, por exemplo, do permanente ruído e estrondo de uma cidade sobre os plásticos corpos astral e mental das crianças.

Todos os sons da natureza mesclam-se num tom, chamado pelos chineses o "Grande Tom", ou *Kung*. Isto também tem sua forma, uma síntese de todas as formas, vasta e mutável como o mar, representando a nota da nossa terra na música das esferas. Alguns escritores dizem que essa nota é o Fá da nossa escala.

É possível, naturalmente, destruir uma forma-pensamento, e isso é feito às vezes quando por exemplo uma pessoa é perseguida por uma forma-pensamento maligna depois da morte, criada provavelmente pelo ódio de quem foi prejudicado pela pessoa, no mundo físico. Embora tal forma-pensamento possa parecer quase uma criatura viva — há um exemplo em que ela apareceu como um enorme gorila deformado — é, apenas, uma criação temporária de má paixão e de forma alguma uma entidade que evolui, de modo que dissipá-la é como destruir uma *garrafa* de Leyden e de maneira nenhuma um ato criminoso.

A maioria dos homens reconhece que atos prejudiciais a outrem são positiva e obviamente errados, mas poucos compreendem que também é errado sentir ciúmes, ódio, ambição etc., mesmo que tais sentimentos não sejam expressos em palavras ou ações. Um

exame das condições da vida após a morte (capítulos XIII-XV) revela que tais sentimentos prejudicam a pessoa que os alimenta e causam a tal pessoa um agudo sofrimento após a morte.

Assim, um estudo das formas-pensamentos faz sentir, ao estudante aplicado, as tremendas possibilidades de tais criações e a responsabilidade ligada ao correto uso delas. Pensamentos não são apenas coisas, mas coisas excessivamente poderosas. Cada pessoa está gerando-os incessantemente, noite e dia. Muitas vezes não é possível dar auxílio físico aos que precisam, mas não há caso algum no qual o auxílio não possa ser dado pelo pensamento, ou no qual o pensamento deixe de produzir um resultado definido. Ninguém deve hesitar em fazer uso desse poder, em toda a sua extensão, contanto que ele seja sempre empregado em propósitos altruístas e para impulsionar o divino plano da evolução.

CAPÍTULO VIII

A Vida Física

No capítulo II consideramos, em linhas gerais, a composição e estrutura do corpo astral. Agora, trataremos de estudá-lo em maior detalhe: como existe e é usado durante a consciência *desperta* comum do corpo físico.

Os fatores que determinam a natureza e qualidade do corpo astral durante a vida física podem ser agrupados, de modo geral, como se segue:

1. A vida física.
2. A vida emocional.
3. A vida mental.

1. *A Vida Física.* — Já vimos que cada partícula do corpo físico tem sua correspondente "contrapartida" astral. Consequentemente, assim como os sólidos, líquidos, gases e éteres que compõem o físico podem ser grosseiros ou refinados, toscos ou delicados, assim será a natureza dos envoltórios astrais correspondentes. Um corpo físico nutrido com alimento impuro produzirá um corpo astral igualmente impuro, ao passo que um corpo físico alimentado com substâncias limpas ajudará a purificar o veículo astral.

Sendo o corpo astral o veículo da emoção, da paixão, da sensação, segue-se que o corpo astral de tipo mais grosseiro será sensível, principalmente, às variedades mais grosseiras da paixão e da emoção, enquanto um corpo astral mais fino vibrará, mais prontamente, diante de emoções e aspirações refinadas.

E impossível fazer o corpo físico tosco e ao mesmo tempo organizar os corpos astral e mental para propósitos mais altos, nem é possível ter um corpo físico puro com corpos astral e mental impuros. Todos os corpos são, assim, interdependentes.

Não só o corpo físico, mas os corpos superiores também são afetados pelo alimento ingerido. A dieta carnívora é fatal para o que quer que seja real desenvolvimento oculto e os que a adotam estão erguendo sérias e desnecessárias dificuldades em seus próprios caminhos, porque a carne, como alimento, intensifica todos os elementos indesejáveis e todas as paixões dos planos mais baixos.

Nos antigos Mistérios havia homens da mais alta pureza, e eles eram, invariavelmente, vegetarianos. A Raja logo esforça-se, especialmente, para purificar o corpo físico através de um sistema elaborado de alimentação, bebida, sono etc., e insiste em alimentos que sejam *satvicos* ou "rítmicos". Todo um sistema relacionado com substâncias alimentícias é organizado a fim de auxiliar a preparação do corpo para seu uso pela consciência superior. Alimentos cárneos são *rajasicos*, isto é, apresentam a qualidade de atividade, são estimulantes e preparados para expressar desejos e atividades animais. Mostram-se decididamente impróprios para o tipo mais fino de organização nervosa. O iogue, portanto, não pode usá-los para os processos superiores de pensamento.

Alimentos a caminho de decomposição, tal como a caça, a carne do veado etc., bem

como o álcool, são *tamasicos* ou pesados, e também devem ser evitados.

Alimentos que tendem a crescer, tais como os grãos e as frutas, são *satvicos*, ou rítmicos, constituindo os mais altamente vitalizados e próprios para construir um corpo sensível e ao mesmo tempo forte.

Certas substâncias também afetam prejudicialmente os corpos físico e astral. Assim, o fumo impregna o corpo físico com partículas impuras, causando emanções tão materiais que chegam a ser perceptíveis, muitas vezes, pelo sentido do olfato. Astralmente, o fumo não só introduz impureza, mas também inclina-se a amortecer a sensibilidade do corpo: "acalma os nervos", tal como se diz. Embora isso possa, nas condições da vida moderna, ser às vezes menos nocivo do que deixar os nervos "sem se acalmar", é sem dúvida impróprio para um ocultista, que precisa manter a capacidade de responder instantaneamente a todas as possíveis vibrações, combinadas essas respostas, naturalmente, com perfeito controle.

Da mesma maneira, não há qualquer dúvida de que do ponto de vista tanto do corpo mental como do corpo astral, o uso do álcool é sempre um mal.

Corpos alimentados com carne e álcool são passíveis de arruinar sua saúde ao se abrirem para a consciência superior; e doenças nervosas são devidas, em parte, ao fato de que a consciência humana está tentando expressar-se através de corpos obstruídos por produtos de carne e envenenados pelo álcool. O corpo pituitário, em particular, é rapidamente envenenado, mesmo pela menor quantidade de álcool, e sua superior evolução é assim detida. É o envenenamento do corpo pituitário pelo álcool que leva à visão anormal e irracional associada com o *delirium-tremens*.

Ademais de causar o embrutecimento tanto do corpo físico como do astral, a carne, o fumo e o álcool também recebem uma séria objeção, quando se sabe que essas substâncias tendem a atrair entidades astrais indesejáveis, que se comprazem com o cheiro do sangue e do álcool: elas se agitam em torno da pessoa, forçando seus pensamentos sobre ela, em seu corpo astral, de forma que o indivíduo visado pode ter uma espécie de casca de entidades inconvenientes suspensas em sua aura. Principalmente por essa razão, a carne e o vinho são inteiramente proibidos na loga da Senda da Direita.

Essas entidades consistem em elementais, nascidos dos pensamentos e desejos do homem, e também em homens depravados, prisioneiros de seu corpo astral, conhecidos como elementares (Ver pp. 125/126). Os elementais são atraídos para pessoas cujos corpos astrais contêm matéria agradável à sua natureza, enquanto os elementais humanos procuram satisfazer os vícios em que eles próprios se compraziam quando estavam em seus corpos físicos.

Quase todas as drogas — tais como ópio, cocaína, a teína do chá, a cafeína do café etc. — produzem efeitos deletérios sobre os veículos superiores. Ocasionalmente eles são, naturalmente, quase uma necessidade, em certas doenças; mas um ocultista deve usá-las o mais raramente possível. Aquele que sabe como remover o mau efeito do ópio (que pode ter sido usado para aliviar grande dor) pode retirá-lo do corpo astral, como do corpo mental, assim que ele tenha agido sobre o corpo físico.

A sujeira de todas as qualidades também são mais inconvenientes ainda nos mundos superiores do que no físico e atrai uma classe inferior de espíritos-da-natureza. O ocultista,

portanto, precisa ser rigoroso em todos os assuntos referentes à limpeza. Atenção especial deve ser dada às mãos e aos pés, porque através dessas extremidades as emanções fluem para o exterior com rapidez.

Os ruídos físicos, tal como prevalecem nas cidades, sacodem os nervos e assim causam irritação e fadiga. O efeito é acentuado pela pressão de muitos corpos astrais vibrando em ritmos diferentes e todos excitados e perturbados por insignificâncias. Embora tal irritação seja superficial e possa abandonar à mente dentro de dez minutos, ainda assim algum efeito produz no corpo astral, com a duração de quarenta e oito horas. Por isso é difícil, quando se vive em grandes cidades modernas, evitar a irritação, especialmente naqueles cujos corpos são mais tensos e sensíveis do que os dos homens comuns.

Em geral, pode dizer-se que tudo quanto promove a saúde do corpo físico também reage favoravelmente sobre os veículos superiores.

Viajar é outro dos muitos fatores que afetam o corpo astral, levando o viajante a receber modificações de influências etéricas e astrais relacionadas com cada lugar ou distrito. Oceano, montanhas, florestas, cascatas, têm cada qual seu próprio tipo de vida, tanto astral e etérica quanto visível, e têm portanto sua própria série de influências. Muitas dessas entidades invisíveis estão difundindo vitalidade e, seja como for, seu efeito sobre os corpos astral, mental e físico, tende a ser salutar e desejável, afinal, embora a mudança possa, de certa forma, ser cansativa, na ocasião. Por isso, uma mudança ocasional da cidade para o campo é benéfica, tanto no terreno emocional como na saúde física.

O corpo astral também pode ser afetado por objetos tais como talismãs. Os métodos para fazê-los já foram descritos no livro *O Duplo Etérico*. Aqui trataremos apenas de seus efeitos gerais.

Quando um objeto é fortemente carregado de magnetismo para um propósito particular e esse trabalho é feito por pessoa competente, torna-se um talismã, e, quando feito apropriadamente, continua a irradiar seu magnetismo, com força inalterada, por muitos anos.

Um talismã pode ser usado para muitos propósitos. Assim, por exemplo, um talismã pode ser carregado com pensamentos de pureza, que se expressarão como ritmos definidos de vibração na matéria astral e mental. Esses ritmos vibratórios, sendo diretamente contrários a pensamentos impuros, tendem a neutralizar ou sobrepor-se a pensamentos impuros que possam surgir. Em muitos casos o pensamento impuro é casual, foi captado, não é, portanto, coisa que em si própria tenha grande poder. O talismã, por outro lado, foi intencional e fortemente carregado, de forma que quando as duas correntes de pensamento se encontram não há a mais leve dúvida de que os pensamentos ligados ao talismã serão os vencedores.

Ademais, o conflito inicial entre as séries opostas de pensamentos, atrairá a atenção do homem, dando-lhe tempo, assim, para recolher-se, de forma que sua vontade não seja afastada de seu posto de guarda, como acontece com tanta freqüência.

Outro exemplo seria o do talismã carregado com fé e coragem. Ele operaria de duas maneiras. Primeiro, as vibrações irradiadas do talismã iriam opor-se aos sentimentos de medo, assim que eles surgissem, evitando que se acumulassem e reforçando-se mutuamente, como fazem frequentemente, até se tornarem irresistíveis. Esse efeito tem

sido comparado com o de um giroscópio que, uma vez posto em movimento para certa direção, resiste fortemente ao pretenderem voltá-lo para uma outra direção.

Em segundo lugar, o talismã trabalha indiretamente sobre a mente de quem o usa: assim que ele sente o começo do medo, recordará provavelmente que usa o talismã e conjurará a reserva de força de sua própria vontade para resistir à sensação indesejável.

Uma terceira possibilidade de um talismã é a de estar ligado à pessoa que o fez. No caso de estar aquele que o usa em circunstâncias desesperadoras, pode evocar o autor, pedindo-lhe resposta. O autor pode ficar ou não consciente fisicamente daquele apelo, mas de qualquer maneira seu ego estará consciente e responderá, reforçando as vibrações do talismã.

Certos artigos são, em grande parte, amuletos ou talismãs naturais. Todas as pedras preciosas o são, cada qual tendo uma influência distinta que pode ser utilizada de duas formas: (1) a influência atrai para si essência elemental de certa qualidade, e pensamentos e desejos que se expressam naturalmente através dessa essência; (2) essas peculiaridades naturais fazem delas um veículo apropriado para o magnetismo que deve atuar na mesma linha dos pensamentos e emoções. Assim, por exemplo, para um amuleto de pureza, uma pedra deve ser escolhida quando tem ondulações naturais que não entram em harmonia com a chave na qual os pensamentos impuros são expressos.

Embora as partículas da pedra sejam físicas, ainda assim, estando em diapason idêntico, nesse nível, com o tom de pureza de níveis mais elevados, elas irão, mesmo sem a pedra estar magnetizada, deter o pensamento impuro ou o sentimento impuro, pela virtude da harmonia dos tons. Além disso, a pedra pode ser facilmente carregada, em nível astral e mental, com ondulações de pensamentos e sentimentos puros, que se ajustam à mesma tônica.

Outros exemplos são: (1) os grãos de rudraksha, frequentemente usados na Índia para colares, e que são especialmente apropriados para a magnetização quando é necessário auxiliar o pensamento religioso e a meditação constante, ocasião em que todas as influências perturbadoras devem ser afastadas; (2) os bagos da planta tulsi, cuja influência é um tanto diferente.

Objetos que desprendem forte odor são talismãs naturais. Assim, as gomas escolhidas para o incenso fornecem radiações favoráveis ao pensamento espiritual e religioso e não se harmonizam com forma alguma de perturbação ou preocupação. As feiticeiras medievais mesclavam às vezes os ingredientes do incenso de forma a produzir o efeito contrário e isso ainda é feito nas cerimônias luciferinas hoje. Em geral, é conveniente evitar odores grosseiros e pesados, tais como o do almíscar ou do *satchet*, pois muitos deles têm afinidade com a sensualidade.

Um objeto que não foi intencionalmente carregado pode em certas ocasiões ter a força de um talismã. Por exemplo: o presente de um amigo, usado na pessoa, como um anel ou uma corrente, ou mesmo uma carta.

Um objeto, tal como um relógio, torna-se carregado com magnetismo e pode, se oferecido a alguém, produzir reais efeitos naquele que o recebeu. Moedas e dinheiro em papel estão usualmente carregados de magnetismo misto, sentimento e pensamento, e podem assim irradiar um efeito irritante e perturbador.

Os pensamentos e sentimentos de um homem afetam, assim, não só ele próprio e outras pessoas, mas impregnam os objetos inanimados que o rodeiam, mesmo as paredes e os móveis. E assim, inconscientemente, magnetizam esses objetos físicos de forma que eles têm o poder de sugerir pensamentos e sentimentos similares a outras pessoas que fiquem no âmbito de sua influência.

2. *A Vida Emocional.* — Mal chega a ser necessário insistir em que a qualidade do corpo astral é amplamente determinada pela qualidade de sentimentos e emoções que constantemente o atravessam.

O homem está usando seu corpo astral, seja ou não ele consciente disso, sempre que expressa uma emoção, tal como está usando seu corpo mental a cada vez que pensa, ou seu corpo físico quando quer que realize trabalho físico. Isso naturalmente é coisa muito diferente da utilização de seu corpo astral como veículo *independente*, através do qual sua consciência pode ser integralmente expressa, assunto que devemos considerar mais tarde, no momento propício.

O corpo astral, como vimos, é o campo de manifestação do desejo, o espelho no qual cada sentimento é instantaneamente refletido e no qual mesmo cada pensamento que traga algo referente ao eu pessoal deve expressar-se. Da matéria do corpo astral é dada forma corpórea aos escuros "elementais" que o homem cria e põe em movimento, usando seus maus desejos e seus sentimentos maliciosos: dela também obtêm corpo os elementais benéficos, chamados à vida pelos bons desejos, pela gratidão e pelo amor.

O corpo astral cresce com o uso, tal como acontece com qualquer outro corpo, e tem também seus próprios hábitos, construídos e fixados pela repetição constante dos mesmos atos. O corpo astral, durante a vida física recebendo e respondendo aos estímulos tanto do corpo físico como do mental inferior, tende a repetir automaticamente as vibrações com as quais se habituou; tal como a mão pode repetir um gesto familiar, o corpo astral repete um sentimento ou um pensamento que lhe seja familiar.

Todas as atividades que podemos considerar más, sejam pensamentos egoístas (mental) ou emoções egoístas (astral), revelam-se invariavelmente como vibrações de matéria grosseira daqueles planos, enquanto os pensamentos bons e destituídos de egoísmo põem em vibração tipos superiores de matéria. Como a matéria mais fina é mais facilmente movimentada do que a grosseira, segue-se que determinada quantidade de força gasta em bons pensamentos e sentimentos produz talvez uma centena de vezes mais resultado em comparação com a mesma quantidade de força posta na matéria grosseira. Se não fosse assim, é óbvio que o homem comum jamais faria qualquer progresso.

O efeito de 10% de força dirigida para bons fins ultrapassa enormemente o de 90% devotados a propósitos egoístas, e assim, no todo, tal homem tem um avanço apreciável de vida em vida. O homem que tenha apenas 1% de bem faz um ligeiro progresso. O homem cujas contas mostram um balanço exato, de forma que nem avança nem regride, deve viver uma existência nitidamente má: porque, para descer no mal, uma pessoa deve ser habitual e consistentemente vil.

Assim, mesmo a pessoa que não está fazendo, conscientemente, coisa alguma para a sua evolução, que deixa que tudo vá como vai, apesar disso evolui paulatinamente, devido à força irresistível do Logos, que constantemente o pressiona para a frente. Move-se,

contudo, tão lentamente, que precisará de milhões de anos de encarnação, com dificuldades, e inutilidade, para ganhar até mesmo um passo.

O método, através do qual o progresso é feito com certeza, é simples e engenhoso. Conforme vimos, as más qualidades são vibrações de matéria grosseira dos planos respectivos, enquanto as boas qualidades são expressas através dos graus superiores de matéria. Disso seguem-se dois resultados notáveis.

Devemos ter em mente que cada subplano do corpo astral tem um relacionamento com o subplano correspondente do corpo mental. Assim, os quatro subplanos astrais inferiores correspondem às quatro qualidades de matéria do corpo mental, enquanto os três subplanos superiores astrais correspondem às três qualidades de matéria no corpo causal.

Daí as vibrações astrais inferiores não poderem encontrar matéria no corpo causal capaz de dar-lhes resposta, o que leva esse corpo causal a incorporar apenas as qualidades superiores. Resulta, portanto, que qualquer bem que o homem desenvolva em si próprio fica permanentemente registrado por modificação em seu corpo causal, enquanto que o mal que ele faz, sente ou pensa, não tem possibilidade de tocar o ego real, mas só pode causar perturbação ao corpo mental, que é renovado a cada nova encarnação. O resultado do mal é conservado nos átomos permanentes, astrais e mentais: o homem, portanto, tem ainda de enfrentá-lo muitas e muitas vezes, até que o vença e consiga desenraizar de seus veículos toda a tendência a dar-lhes resposta. Isso é, evidentemente, coisa muito diferente do ato de levar aquele resultado para o ego, fazendo dele uma parte de si próprio.

A matéria astral responde mais rapidamente do que a física a todos os impulsos do mundo da mente e, conseqüentemente, o corpo astral de um homem, sendo feito de matéria astral, compartilha dessa facilidade de responder ao impacto do pensamento e vibra em resposta a todo o pensamento que o toca, venham os pensamentos do exterior, isto é, da mente de outros homens, ou do interior, da mente de seu dono.

Um corpo astral, portanto, que é levado pelo seu dono a responder habitualmente a pensamentos maus, funciona como um magneto ante formas-pensamentos e formas-emoções similares de sua vizinhança, enquanto que um corpo astral puro funciona, a respeito desses pensamentos, com repulsa enérgica e atrai para si formas-pensamentos e formas-emoções de matéria e vibrações condizentes com as suas. É preciso ter em mente que o mundo astral é cheio de pensamentos e emoções de outros homens e que tais pensamentos e emoções exercem pressão incessante, bombardeando constantemente cada corpo astral e pondo-o em vibração semelhante à sua.

Ademais, há os espíritos-da-natureza de ordem inferior que se divertem com as grosseiras vibrações da cólera e do ódio e atiram-se em qualquer corrente dessa natureza, intensificando assim as ondulações e levando-lhes vida renovada. As pessoas que se entregam a sentimentos grosseiros podem depender de estar constantemente rodeadas de tais corvos do mundo astral que se empurram mutuamente na ansiedade de participar de uma explosão de paixão que esteja próxima.

Grande parte do mau humor que muita gente sente, em maior ou menor grau, deve-se a influências astrais estranhas. Embora a depressão possa ser devida a causas puramente físicas, tal como uma indigestão, resfriado, fadigas etc., mais frequentemente é causada por

uma entidade astral que está deprimida e vaga por ali em busca de solidariedade ou na esperança de sugar da pessoa a vitalidade de que carece.

Além disso, um homem que por exemplo está fora de si de raiva, perde temporariamente o domínio de seu corpo astral, tornando-se supremo o desejo elemental. Sob tais circunstâncias, o homem pode ser tomado e obcecado por algum perverso elemental artificial.

O estudante deveria, especialmente, repelir com rigor a depressão, que é a grande barreira para o progresso, e pelo menos deveria tentar que ninguém mais soubesse que está sentindo tal coisa, porque a depressão indica que está pensando mais em si próprio do que no Mestre e torna mais difícil para o Mestre influenciá-lo. A depressão causa muito sofrimento para as pessoas sensíveis e é responsável por muito do terror que as crianças demonstram à noite. A vida interior de um aspirante não pode ser de contínua oscilação emocional.

Acima de tudo, o estudante deve aprender a não se preocupar. O contentamento não é incompatível com a aspiração. O otimismo é justificável pela certeza do triunfo definitivo do bem, embora, na verdade, se levarmos em conta apenas o plano físico, não seja fácil manter essa posição.

Sob a tensão de emoções muito poderosas, se um homem se deixa ir longe demais, pode morrer, tornar-se insano ou obcecado. Tal obsessão não será necessariamente o que chamamos mal, embora a verdade é que toda obsessão prejudica.

Uma ilustração desse fenômeno pode ser tirada da "conversão", numa renovação religiosa. Em tais ocasiões alguns homens são levados a uma tão tremenda excitação emocional que ficam oscilando para além do nível de segurança: podem, assim, ser obcecos por um pregador já morto da mesma religião, e então duas almas funcionam temporariamente num mesmo corpo. A formidável energia desses excessos histéricos é contagiosa e pode difundir-se rapidamente através de uma multidão.

Uma perturbação astral tem a natureza de um remoinho gigantesco. A ele acodem entidades astrais cujo único desejo é ter sensações: são todos os tipos de espíritos-da-natureza que se deleitam e mergulham nas vibrações de selvagem excitação, sejam de que tipo forem, religiosas ou sexuais, tal como as crianças brincam na quebrada das ondas. Ali se abastecem e reforçam a energia tão temerariamente gasta. Sendo a ideia dominante aquela egoística de salvar a própria alma, a matéria astral é de um tipo grosseiro e os espíritos-da-natureza também são de tipo primitivo.

O efeito emocional de uma renovação religiosa é, assim, muito poderoso. Em alguns casos, um homem pode ser genuína e permanentemente beneficiado pela sua "conversão", mas o estudante sério de ocultismo deve evitar tais excessos de excitação emocional, que podem ser perigosos para muitas pessoas. "A excitação é alheia à vida espiritual."

Há naturalmente muitos casos de insanidade que podem ser devidos a defeitos em um dos veículos — físico, astral, mental. Em certos casos, é o resultante de falta de ajustamento exato entre as partículas astrais tanto do corpo etérico como do corpo mental. Em tal caso a sanidade só é recuperada quando o enfermo chega ao mundo celeste, isto é, quando deixar seu corpo astral e passar para seu corpo mental. É raro esse tipo de insanidade.

O efeito de vibrações de um corpo astral sobre outro corpo astral há muito foi verificado no Oriente e é uma das razões de se considerar imensa vantagem para o estudante a vida na proximidade de alguém mais altamente evoluído do que ele próprio. Um instrutor hindu não só pode prescrever para seu aluno formas especiais de exercício ou de estudo, a fim de purificá-lo, fortalecê-lo e desenvolver seu corpo astral, como pode também, mantendo o aluno em sua proximidade física, harmonizar e sintonizar os veículos do aluno com os seus. Um instrutor assim já serenou seus próprios veículos e habituou-os a vibrar em ritmos poucos e selecionados e não em centenas de frenesis promíscuos. Esses poucos ritmos de vibração são muito fortes e firmes, e dia e noite, esteja ele dormindo ou desperto, atuam incessantemente sobre os veículos do aluno e elevam-nos gradualmente ao nível da tônica de seu instrutor.

Por idênticas razões, um hindu que deseje viver uma existência mais alta retira-se para a selva, tal como um homem de outras raças retrai-se do mundo e vive como um ermitão. Ele tem assim, pelo menos, espaço para respirar, e descansa do infundável conflito causado pelo perpétuo colidir, em seus próprios veículos, - com os sentimentos e pensamentos de outras pessoas, podendo assim encontrar tempo para meditar com coerência. A calma influência da Natureza também o auxilia nisso, de certa forma.

Algo semelhante são os efeitos produzidos sobre animais que estão intimamente associados com seres humanos. O devotamento de um animal pelo dono que ele ama, e seu esforço mental para compreender-lhe os desejos e agradá-lo, desenvolve enormemente o intelecto do animal e seu poder de devotamento e afeição. Além disso, porém, a atuação constante dos veículos do dono sobre os do animal auxilia grandemente o processo e assim prepara o caminho para que o animal se individualize e se torne uma entidade humana.

É possível, por um esforço da vontade, formar uma concha de matéria astral na periferia da aura astral. Isto pode ser feito com três propósitos: (1) afastar vibrações emocionais, tais como a cólera, a inveja ou o ódio, intencionalmente dirigidas por outra pessoa; (2) afastar vibrações casuais de tipo inferior que podem estar flutuando no mundo astral e se introduzem na aura da pessoa; (3) proteger o corpo astral durante a meditação. Essas conchas não costumam durar muito tempo, mas precisam ser frequentemente renovadas se forem necessárias mais longamente.

Tal concha, naturalmente, mantém as vibrações tanto "dentro" como "fora". O estudante deveria, portanto, formar a concha apenas do mais grosseiro material astral, se não deseja manter as vibrações afastadas ou evitar que se projetem para fora, para os tipos superiores da matéria astral.

Em termos gerais, pode-se dizer que o uso da concha para a própria pessoa é, de certo modo, uma confissão de fraqueza, porque, se a pessoa é tudo aquilo que deveria ser, nenhuma proteção artificial desse tipo lhe seria necessária. Por outro lado, as conchas podem ser muitas vezes usadas com vantagem para ajudar outras pessoas que precisem de proteção.

Devemos recordar que o corpo astral de um homem consiste não apenas em matéria astral comum, mas também de uma certa quantidade de essência elemental. Durante a vida do homem essa essência elemental é segregada do oceano de matéria similar que o

cerca, e torna-se praticamente durante aquele tempo o que se poderia descrever como uma espécie de elemental artificial, isto é, uma espécie de entidade semi-inteligente, separada, conhecida como Elemental-do-Desejo. Esse Elemental-do-Desejo segue o curso de sua própria evolução descendo para a matéria sem nenhuma referência (ou, realmente, sem nenhum conhecimento) da conveniência ou intenção do Ego ao qual lhe acontece estar ligado. Seus interesses são, assim, diametralmente opostos aos do homem, já que trata da busca de vibrações mais fortes e mais grosseiras. Daí a perpétua luta descrita por São Paulo como "a lei dos membros guerreando contra a lei da mente". Além disso, descobrindo aquela associação com que a matéria do corpo mental do homem lhe fornece vibrações mais vívidas, o elemental se empenha em agitar a matéria mental para que se sintonize com ele, induzindo o homem a acreditar que é *ele* quem deseja as sensações que o elemental deseja.

Consequentemente, torna-se uma espécie de tentador. Contudo, o Elemental-do-Desejo não é uma entidade malévola: não é, de fato, uma entidade em evolução, absolutamente, não tem o poder da reencarnação. É apenas a essência da qual se compõe que está evoluindo. Esse ser indefinido não tem más intenções a respeito do homem, do qual temporariamente é parte. Assim, de forma alguma se constitui um inimigo que deve ser encarado com horror, mas é uma parte da vida divina, como o é o próprio homem, embora em estágio diferente de desenvolvimento.

É um erro supor que, recusando-se a satisfazer o Elemental-do-Desejo com vibrações grosseiras, o homem estará detendo a evolução dele, pois esse não é o caso. Controlando as paixões e desenvolvendo as qualidades superiores, um homem abandona o inferior e ajuda a desenvolver os mais altos tipos de essência: as qualidades inferiores de vibrações podem ser fornecidas por um animal, em alguma ocasião posterior, ainda melhor do que por um homem, enquanto que apenas um homem pode evoluir o tipo superior de essência.

Através de toda a existência o homem deveria positivamente lutar contra o Elemental-do-Desejo e sua tendência para buscar as vibrações inferiores mais grosseiras, reconhecendo bem claramente que a consciência dele, suas simpatias e antipatias, não são as suas próprias. Ele próprio o criou e não deve tornar-se escravo dele, mas aprender a controlá-lo e a compreender-se como separado dele.

Esse assunto será tratado extensamente no capítulo XII.

3. A Vida Mental. — Nosso terceiro e último fator a afetar o corpo astral durante a consciência desperta comum é a vida mental. As atividades mentais têm o efeito de mais amplo alcance sobre o corpo astral, por duas razões: (1) Porque o mental inferior, Manas, está de tal modo intimamente vinculado à matéria astral, Kama, que é quase impossível para a maioria das pessoas utilizar uma sem a outra, isto é, poucas pessoas podem pensar sem ao mesmo tempo sentir, ou sentir sem ao mesmo tempo e até certo ponto pensar. (2) Porque a organização e o controle do corpo estão afetos à mente. Isto é um exemplo do princípio geral de que cada corpo é construído pela consciência trabalhando no plano que está logo acima dela. Sem o poder criativo do pensamento, o corpo astral não pode ser organizado.

Cada impulso enviado pela mente ao corpo físico tem de passar pelo corpo astral e produz efeito também nele. Ainda mais, a matéria astral é muitíssimo mais responsiva a

vibrações de pensamento do que a matéria física, e o efeito das vibrações mentais sobre ela é proporcionalmente maior do que sobre o corpo físico. Consequentemente, uma mente controlada, treinada e desenvolvida tende também a trazer o corpo astral sob controle e a desenvolvê-lo. Quando, contudo, a mente não está controlando ativamente o corpo astral, este último, sendo peculiarmente suscetível à influência das correntes de pensamento que passam, está perpetuamente recebendo esses estímulos externos e animadamente respondendo a eles.

Até aqui tratamos dos efeitos gerais produzidos sobre o corpo astral durante a existência comum, pela natureza da vida física, emocional e mental. Vamos nos ocupar, agora, mas apenas em linhas gerais, do uso das faculdades especiais do próprio corpo astral durante a consciência desperta.

A natureza dessas faculdades, e sua conexão com os vários Chakras do corpo astral, já descrevemos no capítulo V. Por meio dos poderes da própria matéria astral, desenvolvida através dos Chakras, um homem está capacitado não só a receber vibrações da matéria etérica, transmitida através do corpo astral para a sua mente, mas também a receber impressões diretas vindas da matéria do mundo astral circundante, sendo essas impressões naturalmente da mesma forma transmitidas através do corpo mental ao real homem interno.

Para receber impressões, porém, dessa maneira direta, e vindas do mundo astral, o homem deve aprender a focalizar sua consciência em seu corpo astral, em lugar de, como é habitualmente o caso, focalizá-la no cérebro físico.

Nos homens de tipo inferior, Kama ou desejo ainda é enfaticamente o aspecto mais saliente, embora o desenvolvimento mental também de alguma forma se tenha processado até certo ponto. A consciência desses homens está centralizada na parte inferior do corpo astral, sua vida é governada pelas sensações relacionadas com o plano físico. Essa é a razão pela qual o corpo astral forma a parte mais destacada da aura de um homem não-desenvolvido.

O homem médio comum também ainda está vivendo quase que inteiramente em suas sensações, embora o astral superior esteja começando a atuar: para ele, a questão principal que orienta sua conduta ainda não é o que seria correto e razoável fazer, mas simplesmente o que ele próprio deseja fazer. Os mais cultos e desenvolvidos estão começando a governar o desejo pela razão: quer dizer, o centro da consciência está gradualmente se transferindo do astral superior para o mental inferior. Lentamente, conforme o homem progrida, ela se move ainda mais para diante e o homem começa a ser antes dominado pelos princípios do que pelo interesse e pelo desejo.

O estudante recordará que a humanidade ainda está na Quarta Ronda, que deveria ser devotada naturalmente ao desenvolvimento do desejo e da emoção; contudo estamos empenhados em desenvolver o intelecto, que deverá ser a principal característica da Quinta Ronda. Devemos isso ao imenso estímulo dado à nossa evolução pela descida dos Senhores da Chama, vindos de Vênus, e ao trabalho de Adeptos, que preservaram para nós essa influência e constantemente se sacrificam para que possamos obter melhor progresso.

A despeito do fato de que, na vasta maioria dos casos, a consciência está localizada no corpo astral, a maior parte dos homens está bastante inconsciente desse fato, nada

sabendo absolutamente sobre o corpo astral ou seus usos. Têm atrás deles as tradições e costumes de uma longa série de vidas nas quais as faculdades astrais não foram usadas; ainda assim, durante todo esse tempo aquelas faculdades foram gradual e lentamente crescendo dentro de uma casca, mais ou menos como um pinto cresce dentro de um ovo. Daí um grande número de pessoas terem faculdades astrais de que são inteiramente inconscientes, na verdade muito aproximadas da superfície, por assim dizer, e é provável que em futuro próximo, conforme esses assuntos se tornem mais amplamente conhecidos e compreendidos, em grande número de casos essas faculdades surgirão à tona e os poderes astrais se tornarão então muito mais comuns do que são hoje.

A casca de que falamos acima é composta de grande massa de pensamentos autocentralizados, na qual o homem comum está quase que desesperadamente submerso. Isso se aplica, também, e talvez com maior ênfase, à vida do sono, de que trataremos no próximo capítulo.

Falamos, acima, em focalizar a consciência no corpo astral. A consciência do homem pode ser focalizada apenas em um veículo de cada vez, embora ele possa ter simultaneamente consciência de outros, de uma forma vaga. Analogia simples pode ser tirada da visão física comum. Se um dedo for levantado diante do rosto, os olhos ficam focalizados de forma a ver perfeitamente aquele dedo; ao mesmo tempo o fundo distante também pode ser visto, embora imperfeitamente, pois estará fora de foco. Num momento o foco pode modificar-se, de forma que o fundo é visto perfeitamente, mas o dedo, agora fora de foco, é distinguido apenas enevoada e vagamente.

Precisamente da mesma maneira, se um homem que desenvolveu a consciência astral e mental focalizar-se no cérebro físico, como acontece na vida comum, verá perfeitamente o corpo físico das pessoas e ao mesmo tempo verá seu corpo astral e mental, mas somente de forma enevoada. Em muito menos de um instante ele pode mudar o foco de sua consciência de forma a ver o astral inteira e perfeitamente, mas neste caso verá também os corpos mental e físico, mas não em completo pormenor. A mesma coisa acontece com a visão mental e com a visão dos planos superiores.

Assim, no caso de um homem grandemente desenvolvido, cuja consciência já evoluiu para além do corpo causal (mental superior), de forma que ele pode funcionar livremente no plano búdico e tem igualmente certa consciência quanto ao plano átmico, o centro da consciência fica entre o mental superior e o plano búdico. O mental superior e o astral superior são nele muito mais desenvolvidos do que as seções inferiores e, embora retenha ainda seu corpo físico, retém-no meramente pela conveniência de nele trabalhar e não porque seus pensamentos e desejos estejam fixados nele. Tal homem transcendeu todo Kama que poderia ligá-lo à encarnação e, portanto, seu corpo físico é conservado a fim de que possa servir de instrumento às forças dos planos superiores, e estas possam descer até o plano físico.

CAPÍTULO IX

A Vida no Sono

A verdadeira causa do sono pareceria ser devido ao fato de os corpos chegarem a se cansar mutuamente. No caso do corpo físico, não só os esforços musculares mas também os sentimentos e pensamentos produzem certas e ligeiras modificações químicas. Um corpo saudável está sempre tentando contrabalançar essas modificações, mas nunca chega a consegui-lo enquanto o corpo está desperto. Consequentemente, a cada pensamento, sentimento ou ação, verifica-se uma ligeira perda, quase imperceptível, da qual o efeito acumulado deixa o corpo físico demasiadamente exausto para ser capaz de continuar a pensar ou a trabalhar. Em alguns casos, mesmo alguns momentos de sono serão suficientes para a recuperação, sendo isto feito pelo elemental físico.

No caso do corpo astral, bem depressa começa ele a se sentir fatigado com o pesado trabalho de mover as partículas do cérebro físico e precisa de um período considerável de separação quanto a ele, a fim de reunir forças para reassumir sua cansativa tarefa.

Em seu próprio plano, todavia, o corpo astral é praticamente incapaz de fadiga, pois há casos em que ele trabalhou incessantemente durante vinte e cinco anos sem mostrar sintomas de exaustão.

Embora a emoção excessiva e continuada canse o homem muito rapidamente na vida comum, não é o corpo astral que se torna cansado mas o organismo físico através do qual a emoção é expressa ou sentida.

O mesmo acontece com o corpo mental. Quando falamos de fadiga mental, usamos realmente uma expressão errada, porque é o cérebro e não a mente o que se cansa. Não existe fadiga da *mente*.

Quando o homem, no sono (ou na morte), deixa seu corpo, a pressão da matéria astral circundante — que realmente é a força de gravidade do plano astral — imediatamente força outra matéria astral a ocupar o espaço astralmente vazio. Essa contraparte astral, no que se refere à distribuição, é uma cópia exata do corpo físico, mas ainda assim não tem conexão real com ele e nunca poderia ser usada como veículo. Trata-se de uma combinação fortuita de partículas apenas, partículas retiradas de matéria astral de uma qualidade apropriada que aconteça estar à mão. Quando o verdadeiro corpo astral retorna, expulsa essa outra matéria astral que não faz a mais ligeira oposição a isso.

Essa é claramente uma das razões pela qual um extremo cuidado deveria ser tomado no que se refere ao lugar onde o homem adormece, porque, se essa localização for má, matéria astral de tipo pouco recomendável pode penetrar no corpo físico enquanto o corpo astral do homem está ausente, e deixar atrás de si influências que só podem influir desagradavelmente sobre o homem verdadeiro, quando de seu retorno.

Quando um homem "vai dormir", seus princípios superiores em seu corpo astral retiram-se do corpo físico, e o corpo denso bem como o corpo etérico permanecem no leito, com o corpo astral flutuando sobre eles. No sono, então, o homem está usando simplesmente seu corpo astral, em lugar do físico: só o corpo físico está dormindo, não

necessariamente o próprio homem.

Habitualmente o corpo astral, assim afastado do físico, retém a forma daquele corpo, de modo que a pessoa é facilmente reconhecida por quem quer que a conheça fisicamente. Isso é devido ao fato de que a atração entre as partículas astrais e físicas, continuada através da vida física, instala um hábito ou impulso na matéria astral, que continua mesmo quando ela é temporariamente afastada do corpo físico adormecido.

Por essa *razão*, o corpo astral de um homem que está dormindo consistirá numa porção central, correspondente ao corpo físico, relativamente muito densa e de uma aura circundante relativamente muito mais rarefeita.

Um homem muito pouco desenvolvido pode estar quase tão adormecido quanto seu corpo físico o está, porque só é capaz de uma consciência muito pequena em seu corpo astral. Não pode também afastar-se da vizinhança imediata de seu corpo físico adormecido e, se for feita uma tentativa de afastá-lo em seu corpo astral, provavelmente acordaria aterrorizado em seu corpo físico.

O corpo astral de um homem assim é massa informe, espiral nebulosa, flutuante, toscamente ovoide, mas muito irregular e indefinida em seu contorno: as feições e o desenho da forma interior (a contraparte astral densa do corpo físico) também se mostram vagas, toldadas e indistintas, mas sempre reconhecíveis.

Um homem desse tipo primitivo tem usado seu corpo astral durante sua consciência desperta, enviando correntes da mente através do astral ao cérebro físico. Mas quando o cérebro está inativo, durante o sono físico, o corpo astral, não sendo desenvolvido, é incapaz de receber impressões por sua própria iniciativa. Assim, aquele homem está virtualmente inconsciente, incapaz de se expressar claramente através de seu corpo astral de medíocre organização. Os centros de sensação nesse corpo podem ser afetados pela passagem de formas-pensamentos, e o homem talvez responda a estímulos nascidos da natureza inferior. No observador, entretanto, o efeito produzido é de sonolência e incerteza, o corpo astral carecendo inteiramente de atividade definida e flutuando ocioso, incipientemente, sobre a forma física adormecida.

Numa pessoa muito pouco desenvolvida, portanto, os princípios superiores, isto é, o próprio homem, estão quase tão adormecidos quanto o corpo físico.

Em alguns casos o corpo astral é menos letárgico e flutua sonolento pelas várias correntes astrais, reconhecendo ocasionalmente outras pessoas nas mesmas condições e tendo experiências de todo o tipo, agradáveis e desagradáveis, cuja recordação confusa e muitas vezes transformada em grotescas caricaturas do que realmente aconteceu (ver capítulo X, sobre *Sonhos*) levará o homem a pensar, na manhã seguinte, que teve um sonho notável.

No caso de um homem mais desenvolvido, há uma grande diferença. A forma interior é muito mais clara e definida — reprodução mais aproximada da aparência física do homem. Em lugar da nebulosidade flutuante há uma forma ovoide nitidamente definida, mantendo seu formato intocado entre todas as várias correntes que estão sempre girando em torno dela no plano astral.

Um homem desse tipo não está de maneira alguma inconsciente em seu corpo astral, porém está pensando muito ativamente. Todavia, pode ocorrer que do ambiente

circundante obtenha um conhecimento pouco maior do que o do homem não desenvolvido. Isto se dá não porque seja incapaz de ver, mas porque está tão envolvido em seu próprio pensamento que não pode ver, embora pudesse fazê-lo se o quisesse. Fosse quais fossem os pensamentos em que se ocupou durante o dia anterior, ele habitualmente continua a mantê-los quando adormece e fica rodeado por uma parede tão densa, de sua própria fabricação, que virtualmente nada observa do que se está passando para além dela. Ocasionalmente, um violento impacto vindo de fora, ou mesmo um forte desejo dele próprio, vindo do interior, podem romper a cortina nebulosa e permitir que ele receba alguma impressão definida.

Mas mesmo então o nevoeiro se fechará quase que imediatamente e ele sonhará sem nada observar, como fazia antes.

No caso de um homem ainda mais desenvolvido, quando o corpo físico adormece, o corpo astral desliza para fora dele e o homem fica então em completa consciência. O corpo astral mostra-se claramente delineado e definidamente organizado, parecendo-se ao homem, e esse homem pode usá-lo como um veículo, um veículo muito mais conveniente do que o corpo físico.

Neste caso a receptividade do corpo astral é maior, e ele pode responder instantaneamente a todas as vibrações de seu plano, tanto as sutis como as grosseiras, mas no corpo astral de uma pessoa muito altamente desenvolvida não haverá naturalmente qualquer matéria ainda capaz de responder às vibrações grosseiras.

Tal homem está inteiramente desperto, trabalha muito mais ativamente, com maior exatidão e com maior poder de compreensão do que quando está confinado ao veículo físico mais denso. Além disso, pode mover-se livremente e com imensa rapidez para qualquer distância, sem causar a menor perturbação ao corpo físico adormecido.

Pode encontrar amigos e com eles trocar ideias, sejam esses amigos encarnados ou desencarnados, os quais acontece estarem igualmente acordados no plano astral. Pode encontrar pessoas mais evoluídas do que ele próprio e receber delas avisos ou instruções; ou pode beneficiar os que sabem menos do que ele. Pode entrar em contato com entidades não-humanas de vários tipos (ver capítulos XX e XXI, sobre *Entidades Astrais*). Estará sujeito a toda espécie de influências astrais, boas ou más, fortalecedoras ou terríficas.

Pode ainda travar amizade com pessoas de outras partes do mundo; pode fazer ou ouvir conferências. Se é um estudante, pode conhecer outros estudantes e, com as faculdades adicionais fornecidas pelo mundo astral, torna-se capaz de resolver problemas que apresentavam dificuldades no mundo físico.

Um médico, por exemplo, durante o sono do corpo, pode visitar casos nos quais está particularmente interessado. Adquire, assim, novas informações que podem chegar à sua consciência desperta sob a forma de intuições.

Num homem altamente desenvolvido, o corpo astral, sendo inteiramente organizado e vitalizado, torna-se veículo da consciência no plano astral, tanto quanto o corpo físico o é no plano físico.

Sendo o plano astral o verdadeiro mundo da paixão e da emoção, os que se rendem a uma emoção podem senti-la com um vigor e uma agudeza misericordiosamente desconhecidas sobre a terra. Enquanto se está no corpo físico, a maior parte da eficiência

de uma emoção se exaure na transmissão ao plano físico, mas no mundo astral o todo da força se encontra disponível em seu próprio mundo. Daí ser possível sentir-se mais intensamente afeição ou devoção no plano astral do que no mundo físico; da mesma maneira, a intensidade do sofrimento no mundo astral nem mesmo pode ser imaginada na vida física comum.

Uma vantagem desse estado de coisas está no fato de que toda a dor e sofrimento são voluntários e sob controle no mundo astral, pois a vida ali é muito mais fácil para o homem que compreende. Controlar a dor física através da mente é possível, mas excessivamente difícil; no mundo astral, entretanto, qualquer pessoa pode, num momento, expulsar o sofrimento causado por uma forte emoção. O homem tem apenas de pôr em ação sua vontade, e a paixão imediatamente desaparece. Essa afirmativa pode parecer surpreendente, contudo é verdadeira, sendo tal o poder da vontade e da mente sobre a matéria.

Ter obtido integral consciência no corpo astral é ter feito já um grande progresso: quando um homem também lançou uma ponte sobre o vácuo entre a consciência física e a consciência astral, o dia e a noite já não existem para ele, pois leva uma existência que não tem solução de continuidade. Para um homem assim, mesmo a morte, tal como é comumente concebida, cessou de existir, já que ele leva consigo aquela consciência integral não só através do dia e da noite, mas também através dos portais da própria morte, e até o fim de sua vida no plano astral, tal como veremos mais tarde, quando tratarmos da vida após a morte.

Viajar no corpo astral não é instantâneo, mas é tão veloz essa viagem que o espaço e o tempo podem ser tidos como virtualmente conquistados, porque, embora o homem esteja passando através do espaço, cruza-o com tal rapidez que as divisões do mundo são como se não existissem, já que em dois ou três minutos um homem pode mover-se em torno do mundo.

Qualquer pessoa adiantada e culta já tem a consciência integralmente desperta no corpo astral e é perfeitamente capaz de empregá-lo como veículo, embora em muitos casos não faça isso, de vez que não realizou o esforço decisivo inicialmente necessário, até que o hábito se estabeleça.

A dificuldade com a pessoa comum não está no fato de o corpo astral não poder agir, mas no fato de que durante milhares de anos aquele corpo esteve habituado a movimentar-se apenas pelas impressões recebidas através do veículo físico. Assim, aquelas pessoas não compreendem que o corpo astral pode trabalhar em seu próprio plano, por sua própria iniciativa, e que a vontade pode agir sobre ele diretamente.

As pessoas permanecem "adormecidas" astralmente porque adquiriram o hábito de esperar pelas vibrações físicas familiares convocando-as às atividades astrais. Daí falar-se em estar acordado no plano astral, mas de forma alguma *para* o plano astral. Consequentemente, elas são apenas vagamente conscientes do que as cerca, quando chegam a sê-lo.

Quando um homem se torna discípulo de um dos Mestres, é habitualmente sacudido para fora daquela condição sonolenta no plano astral, acordando inteiramente para as realidades que o cercam e para o trabalho entre essas realidades, de forma que as horas de

sono já não ficam em branco, mas são preenchidas com ocupações ativas e úteis, sem que isso interfira de forma alguma no saudável repouso do corpo físico cansado.

No capítulo XXVIII, que trata de *Auxiliares Invisíveis*, cuidaremos mais detalhadamente do trabalho cuidadosamente planejado e organizado no corpo astral: aqui podemos dizer que, mesmo antes que esse estágio seja alcançado, grande quantidade de trabalho útil pode ser, e é, constantemente realizada. Um homem que adormece com a intenção definida em sua mente de fazer algum trabalho tentará, sem dúvida alguma, levar a cabo o que pretende, assim que se liberte do seu corpo físico adormecido. Mas, quando o trabalho é completado, é provável que o nevoeiro de seus próprios pensamentos autocentralizados se feche em torno dele mais uma vez, a não ser que se haja habituado a iniciar novas linhas de ação quando funciona fora do cérebro físico. Em alguns casos, naturalmente, o trabalho escolhido é de porte a ocupar todo o tempo usado para o sono, de forma que tal homem se está esforçando, ao máximo que lhe é possível, até o ponto permitido pelo seu desenvolvimento astral.

Cada qual deveria determinar, a cada noite, para si próprio, fazer algo útil no plano astral: confortar alguém que esteja perturbado, usar a vontade para insuflar forças em quem está fraco ou doente, acalmar alguém que esteja excitado ou histérico, ou qualquer serviço dessa natureza.

Certa medida de sucesso é absolutamente certa e se aquele que deseja ajudar fizer uma observação atenta, receberá com freqüência indicação dos resultados definidos que obteve no mundo físico.

Há quatro formas pelas quais o homem pode ser "acordado" para a atividade autoconsciente em seu corpo astral:

(1) Pelo curso comum da evolução que, embora lenta, é segura.

(2) Pelo próprio homem que, tendo tomado conhecimento do caso, faz o esforço contínuo e persistente necessário para dissipar o nevoeiro interior e aos poucos suplantar a inércia a que se habituou. A fim de realizar isso, esse homem deveria resolver, antes de dormir, fazer a tentativa, quando deixar o corpo, de acordar e ver algo, ou fazer algum trabalho útil. Isso naturalmente irá apenas apressar o natural processo de evolução. Seria desejável que um homem desenvolvesse primeiro o senso comum e as qualidades morais; isto por duas razões: primeira, para que não usasse mal os poderes que pudesse adquirir; segunda, para que não se deixasse dominar pelo medo em presença de forças que não pode compreender nem controlar.

(3) Por acidente ou por uso ilegal de cerimônias mágicas, ele pode romper o véu, de tal forma que ele nunca mais pode fechar-se inteiramente. Exemplos disso são encontrados em *Uma Vida Encantada*, de H. P. Blavatsky, e em *Zanoni*, de Lord Lytton.

(4) Um amigo pode atuar do lado de fora, sobre a casca fechada que rodeia o homem, e aos poucos elevá-lo às mais altas possibilidades. Isso, contudo, jamais deveria ser feito, a não ser que o amigo tenha muita certeza de que tal homem que vai ser acordado possui a coragem, o devotamento e outras qualificações necessárias para o trabalho útil.

A necessidade de auxiliares para o plano astral é tão grande que todo o aspirante pode estar certo de que não haverá um dia de espera no despertá-lo, assim que se revele

pronto para tanto.

Pode acrescentar-se que, quando uma criança foi acordada no plano astral, o desenvolvimento do corpo astral se processa tão rapidamente que depressa ela estará, naquele plano, em posição pouco menos inferior da que tem o adulto acordado, e ficará naturalmente muito adiantada no que se refere a se fazer mais útil em relação ao mais sábio dos homens que ainda não esteja desperto.

A não ser, contudo, que o ego que se expressa através do corpo da criança possua as qualificações necessárias para uma disposição firme, mas amorosa, e tenha manifestado claramente em suas vidas precedentes essa disposição, ocultista algum tomaria a responsabilidade muito séria de acordá-la no plano astral. Quando é possível acordar crianças dessa maneira, elas provam ser os mais eficientes trabalhadores do plano astral e se atiram ao trabalho com um devotamento entusiasta que é bonito de ver.

Embora seja relativamente fácil acordar um homem no plano astral, isto é praticamente impossível, a não ser por influência mesmérica altamente indesejável, levá-lo a adormecer novamente.

A vida adormecida e a acordada são, assim, em realidade apenas uma: durante o sono estamos conscientes desse fato e temos memória continuada das duas, isto é, a memória astral inclui a física, embora naturalmente a memória física de forma alguma inclua a memória das experiências astrais.

O fenômeno de caminhar dormindo (sonambulismo) pode ser produzido, aparentemente, de várias e diferentes maneiras.

(1) O ego pode ser capaz de agir mais diretamente sobre o corpo físico durante a ausência dos veículos astral e mental: em casos dessa natureza, um homem pode ser capaz, por exemplo, de escrever poesia, pintar quadros etc., o que estaria bem longe de sua capacidade habitual quando acordado.

(2) O corpo físico pode estar trabalhando automaticamente e pela força do hábito, não controlado pelo próprio homem. Exemplos disso ocorrem quando criados acordam no meio da noite e acendem o fogo ou atendem a outros deveres domésticos com os quais estão acostumados; ou quando o corpo físico adormecido leva a cabo uma ideia dominante da mente antes de adormecer.

(3) Uma entidade externa, encarnada ou desencarnada, pode apoderar-se do corpo de um homem adormecido e usá-lo para seus próprios fins. Isto aconteceria, provavelmente, com uma pessoa mediúnica, isto é, pessoa cujos corpos estão frouxamente unidos e, portanto, são facilmente separáveis.

Com pessoas normais, todavia, o fato de o corpo astral deixar o corpo físico durante o sono *não* abre caminho para a obsessão, porque o ego sempre mantém íntima conexão com seu corpo e seria prontamente chamado de volta a ele se qualquer tentativa pudesse ser feita em relação a esse corpo.

(4) Uma condição diretamente oposta também pode produzir resultado semelhante. Quando os princípios ou corpos encaixam-se mais apertadamente do que de costume, o homem, em lugar de visitar um ponto distante em seu corpo astral, levaria também seu corpo físico, porque não está de todo dissociado dele.

(5) O sonambulismo está, provavelmente, conectado também com o complexo

problema de várias camadas de consciência no homem e que, sob circunstâncias normais, não podem se manifestar.

Muito ligada à vida no sono é a condição de transe, que não é senão um estado de sono, artificial ou anormalmente induzido. Médiuns e sensitivos passam facilmente para fora do corpo físico, indo para o corpo astral, quase sempre inconscientemente. O corpo astral pode, então, executar suas funções, tal como viajar para um lugar distante, recolhendo impressões, ali, dos objetos circundantes e trazendo essas impressões de volta para o corpo físico. No caso do médium, o corpo astral pode descrever essas impressões por meio do corpo físico em transe, mas, como regra, quando o médium sai do transe, o cérebro não retém as impressões assim feitas nele e não lhe fica traço algum das experiências adquiridas na memória física. Ocasionalmente, mas isto é muito raro, o corpo astral pode fazer uma impressão duradoura no cérebro, de forma que o médium consiga recordar o conhecimento adquirido durante o transe.

CAPÍTULO X

Os Sonhos

Consciência e atividade no corpo astral são uma coisa; a lembrança, rio cérebro, da consciência e da atividade astrais, são algo inteiramente diferentes. A existência ou a ausência da memória física de forma alguma afeta a consciência no plano astral, nem a capacidade de funcionar no corpo astral com facilidade e liberdade perfeitas. Realmente não só é possível, mas também de forma alguma pouco comum, para um homem, funcionar livre e utilmente em seu corpo astral durante o sono do corpo físico, e ainda assim voltar ao corpo físico sem a mais leve recordação do trabalho astral em que esteve empenhado.

A falta de continuidade entre a vida astral e a vida física é devido à carência de desenvolvimento do corpo astral ou à falta de uma ponte etérica adequada entre a matéria astral e a densa matéria física.

Essa ponte consiste numa teia bem entretecida de matéria atômica, através da qual as vibrações têm de passar, o que produz um momento de inconsciência, como um véu, entre o dormir e o acordar.

A única forma através da qual a lembrança da vida astral pode ser levada ao cérebro físico está no desenvolvimento suficiente do corpo astral e no despertar dos Chakras etéricos, que têm, como uma de suas funções, a de levar forças do astral para o etérico. Ademais, deve haver funcionamento ativo do corpo pituitário, que focaliza as vibrações astrais.

Às vezes, ao acordar, surge uma sensação de que algo aconteceu, sem que disso ficasse a lembrança. A sensação indica que houve consciência astral, embora o cérebro se mostre insuficientemente receptivo para fazer o registro. Em outras ocasiões, o homem, em seu corpo astral, pode conseguir fazer uma impressão momentânea sobre o duplo etérico e o corpo denso, daí resultando memória vívida da existência astral. Isso é às vezes feito deliberadamente, quando algo ocorre e o homem sente que deve lembrar-se no plano físico. Tal lembrança habitualmente depressa se desvanece, e não pode ser recuperada; esforços para recobrar a memória, enviando intensas vibrações ao cérebro físico, sobrepõem-se às vibrações mais delicadas do astral e conseqüentemente tornam o êxito mais impossível.

Há certos acontecimentos também que fazem uma impressão tão viva sobre o corpo astral que chegam a imprimir-se no cérebro físico por uma espécie de repercussão.

Em outros casos, um homem pode conseguir a impressão de conhecimentos novos no cérebro físico, sem poder recordar onde e como tal conhecimento foi obtido. Exemplos disso, comum à maioria das pessoas, ocorrem quando soluções de problemas, antes insolúveis, subitamente surgem à consciência, ou quando uma luz é de repente lançada sobre questões previamente obscuras. Tais casos podem indicar que foi feito progresso com a organização e funcionamento do corpo astral, embora o corpo físico seja ainda apenas parcialmente receptivo.

Nos casos em que o cérebro físico responde, há sonhos vívidos, racionais e coerentes, tal como ocorre com muita gente de vez em quando.

Poucas pessoas, quando em corpo astral, se importam quanto ao cérebro físico recordar ou não, e nove entre dez não gostam nada de retornar ao corpo. Voltar ao corpo físico, vindo do mundo astral, traz uma sensação de grande constrangimento, como se a pessoa se visse envolvida por uma capa espessa e pesada. A alegria da vida no plano astral é tão grande que a vida física, em comparação, nem mesmo parece vida. Muitos veem o retorno diário ao corpo físico como os homens muitas vezes encaram seu dia de trabalho no escritório. Não chegam a detestar tal trabalho, mas não o fariam se a isso não fossem compelidos.

Eventualmente, no caso de pessoas altamente desenvolvidas e adiantadas, a ponte etérica entre o mundo astral e o mundo físico é construída, e então há perfeita continuidade de consciência entre a vida física e a vida astral. Para tais pessoas a vida deixa de ser composta de dias de recordações e noites de esquecimento e torna-se, em vez disso, um todo contínuo, ano após ano, de ininterrupta consciência.

Ocasionalmente, um homem que não tenha lembrança da sua vida astral pode, sem ter tido essa intenção, através de um acidente ou de doença ou intencionalmente, através de práticas definidas, armar a ponte sobre o vazio entre a consciência astral e a consciência física, de forma que daí por diante sua consciência astral será contínua e sua lembrança da vida durante o sono se mostrará portanto perfeita. Mas, naturalmente, antes que isso possa acontecer, ele já deve ter desenvolvido consciência integral no corpo astral. Apenas o rasgar do véu entre o astral e o físico é que se dá subitamente, e não o desenvolvimento do corpo astral.

A vida durante o sonho pode ser consideravelmente modificada, como resultado direto do crescimento mental. Cada impulso enviado pela mente ao cérebro físico tem de passar através do corpo astral e, sendo a matéria astral muito mais responsiva às vibrações-pensamentos do que a matéria física, segue-se que o efeito produzido no corpo astral é, em correspondência, maior. Assim, quando um homem adquire controle mental, isto é, quando aprende a dominar o cérebro, a se concentrar, a pensar como e quando bem queira, uma mudança correspondente terá lugar em sua vida astral. E, se trazer a lembrança daquela vida através do cérebro físico, seus sonhos se farão vívidos, bem sustentados, racionais, mesmo instrutivos.

Em geral, quanto mais o cérebro físico é treinado para responder às vibrações do corpo mental, maior é a facilidade de construir a ponte entre a consciência desperta e a adormecida. O cérebro deve tornar-se um instrumento cada vez mais obediente ao homem, agindo sob impulsos da sua vontade.

O sonho sobre assuntos comuns não interfere no trabalho astral, porque o sonho tem lugar no cérebro físico, enquanto o homem real está fora, atendendo a outros assuntos. Não importa realmente o que faz o cérebro físico, desde que se mantenha livre de pensamentos indesejáveis.

Desde que um sonho teve início, seu curso habitualmente não pode ser modificado; mas a vida-sonho pode ser controlada indiretamente em considerável extensão. É especialmente importante que o último pensamento, quando se mergulha no sono, seja

nobre, elevado, pois isso dá a tônica que determina amplamente a natureza do sonho que se segue. Um pensamento mau ou impuro atrai influências e criaturas más e impuras, que reagem sobre a mente e sobre o corpo astral, e tendem a despertar desejos baixos e terrenos.

Por outro lado, se um homem adormece com seus pensamentos fixados em coisas altas e santas, atrairá a si, automaticamente, elementais criados por esforços semelhantes de outros e, conseqüentemente, seus sonhos serão elevados e puros.

Já que neste livro consideramos principalmente o corpo astral e os fenômenos a ele associados, não há necessidade de tratarmos exaustivamente do assunto referente à consciência do sonho, que é amplo. Todavia, a fim de mostrar o ambiente exato que o corpo astral usa na vida do sonho, será útil delinear muito brevemente os principais fatores que operam na produção dos sonhos. Para um estudo pormenorizado de todo o assunto, os estudantes são remetidos ao excelente compêndio, *Sonhos*, de W. Leadbeater, do qual os fatos que se seguem foram extraídos.

Os fatores concernentes à produção dos sonhos são os seguintes:

1. *O cérebro físico inferior*, com sua semiconsciência infantil, e seu hábito de expressar todos os estímulos de uma forma pictórica.
2. *A parte etérica do cérebro*, através da qual corre uma procissão incessante de quadros desconexos.
3. *O corpo astral*, palpitando com os tempestuosos vagalhões do desejo e da emoção.
4. *O ego* (no corpo causal), que pode estar em qualquer estado de consciência, da completa insensibilidade ao perfeito comando das suas faculdades.

Quando um homem adormece, seu ego recua ainda mais para dentro de si próprio e deixa seus vários corpos mais livres do que de costume, para seguirem seu próprio caminho. Esses corpos separados são (1) muito mais suscetíveis a impressões vindas de fora do que em outras ocasiões, e (2) têm uma consciência própria muito rudimentar. Conseqüentemente, há ampla razão para que produzam sonhos, bem como para que haja recordação confusa, no cérebro físico, das experiências dos demais corpos durante o sono.

Tais sonhos confusos podem ser devidos a: (1) uma série de quadros desconexos e de transformações impossíveis produzidos pela ação automática, e sem sentido, do cérebro físico inferior; (2) um fluxo de pensamento casual que tem estado a percorrer a parte etérica do cérebro; (3) a sempre inquieta maré de desejos terrenos, influenciando através do corpo astral, e provavelmente estimulada por influências astrais; (4) tendência imperfeita de dramatização por parte de um ego não-desenvolvido; (5) mistura de várias dessas influências.

Vamos descrever brevemente os elementos principais em cada um desses tipos de sonho.

1. *Sonhos do cérebro físico*. — Quando dorme, o ego entrega o controle ao cérebro, e o corpo físico ainda tem certa enevoada consciência de si próprio. Além disso há também a consciência agregada das células individuais do corpo físico. O domínio da consciência física sobre o cérebro é muito mais fraco do que o do ego sobre esse mesmo cérebro e, conseqüentemente, modificações puramente físicas podem afetar o cérebro numa

extensão muitíssimo maior. Exemplos de tais modificações físicas são: irregularidade na circulação do sangue, indigestão, calor ou frio etc. A enevoada consciência física possui certas peculiaridades: (1) é, em grande parte, automática; (2) parece incapaz de captar uma ideia, exceto na forma na qual é ela própria que atua: consequentemente, todos os estímulos, sejam internos ou externos, são imediatamente trasladados para imagens perceptíveis; (3) É incapaz de dominar ideias ou lembranças abstraias como tais, e passa a transformá-las imediatamente em percepções imaginárias; (4) Toda direção local de pensamento torna-se, para ela, verdadeiro transporte espacial, isto é: um pensamento passageiro sobre a China transporta a consciência instantaneamente para a China; (5) Não tem o poder de julgar a sequência, valor ou verdade objetiva dos quadros que lhe aparecem à frente; toma-os todos qual os vê, e jamais se surpreende com o que possa acontecer, por muito incongruente e absurdo que o fato seja; (6) Está sujeita ao princípio de associação de ideias e por isso imagens sem outra conexão exceto o fato de representarem acontecimentos que se passaram em outra ocasião podem surgir misturadas, em inextricável confusão; (7) É singularmente sensível à mais leve influência externa, tal como sons ou toques; (8) Exagera e distorce essas influências num grau quase incrível.

Assim, o cérebro físico é capaz de criar exagero e confusão suficientes para que lhe sejam atribuídos muitos, mas de forma alguma todos os fenômenos do sonho.

2. *Sonhos do cérebro etérico.* — O cérebro etérico ainda é mais sensível às influências externas durante o sono do corpo do que durante o período de consciência desperta. Enquanto a mente está ativamente empenhada, o que, em consequência, traz o cérebro inteiramente empregado, ela se faz virtualmente impermeável à contínua pressão dos pensamentos externos. Mas, no momento em que o cérebro fica ocioso, o fluxo do caos inconsequente começa a derramar-se nele. Na grande maioria das pessoas, os pensamentos que fluem através de seus cérebros não são em realidade seus próprios pensamentos, mas fragmentos lançados por outras pessoas. Em consequência, na vida do período de sono especialmente, qualquer pensamento itinerante que encontrar algo que tenha afinidade com ele, no cérebro da pessoa adormecida, é captado por esse cérebro, que dele se apropria, iniciando-se assim todo um curso de ideias: tais ideias, eventualmente, vão-se apagando e desaparecem, e o fluxo desconexo, indefinido, começa de novo a agir através do cérebro.

Um ponto a considerar é que, já que no presente estado de evolução do mundo é provável que exista quantidade maior de maus do que de bons pensamentos flutuando por aí, um homem cujo cérebro não é controlado está aberto para toda sorte de tentações que lhe teriam sido poupadas se a mente e o cérebro tivessem controle.

Mesmo quando tais correntes de pensamentos são expulsas do cérebro etérico do indivíduo adormecido, pelo deliberado esforço de outra pessoa, aquele cérebro não permanece inteiramente passivo, mas começa lenta e sonhadoramente a desenvolver quadros para si próprio, retirando-os dos que foram acumulados pelas suas lembranças do passado.

3. *Sonhos astrais.* — São simples recordações, no cérebro físico, da vida e da atividade do corpo astral durante o sono do corpo físico, e a isso já nos referimos nas

páginas precedentes. No caso de pessoa razoavelmente desenvolvida, o corpo astral pode movimentar-se, sem desconforto, para distâncias consideráveis de seu corpo físico e pode trazer de volta impressões mais ou menos definidas dos lugares que visitou ou das pessoas com as quais se encontrou. Em todos os casos, como já dissemos, o corpo astral é sempre intensamente impressionado por qualquer pensamento ou sugestão que envolva desejo ou emoção, embora a natureza dos desejos que mais rapidamente despertam uma resposta dependa naturalmente do desenvolvimento da pessoa e da pureza ou da rusticidade de seu corpo astral.

O corpo astral, em todos os tempos, mostra-se suscetível às influências das correntes de pensamento que passam e, quando a mente não está controlando-o ativamente, vai recebendo perpetuamente esses estímulos externos e respondendo a eles animadamente. Durante o sono, ele ainda é mais facilmente influenciado. Em consequência, um homem que, por exemplo, destruiu inteiramente um desejo físico que podia ter anteriormente, no que se refere ao álcool, de modo que, quando acordado, tem até mesmo uma repulsa definitiva por ele, pode ainda assim, e frequentemente, sonhar que está bebendo, e nesse sonho experimentar o prazer da sua influência. Durante o dia, o desejo do corpo astral estará sob controle da vontade, mas quando esse corpo astral é liberado pelo sono, escapa, de certa forma, ao domínio do ego e, respondendo provavelmente a influências astrais externas, retomba em seu velho hábito. Essa classe de sonhos é, com certeza, comum a muitos que estão fazendo esforços positivos para levar sua natureza de desejo a aceitar o controle da vontade.

Também pode acontecer que o homem tenha sido um ébrio em uma vida anterior e ainda possua, em seu corpo astral, um pouco da matéria absorvida pelas vibrações causadas no átomo permanente pelo alcoolismo. Embora essa matéria não seja vivificada em sua vida, nos sonhos, contudo, sendo fraco o controle do ego, a matéria pode responder às vibrações da bebida, vindas de fora, é o homem sonha que está bebendo. Tais sonhos, uma vez compreendidos, não devem causar angústia: apesar disso devem ser vistos como uma advertência de que ainda está presente a possibilidade de que a paixão do álcool seja reativada.

4. *Sonhos do Ego.* — Por muito que a natureza do corpo astral se modifique à proporção que se desenvolve, ainda maior é a modificação do ego, do homem real, que nele habita. Enquanto o corpo astral nada mais é que uma forma nebulosa, flutuante, o ego está quase tão adormecido quanto o seu corpo físico, sendo cego para as influências de seu próprio plano superior: mesmo quando uma ideia daquele plano consegue alcançá-lo, já que não há nele controle para seus corpos inferiores, ou o há pequeno, não lhe será possível imprimir a experiência em seu cérebro físico.

As pessoas adormecidas podem estar em qualquer estágio, desde o de esquecimento completo até o de completa consciência astral. E devemos recordar, conforme foi dito anteriormente, que, embora possa haver muitas experiências importantes nos planos superiores, o ego, apesar disso, pode ser incapaz de imprimi-las no cérebro, de forma que não haverá lembrança física, de forma alguma, mas apenas uma recordação das mais confusas.

As principais características da consciência e das experiências do ego, sejam ou não

recordadas pelo cérebro, são as seguintes:

(1) As medidas de tempo e espaço do ego são de tal modo diferentes das que ele usa em sua vida desperta que isso é quase como se nem tempo nem espaço existissem para ele. Muitos exemplos são conhecidos em que, em poucos momentos de tempo, tal como nós o medimos, o ego pode ter experiências que parecem durar muitos anos, acontecimento após acontecimento acontecendo em completos pormenores circunstanciais.

(2) O ego possui a faculdade ou o hábito da dramatização instantânea. Assim, um som ou um toque físico pode alcançar o ego, não através do habitual mecanismo dos nervos, mas diretamente, uma fração de segundo antes que atinja o cérebro físico. Essa fração de segundo é suficiente para o ego construir uma espécie de drama, ou série de cenas que culminam no acontecimento que acorda o corpo físico. O cérebro confunde o sonho subjetivo e o acontecimento objetivo e, assim, imagina-se como tendo realmente vivido através dos fatos do sonho.

Esse hábito, contudo, parece ser peculiar ao ego que, no que se refere à espiritualidade, ainda é relativamente pouco desenvolvido. À proporção que o ego se desenvolve espiritualmente, eleva-se acima dessas graciosas brincadeiras da infância. O homem que obteve continuidade de consciência está de tal modo integralmente ocupado no trabalho de planos superiores que não devota energia a essa dramatização e, por isso, tal classe de sonho cessa para ele.

(3) O ego possui também, e até certo ponto, a faculdade de previsão, sendo capaz às vezes de ver com antecipação acontecimentos que se vão dar, ou antes, que se dariam a não ser que algo fosse feito para evita-los. E imprime essa previsão em seu cérebro físico. Registram-se muitos exemplos desses sonhos proféticos ou alertadores. Em alguns casos o aviso pode ser aceito, os passos necessários são dados e o resultado previsto é modificado ou inteiramente evitado.

(4) O ego, quando fora do corpo durante o sono, parece pensar em símbolos: uma ideia, que aqui precisaria de muitas palavras para ser expressa, lhe é perfeitamente transmitida através de uma só imagem simbólica. Se tal pensamento simbólico é impresso no cérebro, e recordado quando desperta a consciência, a mente pode traduzi-la em palavras; por outro lado, aquilo pode passar apenas como um símbolo, introduzido, e assim causar confusão. Em sonhos dessa natureza, ao que parece, cada pessoa tem um sistema simbólico próprio: assim, água significa aproximação de transtornos, pérolas podem significar lágrimas, e assim por diante.

Se um homem quiser ter sonhos úteis, isto é, colher, em sua consciência acordada, os benefícios daquilo que o ego possa ter aprendido durante o sono, há certos passos que devem ser dados para obter tal “resultado”.

Primeiro: é essencial que ele forme o hábito do pensamento mantido e concentrado durante a vida comum, quando desperto. Um homem que tem o controle absoluto de seus pensamentos saberá, sempre, exatamente em que está pensando e por quê. Descobrirá também que o cérebro, assim treinado para ouvir as sugestões do ego, permanecerá quieto quando não está sendo usado, e recusará receber e responder ao fluxo casual vindo do oceano de pensamentos circundante. Tal homem, assim, provavelmente receberá

influências de planos superiores, onde a intuição é mais aguda, o julgamento mais verdadeiro do que jamais podem ser no plano físico.

Será bastante desnecessário acrescentar que o homem deverá também ter o domínio completo de, pelo menos, suas mais baixas paixões.

Por um ato muito elementar de magia, um homem pode expulsar de seu cérebro etérico a corrente de pensamentos que o pressionam, vindos de fora. Para tal fim ele deve, quando se deita para dormir, imaginar sua aura e desejar fortemente que sua superfície externa se torne uma concha que o proteja de influências exteriores. A matéria áurica obedecerá ao seu pensamento e formará a concha. Essa providência é de apreciável valor para o fim desejado.

A grande importância de fixar o último pensamento em coisas nobres e elevadas, antes de adormecer, já foi mencionada e deve ser regularmente praticada por aqueles que queiram manter seus sonhos sob controle.

Talvez seja útil acrescentar aqui os termos hindus para os quatro estados de consciência:

Jagrai é a consciência desperta comum.

Svapna é a consciência do sonho funcionando no corpo astral e capaz de imprimir suas experiências no cérebro.

Sushupti é a consciência funcionando no corpo mental e incapaz de imprimir suas experiências no cérebro.

Turiya é um estado de transe, a consciência funcionando no veículo búdico e tão separada do cérebro que não pode ser facilmente chamada por meios externos.

Esses termos, contudo, são usados relativamente e variam de acordo com o contexto. Assim, em uma interpretação de *jagrat*, estão combinados os planos físico e astral, as sete subdivisões correspondentes às quatro condições da matéria física e as três amplas divisões da matéria astral mencionadas no capítulo XVI.

Para elucidação adicional, o estudante é remetido ao livro *Uma Introdução à Ioga*, de A. Besant, e também a *Um Estudo da Consciência*, em que a consciência desperta é definida como a parte da consciência total que está trabalhando através do veículo mais externo.

CAPÍTULO XI

Continuidade de Consciência

Como vimos, para um homem passar, na consciência contínua, de um veículo para outro, isto é, do físico para o astral ou vice-versa, o requisito está em que os elos entre os corpos sejam desenvolvidos. A maioria dos homens não está consciente desses elos, e estes não se mostram ativamente vivificados, assemelhando-se sua condição à dos órgãos rudimentares do corpo físico. Tais elos têm de ser desenvolvidos pelo uso e levados a funcionar com o homem fixando neles sua atenção e usando sua vontade. A vontade liberta e guia Kundalini, mas, a não ser que uma purificação preliminar dos veículos seja integralmente realizada, Kundalini é antes uma energia destrutiva do que vivificante. Daí a insistência, por parte de todos os instrutores do oculto, sobre a necessidade da purificação antes que se possa praticar a verdadeira ioga.

Quando um homem se preparou para ser ajudado na vivificação dos elos, tal assistência inevitavelmente lhe virá como coisa normal, da parte daqueles que estão sempre procurando oportunidades de ajudar o aspirante sincero e destituído de egoísmo. Então, um dia, o homem se vara deslizando para fora de seu corpo físico enquanto acordado e, sem qualquer solução de continuidade de sua consciência, descobre que está livre. Com a prática, a passagem de um veículo para outro torna-se familiar e fácil. O desenvolvimento dos elos estabelece uma ponte entre a consciência física e a astral, de forma que há perfeita continuidade de consciência.

Assim, o estudante não só tem que aprender a ver corretamente no plano astral, mas também a transportar exatamente a lembrança do que foi visto no astral ao cérebro físico; e, para ajudá-lo nisso, ele é treinado a levar sua consciência ininterrupta do plano físico para o astral e o mental, e deles retornar, porque até que isso possa ser feito há sempre a possibilidade de que suas recordações sejam parcialmente perdidas ou deformadas, durante os intervalos em branco que separam seus períodos de consciência nos vários planos. Quando o poder de transportar a consciência for perfeitamente adquirido, o discípulo terá a vantagem de usar todas as faculdades astrais, não só enquanto está fora de seu corpo, no sono ou em transe, mas também quando está inteiramente desperto na vida física habitual.

A fim de que o acordar da consciência física inclua a consciência astral, é necessário que o corpo pituitário evolua mais, e que se aperfeiçoe a quarta espiralia dos átomos.

Além do método de mover a consciência de um subplano para outro *do mesmo plano*, isto é, o atômico *astral* para o subplano *mental* mais baixo, há outra linha de conexão que pode ser chamada de o atalho atômico.

Se imaginarmos os subplanos atômicos do astral, mental etc., como estando lado a lado ao longo de uma vara, os outros subplanos podem ser imaginados como suspensos da vara, em laços, como se um pedaço de barbante tivesse sido frouxamente amarrado em torno dela. Obviamente, então, para passar de um subplano atômico para outro, a pessoa

poderia mover-se por um atalho ao longo da vara, "ou para cima e para baixo, novamente, através dos laços suspensos que simbolizam os subplanos mais baixos.

Os processos normais do nosso pensamento descem com firmeza através dos subplanos; mas os clarões do gênio, as ideias iluminadoras, vêm apenas através dos subplanos atômicos.

Há, ainda, uma terceira possibilidade vinculada ao relacionamento dos nossos planos com os planos cósmicos, mas isso é demasiado abstruso para ser abordado num trabalho que se propõe considerar apenas o plano astral e seus fenômenos.

O fato de se obter continuidade de consciência entre os planos físico e astral é naturalmente bastante insuficiente, em si próprio, para reavivar lembranças de vidas passadas. Para tanto se requer um desenvolvimento muito mais elevado, em cuja natureza não é necessário entrar aqui.

O homem que assim adquiriu completo domínio do corpo astral pode naturalmente deixar o corpo físico não só durante o sono, mas a qualquer momento que o deseje, e ir a lugares distantes etc.

Médiuns e sensitivos projetam seus corpos astrais inconscientemente, quando entram em transe, mas habitualmente, ao saírem do transe, não apresentam memória cerebral das experiências adquiridas. Estudantes treinados podem projetar conscientemente seu corpo astral e viajar até grandes distâncias do corpo físico, trazendo de volta com eles completa e pormenorizada lembrança de todas as impressões ganhas.

Um corpo astral assim projetado pode ser visto por pessoas sensitivas ou que estejam temporariamente em condições nervosas anormais. Há um registro de tais casos de visitação astral feita por um moribundo em momento próximo de sua morte, tendo a proximidade da dissolução afrouxado os princípios, de forma a tornar o fenômeno possível para pessoas que seriam incapazes dele em qualquer outra ocasião. O corpo astral também é libertado em muitos casos de doença. A inatividade do corpo físico é uma condição para essas viagens astrais.

Um homem pode, se souber como se haver, densificar ligeiramente seu corpo astral, atraindo para ele da atmosfera circundante partículas de matéria física e assim "materializar-se suficientemente para se tornar fisicamente visível. Essa é a explicação para muitos casos de "aparições", quando uma pessoa, fisicamente ausente, foi vista por amigos através de sua visão comum.

CAPÍTULO XII

A Morte e o Elemental do Desejo

Por ocasião da morte, a consciência retira-se do corpo físico denso para o duplo etérico por um curto tempo, quase sempre por poucas horas, e depois passa para o corpo astral.

A morte consiste, assim, num processo de desnudamento ou de descarte de envoltórios. O ego, a parte imortal do homem, atira para fora de si, um após o outro, seus revestimentos externos, primeiro o físico denso, a seguir o duplo etérico e, então, mesmo o corpo astral, como veremos mais adiante.

Em quase todos os casos, a passagem parece ser perfeitamente indolor, mesmo depois de longa doença envolvendo sofrimentos terríveis. O aspecto pacífico do rosto dos mortos é forte evidência em favor dessa afirmação, que também se confirma pelo testemunho direto de maioria daqueles que foram interrogados quanto a esse ponto, imediatamente depois da morte.

No real momento da morte, mesmo quando se trata de morte súbita, o homem vê toda sua vida passada desfilando diante de si, em seus mínimos detalhes. Em um momento ele vê toda a cadeia de causas que estiveram agindo durante a sua vida. Vê, e agora ele se compreende tal como realmente é, despido de lisonjas ou de auto-ilusão. Lê sua vida, permanece como espectador, observando a arena que está abandonando.

A condição da consciência *imediatamente* depois do momento da morte é, quase sempre, sonolenta e cheia de paz. Haverá, também, um período de inconsciência que pode durar apenas um momento, embora com frequência se mantenha por alguns minutos, ou várias horas, e às vezes mesmo dias ou semanas.

A atração natural entre a contraparte astral e o corpo físico é tal que, depois da morte, a contraparte astral, pela força do hábito, retém sua forma habitual; consequentemente, a aparência física de um homem será preservada quase sem modificações, após a morte. Dado o fato de que a matéria astral é rapidamente modelada pelo pensamento, um homem que habitualmente pensa em si próprio, depois da morte, como mais jovem do que o era na hora, provavelmente assumirá uma aparência algo mais jovem.

Muito depressa, após a morte, na maioria dos casos, uma importante modificação tem lugar na estrutura do corpo astral, devido à ação do elemental de desejo.

Muito da matéria do corpo astral é composta de essência elemental conforme foi dito antes: essa essência é viva, embora não inteligente, e, na ocasião, está separada da massa geral da essência astral. Cega e instintivamente, e sem razão, ela busca seus próprios fins e mostra grande engenhosidade na obtenção de seus desejos e em favorecer sua evolução.

Em seu caso, evolução é descida na matéria, e sua meta é tornar-se uma mônada mineral. Seu objetivo na vida, portanto, é aproximar-se do plano físico tanto quanto lhe for

possível e receber todas as vibrações mais grosseiras que puder obter. Não sabe, nem pode saber, coisa alguma sobre o homem em cujo corpo astral está vivendo naquela ocasião.

Deseja preservar sua vida separada, e sente que só pode fazê-lo em conexão com o homem; está consciente da mente inferior do homem e compreende que, quanto mais matéria mental puder apanhar para si, mais longa será sua vida astral.

Quando da morte do corpo físico, sabendo que o período de sua vida separada é limitado e que a morte astral do homem se seguirá, em menor ou maior prazo, a fim de fazer com que o corpo astral do homem dure por mais tempo possível, ela arranja sua matéria em anéis concêntricos, ou conchas, as mais grosseiras formando uma crosta. Do ponto de vista do elemental do desejo, essa é uma boa política, porque a matéria mais grosseira pode manter-se unida por mais tempo e suportar melhor a fricção.

O corpo astral então em novo arranjo é chamado *Yâtanâ*, ou corpo sofredor; no caso de um homem muito mau, em cujo corpo astral exista preponderância da matéria mais grosseira, é chamado *Dhruvam*, ou corpo forte.

O novo arranjo do corpo astral tem lugar acima da superfície da contraparte do corpo físico, não acima da superfície do ovoide que o rodeia.

O efeito é evitar a livre e plena circulação de matéria astral que habitualmente tem lugar no corpo astral. Ademais, o homem só pode responder às vibrações recebidas pela camada mais externa do seu corpo astral. Assim, fica o homem encerrado, por assim dizer, numa caixa de matéria astral, podendo ver e ouvir apenas as coisas do plano mais baixo e mais grosseiro.

Embora vivendo em meio a altas influências e belas formas-pensamentos, ele estaria quase que de todo inconsciente da existência de tais coisas, porque as partículas de seu corpo astral que poderiam responder a essas vibrações estão fechadas em lugar onde não podem ser alcançadas.

Consequentemente, também, podendo perceber apenas a matéria grosseira nos corpos de outras pessoas e sendo inteiramente inconsciente de suas limitações, acreditará que a pessoa para a qual está olhando possui apenas as pouco satisfatórias características que ele consegue perceber.

Já que só pode ver e sentir o que é mais baixo e mais grosseiro, os homens que o rodeiam parecem-lhe monstros cheios de vícios. Sob essas circunstâncias, é pouco de se admirar que ele considere um inferno o mundo astral.

O novo arranjo do corpo astral pelo elemental do desejo de modo algum afeta a forma reconhecível dentro do ovoide, embora as modificações naturais que ocorrem se inclinem no conjunto a tornar a forma algo mais apagada e de aparência mais espiritual conforme o tempo corre, por motivos que agora ficarão esclarecidos.

No correr do tempo, a concha mais externa do anel se desintegra: o homem se torna então capaz de responder às vibrações do próximo nível mais alto do plano astral e assim "subir para o próximo subplano" e, daí por diante, passar de um subplano para outro. Seu estágio em cada subplano corresponderá naturalmente à quantidade de atividade da matéria em seu corpo astral pertencente àquele subplano.

Quando falamos de um homem "subindo" de um subplano para outro, não queremos dizer que ele precise necessariamente mover-se no espaço: trata-se, antes, da transferência

de sua consciência de um nível para outro. No caso de um homem com um corpo astral arranjado de novo, o foco de sua consciência se desloca da concha mais externa de matéria para a que lhe vem após. O homem se torna assim, gradualmente, incapaz de responder a vibrações de uma ordem de matéria e passa a responder às de ordem superior. Assim, um mundo com seus cenários e seus habitantes parecerá ir-se apagando lentamente diante de seus olhos, enquanto a aurora de um novo mundo surge sobre ele.

Já que a concha habitualmente se desintegra lentamente, o homem vê a contraparte dos objetos físicos tornando-se cada vez mais apagada, enquanto as formas-pensamentos se lhe tornam cada vez mais nítidas. Se durante este processo ele se encontra de vez em quando com outro homem, imaginará que o caráter desse homem está melhorando constantemente, apenas porque ele próprio está se tornando capaz de apreciar as vibrações mais elevadas daquele caráter. O novo arranjo do corpo astral interfere constantemente, de fato, com a verdadeira e completa visão de seus amigos, em todos os estágios de sua vida astral.

Este processo de arranjos novos do corpo astral, que tem lugar na maioria das pessoas, pode ser evitado pelo homem que puser sua vontade contra isso. Na verdade, quem quer que compreenda as condições do plano astral deveria negar-se inteiramente a permitir a redistribuição do corpo astral pelo elemental do desejo. As partículas do corpo astral se manteriam, então, interligadas como na vida e, em consequência, em lugar de ficar confinado a um subplano de cada vez, o homem estaria livre em todos os subplanos, de acordo com a constituição do seu corpo astral.

O elemental, sendo medroso em sua curiosa maneira semiconsciente, tentará transferir seu medo para o homem que o está expulsando da redistribuição, a fim de evitar que ele consiga isso. Por isso é que se torna muito útil conhecer esses fatos antes da morte.

Se o arranjo novo, a redistribuição ou enconchamento já ocorreu, ainda é possível romper tal condição, se houver alguém que deseje ajudar esse homem, que então ficará livre para trabalhar em todo o plano astral, ao invés de ficar confinado a um só nível.

CAPÍTULO XIII

A Vida depois da Morte: Princípios

Nunca se insistirá demais no fato de que não ocorre nenhuma mudança no homem, ao morrer; ao contrário, ele permanece depois da morte exatamente o que era antes, a não ser que já não possua corpo físico. Tem o mesmo intelecto, a mesma disposição, as mesmas virtudes e os mesmos vícios; a perda do corpo físico não faz dele um homem diferente do que o faria a remoção de um sobretudo. Ademais, as condições em que ele se encontra são aquelas que seus próprios pensamentos e desejos criaram para ele. Não há recompensa nem castigo vindos do exterior, mas somente o resultado real do que ele próprio fez e disse e pensou enquanto viveu no mundo físico.

À proporção que seguirmos com a nossa descrição da vida astral depois da morte, será observado que os fatos verdadeiros correspondem, com exatidão considerável, à concepção católica do purgatório, e do Hades ou inferno dos gregos.

A ideia poética da morte como um nivelador universal é um simples absurdo nascido da ignorância, porque na realidade na vasta maioria dos casos a perda do corpo físico não faz qualquer diferença no caráter ou intelecto da pessoa e há portanto tantas variedades de inteligência entre os chamados mortos como entre os vivos.

Esse é o primeiro e mais notável fato a observar: depois da morte não há uma estranha vida nova, mas uma continuação, sob certas condições modificadas, da vida presente no plano físico.

Tanto é esse o caso que um homem, ao chegar ao plano astral após a morte física, de forma alguma sabe que está morto; e mesmo quando compreende o que lhe aconteceu, nem sempre, de início, compreende em que o mundo astral difere do físico.

Há casos em que as pessoas consideram o próprio fato de ainda estarem conscientes, como prova absoluta de que não morreram; isto dá, a despeito da muita exaltada crença na imortalidade da alma.

Se um homem jamais tinha ouvido algo sobre o plano astral em sua vida, provavelmente irá sentir-se mais ou menos perturbado pelas condições totalmente inesperadas em que se encontra. Finalmente, aceita essas condições, que não compreende, pensando que são necessárias e inevitáveis.

Observando os novos mundos, ao primeiro olhar ele provavelmente vê muito pouca diferença e supõe estar contemplando o mesmo mundo de antes. Conforme vimos, cada grau de matéria astral é atraído pelo grau correspondente de matéria física. Se, portanto, imaginássemos que o mundo físico deixou de existir sem que qualquer outra modificação fosse feita, ainda teríamos uma perfeita réplica daquele mundo na matéria astral. Consequentemente, um homem no plano astral ainda vê paredes, mobiliário, pessoas etc., com os quais estava habituado, delineados tão claramente como sempre pelos tipos mais densos de matéria astral. Se, contudo, examinar bem de perto esses objetos, perceberá que todas as partículas são visíveis, em rápido movimento e não apenas invisíveis como no plano físico. Mas, como poucos são os homens que observam de perto, um homem que

morre muitas vezes não sabe, de início, que houve nele alguma modificação. Assim, muitos deles, especialmente os dos países ocidentais, acham difícil acreditar que estão mortos, simplesmente porque ainda veem, ouvem, sentem e pensam. A compreensão do que aconteceu provavelmente se irá esclarecendo aos poucos, conforme o homem descobre que, embora possa ver seus amigos, nem sempre pode comunicar-se com eles. Às vezes dirige-lhes a palavra, mas eles não parecem ouvir; tenta tocá-los e percebe que não fez impressão neles. Mesmo então, durante algum tempo, pode persuadir-se de que está sonhando, porque em outras ocasiões, quando seus amigos estão adormecidos, mostram-se perfeitamente conscientes dele e com ele falam como outrora.

Aos poucos o homem começa a compreender as diferenças entre sua vida presente e a que viveu no mundo físico. Por exemplo, depressa compreende que para ele já não existem dor nem cansaço. Descobre também que no plano astral os desejos e os pensamentos expressam-se em formas visíveis, embora essas formas sejam compostas, em sua maior parte, da matéria mais fina daquele plano. E, conforme sua vida continua, tais condições se fazem cada vez mais pronunciadas.

Ademais, embora um homem que está no plano astral não possa, habitualmente, ver o corpo físico de seus amigos, ainda assim pode ver e vê seus corpos astrais e, Consequentemente, sabe quais são seus sentimentos e emoções. Não será capaz, necessariamente, de seguir em pormenores os acontecimentos de sua vida física; mas terá imediata percepção quanto a sentimentos tais como amor ou ódio, ciúme ou inveja, porque eles se expressarão através dos corpos astrais de seus amigos. Assim, embora os vivos muitas vezes pensem ter "perdido" o morto, os mortos nem por um só momento estão sob a impressão de que perderam os vivos.

Um homem, de fato, vivendo em seu corpo astral após a morte, é mais fácil e profundamente influenciado pelos sentimentos de seus amigos que estão no mundo físico do que quando estava na terra, porque não tem o corpo físico para abafar suas percepções.

Um homem no plano astral não vê habitualmente toda a contraparte astral de um objeto, mas a porção que pertence ao subplano particular no qual ele se acha em tal momento.

Ademais, um homem de forma alguma reconhece sempre a contraparte astral de um corpo físico, mesmo quando o vê. Habitualmente, precisa de considerável experiência antes de poder identificar com clareza objetos, e qualquer tentativa que faça para tratar com eles tende a ser vaga e imprecisa. Exemplos disso são muitas vezes vistos em casas "assombradas", onde pedras são atiradas, ou movimentos vagos, incômodos, de matéria física têm lugar.

Frequentemente, sem compreender que não tem necessidade de trabalhar para viver, comer, dormir etc., um homem, após a morte, continua a preparar e consumir refeições, criadas inteiramente pela sua imaginação, ou chega mesmo a construir uma casa na qual possa viver. Registrou-se um caso em que um homem construiu para si próprio uma casa, pedra por pedra, cada pedra sendo criada, separadamente, pelo seu próprio pensamento. Ele poderia naturalmente, com o mesmo esforço, ter criado toda a casa de uma vez. Eventualmente foi levado a ver que, já que as pedras não tinham peso, as condições eram diferentes das que prevaleciam na vida física, e assim foi induzido a

investigar um pouco mais.

Da mesma forma, um homem, novo nas condições da vida astral, continua a entrar e sair de um aposento por uma porta ou uma janela, não compreendendo que pode passar com a mesma facilidade através das paredes. Pela mesma razão, ele caminha sobre a terra, quando poderia muito bem flutuar através do ar.

O homem que durante sua vida terrena tomou conhecimento, pela leitura ou outra forma qualquer, das condições gerais da vida astral, encontra-se, depois da morte, naturalmente em terreno mais ou menos familiar e conseqüentemente não se sente perdido sem saber o que fazer de si mesmo.

Mesmo uma apreciação inteligente do ensinamento oculto sobre o assunto, como a experiência tem indicado, é de grande vantagem para um homem após a morte e chega a ser vantagem para o homem que apenas tenha ouvido falar nas condições da vida astral, mesmo quando tenha considerado tais ensinamentos como uma das muitas hipóteses e não tenha avançado no estudo deles. No caso de outros que não tiveram a fortuna do conhecimento do mundo astral, seu plano melhor é avaliar a sua situação, empenhar-se em ver a natureza da vida que tem diante de si e tratar de fazer dela o melhor uso possível. Além disso fariam bem se consultassem um amigo mais experiente.

As condições de vida a que nos referimos acima constituem o "Kamaloka", literalmente o lugar ou o mundo de Kama, ou desejo: o Limbo da teoria escolástica. Em termos gerais, Kamaloka é uma região povoada por entidades inteligentes e semi-inteligentes. Esta repleta de formas de coisas vivas, tão diferentes umas das outras como um fio de capim difere de um tigre e um tigre difere de um homem, existindo naturalmente muitas outras entidades que ali vivem, além dos seres humanos mortos (ver capítulos XIX e XXI). Essa região interpenetra o mundo físico e é interpenetrada por ele, mas os estados da matéria dos dois mundos, sendo diferentes, eles coexistem sem que as entidades de cada qual sejam conscientes umas das outras. Somente sob circunstâncias anormais a consciência da mútua presença pode surgir entre os habitantes daqueles dois mundos.

Kamaloka divide-se, assim, como localidade distinta, mas é separada do resto do plano astral pelas condições de consciência das entidades que lhe pertencem, sendo essas entidades seres humanos que descartaram seus corpos denso e etérico, mas ainda não se desvencilharam de Kama, isto é, da natureza passional e emocional. Esse estado também é chamado Pretaloka, sendo uma *preta* um ser humano que perdeu seu corpo físico, mas ainda está oprimido pela vestidura de sua natureza animal.

A condição Kamaloka é encontrada em cada subdivisão do plano astral.

Muitos dos que morrem começam por ficar num estado de considerável inquietação e há outros que sentem um verdadeiro terror. Quando encontram as formas-pensamentos que eles e os seus iguais têm estado a criar durante séculos — pensamentos sobre um demônio pessoal, uma entidade colérica e cruel, e castigo eterno — ficam, com freqüência, reduzidos a um lamentável estado de medo e podem passar longos períodos de agudo sofrimento mental antes que se possam libertar da influência fatal de tão tolas e supremamente falsas concepções.

Deve-se, contudo, com franqueza, dizer que é apenas entre as chamadas comunidades protestantes que esse terrível mal assume sua mais grave forma. A grande

Igreja Católica Romana, com a sua doutrina do purgatório, aproxima-se muito mais da verdadeira concepção do plano astral e os seus membros; em todo o caso, compreendem que o estado em que se encontram logo depois da morte é apenas temporário e que a eles compete sair desse estado o mais depressa possível, através de intensa aspiração espiritual. Ao mesmo tempo, aceitam o sofrimento com que possam deparar como necessário para apagar as imperfeições de seu caráter, antes de poderem passar para mais altas e brilhantes esferas.

Vemos assim que, embora o homem possa ter sido ensinado, pela sua religião, sobre o que deve esperar e como viver no plano astral, na maioria dos casos tal coisa não foi feita. Consequentemente, uma grande quantidade de explicações se faz necessária em relação ao novo mundo em que se encontram. Mas, depois da morte, exatamente como antes dela, há alguns que atingem uma apreciação inteligente do fato da evolução e que, compreendendo algo sobre a sua posição, sabem como tirar proveito dela. Hoje, muitas são as pessoas, "vivas" e "mortas", que estão empenhadas em cuidar e ajudar os que morreram ignorantes da verdadeira natureza da vida após a morte (ver capítulo XXVIII, sobre *Auxiliares Invisíveis*). Infelizmente, contudo, no plano astral como no plano físico, os ignorantes raramente estão dispostos a aproveitar o conselho e o exemplo dos que sabem.

Para o homem que antes de morrer fisicamente já se relacionou com as verdadeiras condições da vida no plano astral, uma das mais agradáveis características daquela vida é a sua tranquilidade e completa libertação das necessidades imperiosas, tais como comer e beber, que tornam pesada a vida física. No plano astral o homem é realmente livre, livre para fazer o que quiser e passar seu tempo como escolher.

Como já dissemos, um homem que morreu fisicamente está continuamente recolhendo-se em si próprio. Todo o ciclo de vida e morte pode ser comparado a uma elipse, da qual apenas a porção mais baixa passa para o mundo físico. Durante a primeira parte desse ciclo, o ego se está adiantando para a matéria; o ponto central da curva deve ser o ponto médio na vida física, quando a força do ego alcançou o máximo de sua expansão e se volta para começar o longo processo de recolhimento.

Assim cada encarnação física pode ser vista como uma projeção do ego cujo *habitat* é a parte mais alta do plano mental, dirigida para planos inferiores. O ego põe fora a alma, como se ela fosse um investimento e espera que esse investimento traga de volta um acréscimo de experiência, que deverá desenvolver nele novas qualidades.

O trecho da vida após a morte, passada no plano astral, é portanto o do período de recolhimento para a volta ao ego. Durante a última parte da vida física do homem, seus pensamentos e interesses são cada vez menos dirigidos para os assuntos meramente físicos: da mesma forma, durante a vida astral, ele dá menos atenção à matéria astral inferior, da qual são compostas as contrapartes dos objetos físicos e ocupa-se com matéria superior, da qual são feitas as formas-pensamentos e as formas-desejos. Não se trata de ter ele mudado sua localização no espaço (embora isso seja, parcialmente, uma verdade, conforme se vê no capítulo XIV), mas de ter mudado o centro de seus interesses. Por isso, a contraparte do mundo físico que ele deixou vai aos poucos se apagando de sua visão, e sua vida se torna, cada vez mais, uma vida no mundo do pensamento. Seus desejos e emoções ainda persistem e, consequentemente, devido à facilidade com que a matéria astral

obedece aos seus desejos e pensamentos, as formas que o rodeiam serão, e muito amplamente, a expressão de seus próprios sentimentos, cuja natureza determina principalmente a felicidade ou o desconforto de sua vida.

Embora não estejamos tratando, neste livro, do trecho da vida após a morte, que é passado no "mundo celestial", isto é, no plano mental, ainda assim, a fim de que se compreenda inteiramente o que está acontecendo ao corpo astral no plano astral, é aconselhável lembrar que a vida astral é, em grande extensão, um estágio intermediário no ciclo completo da vida e da morte, uma preparação para a vida no plano mental.

Conforme vimos, logo depois da morte física o corpo astral se liberta: se o dissermos do ponto de vista da consciência, diremos que Kama-Manas foi libertada. Dela, aquela porção de manas-inferior, que não está intimamente entretecida com Kama, aos poucos se liberta, levando consigo as experiências apropriadas a serem assimiladas pelo corpo mental superior.

Entrementes, aquela porção de manas inferior que ainda permanece entretecida com Kama dá ao corpo astral uma consciência mais ou menos confusa, memória fragmentada dos acontecimentos da vida que acaba de se encerrar. Se as emoções e paixões foram fortes e o elemento mental fraco, então o corpo astral será fortemente energizado e persistirá por muito tempo no plano astral. Mostrará, também, bastante consciência, por causa da matéria mental que está entretecida nele. Se, por outro lado, a vida terrena que acaba de findar foi antes caracterizada pela mentalidade e pureza do que pela paixão, o corpo astral ficará pouco energizado, não passará de um pálido simulacro do homem e se desintegrará, perecendo com relativa rapidez.

CAPÍTULO XIV

A Vida depois da Morte: Peculiaridades

Se considerarmos as condições da vida astral de um homem, haverá dois fatores importantes a serem levados em conta: (1) a extensão do tempo que ele passa em qualquer subplano particular; (2) o grau de sua *conscientização*.

A extensão do *tempo* depende da quantidade de matéria pertencente àquele determinado subplano, a qual ele incorporou ao seu corpo astral durante a vida física. Terá que ficar, necessariamente, no referido subplano, até que a matéria a ele correspondente se tenha desprendido de seu corpo astral.

Durante a vida física, conforme vimos anteriormente, a qualidade do corpo astral que o homem constrói para si próprio é determinada diretamente pelas suas paixões, desejos e emoções e, indiretamente, pelos seus pensamentos, bem como pelos seus hábitos físicos — alimento, bebida, higiene, continência etc. Um corpo astral vulgar e grosseiro, resultando de uma vida vulgar e grosseira, levará o homem a responder apenas às vibrações astrais inferiores, de forma que depois da morte ele se encontrará sujeito ao plano astral durante o longo e lento processo de desintegração do corpo astral.

Por outro lado, um corpo astral aprimorado, criado por uma vida pura e aprimorada, levará o homem a ser insensível às vibrações grosseiras e baixas do mundo astral e responsivo apenas às suas influências superiores: conseqüentemente, ele terá muito menor transtorno em sua vida após a morte e sua evolução se processará rápida e facilmente.

O grau de *conscientização* depende do grau até o qual ele vivificou e usou a matéria do subplano particular em sua vida física.

Se durante a vida terrena a natureza animal foi afagada e teve permissão para fazer excessos, se o aspecto intelectual e o espiritual foram negligenciados ou sufocados, então o corpo astral, ou de desejo, persistirá por um longo tempo após a morte física.

Por outro lado, se o desejo foi dominado e cerceado durante a vida terrena, se foi purificado e treinado para obedecer à natureza superior, pouco haverá então para energizar o corpo astral e ele rapidamente se dissolverá, desintegrando-se.

O homem médio, contudo, de forma alguma libertou-se de todos os seus desejos inferiores antes da morte e, conseqüentemente, é necessário que tenha um longo período nos vários subplanos do plano astral para que as forças por ele geradas se exauam e libertem assim o ego superior.

O princípio geral é que, quando o corpo astral exauriu suas atrações em um nível, a parte maior de suas partículas mais grosseiras tomba e ele se encontra em afinidade com um estado de certa forma superior de existência. Sua gravidade específica, por assim dizer, está constantemente diminuindo e, assim, vai continuamente subindo da camada densa para as mais leves, detendo-se apenas quando fica exatamente equilibrada, a cada tempo.

Estar em dado subplano no mundo astral é ter desenvolvido sensibilidade das partículas do corpo astral que pertencem àquele subplano. Ter perfeita visão do plano astral significa ter desenvolvido sensibilidade em todas as partículas do corpo astral, de

forma que todos os subplanos ficam simultaneamente visíveis.

Um homem que levou uma vida boa e pura, cujos sentimentos e aspirações foram espirituais e destituídos de egoísmo, não se sentirá atraído pelo plano astral e, se for deixado inteiramente a sós, pouco encontrará que o mantenha ali ou que desperte nele uma atividade, mesmo pelo período relativamente curto de seu estágio. Suas paixões terrenas tendo sido dominadas durante a vida física e sua força de vontade tendo sido dirigida para canais superiores, há pouca energia de desejo inferior para ser descartada no plano astral. Assim, seu estágio ali será muito curto e é mais provável que tenha pouco mais do que uma sonolenta semiconsciência até que mergulhe no sono durante o qual seus princípios mais altos finalmente se libertem do corpo astral e ingressem na vida de beatitude do mundo celestial.

Se nos expressarmos mais tecnicamente, diremos que durante a vida física Manas purificou Kama com o qual estava entretecida, de forma que depois da morte tudo quanto restou de Kama foi um simples resíduo, facilmente descartável pelo ego que se está retirando. Um homem assim teria pouca consciência no plano astral.

É bastante possível que um homem possa, como resultado de suas encarnações anteriores, ter grande quantidade de matéria astral grosseira em seu corpo astral. Mesmo que tenha sido educado, e tenha conduzido sua vida de forma a não vivificar aquela matéria grosseira, e embora muita dessa matéria possa ter sido descartada e substituída por matéria mais refinada, ainda assim bastante dela ficou. Consequentemente, o homem terá de permanecer em um plano astral inferior durante algum tempo, até que realmente a matéria grosseira seja descartada. Porém, já que tal matéria não foi vivificada, ele terá pouca consciência e dormirá praticamente durante o período em que ali permanecer.

Há um ponto conhecido como ponto crítico entre cada par de subestados de matéria: o gelo pode ser levado a um ponto em que o menor acréscimo de calor o tornará liquefeito; a água pode ser levada a um ponto em que o menor acréscimo de calor pode transformá-la em vapor. E assim, cada subestado de matéria astral pode ser levado a um ponto de finura no qual qualquer refinamento adicional o transformaria no subestado próximo mais alto. Se um homem fez isso para cada subestado da matéria de seu corpo astral, de forma que ele foi purificado até o último grau possível de delicadeza, então o primeiro toque da força desintegradora despedaça sua coesão e leva-a à condição original, deixando-o imediatamente livre para passar ao subplano seguinte. Sua passagem através do plano astral será, assim, de uma rapidez inconcebível, e ele atravessará o plano de uma forma virtualmente instantânea, seguindo para o estado mais alto do mundo celestial.

Todas as pessoas, depois da morte, têm de passar por todos os subplanos do plano astral, em seu caminho para o mundo celestial. Mas o serem ou não conscientes de todos eles, e em que extensão o seriam, dependerá dos fatores citados.

Por essas razões, é claro que a soma de consciência que um homem possa ter no plano astral, e o tempo que ali irá passar em seu caminho para o mundo celestial, pode variar dentro de limites muito amplos. Há alguns que passam ali apenas algumas horas ou dias, outros permanecem por muitos anos, até mesmo durante séculos.

Para uma pessoa comum, 20 ou 30 anos no plano astral, depois da morte, é uma razoável média. Caso excepcional é o da Rainha Elizabeth, que tinha um amor tão intenso

pelo seu país que só recentemente passou para o mundo celestial, tendo usado o tempo, desde a sua morte, empenhando-se, e até pouco tempo sem sucesso, em incutir em seus sucessores as ideias que tinha do que devia ser feito pela Inglaterra.

Outro exemplo notável foi o da Rainha Victoria, que passou muito rapidamente pelo plano astral, seguindo para o mundo celestial, sua rápida passagem sendo devida indubitavelmente pelos milhões de amorosas e gratas formas-pensamentos que lhe foram enviadas, bem como à sua bondade inata.

A questão geral do intervalo entre vidas terrenas é complicada. Aqui só poderemos tocar brevemente na porção astral desses intervalos. Para maiores detalhes, o estudante é remetido ao livro *A Vida Interior*, de C. W. Leadbeater.

Três fatores principais têm de ser levados em conta:

(1) A classe do ego.

(2) A forma da sua individualização.

(3) A extensão e a natureza de sua última vida terrena.

Geralmente falando, um homem que morre jovem terá um intervalo menor do que um que morra em idade avançada, mas é provável que tenha uma vida astral proporcionalmente mais longa, porque muitas das fortes emoções que se exaurem na vida astral são geradas na parte inicial da vida física.

Devemos recordar que no mundo astral nossos métodos comuns de medir o tempo mal podem ser aplicados; mesmo na vida física a ansiedade e a dor se estendem por horas que parecem infinitas, e no plano astral essas características se exageram ao cêntuplo.

No plano astral um homem só pode medir o tempo pelas suas sensações. A falsa ideia da danação eterna veio da distorção desses fatos.

Vimos, assim, que tanto o tempo de permanência como a soma de consciência mantida em cada nível do plano astral dependem muitíssimo do tipo de vida que o homem teve no mundo físico. Outro fator de grande importância é a atitude mental do homem depois da morte física.

A vida astral pode ser dirigida pela vontade, tal como pode sê-lo a vida física. Um homem com pouca força de vontade e iniciativa é, tanto no mundo astral como no mundo físico, e muito, a criatura do ambiente que criou para si. Um homem determinado, por outro lado, pode sempre fazer o melhor das suas condições e viver sua própria vida, apesar delas.

Um homem, portanto, não se livra de suas más tendências no mundo astral, a não ser que trabalhe positivamente para esse fim. Se não fizer esforços definidos, terá de sofrer necessariamente as consequências dessa sua incapacidade de satisfazer os desejos que só podem ser atendidos por intermédio do corpo físico. Com o correr do tempo esses desejos diminuem e morrem, simplesmente por causa da impossibilidade de satisfazê-los.

O processo, contudo, pode ser muitíssimo acelerado, assim que o homem compreenda a necessidade de livrar-se dos maus desejos que o retêm e faça o esforço necessário para isso. Um homem ignorante do verdadeiro estado das coisas, habitualmente fica a remoer seus desejos, encompridando assim a vida desses desejos e, com isso, agarra-se desesperadamente às partículas grosseiras da matéria astral por tanto tempo quanto puder, porque as sensações, relacionadas com ela parecem mais aproximadas daquelas que

dá a vida física, e pelas quais ele ainda anseia. O procedimento certo para ele, naturalmente, é matar os desejos terrenos e recolher-se em si mesmo o mais depressa possível.

Mesmo o conhecimento meramente intelectual das condições da vida astral e, afinal, das verdades teosóficas em geral, é de inestimável valor para um homem, em sua vida após a morte.

É da mais alta importância que depois da morte física um homem possa reconhecer claramente que ele se está recolhendo continuamente em direção do ego e, conseqüentemente, que deve libertar seus pensamentos, tanto quanto possível, das coisas físicas, fixando sua atenção nas coisas espirituais com as quais se ocupará, quando, em devido tempo, passar do plano astral para o plano mental ou mundo celestial.

Muitas pessoas, infelizmente, recusam voltar seus pensamentos para o alto e se agarram aos assuntos terrenos com desesperada tenacidade. Com a passagem do tempo, paulatinamente e no curso normal da evolução, elas perdem contato com os mundos inferiores. Contudo, lutando a cada passo do caminho, causam a si próprias muito sofrimento desnecessário e adiam seriamente seu progresso.

Nessa oposição ignorante ao curso natural das coisas, a posse de um cadáver físico dá assistência a um homem, tal cadáver servindo como uma espécie de sustentáculo no plano físico.

Alguns exemplos típicos da vida astral após a morte ilustrarão melhor a natureza e a base lógica daquela vida.

Um homem comum, sem destaque algum, nem especialmente bom nem especialmente mau, de forma alguma é transformado pela morte, mas permanece descolorido como antes. Conseqüentemente, não terá sofrimento especial nem especial alegria: na verdade, pode achar aquela vida bem monótona, porque, não tendo cultivado interesses particulares durante a vida física, nenhum interesse tem em sua vida astral.

Se durante a sua vida física não se ocupou senão da tagarelice vazia, do esporte, dos negócios ou dos trajos, quando tais coisas não forem mais possíveis, ele se irá encontrar, naturalmente, com o tempo a lhe pesar nas mãos.

Entretanto, um homem que tem fortes desejos de qualidade inferior, que foi, por exemplo, um bêbado ou um sensual, estará em condições bem piores. Não só seus anseios e desejos permanecerão com ele (lembremo-nos de que os centros de sensação estão situados em Kama e não no corpo físico), como serão mais fortes do que nunca, porque sua força integral expressa-se na matéria astral, e não se está mais empregando parte dessa matéria para pôr em movimento as pesadas partículas físicas.

Estando na mais baixa e depravada condição da vida astral, um homem assim parece com frequência estar ainda suficientemente próximo do físico para ser sensível a certos odores, embora a titilação produzida seja suficiente apenas para excitar ainda mais seu louco desejo e tantalizá-lo ao ponto do frenesi.

Porém, como não mais possui o corpo físico, através do qual e apenas através dele seus desejos podem ser saciados, não tem possibilidade de aplacar sua terrível sede. Daí as inumeráveis tradições do fogo do purgatório, encontradas em quase todas as religiões, que não deixam de ser adequadas como símbolos para as torturantes condições que

descrevemos. Tais condições podem durar por longo tempo, já que só desaparecem paulatinamente, por exaustão.

A base racional e a justiça automática de todo o processo é clara: o homem criou, ele próprio, as suas condições, por suas próprias ações, e determinou o grau exato de seu poder e duração. Ademais, essa é a única forma pela qual ele pode livrar-se de seus vícios, porque, se reencarnasse imediatamente, iniciaria sua próxima vida precisamente como terminou a precedente, isto é, como escravo de suas paixões e apetites; e a possibilidade de jamais conseguir o domínio de si mesmo estaria consideravelmente reduzida. Mas, tal como as coisas são, havendo-se exaurido seus apetites, ele poderá começar sua próxima encarnação sem a carga em que eles se constituem, e seu ego, tendo recebido uma severa lição, provavelmente fará todos os esforços possíveis para refrear seus veículos inferiores quanto à repetição daqueles erros.

Um ébrio habitual consegue às vezes rodear-se de um véu de matéria etérica e assim materializar-se parcialmente. Pode, então, sentir o cheiro do álcool, mas não da mesma maneira pela qual nós o sentimos. Daí ficar ansioso para forçar outros a se embriagarem, de forma que ele possa, parcialmente, entrar em seus corpos físicos e obsedá-los, sentindo, através daqueles corpos, diretamente o sabor e as outras sensações pelas quais anseia.

A obsessão pode ser permanente ou temporária. Tal como acabamos de mencionar, um sensual morto pode agarrar qualquer veículo que consiga furtar a fim de afagar seus grosseiros desejos. Em outras ocasiões um homem pode obsedar alguém como um ato calculado de vingança: registrou-se um caso em que um homem obsedou a filha de um inimigo.

A melhor maneira de evitar a obsessão ou resistir a ela está no exercício da força de vontade. Quando o fato ocorre é porque quase sempre a vítima, em primeiro lugar, deixou-se dominar voluntariamente pela influência invasora; o primeiro passo a dar é reagir contra essa submissão. A mente deve colocar-se com firmeza, em determinada resistência contra a obsessão, compreendendo fortemente que a vontade humana é mais forte do que qualquer má influência.

Tal obsessão é naturalmente muitíssimo afastada do natural e, para ambas as partes, prejudicial em grau muito elevado.

O efeito do uso excessivo do fumo sobre o corpo astral é notável. O veneno de tal forma enche o corpo astral que ele se enrijece sob a sua influência e se torna incapaz de mover-se livremente. Durante algum tempo o homem fica paralisado, capaz de falar, ainda assim privado de qualquer movimento e quase que inteiramente desligado de influências superiores. Quando a parte envenenada de seu corpo astral se exaure, ele emerge daquela desagradável condição.

O corpo astral muda as suas partículas, tal como o faz o corpo físico, mas nada há que corresponda a comer ou digerir alimento. As partículas astrais que se desprendem são substituídas por outras, tiradas da atmosfera ambiente. Os desejos *puramente físicos* que trazem a fome e a sede já não existem ali; mas o *desejo* do glutão que quer ter a sensação do paladar, e o *desejo* do ébrio pelas sensações que se seguem à absorção do álcool, sendo ambos astrais, ainda persistem. E, como ficou dito antes, podem causar grande sofrimento devido à ausência do corpo físico, somente através do qual tais desejos podem ser

satisfeitos.

Muitos mitos e tradições existem, exemplificando as condições descritas. Um deles é o de Tântalo, que sofreu sede enlouquecedora e estava condenado a ver a água recuar exatamente quando ia tocá-la com os lábios. Outro exemplo, tipificando a ambição, é o de Sísifo, condenado a rolar uma pesada pedra até o topo de uma montanha e vê-la rolar novamente para baixo. A pedra representa os planos ambiciosos que tal homem continua a formar, apenas para compreender que não tem um corpo físico com que possa levá-los adiante. Ele acaba, finalmente, por exaurir sua egoística ambição, compreende que não precisa rolar sua pedra e deixa que ela fique em paz na base da montanha.

Outra história é a de Titio, um homem que foi amarrado a um rochedo e tinha seu fígado bicado por abutres, que o comiam. Mas aquele fígado tornava a crescer sempre, tão depressa quanto era comido. Isso simboliza o homem torturado pelas bicadas do remorso trazido por pecados cometidos na terra.

O pior que o homem comum do mundo habitualmente arranja para si próprio depois da morte é uma existência inútil e altamente cansativa, sem interesses racionais — sequela natural de uma vida desperdiçada em auto-satisfação, futilidades e falatório ocioso, aqui na terra.

As únicas coisas de que gosta já não lhe são possíveis, porque no mundo astral não há negócios a fazer e, embora possa ter todo o companheirismo que deseje, a sociedade é agora, para ele, uma coisa muito diferente, porque todas as suas pretensões, no que a ela se referem e estão habitualmente baseadas neste mundo, já não são possíveis.

O homem faz assim, para si mesmo, seu próprio purgatório e seu próprio céu, e tais coisas não são lugares, mas estados de consciência. O inferno não existe: é apenas uma ficção da imaginação teológica. Nem o purgatório nem o inferno podem ser eternos, porque uma causa finita não pode produzir resultado infinito.

Apesar disso, as condições do pior tipo de homem depois da morte talvez sejam melhor descritas pela palavra "inferno", embora tais condições não sejam intermináveis. Assim, por exemplo, acontece às vezes que um assassino é seguido por sua vítima, jamais podendo escapar dessa presença obsessionante. A vítima (a não ser que também ela seja de tipo inferior) está envolvida em inconsciência e essa mesma inconsciência parece acrescentar um novo horror àquela perseguição mecânica.

Tais fatos não acontecem arbitrariamente, mas são o resultado inevitável de causas postas em movimento pelas pessoas. As lições da natureza são severas, mas com o andar do tempo revelam-se misericordiosas, porque levam à evolução da alma e são rigorosamente corretivas e salutares.

Para a maioria das pessoas, o estado em que se encontram após a morte é muito mais feliz do que a vida que tiveram sobre a terra. A primeira sensação de que o morto tem consciência é habitualmente a de uma liberdade maravilhosa e deleitante. Nada há para afligi-lo, não lhe são impostos deveres, a não ser aqueles que ele próprio se impõe.

Observado o caso desse ponto de vista, está claro que há ampla justificativa para a afirmação de que as pessoas fisicamente "vivas", sepultadas e comprimidas em corpos físicos, estão, no verdadeiro sentido, muitíssimo menos "vivas" do que aquelas que habitualmente chamamos mortas. Os chamados mortos são muito mais livres e, estando

menos constrangidos pelas condições materiais, podem trabalhar com muito maior eficiência e cobrir campo maior de atividade.

Um homem que não permitiu a redistribuição de seu corpo astral está livre de todo o mundo astral, não o encontra exageradamente povoado porque o mundo astral é muito maior do que a superfície do mundo físico e sua população é de certa forma menor, sendo a vida média da humanidade no mundo astral mais curta do que a média da vida no mundo físico.

Além dos mortos, há ainda no plano astral cerca de um terço de vivos que deixaram temporariamente seu corpo enquanto dormem.

Embora todo o plano astral esteja aberto a qualquer dos seus habitantes que não permitiram a redistribuição de seu corpo astral, ainda assim a grande maioria permanece próxima da superfície da terra.

Passando para um tipo superior de homem, podemos considerar um que tenha algum interesse de natureza racional, isto é, música, literatura, ciência etc. Não mais existindo a necessidade de passar uma grande proporção de cada dia "ganhando a vida", o homem está livre para fazer precisamente aquilo de que gosta, tanto quanto for capaz de realização sem a matéria física. Na vida astral é possível não só ouvir os maiores músicos, mas ouvir muito mais música do que antes, porque há no mundo astral outras e mais amplas harmonias do que os ouvidos físicos, relativamente embotados, podem captar. Para o artista, todo o encantamento do mundo astral superior está aberto para seu gozo. Um homem pode rápida e facilmente mover-se de um lugar para outro e ver as maravilhas da Natureza, com muito maior facilidade, é óbvio, do que jamais poderia fazê-lo no plano físico. Se ele é um historiador ou um cientista, as bibliotecas e os laboratórios do mundo estão à sua disposição; sua compreensão dos processos naturais será mais completa do que jamais fora, porque ele agora pode ver tanto o interior como o exterior dos trabalhos e muitas das causas das quais antes apenas conhecia os efeitos. Em todos esses casos, sua satisfação é grandemente aumentada porque não há fadiga possível.

Um filantropo pode continuar seu trabalho beneficente mais vigorosamente do que jamais o fizera e sob melhores condições do que no mundo físico. Há milhares de criaturas que ele pode auxiliar e com maior certeza de estar propiciando real benefício.

É bastante possível, para qualquer pessoa, depois da morte, dispor-se ao estudo, no plano astral, adquirindo assim ideias inteiramente novas. Desta forma, há pessoas que podem tomar conhecimento da Teosofia pela primeira vez, no mundo astral. Há registro de um caso em que uma pessoa dedicou-se ao estudo da música naquele plano, embora tal coisa seja pouco comum.

Em geral, a vida no plano astral é mais ativa do que no plano físico, sendo a matéria astral mais vitalizada do que a matéria física, e a forma apresentando-se mais plástica. As possibilidades, tanto de entretenimento como de progresso, são sob todos os aspectos muito maiores no plano astral do que no plano físico. Tais possibilidades, porém, são de classe mais elevada e exigem inteligência maior para se fazerem proveitosas. Um homem que durante sua estada na terra devotou todo o seu pensamento e toda a sua energia apenas às coisas materiais, pouco provavelmente terá capacidade para se adaptar a condições mais adiantadas, pois sua mente semi-atrofiada não será forte o bastante para

captar as possibilidades mais amplas de uma vida maior.

Um homem cuja vida e interesses foram de tipo superior, estará em condições de fazer progresso maior em poucos anos de vida astral do que jamais poderia fazer nos anos da mais longa das vidas físicas.

Sendo os prazeres astrais muito maiores do que os do mundo físico, há o perigo de que as pessoas se voltem para eles, em prejuízo do caminho do progresso. Mesmo as satisfações da vida astral, entretanto, não apresentam sério perigo para os que compreenderam um pouco daquilo que é mais alto. Depois da morte, um homem deve tentar passar através dos níveis astrais o mais rapidamente possível, de forma compatível com a sua utilidade, e não ceder aos refinados prazeres que eles oferecem, como não cederia aos do mundo físico.

Qualquer homem desenvolvido é, sob todos os aspectos, tão ativo durante a vida astral após a morte como o foi em sua vida física. Pode, indiscutivelmente, ajudar ou bloquear seu próprio progresso e o de outros, tanto após a vida como antes, e consequentemente está todo o tempo gerando karma da mais alta importância.

Na verdade, a consciência de um homem que está vivendo inteiramente no mundo astral é habitualmente muito mais definida do que o foi durante sua vida astral quando adormecido, o que o capacita mais a pensar e agir com determinação, de forma que suas oportunidades de criar bom ou mau karma são maiores.

Em geral, pode-se dizer que um homem é capaz de criar karma onde quer que sua consciência esteja desenvolvida, ou onde quer que possa agir ou escolher. Assim, as ações realizadas no plano astral podem produzir frutos kármicos para a próxima vida terrena.

No mais baixo dos subplanos astrais, tendo outras coisas a distrair-lhe a atenção, um homem pouco se preocupa com o que acontece no mundo físico, a não ser quando busca antros de vício.

No subplano seguinte, o sexto, estão homens que, enquanto vivos, centralizaram seus desejos e pensamentos principalmente nos assuntos mundanos. Consequentemente, ainda pairam em torno das pessoas e lugares com os quais estiveram mais ligados quando na terra, e podem ter consciência de muitas coisas sobre eles. Nunca, todavia, veem a própria matéria física, mas sempre a sua contraparte astral.

Assim, por exemplo, um teatro cheio de gente tem sua contraparte astral, que é visível às entidades astrais. Não poderiam, contudo, ver, tais como os vemos, os costumes ou as expressões dos atores e as emoções dos artistas, já que são simuladas e não reais, e não podem fazer impressão no plano astral. Os que estão no sexto subplano, que fica sobre a superfície da terra, encontram-se rodeados pelas réplicas astrais das montanhas, árvores e lagos que fisicamente existam. Nos dois subplanos seguintes, o quinto e o quarto, essa consciência dos acontecimentos físicos também é possível, embora em grau que vai rapidamente diminuindo. Nos dois subplanos seguintes, o terceiro e o segundo, o contato com o plano físico só pode ser obtido por um esforço especial de comunicação através de um médium. Do primeiro subplano, o mais alto, mesmo a comunicação através de um médium seria muito difícil. Os que vivem em subplanos mais altos quase sempre se munem das cenas que desejam. Assim, num trecho do mundo astral há homens que se rodeiam de paisagem de sua própria criação; outros aceitam paisagens já feitas, construídas por outros.

(Uma descrição dos vários níveis ou subplanos será dada no capítulo XVI.)

Há casos em que homens constroem para si próprios cenas descritas em suas várias escrituras religiosas, tentando a desajeitada fabricação de joias nascendo de árvores, de mares de vidro mesclado com fogo, de criaturas cheias de olhos por dentro, e de deidades com centenas de braços e cabeças.

No lugar que os espíritas chamam Terra de Verão, as pessoas da mesma raça e da mesma religião tendem a manter-se reunidas depois da morte, tal como o eram na vida terrena, de forma que há uma espécie de rede de terras de verão sobre países a que pertenceram as pessoas que os criaram, sendo formadas comunidades, amplamente diferentes umas das outras, tal como se dá com comunidades semelhantes na terra. Isso se deve não só à afinidade natural, mas também ao fato de que as barreiras da linguagem ainda existem no plano astral.

Esse princípio se aplica realmente ao plano astral em geral. Assim, numa *sessão* espírita no Ceilão, verificou-se que as entidades que se comunicavam eram budistas e que, para além do túmulo, tinham encontrado a confirmação de suas preconcepções religiosas, exatamente como os membros das várias seitas cristãs da Europa. Os homens encontram no plano astral não apenas suas formas-pensamentos, mas as que foram feitas por outros — sendo estas, em alguns casos, o produto de gerações de pensamentos de milhares de pessoas, todas seguindo a mesma linha.

Não é fora do comum, para os pais, empenharem-se em imprimir seus desejos sobre os filhos, isto é, no que se refere a algum relacionamento especial que eles desejam. Tal influência é insidiosa, já que um homem comum pode tomar essa pressão contínua como seu próprio desejo subconsciente.

Em muitos casos, os mortos se constituíram em anjos da guarda dos vivos, mães muitas vezes protegendo seus filhos, maridos protegendo, suas esposas e assim por diante, durante muitos anos.

Em outros casos, um escritor ou compositor musical mortos podem imprimir suas ideias sobre um escritor ou um compositor que estejam no mundo físico, de forma que muitos livros levados ao crédito dos vivos são, realmente, o trabalho dos mortos. A pessoa que realmente escreve pode estar consciente da influência, ou pode estar inteiramente inconsciente dela.

Um romancista conhecido diz que suas histórias lhe surgem não sabe de onde e que, na realidade, não são escritas por ele, mas através dele. Reconhece isso. Há muitos outros provavelmente na mesma situação, porém que são inconscientes dela.

Um médico que morre, muitas vezes continua depois da morte a interessar-se pelos seus pacientes, tentando curá-los lá do outro lado ou ao seu sucessor métodos de tratamento que, com suas faculdades astrais recentemente obtidas, sabe que lhes serão úteis.

Embora a maioria das pessoas "boas" comuns, que morrem de morte natural, deixem de ter provavelmente qualquer consciência do que quer que seja físico, já que atravessam rapidamente os estágios inferiores antes de terem despertada a consciência astral, ainda assim, mesmo entre essas pessoas, algumas podem ser atraídas de volta a ter contato com o mundo físico em virtude de grande ansiedade sobre alguém que ali ficou.

O desgosto de parentes e amigos também pode atrair a atenção de quem passou para o plano astral e tende a trazê-lo de volta ao contato com sua vida terrena. Essa tendência a descer cresce com o uso, e o homem irá com certeza usar sua vontade para se manter ligado ao mundo físico. Durante algum tempo, seu poder de observar as coisas terrenas aumentará, mas a seguir irá diminuindo e ele sofrerá provavelmente ao sentir esse poder evadindo-se dele.

Em muitos casos, as pessoas não só causam a si próprias uma quantidade imensa de dor inteiramente desnecessária, mas também com freqüência prejudicam seriamente aqueles pelos quais choram com intenso e incontrolado desgosto.

Durante todo o período da vida no plano astral, seja ele curto ou longo, o homem está ao alcance das influências terrenas. Nos casos que acabamos de mencionar, a dor apaixonada e os desejos de amigos da terra enviam vibrações ao corpo astral do homem que morreu e assim alcançam e acordam sua mente, ou Manas inferior. Acordado assim de seu estado sonhador para a recordação vívida da vida terrena, ele pode tentar comunicar-se com seus amigos da terra, possivelmente através de um médium. Tal despertar é muitas vezes acompanhado de agudo sofrimento e, seja como for, o processo natural de recessão do ego é retardado.

O ensinamento oculto nem por um momento aconselha que se esqueça o morto; mas sugere que a lembrança afetuosa dele é uma força que, se dirigida apropriadamente na intenção de ajudar seu progresso em direção do mundo celestial e sua passagem através de um estado intermediário, pode ser de real valor para ele, enquanto os lamentos não só são inúteis, mas prejudiciais. É com instinto verdadeiro que a religião hindu realiza suas cerimônias Shrâddha e a Igreja Católica suas preces pelos mortos.

As preces, com as cerimônias que as acompanham, criam elementais que golpeiam o corpo astral da entidade kâmalóquica e apressam-lhe a desintegração, dirigindo-a, assim, para o mundo celestial.

Quando, por exemplo, uma missa é oferecida com a definida intenção de ajudar a pessoa morta, ela será sem dúvida beneficiada pelo afluxo de força: o pensamento forte fixado nela atrai inevitavelmente sua atenção, e quando é atraído à Igreja toma parte na cerimônia e goza de uma boa porção de seus resultados. Mesmo que ainda esteja inconsciente, a vontade do padre e suas orações dirigem uma corrente de força para a pessoa em questão.

Mesmo a sincera oração geral pelo bem dos mortos, como um todo, embora seja provavelmente vaga e portanto menos eficiente do que um pensamento mais definido, tem ainda no produto adicional um efeito cuja importância seria difícil exagerar. A Europa pouco sabe do quanto deve àquelas grandes ordens religiosas que se devotam, noite e dia, a orações contínuas pelos fiéis desaparecidos.

CAPÍTULO XV

A Vida depois da Morte: Casos Especiais

Não há, virtualmente, depois da morte, diferença entre a consciência de um psíquico e a de um homem comum, a não ser que o psíquico, sendo, como é provável, mais familiarizado com a matéria astral, irá sentir-se mais à vontade em seu novo ambiente. Ser psíquico significa possuir um corpo físico sob vários aspectos mais sensível do que o da maioria das pessoas; conseqüentemente, quando o corpo físico é descartado, essa desigualdade desaparece.

A morte súbita, tal como a que se dá por um acidente, não deve necessariamente afetar a vida astral para pior, de qualquer maneira. Ao mesmo tempo, para a maioria das pessoas, a morte natural é preferível, porque o lento desgaste da idade ou a devastação produzida por uma prolongada doença são quase que invariavelmente acompanhadas por considerável afrouxamento e dissipação das partículas astrais, de forma que, quando o homem recupera a consciência no plano astral, verifica que, seja como for, um pouco do seu trabalho principal já foi feito para ele.

Na maioria dos casos, quando a vida terrena é subitamente cortada por acidente ou por suicídio, o elo entre Kama (desejo) e Prana (vitalidade) não é facilmente rompido, e o corpo astral sente-se, assim, fortemente vivificado.

A retirada dos princípios de seu invólucro físico, devido a morte súbita, em qualquer caso, foi corretamente comparada à retirada do caroço de uma fruta ainda não madura. Uma grande quantidade da mais grosseira espécie de matéria astral ainda rodeia a personalidade, que, conseqüentemente, é mantida no sétimo subplano astral, isto é, no mais baixo deles.

O terror mental e a perturbação que às vezes acompanham a morte acidental são naturalmente preparação muito desfavorável para a vida astral. Em certos e raros casos, a agitação e o terror podem persistir por algum tempo após a morte.

A vítima da pena de morte, além do dano que lhe é feito com o súbito arrancar do corpo astral em relação ao corpo físico, quando aquele corpo está latejando com sentimentos de ódio, paixão, vingança e tudo o mais, constitui um elemento peculiarmente perigoso no plano astral. Por desagradável a uma sociedade que possa ser um assassino em seu corpo físico, ele se torna obviamente muito mais perigoso quando é subitamente expulso desse corpo; e, embora a sociedade se proteja dos assassinos em corpo físico, torna-se indefesa, agora, contra assassinos subitamente projetados no plano astral quando em pleno reverter de suas paixões.

Tais homens podem bem agir como instigadores de outros assassinos. É bem sabido que os assassinios de um tipo particular são às vezes repetidos muitas e muitas vezes na mesma comunidade.

A posição do suicida é muito mais complicada pelo fato de que seu gesto insensato diminuiu imensamente o poder do ego superior para recolher em si próprio sua porção inferior e, assim, levou-o a ficar exposto a grandes perigos. Apesar disso, devemos

lembrar, como já foi dito, que a culpa do suicídio difere consideravelmente, segundo as circunstâncias, desde o ato moralmente isento de culpa de Sócrates, até, através de todos os graus, o de um infeliz que se suicida a fim de escapar aos resultados físicos de seus próprios crimes e, sendo assim, a posição depois da morte varia de acordo com as referidas circunstâncias.

As consequências kármicas do suicídio são habitualmente graves: afetarão certamente a próxima vida e provavelmente outras ainda depois dessa. É um crime contra a Natureza interferir no período determinado para a vida física. Para cada pessoa há um fim de vida determinado por uma teia intrincada de causas anteriores, isto é, pelo Karma, e aquele termo deve chegar até o esgotamento, antes da dissolução da personalidade.

A atitude mental por ocasião da morte determina a posição subsequente da pessoa. Assim, há uma profunda diferença entre o que *entrega* sua vida por motivos altruísticos e o que deliberadamente destrói sua vida por motivos egoístas, tais como medo etc.

Os homens cuja mente é pura e espiritual, se forem vítimas de um acidente etc., dormem tranquilamente até o termo de sua vida natural. Em outros casos permanecem conscientes — muitas vezes enleados na cena final de sua vida física durante algum tempo, mantidos naquela região com que estejam relacionados pelas camadas mais externas de seu corpo astral. Sua vida kâmalóquica normal só começa depois que a teia da vida terrena é desfeita, e eles ficam nitidamente conscientes tanto de seu ambiente físico como de seu ambiente astral.

Nem por um momento, portanto, deve-se supor que, por causa das muitas superioridades da vida astral sobre a vida física, um homem tenha justificativa para o suicídio ou para procurar a morte. Os homens são encarnados num corpo físico com um propósito que só nesse corpo pode ser atingido. Há lições a serem aprendidas no mundo físico, lições que não podem ser aprendidas em nenhum outro lugar, e quanto mais cedo as aprendamos mais cedo estaremos livres da necessidade de retornar a uma vida inferior e limitada. O ego tem de se dar a muito trabalho a fim de encarnar-se num corpo físico, e também para viver o cansativo período da primeira infância, durante o qual está ganhando algum controle sobre seus novos veículos, gradualmente, e com muito esforço. Tais esforços não devem, portanto, ser insensatamente desperdiçados. A esse respeito, o instinto natural de autopreservação deve ser obedecido, sendo dever do homem conservar ao máximo a sua vida terrena, por tanto tempo quanto as circunstâncias o permitam.

Se um homem que foi subitamente assassinado levou uma existência baixa, brutal, egoísta e sensual, estará inteiramente consciente no sétimo subplano astral e tenderá a se transformar numa entidade terrivelmente perversa. Inflamado por apetites que já não pode satisfazer, tentará talvez saciar suas paixões através de um médium ou de uma pessoa sensível que possa obsedar. Tais entidades sentem um prazer demoníaco ao usarem de todas as artes da ilusão astral e com isso levam outros aos mesmos excessos que eles próprios se permitiram. Desta classe e dos cascarões vitalizados é que saem os tentadores — os demônios da literatura eclesiástica.

O que se segue é uma descrição, vigorosamente feita, das vítimas de morte súbita, seja em se tratando de suicidas, seja em se tratando de mortos em acidentes, quando tais vítimas são depravadas e grosseiras. "Sombras infelizes, se foram pecadoras ou sensuais,

ficam vagando... até que chegue o momento em que sua morte deve ocorrer. Mortos quando no fluxo integral das paixões terrenas que os prendem a cenas familiares, são acicatados pelas oportunidades de satisfazê-las por substituição, oportunidades estas que lhes são fornecidas pelos médiuns. São os Pischachas, os incubos, os súcubos da época medieval: os demônios da sede, da gula, da luxúria e da avareza, elementares de astúcia, perversidade e crueldade intensificadas, induzindo suas vítimas a crimes horrendos e regalando-se com a sua perpetração.

Soldados mortos em combate não pertencem inteiramente a essa classificação, porque, seja a causa pela qual estão lutando justa ou injusta, em abstrato, eles a consideram justa: para eles é o dever que os chama, e a ele sacrificam suas vidas, voluntariamente e sem egoísmo. Apesar de seus horrores, portanto, a guerra pode ser, apesar disso, um fator poderoso na evolução, em certo nível. Aí está também o grão de verdade existente na ideia do muçulmano fanático segundo a qual o homem que morre lutando pela fé segue diretamente para uma vida muito boa, no mundo seguinte.

No caso de crianças que morrem cedo, é pouco provável que demonstrem afinidade com as mais baixas subdivisões do mundo astral, e raramente são encontradas nos subplanos inferiores do astral.

Há pessoas que se agarram tão desesperadamente à existência material que, por ocasião da morte, seus corpos astrais não se podem separar do etérico e, conseqüentemente, acordam ainda rodeados pela matéria etérica. Tais pessoas ficam em situação muito desagradável: estão fora do mundo astral por causa do envoltório etérico que as rodeia e ao mesmo tempo estão, como é natural, igualmente fora da vida física comum, porque já não têm os órgãos físicos dos sentidos.

O resultado é ficarem vagando, solitárias, silenciosas e aterrorizadas, incapazes de se comunicarem com entidades de qualquer dos planos. Não podem compreender que, se não se agarrassem freneticamente à matéria, passariam depois de alguns momentos de inconsciência para a vida habitual do plano astral. Agarram-se, porém, ao seu mundo cinzento, com sua mísera semiconsciência e preferem isso a mergulharem naquilo que imaginam ser a completa extinção ou mesmo o inferno que lhes ensinaram existir.

Com o correr do tempo, o envoltório etérico se desgasta e o curso normal da Natureza se reafirma, apesar daquelas lutas; às vezes, de puro desespero, abandonam-se arrojadamente, preferindo a ideia da aniquilação à sua existência presente — e o resultado é dominadora e surpreendentemente agradável.

Em alguns casos, outras entidades astrais podem conseguir ajudá-las, persuadindo-as a abandonar o que para elas é a vida, e mergulhar para fora dela.

Em outros casos, elas podem ter a infelicidade de descobrir meios para retomar, até certo ponto, contato com a vida física através de um médium, embora em regra geral o "espírito-guia" do médium muito acertadamente lhes proíba esse acesso.

O "guia" está certo em sua ação, porque tais entidades, em seu terror e necessidade, tornam-se muito carentes de escrúpulos e chegam a obsedar e mesmo enlouquecer o médium, lutando pela vida como um homem que está se afogando luta. Só podem ter êxito se o ego do médium enfraqueceu o domínio sobre seus veículos, permitindo-se manter pensamentos ou paixões indesejáveis.

Às vezes, uma entidade pode conseguir agarrar o corpo de um bebê, expulsando a frágil personalidade para a qual tal corpo estava destinado, ou chega mesmo a obsedar o corpo de um animal, o fragmento da alma-grupo que, no animal, está em lugar de um ego, tendo domínio do corpo menos forte do que o de um ego. Tal obsessão pode ser completa ou parcial. A entidade obsessora entra em contato, assim, uma vez mais com o plano físico, vê através dos olhos do animal e sente a dor infligida ao animal e na verdade, pelo menos no que se refere à sua própria consciência, essa entidade é o animal, nessa ocasião.

O homem que assim se liga a um animal, não pode abandonar o corpo desse animal quando quiser, mas só gradualmente e com esforço considerável que talvez se prolongue por muitos dias. Habitualmente, ele se liberta apenas com a morte do animal e mesmo então permanece uma ligação astral que precisa ser desprendida. Depois da morte do animal, essa entidade procura às vezes obsedar outro membro da mesma espécie ou realmente qualquer outra criatura que possa agarrar, em seu desespero. Os animais mais comumente tomados parecem ser os menos evoluídos — gado, ovelhas e porcos. Criaturas mais inteligentes, como cães, gatos e cavalos, parecem não ser tão facilmente despojados, embora ocorram casos assim, ocasionalmente.

Todas as obsessões, sejam as de um corpo humano, sejam as de um corpo animal, são um mal e um prejuízo para a alma obsessora, já que fortalecem temporariamente seu apego ao material e retardam assim seu progresso natural em direção à vida astral, além de criarem para ela vínculos kármicos indesejáveis.

No caso de um homem que, por causa de apetites depravados ou outra razão semelhante, forma um vínculo muito forte com qualquer tipo de animal, mostra em seu corpo astral características animais e pode assemelhar-se, em seu aspecto, ao animal cujas qualidades foram encorajadas durante a vida terrena. Em casos extremos, o homem pode ficar ligado ao corpo astral do animal e tornar-se encadeado como um prisioneiro ao corpo físico do animal. O homem é consciente no mundo astral, tem suas faculdades humanas, mas não pode controlar o corpo animal nem expressar-se através daquele corpo no plano físico. O organismo animal ali está como um carcereiro, mais do que como um veículo e, além disso, a alma animal não é expulsa, mas permanece como o verdadeiro ocupante de seu corpo.

Casos desse tipo explicam, pelo menos parcialmente, a crença muitas vezes encontrada em países orientais, segundo a qual um homem pode, sob certas circunstâncias, reencarnar-se no corpo de um animal.

Destino idêntico pode caber ao homem que retorna ao plano astral em seu caminho para o renascimento, e isso está descrito no capítulo XXIV sobre *Renascimento*.

A classe de pessoas decididamente apegadas à terra pela ansiedade é muitas vezes chamada de "carnal": conforme diz St. Martin, tais homens são "permanecedores", não "retornadores", sem capacidade para se separarem inteiramente da matéria física até que apareça um assunto que lhes mereça especial interesse.

Já vimos que após a morte física o homem verdadeiro vai se retirando, com firmeza, de seus corpos exteriores, e que, em particular, Manas, ou mente, tenta desembaraçar-se de Kama, ou desejo. O elo entre o mental inferior e o superior, "o cordão de prata que liga ao Mestre", parte-se em dois, em certos — e raros — casos em que a personalidade, ou

homem inferior, esteja de tal forma controlada por Kama que o Manas inferior se tenha tornado inteiramente escravizado, e não consiga desembaraçar-se. A isso, em ocultismo, dá-se o nome de "perda da alma". É a perda do eu pessoal, que foi separado de seu progenitor, o ego superior, e assim se condenou a perecer.

Em tal caso, mesmo durante a vida terrena, o quaternário inferior é violentamente separado da Tríada, isto é, os princípios inferiores, encabeçados pelo Manas inferior, são desligados dos princípios superiores, Atma, Buddhi e Manas superior. O homem está dividido em dois, o bruto libertou-se e atira-se para a frente, desacomodado, levando consigo os reflexos daquela luz manásica que deveria ser seu guia através da vida. Tal criatura, já que possui mente, é mesmo mais perigosa do que um animal não-evoluído; embora humano em sua forma, é um bruto em sua natureza, sem senso de verdade, amor ou justiça.

Depois da morte física, tal corpo astral é uma entidade de terrível potência e tem a particularidade de, sob certas circunstâncias, embora as condições sejam raras, poder reencarnar-se no mundo dos homens. Sem outros instintos que não sejam os do animal, levado apenas pelas paixões, nunca pela emoção, com uma astúcia que bruto algum pode emular, uma perversidade que é deliberada, chega ao máximo da vileza, e torna-se o inimigo natural de todos os seres humanos normais. Um ser dessa classe — conhecido como um *Elementar* — desce cada vez mais baixo a cada encarnação sucessiva, até que a força maligna se desgasta e perece, separando-se da fonte da vida. Desintegra-se, e assim está perdido como existência separada.

Do ponto de vista do ego não houve colheita de experiências úteis daquela personalidade: o "raio" nada levou ao voltar, a vida inferior foi um fracasso total e completo.

A palavra Elementar foi empregada por vários escritores em muitos sentidos diferentes, mas é recomendável que se confie esse nome à entidade acima descrita.

CAPÍTULO XVI

O Plano Astral

Este capítulo se restringirá, tanto quanto o permitam as complexidades do assunto, a uma descrição da natureza, aparências, propriedades etc., do plano ou mundo astral.

O estudante inteligente compreenderá a imensa dificuldade de se dar, em linguagem física, uma descrição adequada do mundo astral. A tarefa tem sido comparada à de um explorador de alguma desconhecida floresta tropical, a quem pedem que dê uma descrição completa da região que atravessou. As dificuldades de descrever o mundo astral ainda são complicadas por dois fatores: (1) a dificuldade de transpor corretamente do plano astral para o físico a lembrança do que foi visto; e (2) o fato de a linguagem do plano físico ser inadequada para expressar muito do que há para se dizer.

Uma das mais importantes características do mundo astral é a de estar cheio de formas que se modificam constantemente: vemos que ali existem não apenas formas-pensamentos, compostas de essência elemental e animadas por um pensamento, mas também vastas massas de essência elemental das quais as formas constantemente emergem e nas quais elas constantemente desaparecem. A essência elemental existe em centenas de variedades em cada subplano, como se o ar fosse visível e estivesse em constante movimento ondulatório, mostrando um colorido igual ao da madrepérola. Correntes de pensamentos estão continuamente agitando essa matéria astral, os pensamentos fortes persistindo como entidades durante muito tempo, os mais fracos vestindo-se de essência elemental e dissolvendo-se novamente.

Já vimos que a matéria astral existe em sete ordens de textura, correspondendo aos sete graus físicos de sólido, líquido, gasoso etc. Cada uma dessas sete ordens de matéria é a base de um dos sete níveis, subdivisões, ou subplanos (como são diferentemente chamados) do plano astral.

Tornou-se habitual falar-se desses sete níveis como sendo arranjados uns sobre os outros, ficando o mais denso na base e o mais fino no topo. Em muitos diagramas eles são realmente desenhados dessa maneira. Há uma certa verdade nesse método de representação, mas não toda a verdade.

A matéria de cada subplano interpenetra a do subplano que lhe está abaixo; conseqüentemente, na superfície da terra, todos os sete subplanos existem juntos, no mesmo espaço. Em todo o caso, também é verdade que os subplanos astrais superiores se estendem mais para longe da terra física do que os subplanos mais densos.

Uma analogia bastante boa da relação entre os subplanos astrais nós temos no mundo físico. Em considerável medida os líquidos interpenetram os sólidos. Por exemplo, a água se infiltra no solo, os gases interpenetram os líquidos (a água contém, habitualmente, volume considerável de ar), e assim por diante. Não obstante, é substancialmente verdadeiro que o volume maior de água está nos mares, nos rios, etc., acima da terra sólida. Da mesma maneira, o volume maior da matéria gasosa fica acima da superfície da água, e vai muito mais além, no espaço, do que o sólido e o líquido.

O mesmo acontece com a matéria astral. Positivamente, a mais densa agregação de matéria astral está dentro dos limites da esfera física. Nessa conexão devemos notar que a matéria astral obedece às mesmas leis gerais que regem a matéria física e gravita em direção do centro da terra.

O sétimo, ou mais baixo subplano astral, penetra até certa distância no interior da terra, de forma que as entidades que nele vivem podem encontrar-se, realmente, dentro da crosta terrestre.

O sexto subplano é parcialmente coincidente com a superfície da terra.

O terceiro subplano, aquele que os espíritas chamam "Terra de Verão", estende-se por muitas milhas acima, na atmosfera.

O limite externo do mundo astral estende-se aproximadamente até a distante média da órbita lunar, de forma que, quando do perigeu, os planos astrais da terra e da lua habitualmente se tocam, mas não no apogeu. (Nota: A Terra e a Lua estão a uma distância de aproximadamente 240 000 milhas.) Daí o nome que os gregos davam ao plano astral: o mundo sublunar.

As sete subdivisões entram, naturalmente, em três grupos: (a) a sétima, ou a mais baixa; (b) a sexta, a quinta e a quarta; e (c) a terceira, a segunda e a primeira. A diferença entre os membros de um grupo pode ser comparada à que existe entre dois sólidos, por exemplo, aço e areia, e a diferença entre os grupos pode ser comparada à que existe entre um sólido e um líquido.

O subplano 7 tem o mundo físico como seu ambiente, embora apenas uma visão parcial e distorcida dele possa ser vista, já que tudo quanto é luminoso, bom e belo parece invisível. Há quatrocentos anos o escriba Ani descreveu-o assim, num papiro egípcio: "Que tipo de lugar é esse ao qual cheguei? Não tem água, não tem ar, é profundo, insondável, mais negro do que a mais negra noite, e os homens perambulam, desamparadamente, por ele. Neste lugar um homem não pode viver com o coração tranquilo".

Para o ser infeliz que está naquele nível, é verdade realmente que "toda a terra está cheia de escuridão e de moradias cruéis", mas é uma escuridão que irradia dele próprio e leva-o a passar sua existência em noite perpétua de mal e horror — um inferno muito real, embora, como todos os outros infernos, seja inteiramente uma criação do homem.

A maioria dos estudantes considera a pesquisa nessa seção como tarefa extremamente desagradável, pois ali parece haver uma sensação de densidade e de grosseiro materialismo, que é indescritivelmente repulsiva para o corpo astral liberado, dando a impressão de que o caminho é feito, forçadamente, através de um fluido negro, viscoso, enquanto os habitantes e as influências ali encontrados também se mostram inexcusavelmente indesejáveis.

O homem comum, decente, pouco encontraria para se deter provavelmente no sétimo subplano, sendo os alcoólatras, os sensuais, os criminosos violentos e outros assim, as únicas pessoas que acordam normalmente naquele subplano, pois são aquelas tomadas de desejos grosseiros e brutais.

Os subplanos 6, 5 e 4 têm por ambiente o mundo físico com o qual estamos familiarizados. A vida no número 6 é como a vida física habitual, com o corpo e suas necessidades a menos. Os números 5 e 4 são menos materiais e mais afastados do mundo

inferior e seus interesses.

Como acontece com o físico, a matéria astral mais densa é densa demais para as formas habituais da vida astral, mas nesse mundo moram outras formas que lhe são próprias e inteiramente desconhecidas dos estudantes da superfície.

No quinto e quarto subplanos as associações meramente terrenas vão-se tornando cada vez menos importantes e as pessoas que ali estão tendem, sempre mais e mais, a modelar seu meio ambiente em concordância com os seus pensamentos mais persistentes.

Os subplanos 3, 2 e 1, embora ocupando o mesmo espaço, dão a impressão de estarem muito distantes do mundo físico e, por conseguinte, menos materiais. Nesses níveis as entidades perdem de vista a terra e seus assuntos. Ficam, habitualmente, profundamente absorvidas em si mesmas e criam, em grande parte, seu próprio ambiente, embora este seja suficientemente objetivo para ser percebido por outras entidades.

Assim, estão pouco alertas para as realidades do plano, mas vivem em cidades imaginadas por elas próprias, em parte criando-as com seus pensamentos, em parte herdando e acrescentando algo às estruturas criadas pelos seus predecessores.

Ali se encontram as felizes regiões de caça do Pele Vermelha, o Valhalla dos nórdicos, o paraíso repleto de huris dos muçulmanos, a entrada de ouro e pedras preciosas da Nova Jerusalém dos cristãos, o céu cheio de escolas do reformador materialista. Ali também está a "Terra de Verão" dos espíritas, na qual existem casas, escolas, cidades etc., que, bastante reais como se mostram nessa ocasião, tornam-se, para uma percepção mais clara, deploravelmente diferentes daquilo que seus deleitados criadores imaginam que sejam. Apesar disso, muitas das criações mostram-se de uma beleza real, embora temporária, e um visitante que não conhecesse nada mais alto poderia perambular alegremente pelo cenário natural arranjado, que, seja como for, é muito superior a tudo que existe no mundo físico. Ou talvez esse visitante preferisse construir seu cenário de acordo com a sua própria fantasia.

O segundo subplano é a morada, especialmente, do beato egoísta e nada espiritual. Ali ele usa sua coroa de ouro e cultua sua própria representação, grosseiramente material, da deidade particular de seu país, na ocasião.

O primeiro subplano é apropriado especialmente para os que, durante a vida na terra, dedicaram-se a trabalhos materialistas, mas intelectuais, fazendo-o não para ajudar seus semelhantes, mas por ambição egoísta ou simplesmente por amor do exercício intelectual. Tais pessoas podem permanecer nesse subplano por muitos anos, felizes por desenvolver seus problemas intelectuais, mas sem fazer bem a ninguém e tendo pequeno progresso em seu caminho para o mundo celestial.

Neste último, o subplano atômico, os homens não constroem para si próprios concepções imaginárias, como fazem nos planos inferiores.

Pensadores e homens de ciência muitas vezes utilizam, para fins de seus estudos, quase todos os poderes do plano astral por inteiro, já que podem descer quase até o físico, dentro de certos limites. Assim, podem descer rapidamente sobre a contraparte astral de um livro físico, e extrair dela a informação desejada. Com facilidade entram em contato com a mente de um autor, gravam nela as suas ideias e, em troca, recebem as dele. Às vezes retardam seriamente sua partida para o mundo celestial, pela avidez com que

seguem as linhas de um estudo e de uma experiência, no plano astral.

Embora falemos da matéria astral como sólida, ela nunca o é, *realmente*, mostrando-se apenas relativamente sólida. Os alquimistas medievais simbolizavam a matéria astral pela água, por causa da sua fluidez e penetrabilidade. As partículas na matéria astral mais densa ficam bem separadas, relativamente ao seu tamanho, mais do que mesmo as partículas gasosas. Daí ser mais fácil para dois corpos da mais densa matéria astral passarem um pelo outro, do que seria para o mais leve gás o difundir-se no ar.

As pessoas no plano astral podem passar, e passam umas através das outras constantemente, bem como através de objetos astrais fixos. Não pode haver nunca o que chamamos colisão, e sob circunstâncias comuns dois corpos que se interpenetram nem sequer são afetados de forma apreciável. Se, entretanto, a interpenetração se prolonga por algum tempo, tal como quando duas pessoas se sentam lado a lado numa igreja ou num teatro, um efeito considerável pode ser produzido.

Se um homem pensou numa montanha como num obstáculo, não pode passar através dela. Aprender que aquilo não é um obstáculo é precisamente o objetivo de uma parte do que é chamado "teste da terra".

Uma explosão no plano astral pode ser temporariamente desastrosa, tanto como uma explosão de dinamite no plano físico, mas os fragmentos astrais rapidamente se reúnem outra vez. Assim, não pode haver um acidente no plano astral, em nosso sentido da palavra, porque o corpo astral, sendo fluídico, não pode ser destruído ou permanentemente lesado, como acontece com o corpo físico.

Um objeto puramente astral pode ser movido através de uma mão astral, se a pessoa o quiser, mas o mesmo não acontece com a contraparte astral de um objeto físico. Para mover essa contraparte seria necessário materializar a mão e mover o objeto físico. Então, a contraparte astral o acompanharia naturalmente. A contraparte astral ali está porque o objeto físico também está ali, tal como o perfume de uma rosa é sentido num aposento porque a rosa ali se encontra. Não se pode mover um objeto físico movendo sua contraparte astral, assim como não se pode mover uma rosa movendo seu perfume.

No plano astral não se toca nunca a superfície das coisas, como para sentir se são duras ou macias, ásperas ou lisas, frias ou quentes, mas entrando em contato com a substância interpenetrante vem a consciência de um ritmo diferente de vibração, que pode naturalmente ser agradável ou desagradável, estimulante ou depressiva.

Assim, se alguém está de pé sobre a terra, parte de seu corpo astral interpenetra o chão, sob os pés, mas o corpo astral não terá consciência disso através de alguma coisa que corresponda a uma sensação de dureza, ou por qualquer diferença no poder de se movimentar.

No plano astral não se tem a impressão de saltar sobre um precipício, mas, e simplesmente, a de flutuar sobre ele.

Embora a luz de todos os planos venha do sol, ainda assim o efeito que ela produz no plano astral é inteiramente diferente do que lhe daria o físico. No mundo astral há uma luminosidade difusa, que, é evidente, não emana de qualquer direção especial. Toda matéria astral é luminosa em si mesma, embora um corpo astral não se pareça a uma esfera pintada, e sim, antes, a uma esfera de fogo vivo. Jamais há escuridão no plano astral.

A passagem de uma nuvem, no plano físico, diante do sol, não faz qualquer diferença no plano astral, como também não faz a sombra que aqui na terra chamamos noite. Todos os corpos astrais são transparentes; não há sombras.

As condições climáticas e atmosféricas não têm diferença virtual para o trabalho nos planos astral e mental. Estar numa grande cidade faz uma grande diferença, por causa das massas de formas-pensamentos.

No plano astral há muitas correntes que tendem a levar consigo pessoas destituídas de vontade, e mesmo aquelas que têm vontade mas não sabem como usá-la.

Não há nada que se pareça ao sono, no mundo astral.

É possível esquecer, no plano astral, da mesma forma como o é possível no físico. Talvez seja ainda mais fácil esquecer no plano astral do que no físico, porque aquele mundo é muito movimentado e populoso.

Conhecer uma pessoa no plano astral não significa conhecê-la no mundo físico.

O plano astral tem sido chamado, com frequência, o reino da ilusão — não porque em si próprio seja mais ilusório do que o mundo, físico, mas por causa da extrema insegurança que causam impressões trazidas de lá por videntes não treinados. Isso se explica através de duas notáveis características do mundo astral: (1) muitos dos seus moradores têm o maravilhoso poder de modificar sua forma com versátil rapidez, e também o de fascinar ilimitadamente aqueles com os quais desejam divertir-se; e (2) a visão astral é muito diferente e muito mais extensa do que a visão física.

Assim, com a visão astral um objeto é visto, por assim dizer, por todos os lados ao mesmo tempo, sendo cada partícula no interior de um sólido tão claramente aberta à vista como as que estão por fora, e tudo inteiramente livre da distorção da perspectiva.

Se olharmos para um relógio astralmente, veremos a face e todas as rodas separadamente, mas nada sobre outra coisa qualquer. Olhando para um livro fechado veremos cada página, não através das outras páginas, adiante ou atrás delas, mas veremos diretamente cada página, como se fosse a única a ser vista.

É fácil ver que, sob tais condições, mesmo os objetos mais familiares podem ser inteiramente irreconhecíveis de início e que um visitante sem experiência pode bem encontrar muitíssima dificuldade para compreender o que realmente está vendo, e ainda mais para traduzir sua visão para a muito inadequada linguagem do falar comum. Ainda assim, um momento de consideração mostrará que a visão astral se aproxima muito mais da verdadeira percepção do que a visão física, que está sujeita a distorções da perspectiva.

Além dessas possíveis fontes de erro, as coisas ainda se complicam mais pelo fato de a visão astral conhecer formas de matéria que, embora ainda puramente físicas, são apesar disso invisíveis sob condições comuns. Assim, por exemplo, são as partículas que compõem a atmosfera, todas as emanções que estão sendo continuamente libertadas por tudo quanto tem vida e também os quatro graus de matéria etérica.

Ademais, a visão astral traz à visão outras e diferentes cores, para além dos limites do espectro comum visível, os raios infravermelhos e ultravioletas, conhecidos pela ciência física, sendo claramente visíveis para a visão astral.

Para tomar um exemplo concreto, uma rocha, vista com visão astral, não é apenas massa inerte de pedra. Com a visão astral: (1) o todo da matéria física é visto, e não

apenas uma pequena parte dela; (2) as vibrações das partículas físicas são perceptíveis; (3) a contraparte astral, composta de vários graus de matéria astral, todas em constante movimento, é visível; (4) a vida universal (Prana) é vista circulando através da rocha e irradiando dela; (5) uma aura será vista a envolvê-la; (6) sua essência elemental própria é vista impregnando-a, sempre ativa, mas sempre fluando. No caso dos reinos vegetal, animal e humano, as complicações são, como é natural, muito mais numerosas.

Um bom exemplo do tipo de erro que tende a ocorrer no plano astral é a frequente inversão de qualquer número que o vidente tenha registrado, de forma que é possível dizer, vejamos, 139 por 931, e assim por diante. No caso de um estudante de ocultismo treinado por um Mestre competente, tal erro seria impossível, a não ser que fosse devido a uma grande pressa ou negligência, pois esse aluno tem de passar através de longo e variado curso de instruções nessa arte de ver corretamente. Um vidente treinado em tempo adquire uma certeza e confiança no trato com os fenômenos do plano astral, que excedem a qualquer coisa possível na vida física.

É um grande erro falar com desprezo do plano astral e pensar que ele é indigno de atenção. Seria natural e certamente, bastante desastroso para qualquer estudante negligenciar seu desenvolvimento maior e ficar satisfeito com ter atingido a consciência astral. Em alguns casos é realmente possível desenvolver primeiro as mais altas faculdades mentais, ultrapassando o plano astral por um tempo, por assim dizer. Mas esse não é o método habitual adotado pelos Mestres da Sabedoria com seus discípulos. Para a maioria, o progresso aos saltos não é possível. Será necessário, portanto, proceder vagarosamente, passo por passo.

Na *Voz do Silêncio* fala-se em três vestíbulos. O primeiro, o da ignorância, é o plano físico; o segundo, o Vestíbulo do Aprendizado, é o plano astral, assim chamado porque a abertura dos Chakras astrais revela tanto mais do que é visível no plano físico que o homem sente estar mais perto da realidade da coisa; ainda assim, ali ainda é um lugar de aprendizado probatório. Mais real ainda é o conhecimento preciso que ele adquire no Vestíbulo da Sabedoria, que é o plano mental.

Uma parte importante do cenário do plano astral consiste daquilo que, erradamente mas com frequência, é chamado Registros da Luz Astral. Esses registros (que, na verdade, são uma espécie de materialização da memória divina — uma representação fotográfica viva de tudo que já aconteceu) são real e permanentemente impressos sobre um nível muito mais alto e só se refletem de forma mais ou menos espasmódica no plano astral. Assim, alguém cujo poder de visão não vai além disso só poderá obter quadros ocasionais e desconexos do passado, em lugar de uma narrativa coerente. Sem embargo, esses quadros refletidos de toda a espécie de eventos pretéritos estão sendo constantemente reproduzidos no mundo astral e formam parte importante daquilo que ali rodeia o investigador.

A comunicação no plano astral é limitada pelo conhecimento da entidade, tal como o é no mundo físico. Quem tem possibilidade de usar o corpo mental pode comunicar seus pensamentos às entidades humanas que ali estão, mais facilmente e mais rapidamente do que na terra, por meio de impressões mentais. Os moradores comuns do mundo astral não estão habitualmente capacitados para exercer esse poder. Parecem restringidos por

limitações similares àquelas que prevalecem na terra, embora talvez menos rígidas. Consequentemente (tal como foi anteriormente mencionado) são encontrados ali, tal como aqui, em grupos que se reuniram pelas simpatias, crenças e linguagem comum.

CAPÍTULO XVII

Diversos Fenômenos Astrais

Há razões para se supor que pode não se passar muito tempo antes que uma ou duas forças superfísicas venham a ser conhecidas pelo mundo em geral. Uma experiência comum em "sessões" espíritas é a do emprego de força praticamente irresistível nos movimentos instantâneos de pesos enormes, por exemplo, e assim por diante. Há várias formas de se conseguir esse resultado. Podemos sugerir quatro delas:

(1) Existem as grandes *correntes etéricas* à superfície da terra, fluindo de polo a polo, em volumes que fazem seu poder tão irresistível quanto o das marés montantes, e há métodos através dos quais essa estupenda força pode ser utilizada com segurança, embora tentativas pouco hábeis no sentido de controlá-la possam ser carregadas do maior perigo.

(2) Existe uma *pressão etérica*, algo que corresponde, embora seja muitíssimo maior, à pressão atmosférica. O ocultismo prático ensina como determinado corpo de éter pode ser isolado do resto, de forma que a tremenda força da pressão etérica possa ser levada a agir.

(3) Existe um vasto armazenamento de *energia potencial*, que se vem mantendo adormecida na matéria durante a involução do sutil para o grosseiro. Pela modificação da condição da matéria alguma dessa energia pode ser liberada e utilizada, mais ou menos como a energia latente sob a forma de calor pode ser liberada mediante uma modificação na condição da matéria visível.

(4) Muitos resultados podem ser obtidos através do que é conhecido como *vibração simpática*. Fazendo ressoar a nota tônica da classe de matéria que se deseja afetar, uma quantidade imensa de vibrações simpáticas pode ser produzida. Quando isso é feito no plano físico, isto é, fazendo-se ressoar uma nota na harpa e levando outras harpas afinadas na mesma tonalidade a responderem simpaticamente, não há energia adicional desenvolvida. No plano astral, entretanto, a matéria é muitíssimo menos inerte, de forma que, quando chamada à ação pelas vibrações simpáticas, acrescenta sua própria força viva ao impulso original, que, assim, pode ser multiplicado muitíssimas vezes. Através de ulterior repetição rítmica do impulso original, as vibrações podem ser de tal modo intensificadas que o resultado fica aparentemente fora de proporção com a causa. Parece que dificilmente há qualquer limite às realizações concebíveis dessa força em mãos de um grande Adepto que compreenda integralmente suas possibilidades, já que a própria construção do Universo não foi senão o resultado de vibrações postas em movimento pela Palavra Falada.

O tipo de mantras ou encantamentos que produz resultados sem ser através do controle de algum elemental, mas apenas pela repetição de certos sons, também depende, para sua eficácia, dessa ação das vibrações simpáticas.

Os fenômenos de *desintegração* também podem ser produzidos pela ação de vibrações extremamente rápidas, que se sobrepõem à coesão das moléculas do objeto que

está sendo tratado. Uma vibração ainda mais alta, de um tipo algo diferente, separará essas moléculas em seus átomos constituintes. Um corpo assim reduzido à condição etérica pode ser movido de um lugar para o outro com uma rapidez muito grande. E, no momento em que a força exercida é retirada, ele será forçado pela pressão etérica a reassumir sua condição original.

É necessário explicar como a forma de um objeto é preservada ao ser ele desintegrado e depois rematerializado. Se uma chave de metal, por exemplo, for levada à condição vaporosa pelo calor, quando o calor é retirado o metal se solidificará, mas em lugar de termos uma chave teremos um pedaço de metal. Isso acontece porque a essência elemental que dá forma à chave foi dissipada pela alteração na sua condição. Não quer dizer que a essência elemental possa ser afetada pelo calor, mas que, quando seu corpo temporário é destruído em sua qualidade de sólido, a essência elemental volta ao grande reservatório dessa essência, tal como os superiores princípios do homem, embora inteiramente intocados pelo frio ou pelo calor, ainda assim são expulsos do corpo físico quando este último é destruído pelo fogo.

Consequentemente, quando o metal da chave esfria e retorna à condição de sólido, a essência elemental "terra" que volta para ela não é a mesma que ali estava antes, portanto não há razão para que o feitio da chave seja conservado.

Mas um homem que desintegrasse uma chave a fim de levá-la de um lugar para outro, teria o cuidado de manter a essência elemental exatamente na mesma forma até que a transferência se completasse e, então, quando a força de sua vontade fosse removida, ela aluaria como um molde no qual as partículas solidificantes seriam reagregadas. Assim, a não ser que falhasse o poder da vontade do operador, o formato seria perfeitamente preservado.

Aportes, ou o transporte quase instantâneo de objetos que estão a grande distância, para as *sessões* espíritas, são, às vezes, produzidos dessa maneira, porque é óbvio que, quando desintegrados, poderiam passar com perfeita facilidade através de substância sólida, tal como a parede de uma casa ou o lado de uma caixa fechada. A passagem da matéria através da matéria é, assim, quando compreendida, tão simples como a passagem da água através de um crivo ou a de um gás através de um líquido.

A *materialização*, ou a mudança de um objeto do estado etérico para o sólido, pode ser produzida por uma inversão do processo acima. Nesse caso, também um esforço contínuo da vontade é necessário para evitar que a matéria materializada recaia na condição etérica. Os vários tipos de materialização serão descritos no capítulo XXVIII, *Auxiliares Invisíveis*.

Perturbações elétricas de qualquer espécie apresentam dificuldade tanto para a materialização como para a desintegração, presumivelmente pelo mesmo motivo que leva a luz brilhante a torná-las quase impossíveis — o efeito destrutivo da vibração forte.

A *reduplicação* é produzida pela formação de uma imagem mental perfeita do objeto a ser copiado e, então, seguindo-se a isso, vem a colheita da necessária matéria astral e física para o molde. O fenômeno requer considerável poder de concentração para realizar-se, porque cada partícula, seja interna ou externa do objeto a ser duplicado, deve ser mantida perfeita e simultaneamente à vista. Uma pessoa que seja incapaz de extrair a

matéria desejada diretamente do éter circundante pode, às vezes, obtê-la do material do artigo original, que seria, então, diminuído correspondentemente, em seu peso.

A *precipitação* de letras etc. pode ser produzida de várias maneiras. Um Adepto pode colocar uma folha de papel diante de si, formar uma imagem mental da escrita que deseja ver surgir nele e retirar do éter a matéria com a qual tornará a imagem objetiva. Ou pode, com a mesma facilidade, ter o mesmo resultado sobre uma folha de papel que esteja diante de seu correspondente, seja qual for a distância existente entre eles.

Um terceiro método, mais rápido, portanto com maior freqüência adotado, é imprimir toda a substância da carta na mente de algum discípulo e deixar para ele o trabalho mecânico da precipitação. O discípulo imaginará então que vê a carta escrita no papel que está nas mãos de seu Mestre e torna objetiva a escrita, tal como acabamos de descrever. Se ele achar difícil retirar matéria do éter e precipitar a escrita no papel, simultaneamente, pode ter à mão tinta ou pó colorido, do qual ele pode retirá-la mais facilmente.

É também fácil imitar a caligrafia de outra pessoa, e seria impossível detectar tal falsificação pelos meios comuns. O discípulo de um Mestre tem um teste infalível que pode aplicar, mas para outros a prova de origem deve estar apenas no conteúdo da carta e o espírito que a anima, porque a caligrafia, por muito bem imitada que seja, não tem valor como evidência.

Um discípulo novo no trabalho poderia provavelmente imaginar só algumas palavras de cada vez, mas um que tivesse mais experiência poderia visualizar toda a página, ou mesmo toda a carta, ao mesmo tempo. Dessa forma, cartas bastante longas são às vezes produzidas em alguns segundos, nas *sessões* espíritas.

Quadros são precipitados da mesma maneira, a não ser que, nesse caso, é necessário visualizar toda a cena de uma vez; e se muitas cores forem usadas, elas têm de ser manufaturadas, mantidas em separado e corretamente aplicadas. Evidentemente, aqui há campo para a faculdade artística, e aqueles que tiverem experiência como artistas terão mais êxito do que os que não possuem tal experiência.

A *escrita em lousas* é produzida às vezes por precipitação, embora mais frequentemente minúsculos pontos da mão dos espíritos possam ser materializados apenas o bastante para segurarem o pedaço de lápis.

A *levitação*, que é a flutuação de um corpo humano no ar, é com freqüência realizada em *sessões* por "mãos de espíritos" que sustentam o corpo do médium. Pode ser conseguida igualmente com o auxílio dos elementais do ar e da água. No Oriente, contudo, sempre se emprega outro método, que aqui é ocasionalmente empregado. Sabe a ciência oculta que há um método para neutralizar e mesmo inverter a força da gravidade, que é um fato de natureza magnética através do qual a levitação pode ser facilmente produzida. Sem dúvida, esse método foi usado para erguer algumas naves aéreas da antiga Índia e da Atlântida, e não é improvável que método semelhante tenha sido empregado na construção das Pirâmides e de Stonehenge.

A levitação também se dá em alguns ascetas da Índia, e alguns dos maiores santos cristãos, quando em profunda meditação, foram erguidos do solo — por exemplo, Santa Teresa e São José de Cupertino.

Já que a luz consiste em vibrações do éter, é óbvio que alguém que seja conhecedor de como produzir essas vibrações pode produzir "luzes de espíritos", seja a suave fosforescência ou a deslumbradora variedade elétrica, ou aqueles globos dançantes de luz nos quais certa classe de elementais do fogo tão facilmente se transformam.

O fato de se *manejar fogo* sem sofrer dano pode ser conseguido fazendo-se a cobertura da mão com a mais delgada camada de substância etérica, manipulada para ser impermeável ao calor. Há ainda outras formas que podem ser usadas.

A *produção de fogo* também está dentro dos recursos do plano astral, bem como a forma de neutralizar seus efeitos. Parece haver pelo menos três maneiras de se fazer isso: (1) estabelecer e manter o ritmo necessário de vibração, quando a combustão vai ser produzida; (2) introduzir, de forma quadridimensional, minúsculos fragmentos de matéria resplandecente e então soprá-los até que se expandam em chamas; (3) introduzir constituintes químicos que produzam combustão.

A *transmutação de metais* pode ser obtida reduzindo-se a peça de metal à condição atômica e tornando a arranjar os átomos em outra forma.

A *repercussão*, da qual trataremos no capítulo sobre *Auxiliares Invisíveis*, também se deve ao princípio de vibração simpática descrito acima.

CAPÍTULO XVIII

A Quarta Dimensão

Há muitas características do mundo astral que concordam, em notável exatidão, com um mundo de quatro dimensões, tal como a concebem a geometria e a matemática. Tão íntima, na verdade, é essa concordância, que se conhecem casos em que um estudo puramente intelectual da geometria da quarta dimensão despertou a visão astral no estudante.

Os livros clássicos no assunto são os de C. H. Hinton: *Scientific Romances*, vols. I e II, e *A New Era of Thought: The Fourth Dimension*. São livros muito recomendados por C. W. Leadbeater, e ele declara que o estudo da quarta dimensão é o melhor método que conhece para se obter a concepção das condições existentes no plano astral, e que a exposição de C. H. Hinton sobre a quarta dimensão é a única que dá, aqui, qualquer espécie de explicação de fatos constantemente observados pela visão astral.

Outros livros posteriores são vários, de Claude Bragdon: *The Beautiful Necessity, A Primer of Higher Space, Fourth Dimensional Vistas* etc. Há, de P. D. Ouspensky, *Tertium Organum* (livro dos mais esclarecedores). E, sem dúvida, muitos outros mais.

Para os que não fizeram estudo algum do assunto podemos dar, aqui, o mais simples delineamento de alguns dos aspectos principais subjacentes na quarta dimensão.

Um *ponto* que tem "posição" mas não "magnitude" não tem dimensões; uma *linha*, criada pelo movimento de um ponto, tem uma dimensão, comprimento; uma *superfície*, criada pelo movimento de uma linha, em ângulos retos consigo mesma, tem duas dimensões, comprimento e largura; um *sólido*, criado pelo movimento de uma superfície em ângulos retos consigo mesma, tem três dimensões, comprimento, largura e espessura.

Um *tesseract* é um objeto hipotético, criado pelo movimento de um sólido, em nova direção, em ângulos retos consigo mesmo, tendo quatro dimensões: comprimento, largura, espessura e uma outra, em ângulos retos com essas três, mas incapaz de se fazer representar em nosso mundo de três dimensões.

Muitas das propriedades de um *tesseract* podem ser deduzidas de acordo com o seguinte quadro:

	Pontos	Linhas	Superfícies	Sólidos
Um Ponto tem ...	1	-	-	-
Uma Linha tem...	2	1	-	-
Uma Superfície de quatro lados tem ...	4	4	1	-
Um Cubo tem ...	8	12	6	1
Um <i>Tesseract</i> tem...	16	32	24	8

O *tesseract*, tal como é descrito por C. H. Hinton, foi declarado uma realidade por C.

W. Leadbeater, sendo figura bastante familiar no plano astral. No livro *Some Occult Experiences*, de J. Van Manen, o autor faz uma tentativa para representar graficamente um globo em quatrodimensões.

Há um íntimo e sugestivo paralelo entre fenômenos que podem ser produzidos por meio de objetos tridimensionais, num mundo hipotético de duas dimensões, habitado por um ser consciente apenas de duas dimensões, e muitos fenômenos astrais tal como aparecem a nós, que vivemos num mundo tridimensional.

Assim:

(1) Objetos levantados através da terceira dimensão poderiam ser levados a aparecer ou desaparecer de um mundo bidimensional, à vontade.

(2) Um objeto completamente cercado por uma linha poderia ser erguido para fora do espaço que o encerrasse através da terceira dimensão.

(3) Curvando um mundo bidimensional, representado por uma folha de papel, dois pontos distantes poderiam ser reunidos, ou mesmo levados a coincidirem, destruindo assim a concepção bidimensional de distância.

(4) Um objeto manejado com a mão direita poderia ser invertido, através da terceira dimensão, e reaparecer como um objeto da mão esquerda.

(5) Olhando da terceira dimensão para um objeto bidimensional, cada ponto deste último pode ser visto de uma só vez e livre de distorção da perspectiva.

Para um ser limitado à concepção de duas dimensões, o que ficou dito acima pareceria "milagroso" e completamente incompreensível.

O curioso é que enganos como esse estejam sendo constantemente sofridos por nós, como bem sabem os espíritas: (1) entidades e objetos aparecem e desaparecem; (2) aportes de artigos vindos de grandes distâncias são feitos; (3) artigos são retirados de caixas fechadas; (4) o espaço parece ser virtualmente aniquilado; (5) um objeto pode ser invertido, isto é, uma mão direita se transforma em mão esquerda; (6) todas as partes de um objeto, de um cubo por exemplo, são vistas simultaneamente e livres de qualquer distorção de perspectiva e, da mesma forma, o todo da matéria de um livro fechado pode ser visto ao mesmo tempo.

Explica-se o surgimento da força, nos Chakras, por exemplo, que parece não vir de parte alguma, como naturalmente oriunda da quarta dimensão.

Um líquido vertido sobre uma superfície tende a espalhar-se em duas dimensões, tornando-se muito fino na terceira dimensão. Da mesma forma um gás tende a se espalhar em três dimensões e pode ser que, fazendo isso, se venha a tornar menor na quarta dimensão, isto é, a densidade do gás pode ser a medida de sua relativa espessura na quarta dimensão.

Está claro que não há necessidade de parar nas quatro dimensões: tanto quanto sabemos, pode haver infinitas dimensões no espaço. Seja como for, parece certo que o mundo astral tem quatro dimensões, o mental tem cinco dimensões e o búdico tem seis dimensões.

Deve ficar claro que, se existirem, digamos, sete dimensões, há seis dimensões sempre e em toda a parte, isto é, não há isso de um ser de três ou quatro dimensões. A diferença aparente é devida ao limitado poder de concepção da entidade em apreço e não

a qualquer modificação nos objetos vistos. Essa ideia é muito bem apresentada no livro *Tertium Organum*, de Ouspensky.

Entretanto, um homem pode desenvolver consciência astral e ainda assim não ser capaz de perceber ou apreciar a quarta dimensão. Na verdade, é certo que o homem médio não percebe a quarta dimensão quando entra no plano astral. Sente-a apenas como algo enevoado, e a maioria dos homens passa a sua vida astral sem descobrir a realidade da quarta dimensão na matéria que os rodeia.

Entidades tais como os espíritos da natureza, que pertencem ao plano astral, têm, por sua natureza, a faculdade de ver o aspecto quadrimensional de todos os objetos, mas mesmo eles não os veem perfeitamente, desde que só percebem neles a matéria astral e não a física, tal como nós percebemos a física e não a astral.

A passagem de um objeto através de outro não provoca a questão da quarta dimensão, mas pode ser realizada pela desintegração — método puramente tridimensional.

O tempo não é absolutamente a quarta dimensão, mas, ainda assim, visualizar o problema a partir do ponto de vista do tempo fornece ligeiro auxílio para a compreensão. A passagem de um cone através de uma folha de papel pareceria, a uma entidade que vivesse nessa folha de papel, como um círculo com o tamanho alterado. A entidade naturalmente seria incapaz de perceber todos os estágios do círculo como existindo reunidos, partes que são de um cone. Da mesma maneira, para nós, o crescimento de um objeto sólido, visto do plano búdico, corresponde à visão do cone como um todo e assim lança alguma luz sobre a nossa ilusão de passado, presente e futuro, e sobre a faculdade de previsão.

A visão transcendental do tempo é muito bem tratada na história de C. H. Hinton, *Stella*, que está incluída no segundo volume do livro *Scientific Romances*. Também existem referências interessantes para essa concepção em *A Doutrina Secreta* de H. P. B., vols. I, pp. 101-102, e III, p. 464, ed. Pensamento.

Importante e interessante observação é a de que a geometria, tal como a temos agora, não passa de um fragmento, uma preparação esotérica para a realidade esotérica. Tendo perdido o verdadeiro senso do espaço, o primeiro passo a dar em direção do conhecimento é a ideia da quarta dimensão.

Podemos conceber a Mônada no início da sua evolução como capaz de mover-se e ver em infinitas dimensões, uma delas sendo cortada a cada passo descendente, até que restem apenas três para a consciência do cérebro físico. Assim, pela involução na matéria vamos perdendo o conhecimento, menos de um ponto diminuto, de todos os mundos que rodeiam, e mesmo o que fica é imperfeitamente visualizado.

Com a visão de quatro dimensões pode-se observar que os planetas isolados em nossas três dimensões estão reunidos quadrimensionalmente, sendo esses globos realmente as pontas das pétalas que são parte de uma grande flor: daí a concepção hindu do sistema solar como um lótus.

Existe também, através de uma dimensão superior, direta conexão entre o coração do sol e o centro da terra, de forma que elementos aparecem na terra sem passarem através do que chamamos superfície.

O estudo da quarta dimensão parece levar diretamente ao misticismo. Assim, C. H. Hinton usa constantemente a expressão "descartando o eu", fazendo sentir que, para

apreciar um sólido quadrimensionalmente, é necessário olhar para ele não de qualquer ponto de vista, mas de todos os pontos de vista simultaneamente, isto é, o "eu" ou ponto de vista particular e isolado deve ser transcendido e substituído pela visão geral e destituída de egoísmo.

Recordemos também as famosas palavras de São Paulo (*Efesos*, III, 17:18): "Para que vós, que sois arraigados e fundados no amor, possais compreender, com todos os santos, o que é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade".

CAPÍTULO XIX

Entidades Astrais: Humanas

Enumerar e descrever cada tipo de entidade astral seria tarefa tão formidável como a de enumerar e descrever cada tipo de entidade física. Tudo quanto podemos tentar aqui é tabular as classes principais e dar uma breve descrição de cada uma delas.

ENTIDADES ASTRAS			
Humanas		Não-humanas	Artificiais
Fisicamente vivas	Fisicamente Mortas		
1. Pessoa comum	1. Pessoa comum	1. Essência Elemental	1. Elementais formados inconscientemente
2. Psíquicos	2. Sombras	2. Corpo astral de animais	2. Elementais formados conscientemente
3. Adepto ou seu discípulo	3. Cascão	3. Espíritos da natureza	3. Artificiais humanos
4. Mago negro ou seu discípulo	4. Cascão Vitalizado	4. Devas	
	5. Suicidas e vítimas de morte súbita		
	6. Vampiros e lobisomens		
	7. Magos negros ou seus discípulos		
	8. Discípulos aguardando reencarnação		
	9. Nirmanakaya		

A fim de se fazer a classificação bastante completa, e necessário dizer que, além das entidades anotadas acima, Adeptos muito elevados vindos de outros planetas do sistema solar e visitantes ainda mais augustos vindos de distância ainda maior aparecem ocasionalmente, mas embora seja possível, torna-se quase inconcebível que tais Seres cheguem a se manifestar num plano tão baixo como o astral. Se quisessem fazê-lo, criariam um corpo temporário de matéria astral deste planeta.

Em segundo lugar, há também duas grandes evoluções desenvolvendo-se nesse planeta, embora pareça que não há a intenção de que elas, ou o homem, possam habitualmente estar conscientes uns dos outros. Se chegamos a ter contato com elas, provavelmente esse contato seria físico, sendo sua conexão com o nosso plano astral muito tênue. A única possibilidade de aparecerem depende de um incidente extremamente

improvável em cerimônia mágica, que apenas poucos dos mais avançados magos sabem como realizar; não obstante, isso aconteceu pelo menos uma vez.

A Classe Humana: (a) Fisicamente vivos

1. *A pessoa comum.* — Essa classe consiste em pessoas cujos corpos físicos estão adormecidos e que flutuam pelo plano astral, em vários graus de consciência, conforme já foi descrito no capítulo IX, *A Vida no sono*.

2. *O psíquico.* — A pessoa psiquicamente desenvolvida estará, de hábito, perfeitamente consciente quando fora do corpo físico, mas por falta de um treinamento apropriado será talvez vítima de enganos quanto ao que vê. Com frequência poderá percorrer todos os subplanos astrais, mas às vezes é especialmente atraída por um deles e raramente passa para além da influência desse plano. Suas recordações do que viu podem naturalmente variar entre perfeita nitidez, máxima distorção, ou o absoluto esquecimento. Já que a supomos fora da orientação de um Mestre, aparecerá sempre em seu corpo astral, já que não sabe como funcionar em seu veículo mental.

3. *O Adepto e Seus discípulos.* — Esta classe não emprega habitualmente o corpo astral, e sim o corpo mental, que é composto da matéria dos quatro níveis inferiores do plano mental. A vantagem deste veículo é permitir a passagem instantânea do mental para o astral e vice-versa, permitindo ainda o uso, em todas as ocasiões, do poder maior e maior agudeza dos sentidos de seu próprio plano.

Não sendo o corpo mental perceptível à visão astral, o discípulo que nele trabalha aprende a reunir em torno de si um véu temporário de matéria astral, quando deseja tornar-se visível para entidades astrais. Tal veículo, embora seja na aparência uma exata reprodução do homem, não contém nada da matéria de seu próprio corpo astral, mas corresponde a ele da mesma forma pela qual a materialização corresponde a um corpo físico.

Num estágio mais precoce de desenvolvimento, o discípulo pode ser encontrado funcionando em seu corpo astral como qualquer outro; mas, seja qual for o veículo que esteja empregando, um discípulo, sob a orientação de um Mestre competente, está sempre inteiramente consciente e pode funcionar facilmente em todos os subplanos.

4. *O mago negro e seus discípulos.* — Esta classe corresponde, mais ou menos, à do Adepto e Seus discípulos, a não ser que o desenvolvimento tenha sido para o mal e não para o bem, ou os poderes adquiridos sejam usados para propósitos egoísticos e não para fins altruísticos. Entre esta categoria inferior estão os que praticam os ritos das escolas de Obi e Vudu e dos curandeiros das várias tribos. De intelecto superior, e por isso mesmo mais censuráveis, são os magos negros tibetanos.

A Classe Humana: (b) Fisicamente mortos

1. *A pessoa comum depois da morte.* — Esta classe, obviamente muito grande, consiste em todos os níveis de pessoas, em diversas condições de consciência, como já foi integralmente descrito nos capítulos XIII a XV, *A Vida Depois da Morte*.

2. *A Sombra*. — No capítulo XXIII veremos que, quando a vida astral da pessoa termina, ela morre no plano astral e deixa seu corpo astral em desintegração, precisamente como, quando morre fisicamente, deixa seu cadáver físico que se deteriora.

Na maioria dos casos, o ego superior não pode retirar desses princípios inferiores o todo de seu princípio manásico (mental); conseqüentemente, uma porção da matéria mental inferior permanece presa ao cadáver astral. A porção de matéria mental que assim permanece consiste nos tipos mais grosseiros de cada subplano, que o corpo astral conseguiu arrancar do corpo mental.

Esse cadáver astral, conhecido como Sombra, é uma entidade que de forma alguma é o indivíduo real. Não obstante, guarda sua aparência exata, possui a sua memória, e todas as suas pequenas idiossincrasias. Pode, portanto, ser tomado por ele, como de fato acontece, com freqüência, nas sessões espíritas. A Sombra não é consciente de qualquer ato de impersonalização, porque, enquanto se refere ao intelecto, deve necessariamente supor que é o indivíduo. Na realidade, é apenas um feixe sem alma de suas qualidades inferiores.

A duração da vida de uma sombra varia de acordo com a quantidade de matéria mental inferior que a anima, mas tal matéria vai-se esgotando, seu intelecto diminui em quantidade, embora possa possuir uma grande dose de certa espécie de astúcia animal. E mesmo quase até o fim de sua carreira é capaz de comunicar, retirando do médium uma inteligência temporária. Por sua própria natureza, está vastamente exposta a oscilar entre toda a espécie de más influências e, estando separada de seu ego superior, nada tem em sua constituição para responder às boas influências. Portanto, deixa-se usar para vários fins de tipo inferior da espécie mais baixa de magos negros. A matéria mental que ela possui desintegra-se gradualmente e retorna para a matéria geral de seu próprio plano.

3. *O Cascão*. — Um cascão é o cadáver astral nos últimos estágios de sua desintegração, cada partícula mental já não existindo ali. Em conseqüência, sem qualquer tipo de consciência ou inteligência, ele deriva, passivamente, entre as correntes astrais. Pode ser mesmo então galvanizado por alguns momentos, num tipo horrível de arremedo de vida, se lhe acontecer chegar ao alcance da aura de um médium. Sob tais circunstâncias, ele ainda se parecerá exatamente com a personalidade que dele se separou, e pode até reproduzir, em certa extensão, suas expressões familiares ou sua caligrafia.

Tem, também, a qualidade de ser ainda cegamente responsivo a vibrações, geralmente de ordem inferior, tais como as que foram instaladas nela durante o último estágio de sua existência como sombra.

4. *O Cascão vitalizado*. — Essa entidade, estritamente falando, não é humana: não obstante, é classificada aqui por causa de seu aspecto externo, o cascão passivo, destituído de sentidos, que foi, um dia, apanágio da humanidade. Vida, inteligência, desejo e vontade, tais como ele pode possuir, são os do elemental artificial que o anima, sendo esse elemental artificial, por sua vez, criação do mau pensamento do homem.

Um cascão vitalizado é sempre malevolente, um verdadeiro demônio tentador, cuja má influência fica limitada apenas pela extensão de seu poder. Como a sombra, é frequentemente usado nas formas Obia e Vudu de magia. Há escritores que se referem a

ele como um "elemental".

5. O *Suicida e a vítima de morte súbita*. — Estes já foram descritos no capítulo XV, *A Vida Depois da Morte*. Pode-se notar que essa classe, bem como a das Sombras e dos Cascões Vitalizados, são o que se pode chamar vampiros menores, porque, ao terem oportunidade, prolongam sua existência sugando a vitalidade de seres humanos aos quais consigam influenciar.

6. O *vampiro e o lobisomem*. — Estas duas classes são hoje extremamente raras, e exemplos deles são encontrados ocasionalmente.

É, de fato, possível que um homem viva uma existência de tal forma degradada, egoísta e brutal, que o todo da mente inferior se torne emaranhado em seus desejos e acabe por se separar do ego superior. Isso é possível apenas quando o menor raio de altruísmo e espiritualidade foi abafado, e quando não há qualquer aspecto que leve à redenção.

Tal entidade perdida encontra-se bem depressa, após a morte, incapaz de conservar-se no plano astral e é irresistivelmente atraída, em plena consciência, para "seu próprio lugar", a misteriosa oitava esfera, para ali desintegrar-se lentamente, após experiências que é melhor não descrever. Se, contudo, morreu pelo suicídio ou pela morte súbita, pode sob certas circunstâncias, especialmente se sabe algo de magia negra, evitar esse destino passando à horrenda existência de vampiro.

Já que a oitava esfera não pode reclamá-lo enquanto não chega a morte do corpo, ele o preserva numa espécie de transe cataléptico, transferindo para ele o sangue que suga de outros seres humanos através de seu corpo astral semimaterializado, adiando assim seu destino final e cometendo, para tanto, mortes por atacado. O remédio mais eficaz, num caso assim, tal como a "superstição" popular corretamente supõe, é cremar o corpo, privando assim aquela entidade do seu ponto de apoio.

Quando a sepultura é aberta, o corpo aparece habitualmente bastante viçoso e sadio, e em geral o ataúde não se mostra cheio de sangue. A cremação, como é óbvio, torna impossível essa espécie de vampirismo.

O Lobisomem pode manifestar-se, de início, somente durante a vida física de um homem, e isso implica invariavelmente em algum conhecimento das artes mágicas — suficiente pelo menos para que ele consiga projetar seu corpo astral.

Quando um homem inteiramente brutal e cruel faz tal coisa, sob certas circunstâncias o corpo astral pode ser apanhado por outras entidades astrais e ser materializado, não sob forma humana, mas sob a forma de algum animal selvagem, quase sempre um lobo. Nesta condição ele perambulará pela região que o rodeia, matando outros animais e mesmo seres humanos, satisfazendo assim não só sua própria sede de sangue como também a dos demônios que o excitam.

Nesse caso, como com frequência acontece com as materializações comuns, uma ferida feita à forma astral será reproduzida no corpo físico humano, por um curioso fenômeno de repercussão, como explicamos mais adiante. Depois da morte do corpo físico, entretanto, o corpo astral, que provavelmente continuará a aparecer da mesma forma, é menos vulnerável.

Será, entretanto, menos perigoso, e, a não ser que encontre um médium apropriado,

não poderá manifestar-se integralmente. Em tais manifestações há, provavelmente, uma grande quantidade de matéria do duplo etérico, e talvez até mesmo algum do líquido dos constituintes gasosos do corpo físico, como no caso de algumas materializações. Em ambos os casos, esse corpo fluídico parece capaz de ir a distâncias maiores do corpo físico do que de outra maneira seria possível, tanto quanto se sabe, a um veículo contendo matéria etérica.

As manifestações, tanto de vampiros como de lobisomens, restringem-se quase sempre à vizinhança imediata de seus corpos físicos.

7. *O mago negro e seus discípulos.* — Esta classe corresponde, *mutatis mutandis*, à do discípulo à espera da reencarnação, mas, nesse caso, o homem está desafiando o processo natural de evolução, mantendo-se na vida astral através de artes mágicas — muitas vezes da mais horrível natureza.

Considera-se indesejável a enumeração ou descrição das várias subespécies, já que o estudante de ocultismo deseja apenas evitá-las. Todas essas entidades, que assim prolongam sua vida no plano astral para além do natural limite, fazem isso a expensas de outros e pela absorção de suas vidas, de uma ou de outra forma.

8. *O Discípulo à espera da reencarnação.* — Esta também é, presentemente, uma classe rara. Um discípulo que resolveu não "entrar em seu *Devachan*", isto é, não passar para o mundo celestial, mas continuar a trabalhar no plano físico, tem, às vezes, com a permissão apenas de uma autoridade muito alta, possibilidade de fazê-lo, sendo arranjada por seu Mestre uma reencarnação adequada para ele. Mesmo quando tal permissão é recebida, diz-se que o discípulo deve manter-se estritamente no plano astral enquanto a matéria está sendo arranjada, porque, se tocar no plano mental, mesmo por um momento que seja, pode ser arrastado por uma corrente irresistível, novamente, para a linha da evolução normal, e passar assim para o mundo celestial.

Ocasionalmente, embora raramente, o discípulo pode ser colocado diretamente num corpo adulto, cujo ocupante anterior não mais o usa. Mas só raramente há a disponibilidade de um corpo adequado.

Entretanto, o discípulo fica, naturalmente, com a consciência integral do plano astral e preparado para seguir adiante com o trabalho que lhe deu seu Mestre, ainda com maior eficácia do que quando embarçado pelo corpo físico.

9. *Os Nirmanakayas.* — É realmente muito raro isto de um ser tão elevado como um Nirmanakaya manifestar-se no plano astral. Um Nirmanakaya é aquele que, tendo conquistado o direito de repouso, durante infinitas eras, em indescritível beatitude, ainda assim escolheu permanecer em contato com a terra, suspenso, por assim dizer, entre este mundo e o Nirvana, a fim de gerar correntes de força espiritual que possam ser empregadas no auxílio à evolução. Se Ele desejar aparecer no plano astral, criará sem dúvida, para seu uso, um corpo astral temporário, usando a matéria atômica do plano. Isto é possível porque o Nirmanakaya retém Seu corpo causal, e também os átomos permanentes que trouxe consigo durante a Sua evolução, de forma que a qualquer momento Ele pode materializar em derredor de si os corpos mental, astral ou físico, se assim o desejar.

CAPÍTULO XX

Entidades Astrais: Não-humanas

1. *Essência elemental*. — A palavra "elemental" tem sido usada por vários escritores significando muitos tipos diferentes de entidades. Ela é aqui empregada para denotar, durante certos estágios de sua existência, a essência monádica, que por sua vez pode ser definida como uma efusão do espírito ou energia divina na matéria.

É da máxima importância que o estudante compreenda que a evolução dessa essência elemental está tendo lugar na curva descendente do arco, tal como ele é chamado com frequência: isto é, ela progride em direção ao completo envolvimento na matéria que vemos no reino mineral, e não *afastando-se* dele. Consequentemente, para progredir, deve *descer* à matéria, em lugar de *subir* para planos mais elevados.

Antes que a "efusão" chegue ao estágio de individualização, em que anima o homem, já percorreu e animou seis fases anteriores de evolução: o primeiro reino elemental (no plano mental superior), o segundo reino elemental (no plano mental inferior), o terceiro reino elemental (no plano astral) e os reinos mineral, vegetal e animal. Às vezes é chamada mônada animal, vegetal ou mineral, embora isso seja claramente uma fonte de confusão, já que muito antes de chegar a qualquer desses reinos a essência se tornou não *uma*, mas *muitas* mônadas.

Estamos tratando aqui, naturalmente, apenas da essência elemental astral. Essa essência consiste de efusão divina que já se envolveu em matéria descendo ao nível atômico do plano mental, e então mergulhou diretamente no plano astral, reunindo em torno de si um corpo de matéria astral *atômica*. Tal combinação é a essência elemental do plano astral, pertencente ao terceiro reino elemental, o que precede imediatamente ao mineral.

No curso de suas 2.401 diferenciações no plano astral, ela atrai para si própria muitas e várias combinações de matéria dos vários subplanos. Contudo, isso é apenas temporário e a essência continua a permanecer, essencialmente, um reino.

Estritamente falando, não há a tal conexão de *um* elemental com o grupo que estamos considerando. O que encontramos é um vasto depósito de essência elemental, maravilhosamente sensitiva aos mais fugidios pensamentos humanos, respondendo com delicadeza inconcebível, numa fração infinitesimal de segundo, a uma vibração provocada por inconsciente exercício da vontade ou desejo humano.

Mas do momento em que, pela influência de tal pensamento ou desejo, ela é moldada como força viva, torna-se *um* elemental e pertence à classe "artificial", a que chegaremos no próximo capítulo. Mesmo então sua existência separada é habitualmente evanescente, pois depressa, conforme seus impulsos se desprenderam, ele recai na massa indiferenciada de essência elemental de onde veio.

Um visitante do mundo astral será, inevitavelmente, impressionado pela multiplicidade de formas da maré incessante de essência elemental, sempre girando em

torno dele, com frequência ameaçadora, contudo sempre se retirando diante de um determinado esforço da vontade. E ficará estupefato diante do exército imenso de entidades temporariamente evocadas, saídas daquele oceano para uma existência separada, através dos pensamentos e sentimentos do homem, sejam eles bons ou maus.

Podemos, de forma ampla, classificar a essência de acordo com a espécie de matéria em que se encontra, isto é, em sólida, líquida, gasosa etc. São esses os "elementos" dos alquimistas medievais. Eles afirmam corretamente que um "elemental", isto é, uma porção da adequada essência elemental viva, é inerente em cada "elemento", ou *parte constituinte* de cada substância física.

Cada uma dessas sete classes de essência elemental pode ser também subdividida em sete subdivisões, formando assim 49 subdivisões.

Além, embora separados, dessas divisões *horizontais*, há também sete tipos perfeitamente distintos de essência elemental, nada tendo a ver a diferença entre eles com o grau de materialidade, antes com o caráter e a afinidade. O estudante se familiarizará com essa classificação como "perpendicular", relacionada com os sete "raios".

Há ainda sete subdivisões em cada tipo de raio, formando 49 subdivisões perpendiculares. O número total de tipos de essência elemental é assim de $49 \times 49 = 2.401$.

A divisão perpendicular mostra-se claramente mais permanente e fundamental do que a divisão horizontal, porque a essência elemental, no curso lento da evolução, passa através de várias classes horizontais, em sucessão, mas permanece em sua própria divisão perpendicular durante todo o tempo.

Quando qualquer porção da essência elemental permanece por alguns momentos inteiramente intocada pela influência externa — condição dificilmente obtida — não tem forma que lhe seja própria, definida. Com a mais leve perturbação, porém, ela irrompe em espantosa confusão de formas inquietas, em contínua modificação, que se plasmam, correm e desaparecem com a rigidez de bolhas à superfície de água fervente.

Essas formas evanescentes, embora geralmente as de criaturas vivas de algum tipo, humanas ou não, não expressam mais a existência de entidades separadas na essência do que as igualmente mutáveis e multiformes ondas erguidas durante alguns momentos sobre a superfície até então tranquila de um lago, que súbita rajada de vento encrespasse. Parecem meros reflexos tirados do vasto depósito da luz astral e, ainda assim, têm habitualmente uma certa relação com o tipo de corrente de pensamento que as trouxe à existência, embora quase sempre com alguma grotesca distorção, algum aspecto aterrador ou desagradável.

Quando a essência elemental é projetada em formas apropriadas à corrente de pensamentos semiconscientes, involuntários, que a maioria dos homens permite que fluam ociosamente através de seu cérebro, a inteligência que seleciona a forma apropriada não é, isto é claro, derivada da mente daquele que está pensando, nem pode derivar da própria essência elemental, porque esta pertence a um reino que está para além da individualização mesmo do mineral, inteiramente destituído de poder mental desperto.

Não obstante, a essência possui maravilhosa adaptabilidade que muitas vezes parece aproximar-se muito da inteligência e, sem dúvida, é essa propriedade que levou os livros antigos a falarem dos elementais "criaturas semi-inteligentes da luz astral".

Os reinos elementais propriamente ditos não admitem a concepção bem ou do mal. Apesar disso há uma espécie de inclinação ou tendência difundida por todas as subdivisões, que as torna mais hostis amistosas para com o homem. Daí a experiência habitual do neófito no plano astral, onde vasta multidão de espectros de mutável aparência avança ameaçadoramente sobre ele, mas sempre se retira ou dissipa, tornando-se inofensivos quando enfrentados com coragem. Conforme disseram os escritores medievais, essa inclinação ou tendência é provocada inteiramente por culpa do homem e causada pela sua indiferença e falta de simpatia em relação a outros seres vivos. Na "idade de ouro" do passado isso não se passava assim, como não se passará no futuro, quando, em consequência da atitude modificada do homem, tanto a essência elemental como também o reino animal novamente se tornarão dóceis e úteis para o homem, em vez de agirem ao contrário.

Fica, assim, claro que o reino elemental, como um todo, é, em muito, aquilo que o pensamento coletivo da humanidade faz dele.

Há muitos usos para os quais as forças inerentes às múltiplas variedades da essência elemental podem ser acionadas por alguém que tenha sido treinado para manejá-la. A vasta maioria das cerimônias mágicas depende quase que inteiramente dessa manipulação, seja diretamente, pela vontade do mago, ou através de alguma entidade astral mais definida que ele tenha evocado com esse propósito.

Por meio dela quase todos os fenômenos físicos da sala de sessões espíritas são produzidos; é ela igualmente o agente em muitos casos de pedras atiradas, toques de campainhas, casas assombradas, sendo este último caso o resultado de esforços desatinados para atrair a atenção, esforços feitos por alguma entidade presa à terra, ou simples travessura maliciosa de algum dos espíritos-da-natureza menores, pertencentes à nossa terceira classe. Mas o "elemental" jamais deve ser considerado como aquele que promove, pois ele é simplesmente uma força latente que precisa de poder externo para ser posto em movimento.

2. *O corpo astral de animais.* — Esta é uma classe extremamente grande, e ainda assim não ocupa lugar importante no plano astral, já que seus membros habitualmente ficam ali por um curto espaço de tempo. A grande maioria de animais ainda não se individualizou permanentemente, e quando um deles morre, a essência monádica que se esteve manifestando através dele flui de retorno à alma-grupo de onde veio, levando consigo o avanço ou experiência que obteve durante a vida terrena. Não é, contudo, capaz de fazer isso imediatamente. O corpo astral do animal torna a arranjar-se, tal como acontece ao do homem, e o animal tem uma existência real no plano astral, existência cuja extensão, embora nunca seja grande, varia de acordo com a inteligência que ele desenvolveu. Na maioria dos casos, ele não parece estar mais do que semiconsciente, mas parece perfeitamente feliz.

Os relativamente poucos animais domésticos que já atingiram a individualização e portanto não tornarão a nascer como animais, neste mundo, têm no plano astral vida mais longa e mais animada do que seus companheiros menos adiantados.

Um animal assim individualizado, em geral, permanece próximo de seu lar terreno e

em contato íntimo com seu amigo e protetor especial. Esse período será seguido de um período ainda mais feliz, que durará até que em algum mundo futuro assuma forma humana. Durante todo esse tempo ele estará em condição análoga à de um ser humano no mundo celestial, embora em nível um tanto inferior.

Uma interessante subdivisão dessa classe consiste nos corpos astrais daqueles símios antropóides mencionados em *A Doutrina Secreta*, que já estão individualizados e estarão prontos para tomar a encarnação humana na próxima ronda, ou talvez alguns deles façam isso ainda mais cedo.

Nos países "civilizados", esses corpos astrais de animais acrescentam muito ao sentimento geral de hostilidade no plano astral, porque a matança organizada de animais nos abatedouros, e por "esporte", manda milhões para o plano astral, cheios de terror, de horror e de medo diante do homem. Nos últimos anos esses sentimentos têm sido intensificados pela prática da vivissecção.

3. *Espíritos-da-natureza de todas as espécies.* — Esta classe é tão grande e tão variada que só é possível darmos aqui alguma ideia das características comuns a todos eles.

Os espíritos-da-natureza pertencem a uma evolução muito diferente da nossa. Nunca foram nem serão membros da humanidade como nós. Sua única conexão conosco está no fato de ocuparem, temporariamente, o mesmo planeta. Parecem corresponder aos animais de uma evolução superior. Estão divididos em sete grandes classes, habitando mesmos sete estados de matéria impregnados pelas variedades correspondentes de essência elemental. Assim, há espíritos-da-natureza da rã, da água, do ar, do fogo (ou éter) — entidades astrais definidas, gentes, residindo e funcionando em cada um desses meios.

Só os membros da classe do ar residem normalmente no plano astral, mas seu número é tão prodigioso que estão presentes ali em toda a parte.

Na literatura medieval, os espíritos da terra são muitas vezes chamados gnomos, os espíritos da água ondinas, os espíritos do ar os silfos, os espíritos do éter salamandras. Em linguagem popular têm sido chamados, variadamente, fadas, duendes, elfos, gênios, djins, sátiros, faunos, espíritos domésticos, diabretes, trasgos etc.

Suas formas são muitas e variadas, porém a mais frequente é a humana, em tamanho diminuído. Como quase todas as entidades astrais, podem assumir qualquer aparência à vontade, embora tenham, sem dúvida alguma, suas formas prediletas que usam quando nada os leva a assumir qualquer outra. Habitualmente, são invisíveis aos olhos físicos, mas têm o poder de se tornarem visíveis pela materialização, quando desejam ser vistos.

À frente de cada uma dessas classes está o grande Ser, a inteligência dirigente e orientadora de todo o departamento da natureza, que é administrado e galvanizado pela classe de entidades sob seu controle. São conhecidos pelos hindus como *Indra*, o senhor do Akasha, ou éter; *Agni*, senhor do fogo; *Pavana*, senhor do ar; *Varuna*, senhor da água; *Kshiti*, senhor da terra.

O vasto reino dos espíritos-da-natureza, conforme ficou dito acima, está, em sua maior parte, no reino astral, embora uma grande seção dele pertença aos níveis etéricos do plano físico.

Há um número imenso de subdivisões ou raças entre eles, indivíduos que variam em inteligência e disposição, tal como acontece com os seres humanos. A maioria deles evita

inteiramente o homem: seus hábitos e emanções lhes são desagradáveis e o constante ímpeto das correntes astrais produzidas pela sua inquietação, pelos seus desejos mal regulados, os perturbam e contrariam. Ocasionalmente, contudo, podem fazer amizade com seres humanos e mesmo auxiliá-los.

A atitude auxiliadora é rara. Na maioria dos casos mostram ou indiferença ou desagrado, ou sentem uma diabólica satisfação no enganar e iludir os homens. Muitos exemplos disso podem ser encontrados nos solitários distritos montanhosos e nas *sessões* espíritas.

São grandemente assistidos em seus manejos pelo maravilhoso poder de encantamento que possuem, de forma que suas vítimas veem e ouvem apenas o que essas fadas lhes imprimem, exatamente como se fossem sujeitos mesmerizados. Os espíritos-da-natureza, contudo, não podem dominar a vontade humana, a não ser nos casos de pessoas mentalmente muito fracas, ou daquelas que permitem ao terror paralisar sua vontade. Eles podem enganar apenas os sentidos e sabe-se que lançam seu encantamento sobre considerável número de pessoas ao mesmo tempo. Alguns dos mais maravilhosos feitos dos prestidigitadores hindus são realizados pela invocação do auxílio deles, para obterem alucinação coletiva.

Habitualmente, parecem ter pouco senso de responsabilidade e são, em geral, menos desenvolvidos do que o homem comum. Podem portanto ser dominados com facilidade, mesmericamente, e ser empregados para realizar os desejos do mago. Podem ser utilizados para muitos propósitos e realizarão suas tarefas dentro de seu alcance, fiel e seguramente.

Também são responsáveis, em algumas regiões montanhosas, por lançar seu encantamento sobre o viajante retardatário, de forma que ele vê, por exemplo, casas e pessoas onde sabe que nada disso realmente existe. Essas ilusões não são momentâneas, quase sempre, mas podem ser mantidas por um espaço considerável de tempo, passando o homem por uma série de aventuras imaginárias, mas impressionantes, e depois subitamente descobrindo que todo aquele brilhante ambiente desapareceu, e que ficou a sós num vale solitário ou numa planície batida pelo vento.

A fim de cultivar seu conhecimento e amizade, o homem deve estar livre das emanções físicas que eles detestam, tais como as da carne, do álcool, do tabaco, da falta geral de asseio, bem como da luxúria, da cólera, do ciúme, da avareza e da depressão, isto é, o homem deve ser limpo e irrepreensível, tanto física quanto astralmente. Sentimentos elevados e puros que ardem com firmeza e sem ímpetos selvagens, criam uma atmosfera na qual os espíritos-da-natureza adoram banhar-se. Quase todos os espíritos-da-natureza também adoram música: podem mesmo entrar numa casa a fim de gozá-la, banhando-se nas ondas sonoras, pulsando e balouçando-se em harmonia com elas.

Aos espíritos-da-natureza também podem ser atribuídos o que chamam fenômenos físicos nas *sessões* espíritas: realmente, muitas *sessões* têm sido feitas inteiramente por aquelas maliciosas criaturas. São capazes de responder perguntas, passar pretensas mensagens através de batidas e inclinações, exibindo luzes do "espírito", fazendo o transporte de objetos à distância, causando a projeção da escrita ou de desenhos, e mesmo materializações. Poderiam, naturalmente, empregar também seu poder de encantamento a fim de suplementar seus outros manejos.

Podem não pretender, de forma alguma, prejudicar ou enganar, mas regozijam-se ingenuamente com o seu sucesso no realizar a sua parte, e com o respeito temeroso da devoção e afeição que lhes são tributadas, como "queridos espíritos" e "anjos da guarda". Compartilham da satisfação dos assistentes e sentem que estão fazendo um bom trabalho, já que estão confortando os aflitos.

De vez em quando também se disfarçam em formas-pensamentos que os homens fizeram e pensam ser uma grande piada isso de exhibir chifres, sacudir uma cauda bífida e soprar fogo enquanto correm de cá para lá.

Ocasionalmente, uma criança impressionável pode ficar aterrorizada com aquelas aparições, mas, para sermos justos em relação aos espíritos-da-natureza, devemos recordar que eles próprios não conhecem o medo, e, assim, não compreendem a gravidade do resultado, provavelmente pensando que o terror da criança é simulado e faz parte do jogo.

Nenhum dos espíritos-da-natureza possui uma individualidade permanente para reencarnação. Parece, portanto, que em sua evolução uma proporção muito maior de inteligência é desenvolvida, antes que a individualização tenha lugar.

Os períodos de vida das várias classes variam grandemente, sendo alguns muito curtos, outros muito mais longos do que nossa existência humana. Sua existência, no todo, parece ser simples, jovial, irresponsável, tal como as que um grupo de crianças pode viver num ambiente físico favorável.

Não há sexo entre os espíritos-da-natureza, não há doença e não há luta pela existência. Têm afeições bem fortes e podem formar amizades íntimas e duradouras. Ciúme e cólera são possíveis entre eles, mas parecem apagar-se rapidamente diante da dominadora satisfação que desfrutam de todas as operações da natureza, que é sua característica mais saliente.

Seus corpos não têm estrutura interna, de forma que não podem ser despedaçados ou machucados, e o calor e o frio não lhes produzem nenhum efeito. Parecem também estar inteiramente livres do medo.

Embora astuciosos e travessos, raramente são maliciosos, a não ser que positivamente provocados. Como um todo, não confiam no homem e geralmente ressentem o aparecimento de um recém-chegado ao plano astral, de forma que esse recém-chegado habitualmente os conhece sob forma desagradável e aterradora. Se, contudo, ele se recusa a ser amedrontado, depressa o aceitam como um mal necessário e não mais lhes dão atenção. E até alguns podem se lhe tornar amistosos.

Um dos seus mais agudos prazeres é brincar com as crianças que estão no plano astral, aquelas que chamamos "mortas". E brincam de centenas de formas diferentes.

Os que são menos infantis e mais sérios têm sido às vezes reverenciados como deuses dos bosques locais das aldeias. Esses apreciam os agrados que lhes tributam e, sem dúvida, estão dispostos a prestar pequenos serviços em retribuição.

Os Adeptos sabem como usar os serviços dos espíritos-da-natureza, e confiam-lhes alguns trabalhos, frequentemente, mas o mago comum só pode fazer isso através de invocação, isto é, atraindo a atenção deles como um suplicante e fazendo com eles alguma espécie de permuta, ou por evocação, isto é, compelindo-os à obediência. Ambos os métodos são excessivamente perigosos, pois o operador pode provocar uma hostilidade

que talvez lhe venha a ser fatal. Discípulo algum de um Mestre jamais teria permissão para tentar qualquer coisa nesse sentido.

O mais alto tipo de espíritos-da-natureza consiste nos silfos, ou espíritos do ar, que têm no corpo astral seu veículo de maior inferioridade. Sua inteligência iguala-se à do homem médio. O método normal através do qual atingem a individualização está em associarem-se e amarem os membros do estágio que lhes fica imediatamente superior — os anjos astrais.

Um espírito-da-natureza que deseje experiências quanto à vida humana pode obsedar uma pessoa que viva no mundo físico.

Houve tempos em que uma certa classe de espíritos-da-natureza materializou-se fisicamente e assim entrou em relacionamento indesejável com homens e mulheres. Talvez daí venham as histórias de faunos e sátiros, embora tais histórias se refiram, também, a uma evolução subumana bastante diferente.

É bom notar, de passagem, que, embora o reino dos espíritos-da-natureza seja radicalmente dessemelhante do humano — não havendo nele sexo, medo ou a luta pela existência — ainda assim o resultado eventual do seu desenvolvimento é, sob todos os aspectos, igual ao que a humanidade obtém.

4. *Os Devas.* — Os seres chamados *devas* pelos hindus, são denominados anjos pelos demais, e também filhos de Deus etc. Pertencem a uma evolução diferente da que rege a humanidade, uma evolução na qual podem ser vistos como um reino logo acima da humanidade.

Na literatura oriental, a palavra *deva* é também usada, vagamente, para classificar qualquer tipo de entidade não-humana. Aqui a usaremos no estrito sentido apontado acima.

Jamais serão humanos, porque a maioria deles já está além desse estágio, mas há alguns, entre eles, que foram humanos no passado.

Os corpos dos devas são mais fluídicos do que os dos homens, sendo a textura da aura, por assim dizer, mais frouxa. São capazes de expansão e contração muitíssimo maiores e têm certa qualidade ígnea que os torna nitidamente distinguíveis do ser humano comum. A forma dentro da aura de um deva, que é sempre aproximadamente uma forma humana, é muito menos definida do que a do homem: o deva vive mais na circunferência, mais em toda a sua aura do que o homem. Os devas aparecem, habitualmente, como seres humanos de tamanho gigantesco. Têm uma linguagem colorida, que não pode ser provavelmente definida como a nossa linguagem, embora sob certos aspectos seja mais expressiva.

Os devas estão, quase sempre, à mão e dispostos a expor e a exemplificar assuntos, ao longo de sua própria linha, para qualquer ser humano suficientemente desenvolvido para apreciá-los.

Embora relacionados com a terra, os devas evoluem através de um grande sistema de sete cadeias, sendo o todo dos nossos sete mundos como um só mundo para eles. Muito poucos, entre os da nossa humanidade, alcançaram o nível do qual é possível reunir-se à evolução dos devas. A maioria dos recrutas do reino deva tem vindo de outras humanidades do sistema solar, umas inferiores e outras superiores à nossa.

O objetivo da evolução dévica é elevar sua fileira mais avançada a um nível muito mais alto do que o pretendido pela humanidade em período igual.

As três grandes divisões inferiores dos devas são: (1) Kamadevas, cujo corpo inferior é o astral; (2) Rupadevas, cujo corpo inferior é o mental inferior; (3) Arupadevas, cujo corpo inferior é o mental superior, ou causal.

A manifestação dos Rupadevas e Arupadevas no plano astral é, pelo menos, tão rara como para uma entidade astral é a sua materialização no plano físico.

Acima destas classes, há quatro outras grandes divisões, e acima e além do reino dévico estão as grandes hostes dos Espíritos Planetários.

Aqui estamos tratando, principalmente, dos Kamadevas. A média geral, entre eles, é muito mais elevado do que entre nós, porque tudo quanto é positivamente mau de há muito foi eliminado de seu meio. Diferem largamente em disposição, e um homem realmente espiritual pode muito bem estar em evolução mais elevada do que alguns deles.

Certas evocações mágicas podem atrair-lhes a atenção, mas a única vontade humana que pode dominar a deles é a de uma certa elevada classe de Adeptos.

Em regra, parecem pouco conscientes de nosso mundo físico, embora um deles possa ocasionalmente prestar-lhe assistência, mais ou menos como o faríamos quando em auxílio de um animal. Compreendem entretanto que, no presente estágio, qualquer interferência com os assuntos humanos tende a produzir mais mal do que bem.

É desejável que se mencione, aqui, os quatro *Devarajas*, embora eles não pertençam, estritamente falando, a qualquer das nossas classes.

Esses quatro passaram por uma evolução que, certamente, em nada corresponde à da nossa humanidade.

Fala-se deles como Regentes da Terra, Anjos dos Quatro Pontos Cardeais, ou Chatur Maharajas. Governam, não os devas, mas os quatro "elementos" da terra, da água, do ar, e do fogo, com as essências e espíritos-da-natureza que neles moram. Outros itens de informação concernentes a eles vão, para maior conveniência, na tabela abaixo:

Nome	Pontos da bússola	Hostes elementais	Cores simbólicas
Dhritarashtra	Leste	Gandharvas	Branco
Virudhaka	Sul	Kumbhandas	Azul
Vírupaksha	Oeste	Nagas	Vermelho
Vaishnavana	Norte	Yakshas	Ouro

A *Doutrina Secreta* fala deles como "globos alados e rodas de fogo", e na Bíblia cristã, Ezequiel tenta descrevê-los com palavras bastante semelhantes. Referências a eles são feitas na simbologia de todas as religiões, e são sempre altamente reverenciados como

protetores da humanidade.

São eles os agentes do Karma do homem durante sua vida terrena e têm assim um papel muito importante no destino humano. As grandes deidades kármicas do Cosmos, os Lipikas, pesam as ações de cada personalidade ao fim de sua vida astral e dão por assim dizer o molde de um duplo etérico inteiramente apropriado ao seu karma, para o próximo nascimento do homem. Mas são os Devarajas que, tendo o comando dos "elementos" dos quais o duplo etérico deve ser formado, arranjam suas proporções de forma a preencher inteiramente as intenções dos Lipika.

Através de toda a vida, eles contrabalançam constantemente as mudanças introduzidas nas condições do homem pela sua própria livre vontade e a dos que o rodeiam, de forma que aquele karma possa ser exata e justamente esgotado. Erudita dissertação sobre esses e pode ser encontrada na obra *A Doutrina Secreta*. Eles podem tomar a forma humana quando o desejem, e sabe-se de casos em que fizeram isso.

Todos os espíritos-da-natureza de ordem superior e as hostes de elementais artificiais atuam como seus agentes no estupendo trabalho que fazem: mas todos os fios estão em suas próprias mãos e eles assumem a inteira responsabilidade. Raramente se manifestam no plano astral, mas quando o fazem são certamente os mais notáveis de seus habitantes não-humanos.

Na realidade, devem ser sete, e não quatro Devarajas, mas para além do círculo da Iniciação pouco é sabido e menos pode ser dito em relação aos três superiores.

CAPÍTULO XXI

Entidades Astrais: Artificiais

As entidades artificiais formam a maior classe e são também de certa forma as mais importantes para o homem. Consistem em massa enorme, caótica, de entidades semi-inteligentes, diferindo entre elas como os pensamentos humanos diferem, e praticamente incapazes de classificação e posicionamento detalhado. Sendo inteiramente uma criação do homem, estão a ele relacionados por estreitos laços kármicos e sua ação sobre o ser humano é direta e incessante.

1. *Elementais formados inconscientemente.* — A maneira como são criadas as formas de desejo e de pensamento já foi descrita no capítulo VII. O desejo e o pensamento de um homem atiram-se sobre a essência plástica elemental e modelam instantaneamente um ser vivo de forma condizente. A forma de maneira alguma fica sob controle de seu criador, mas vive uma existência própria cuja extensão é proporcional à intensidade do pensamento que a criou, e tanto pode ser de alguns minutos como de muitos dias. Para pormenores adicionais o estudante deve voltar ao capítulo VII.

2. *Elementais formados conscientemente.* — Está claro que os elementais formados conscientemente por aqueles que estão agindo deliberadamente e sabem com precisão o que estão fazendo, podem ser enormemente mais poderosos do que os que são formados inconscientemente. Ocultistas tanto da escola branca como da negra usam frequentemente elementais artificiais em seu trabalho, e poucas tarefas estão fora do poder de tais criaturas, quando cientificamente preparadas e dirigidas com conhecimento e habilidade. Quem sabe como fazer isso mantém conexão com seu elemental e guia-o de forma que ele agirá praticamente como se possuísse a inteligência de seu senhor.

É desnecessário repetir aqui descrições dessa classe de elementais, que já foram dadas no capítulo VII.

3. *Artificiais humanos.* — Esta é uma classe muito peculiar, compreendendo poucos indivíduos, mas possuindo uma importância inteiramente fora de proporção com seu número, devido à sua conexão íntima com o movimento espírita.

A fim de explicar sua gênese é necessário voltar à antiga Atlântida. Entre as lojas para o estudo oculto, anteriores à Iniciação e formadas pelos Adeptos da Boa Lei, há uma que ainda observa o mesmo ritual daquele antigo mundo e ensina as mesmas línguas atlantes como línguas tão sagradas e ocultas como nos dias da Atlântida.

Os mestres dessa loja não estão no nível dos Adeptos e a loja não faz parte diretamente da Irmandade dos Himalaias, embora haja alguns Adeptos himalaicos que estiveram relacionados com ela em encarnações anteriores.

Pelos meados do século dezenove, os dirigentes daquela loja, desesperados com o materialismo crescente da Europa e da América, determinaram combatê-lo através de métodos novos e oferecer oportunidades a qualquer homem sensato para que pudesse ter provas de uma existência separada do corpo físico.

O movimento assim instalado se desenvolveu na vasta rede do espiritismo moderno,

cujos aderentes se contam aos milhões. Sejam quais forem os resultados que se possam ter seguido, é indiscutível que por meio do espiritismo uma grande quantidade de pessoas adquiriram crença em, pelo menos, alguma espécie de vida futura. E essa é uma conquista magnífica, embora alguns pensem que foi conseguida a um custo demasiado alto.

O método adotado foi tomar alguma pessoa comum, depois da morte, despertá-la completamente no plano astral, instruí-la até certo ponto quanto aos poderes e possibilidades que lhe pertenciam, e então colocar a seu cargo um círculo espírita. Ela, por sua vez, "desenvolveu" dentro das mesmas linhas outras personalidades falecidas, e todas agiram sobre os que frequentavam suas sessões, "desenvolvendo-os" como médiuns. Os líderes do movimento, sem dúvida alguma, manifestavam-se ocasionalmente sob forma astral, naqueles círculos, mas na maioria dos casos apenas dirigiam e guiavam conforme consideravam necessário. Pouco se duvida de que o movimento cresceu tanto que depressa foi além de seu controle. Por muitos dos desenvolvimentos posteriores, portanto, só podem ser tomados como indiretamente responsáveis.

A intensificação da vida astral dos "controles" que tomaram os círculos a seu cargo retardou claramente seu progresso natural e, embora aquilo fosse tomado como integral compensação para tal perda através do resultado do bom karma trazido pelo fato de conduzir outros à verdade, depressa se soube que era impossível fazer uso do "espírito-guia" por qualquer espaço de tempo sem lhe causar sério e permanente dano.

Em alguns casos, tais "guias" foram retirados e substituídos por outros. Em outros casos, contudo, foi considerado indesejável fazer tal mudança e então um notável expediente foi adotado, dando início a uma curiosa classe de criaturas chamadas "artificiais humanos".

Deixou-se que os princípios superiores continuassem sua lenta evolução ao mundo celestial, mas a Sombra (a que nos referimos antes) que havia ficado atrás; foi tomada, sustentada e manipulada de forma a continuar a aparecer no círculo, tal como antes.

De início, isso parece ter sido feito por membros da loja, mas finalmente se decidiu que a pessoa falecida que tinha sido apontada para suceder ao antigo "espírito-guia" ainda o fosse, mas tomasse posse da Sombra deste último, sombra ou cascão, e simplesmente usasse sua aparência. É a isso que se chama uma entidade "humana artificial".

Em alguns casos, mais do que uma modificação parece ter sido feita sem levantar suspeitas, mas por outro lado algumas investigações do espiritismo observaram que depois de um tempo considerável as modificações apareceram subitamente nas maneiras e nas disposições do "espírito".

Nenhum dos membros da Irmandade do Himalaia jamais empreendeu a formação de uma entidade artificial desse tipo, embora não pudessem interferir com ninguém que se julgasse no direito de tomar tal resolução.

Além da decepção envolvida, um ponto fraco no arranjo é que outras lojas, que não a original, podem adotar o plano, e nada poderá impedir que magos negros se supram de espíritos comunicantes, como aliás, sabe-se, têm efeito.

CAPÍTULO XXII

Espiritismo

A palavra "espiritismo" está sendo usada atualmente para denotar comunicações de muitas maneiras diferentes com o mundo astral, através de um médium.

A origem e a história do movimento espírita já foram descritas no capítulo XXI.

O mecanismo etérico que torna possível os fenômenos espíritas foram amplamente descritos em *O Duplo Etérico*, obra à qual remetemos o estudante.

Resta-nos agora considerar o valor, se algum existe, desse método de comunicação com o mundo invisível e a natureza das fontes através da qual essa comunicação pode vir.

Nos dias iniciais da Sociedade Teosófica, H. B. Blavatsky escreveu com grande veemência sobre a questão do espiritismo, dando grande ênfase à incerteza de tudo aquilo e à preponderância das aparências de personalidade sobre as personalidades verdadeiras. Pouco se pode duvidar de que essas opiniões estavam largamente coloridas e determinadas pela atitude desfavorável da maioria dos membros da Sociedade Teosófica quanto ao espiritismo como um todo.

O bispo Leadbeater, por outro lado, afirma que sua própria experiência pessoal foi mais favorável. Passou muitos anos fazendo experiências espíritas e acredita que ele próprio viu repetidamente todos os fenômenos sobre os quais se pode ler na literatura sobre o assunto.

Em sua experiência, ele descobriu que uma nítida maioria das aparições era autêntica. As mensagens que elas dão são com frequência desinteressantes e seus ensinamentos religiosos são descritos por ele como sendo "cristianismo aguado" — contudo, tanto quanto se vê, eles são liberais, adiantados em relação à fanática posição ortodoxa.

Leadbeater faz sentir que os espíritas e teosofistas têm terreno importante em comum, como, por exemplo: (1) que a vida depois da morte é real, vívida, uma certeza sempre presente; e (2) que o progresso eterno e a felicidade definitiva, para cada qual, bons e maus que sejam, é também uma certeza.

Esses dois itens são de tão tremenda e suprema importância, constituindo, como constituem, tão imenso avanço sobre a posição ortodoxa comum, que parece lamentável que os espíritas e teósofos não possam unir as mãos sobre esses amplos pontos e concordar, pelo tempo presente, em diferir quanto a pontos menores, até que o mundo pelo menos se converta a essa porção da verdade. Em tal trabalho há amplo espaço para os dois corpos de investigadores da verdade.

Os que desejam ver os fenômenos e os que em nada podem acreditar sem a demonstração ocular irão gravitar naturalmente em direção do espiritismo. Por outro lado, os que desejam mais filosofia do que o espiritismo habitualmente fornece, irão voltar-se naturalmente para a Teosofia. Ambos os movimentos atraem mentes liberais e abertas, mas diferentes espécies de tais mentes. Contudo, a harmonia e a concórdia entre os dois movimentos parecem desejáveis em vista dos grandes fins que estão em jogo.

Devemos dizer, para crédito do espiritismo, que ele alcançou o propósito, convertendo muitas pessoas, que tinham crença que em nada se fixava, para uma crença, uma fé firme em algum tipo de vida futura. Isso, como dissemos no último capítulo, é indubitavelmente um magnífico resultado, embora haja os que acreditam que foi obtido a um grande custo.

Não há dúvida de que há perigo no espiritismo para as naturezas emocionais, nervosas e facilmente influenciáveis, e é sensato não levar as investigações longe demais, por motivos que a esta altura já devem ser óbvias para o estudante. Não há porém maneira mais pronta para romper a descrença em tudo quanto não pertença ao plano físico do que tentar uns poucos experimentos, e talvez valha a pena correr alguns riscos, ao efetuá-los.

Leadbeater honestamente afirma que, a despeito da fraude e decepção que indubitavelmente têm ocorrido em alguns casos, há grandes verdades dentro do espiritismo, verdades que podem ser descobertas por quem quer que deseje dedicar o tempo requerido e também a paciência necessária às suas investigações. Há naturalmente uma literatura crescente sobre o assunto.

Além disso, bom trabalho, similar ao que é feito pelos Auxiliares Invisíveis (ver capítulo XXVIII), foi feito às vezes através de um médium ou de alguém presente às sessões. Assim, embora o espiritismo tenha, com demasiada frequência, detido almas que, a não ser por isso, teriam conseguido mais rápida liberação, também tem fornecido os meios de evasão para outras, abrindo assim o caminho do progresso para elas. Houve casos em que pessoas mortas puderam aparecer, sem a assistência de um médium, aos seus parentes e amigos e explicar-lhes o que desejavam. Mas tais casos são raros, e na maioria as almas ligadas à terra podem aliviar suas ansiedades apenas através dos serviços de um médium, ou de um "Auxiliar Invisível" consciente.

É, pois, errado observar apenas o lado obscuro do espiritismo: não devemos esquecer que ele tem feito muito bem nessa espécie de trabalho, dando aos mortos uma oportunidade de arranjar seus assuntos depois de uma súbita e inesperada partida.

O estudante destas páginas não se deveria surpreender ao saber que entre os espíritas estão alguns que nada sabem, por exemplo, sobre reencarnação, embora haja escolas de espiritismo que ensinem isso. Já vimos que, quando um homem morre, quase sempre recorre à companhia daqueles que conheceu na terra; move-se entre eles exatamente da mesma maneira que as pessoas usam quando em vida física. Daí tal homem dificilmente saberá ou reconhecerá o fato da reencarnação após a morte mais do que antes dela. A maioria dos homens está fechada a todas as ideias novas por uma porção de preconceitos: levam para o mundo astral esses preconceitos e não se mostram mais sensíveis à razão e ao senso comum do que o foram no mundo físico.

Naturalmente, o homem que tem a mente aberta pode aprender muitíssimo no plano astral: pode relacionar-se rapidamente com o conjunto dos ensinamentos teosóficos, e há homens mortos que fazem isso. Por isso é que acontece aparecerem alguns desses ensinamentos entre as comunicações espíritas.

Devemos também ter em mente que há um espiritismo mais alto, do qual o público nada sabe, e que jamais publica relatórios de seus resultados. Os melhores círculos são estritamente particulares, restringidos a um pequeno número de frequentadores. Em tais

círculos as mesmas pessoas se encontram sempre, e ninguém de fora é jamais admitido para evitar qualquer modificação no magnetismo. As condições estipuladas são assim singularmente perfeitas e os resultados obtidos mostram-se, muitas vezes, do mais surpreendente caráter. Com freqüência, os chamados mortos são uma parte tão comum da vida diária da família como os vivos. O lado oculto de tais sessões é magnificante: as formas-pensamentos que as rodeiam são boas e calculadas para elevar o nível mental e espiritual do distrito em que trabalham.

Nas sessões públicas, uma classe bastante inferior de pessoas mortas aparece, por causa da confusão e promiscuidade do magnetismo.

Uma das objeções mais sérias à prática geral do espiritismo é a de que, no homem comum, depois da morte, a consciência vai-se erguendo com firmeza da parte inferior da natureza para a parte mais alta: o ego, conforme repetidamente dissemos, está sempre retraindo-se dos mundos inferiores. Obviamente, portanto, não pode ser de auxílio para a sua evolução ter a sua parte inferior despertada da inconsciência natural e desejável para a qual está passando e arrastada de volta ao contato com a terra, a fim de se comunicar através de um médium.

Assim, é uma bondade cruel o trazer de novo para a esfera terrestre alguém cujo manas inferior ainda anseia pelas satisfações kâmicas, ou desejos, porque isso retarda sua evolução e interrompe o que devia ser um progresso bem ordenado. O período em kamaloka é assim alongado, o corpo astral é alimentado e seu domínio sobre o ego é mantido. Com isso a libertação da alma é retardada, "a Andorinha imortal sendo ainda mantida pelo visco da terra".

Especialmente em casos de suicídio ou mortes súbitas, é muitíssimo indesejável reacordar Trishna, ou o desejo da existência sensível.

O perigo peculiar a isso aparecerá quando se recordar que, desde que o ego se retrai para si mesmo, torna-se cada vez menos capaz de influenciar ou guiar a porção inferior da sua consciência, que, apesar disso, até que a separação se complete, tem o poder de gerar karma, e sob circunstâncias tais tende mais depressa a acrescentar mais mal do que bem ao seu registro.

Além disso, as pessoas que levaram uma vida má e estão cheias de anseios pela vida terrena que deixaram e pelos deleites animais que já não podem fruir diretamente, inclinam-se a se reunir em torno de médiuns ou de sensitivos, utilizando-os para sua própria satisfação. Esses estão entre as forças mais perigosas que tão temerariamente enfrentam os irreflexivos e os curiosos.

Uma entidade astral desesperada pode apoderar-se de um sensitivo e obcecá-lo, ou pode mesmo segui-lo até sua casa e apoderar-se de sua esposa ou filha. Houve muitos desses casos, e habitualmente é quase impossível alguém livrar-se de tão obsessora entidade.

Já vimos que o desgosto apaixonado e os desejos dos amigos da terra tendem a induzir as entidades falecidas a descerem novamente para a esfera da terra, causando assim agudo sofrimento aos mortos, bem como interferindo no curso normal da evolução.

Voltando-nos agora para os tipos de entidades que se podem comunicar através de um médium, podemos classificá-las como se segue:

Seres humanos mortos, no plano astral.
Seres humanos mortos, no devacan.
Sombras.
Casções.
Casções vitalizados.
Espíritos-da-natureza.
O ego do médium.
Adeptos.
Nirmanakáyas.

Visto que a maioria já foi descrita no capítulo XIV, *Entidades Astrais*, pouco mais é necessário dizer sobre eles.

É teoricamente possível para qualquer pessoa morta, no plano astral, comunicar-se através de um médium, embora seja muito mais fácil dos níveis inferiores, tornando-se mais difícil à proporção que a entidade se eleva para subplanos superiores. Daí, sendo idênticas outras coisas, é natural esperar que a maioria das comunicações recebidas nas sessões venham dos níveis inferiores e portanto de entidades relativamente pouco desenvolvidas.

O estudante recordará — pelo que já ficou dito — que os suicidas e outras vítimas de morte súbita, inclusive os criminosos executados, tendo sido cortados do fluxo integral da vida física, estão especialmente sujeitos a ser atraídos para um médium, na esperança de satisfazerem seu Trishna, ou sede de vida.

Consequentemente, o médium é a causa do desenvolvimento, nelas, de uma nova série de *Skandkas* — ver cap. XXIV — um novo corpo com tendências e paixões piores do que as que tinham perdido. Isso trará males inenarráveis para o ego e o levará a renascer numa existência muito pior do que a anterior.

A comunicação com uma entidade que está no devacan, isto é, no mundo celestial, necessita de alguma explicação a mais. Quando um sensitivo, ou médium, é de natureza pura e elevada, seu ego liberto pode erguer-se até o plano devacânico e ali fazer contato com a entidade que está no devacan. Tem-se, com frequência, a impressão de que a entidade no devacan veio ter com o médium, mas a verdade é exatamente o contrário: é o ego do médium que se eleva ao nível da entidade no devacan.

Devido às condições peculiares de consciência das entidades no devacan (das quais não podemos tratar neste livro), as mensagens assim obtidas não podem ser inteiramente aceitas como verdadeiras: no máximo o médium, ou sensitivo, pode saber, ver e sentir apenas o que aquela entidade no devacan sabe, vê e sente. Daí, se houver generalizações, há muita possibilidade de erro, desde que cada entidade no devacan vive em seu próprio departamento particular no mundo celestial.

Além dessa fonte de erros, embora os pensamentos, o conhecimento e os sentimentos da entidade devacânica formem a substância, é possível que a própria personalidade do médium e suas ideias preexistentes rejam a forma de comunicação.

Uma *sombra* pode frequentemente aparecer e comunicar-se, nas sessões, tomando a aparência exata da entidade falecida, possuindo sua memória, idiossincrasias etc., sendo

com frequência tomada como a própria entidade, embora esta não esteja consciente de qualquer representação. Não passa, na realidade, de "um punhado das qualidades inferiores" da entidade.

Um *cascão* também se parece exatamente com a entidade falecida, embora não seja mais do que um cadáver astral da entidade, já não existindo ali cada partícula da mente. Chegando ao alcance da aura do médium, ela pode ser galvanizada por alguns momentos numa caricatura da entidade real.

Tais "fantasmas" são desprovidos de consciência, não têm bons impulsos, tendem para a desintegração e, conseqüentemente, só podem trabalhar para o mal, seja que os vejamos como prolongando sua vitalidade vampirizando nas sessões, ou poluindo o médium e os frequentadores com conexões astrais de um tipo completamente indesejável.

Um *cascão vitalizado* pode também comunicar-se por intermédio de um médium. Conforme vimos, ele consiste num cadáver astral animado por um elemental artificial, e é sempre malevolente. Constitui, obviamente, uma fonte de grande perigo para as sessões espíritas.

Suicidas, sombras e cascões vitalizados, sendo vampiros menores, sugam a vitalidade dos seres humanos que podem influenciar. Daí tanto o médium como os frequentadores se sentirem, com frequência, fracos e exaustos após uma sessão física. Ensina-se a um estudante de ocultismo como se defender dos seus ataques, mas sem esse conhecimento é difícil, para quem se coloca em seu caminho, evitar de fazer maior ou menor contribuição em seu benefício.

É o uso *de* sombras e cascões, nas sessões, que faz com que se tornem mescladas de esterilidade intelectual tantas comunicações espíritas. Sua intelectualidade aparente só apresentará reproduções; a marca da não-originalidade estará presente, não havendo sinais de pensamento novo e independente.

Espíritos-da-natureza. A parte que essas criaturas com tanta frequência assumem nas sessões já foi descrita anteriormente.

Muitos dos fenômenos de sessões espíritas são claramente mais atribuíveis racionalmente a astuciosas fantasias de forças subumanas do que a atos de "espíritos" que, enquanto no corpo, certamente seriam incapazes de tais inanidades.

O ego do médium. Se o médium é puro, lutando ansiosamente pela luz, tal aspiração chega a pô-lo em contato com sua natureza superior e descer a luz da corrente superior, que ilumina a consciência inferior. Então a mente inferior fica, nessa ocasião, única com seu pai, a mente superior, e transmite tanto conhecimento da mente superior quanto a outra tiver capacidade de reter. Assim, algumas comunicações através de um médium podem vir do próprio ego superior desse médium.

A classe de entidade atraída para as sessões depende, como é natural, e muito, do tipo do médium. Médiuns de tipo inferior inevitavelmente atraem visitantes eminentemente indesejáveis, cuja vitalidade, que esmorece, é revigorada nas sessões espíritas. E isso não é tudo: se em tais sessões estiver presente um homem, ou uma mulher, cujo desenvolvimento também seja baixo, o fantasma será atraído para essa pessoa e pode apegar-se a ela, instalando assim correntes entre o *corpo* astral da pessoa viva e o corpo

astral moribundo da pessoa morta, o que vem a ter resultados deploráveis.

Um *Adepto*, ou *Mestre*, com frequência se comunica com os seus discípulos, sem usar os métodos comuns de comunicação. Se um médium foi discípulo de um Mestre, é possível que a mensagem proveniente dele venha a ser tomada como proveniente de um "espírito" comum.

Um *Nirmanakaya* é alguém que se aperfeiçoou, que pôs de parte seu corpo físico, mas reteve outros princípios inferiores, permanecendo em contato com a terra apenas para ajudar a evolução da humanidade. Essas grandes entidades podem — e algumas vezes o fazem — comunicar-se através de um médium, mas só se este último for de natureza pura e elevada. Isso, porém, só se dá raramente.

A não ser que um homem tenha ampla experiência de mediunidade, achará difícil acreditar quantas são as pessoas comuns, no plano astral, que ardem no desejo de se apresentarem como grandes mestres do mundo. Habitualmente, são honestos em suas intenções e pensam realmente que têm ensinamentos a dar para a salvação do mundo. Tendo compreendido a inutilidade dos objetos meramente mundanos sentem — e nisso estão bastante certos — que se pudessem influir na humanidade com suas próprias ideias, o mundo inteiro se tornaria imediatamente um lugar muito diferente.

Lisonjeando o médium com a ideia de que ele é o único medianeiro para algum ensinamento transcendente e exclusivo, e tendo recusado modestamente qualquer grandeza para si próprio, uma dessas entidades comunicadoras é tomada muitas vezes por um arcanjo, no mínimo, ou ainda por alguma manifestação mais direta da Deidade, entre os frequentadores das sessões. Infelizmente, contudo, essa entidade esquece, sempre, que quando estava viva, no mundo físico, outras pessoas faziam comunicações similares através de vários médiuns, e que então ela não dava a essas pessoas a menor atenção. Não compreende que outros também ainda engolfados nos assuntos do mundo não lhe dão maior atenção e não se deixarão impressionar pelas suas declarações.

Às vezes, tais entidades assumem alguns nomes notáveis, como o de George Washington, Júlio César ou o Arcanjo Miguel, pelo perdoável motivo de que seus ensinamentos terão mais oportunidade de ser aceitos do que se viessem de um simples João da Silva ou Tomás dos Santos.

Às vezes, também, uma dessas entidades, vendo a mente dos outros cheia de reverência pelos Mestres, tomará a personalidade desses mesmos Mestres, a fim de impor mais facilmente a aceitação das ideias que deseja difundir.

Há ainda as que tentam prejudicar o trabalho do Mestre tomando Sua forma e influenciando Seu discípulo. Embora tenham possibilidade de conseguir uma aparência física quase perfeita, é-lhes inteiramente impossível imitarem o corpo causal do Mestre e, conseqüentemente, quem possuir visão causal jamais será iludido por essas representações de personalidade.

Em alguns poucos casos, os membros da loja dos ocultistas que originou o movimento espírita (conforme ficou dito atrás) têm dado ensinamentos valiosos sobre assuntos de profundo interesse, através de um médium. Mas isso tem acontecido em sessões de família, estritamente particulares, jamais em realizações públicas, pelas quais se paga.

A Voz do Silêncio exorta, sabiamente: "Não busques teu Guru nessas regiões mayávikas". Nenhum ensinamento vindo de preceptor autoproclamado do plano astral deve ser cegamente aceito: todas as comunicações e conselhos que dali vêm devem ser recebidos exatamente como se recebem conselhos similares provenientes do mundo físico. Os ensinamentos devem ser tomados pelo que valem, depois de examinados pela consciência e pelo intelecto.

Um homem não é mais infalível porque lhe acontece estar morto do que o era quando fisicamente vivo. Ele pode passar muitos anos no plano astral e ainda assim não saber mais do que quando deixou o plano físico. De acordo com isso, não devemos dar mais importância às comunicações vindas do mundo astral, ou de qualquer plano mais elevado, do que daríamos a uma sugestão feita no plano físico.

Um "espírito" que se manifesta é, quase sempre, exatamente o que diz ser; muitas vezes, também quase sempre, não é nada daquilo que diz ser. Para o frequentador comum não há meio de distinguir o verdadeiro do falso, já que os recursos do plano astral podem ser usados para iludir pessoas do plano físico, numa tal extensão que não pode ter confiança nem mesmo nas provas que parecem mais convincentes. Nem por um momento estamos negando que comunicações importantes têm sido feitas em sessões, por entidades autênticas, mas o que dizemos é ser praticamente impossível para um frequentador comum ter bastante certeza de que não está sendo enganado em meia dúzia de maneiras diferentes.

Do que ficou dito acima veremos como são variadas as fontes através das quais as comunicações vindas do mundo astral podem ser recebidas. Conforme disse H. P. Blavatsky: "A variedade das causas dos fenômenos é grande, e precisamos ser um Adepto e realmente olhar para elas, examinar o que transpira, a fim de estarmos em condições de explicar cada caso quanto ao que ele traz subjacente".

Completando o que foi citado, podemos dizer que o que a pessoa mediana pode fazer no plano astral, depois da morte, também pode fazer na vida física: comunicações podem ser obtidas mais facilmente através da escrita, em transe, ou utilizando os poderes desenvolvidos e treinados do corpo astral de pessoas, portadoras ou não de um corpo. Seria portanto mais prudente desenvolver dentro de si próprio os poderes da própria alma, em lugar de mergulhar com ignorância em experimentos perigosos. Dessa maneira o conhecimento pode ser seguramente acumulado e a evolução acelerada. O homem deve aprender que a morte não tem real poder sobre ele: a chave do cárcere do corpo está em suas próprias mãos e ele pode aprender a usá-la, se assim o quiser.

Pesando cuidadosamente todas as evidências disponíveis, tanto a favor como contra o espiritismo, pareceria que, se empregado com cuidado e discrição, ele pode ser justificável, simplesmente para romper o materialismo. Desde que tal propósito é obtido, seu uso parece demasiado carregado de perigos, tanto para os vivos como para os mortos, para que se torne aconselhável, como regra geral, embora em casos excepcionais possa ser praticado com segurança e benefício.

CAPÍTULO XXIII

Morte Astral

Chegamos agora ao fim da história da vida do corpo astral e pouco resta a dizer no que se refere à sua morte e dissolução final.

O contínuo desprendimento do ego, conforme vimos, causa, num espaço de tempo que varia dentro de limites muito amplos, a cessação gradual da função das partículas do corpo astral, tendo lugar este processo, na maioria dos casos, em camadas dispostas em ordem de densidade, das quais a mais densa é a exterior.

O corpo astral vai, assim, desgastando-se lentamente e se desintegra conforme a consciência vai gradualmente se desprendendo dele pelo semi-inconsciente esforço do ego. Assim, o homem se livra, passo a passo, de quanto o prende longe do mundo celestial.

Durante o estágio no plano astral, em kamaloka, a mente, tecida com as paixões, emoções e desejos, purificou-os e assimilou sua parte pura, absorvendo em si própria tudo quanto é apropriado para o ego superior, de forma que a porção remanescente de Kama se faz mero resíduo, do qual o ego, a Imortal Tríade de Atma-Buddhi-Manas (conforme é muitas vezes chamado) pode facilmente livrar-se. Lentamente, à Tríade, ou Ego, traz para si as memórias da última vida terrena, seus amores, esperanças, aspirações etc., e prepara-se para passar do kamaloka para o estado de beatitude do devacan, a "morada dos deuses", o "mundo celestial".

Na história do homem que chegou ao mundo celestial não podemos entrar agora, já que fica para além do escopo deste livro: esperamos, contudo, tratar dela num terceiro volume desta série.

No momento, contudo, pode ser dito brevemente que o período passado no devacan é o tempo para a assimilação das experiências da vida, a reaquisição do equilíbrio, antes que um novo período de encarnação seja empreendido. É, assim, o dia que antecede à noite da vida terrena, o período subjetivo em anteposição com o período objetivo da manifestação.

Quando um homem sai do kamaloka para entrar no devacan, não pode levar consigo as formas-pensamentos de tipo mau. Matéria astral não pode existir no devacânico nível e a matéria devacânica não pode responder às grosseiras vibrações das más paixões e desejos. Consequentemente, tudo quanto o homem pode levar consigo quando finalmente se desprende dos remanescentes de seu corpo astral, serão os germes latentes ou tendências que, ao encontrarem nutrição ou vazão, manifestam-se como maus desejos e paixões no mundo astral. Isso ele leva consigo, e eles permanecem latentes através de sua vida devacânica, no átomo astral permanente. Ao fim da vida kamalókica, a tela dourada, de vida desprende-se do corpo astral, deixando que ele se desintegre e envolva o átomo permanente, que então se retrai para o corpo causal.

A luta final com o elemental de desejo tem lugar ao fim da vida astral, porque o ego está então tentando atrair para si mesmo tudo quanto deixou ao encarnar, no início da vida que acaba de terminar. Quando consegue fazer isso, encontra firme oposição do elemental

de desejo, que ele próprio criou e alimentou.

No caso de todas as pessoas comuns, algum tanto da matéria mental tornou-se tão entretida com a sua matéria astral que lhes é impossível ficar inteiramente livres. O resultado da luta é, portanto, ficar certa porção de matéria mental e mesmo de matéria causal (mental superior) retida no corpo astral depois que o ego se destacou dele completamente. Se, por outro lado, um homem durante sua vida dominou de todos seus desejos inferiores e conseguiu livrar por completo o mental inferior do desejo, não há luta praticamente e o ego está capacitado para reter não só tudo quanto, "investiu" naquela encarnação em particular, mas todos os "proveitos", isto é, as experiências, faculdades etc. que tenha adquirido. Há também casos extremos em que o ego perde tanto o "capital" investido como os "juros", sendo esses casos conhecidos como os das "almas-perdidas" ou elementares. (Ver capítulo XVI).

O tratamento completo do método através do qual o ego larga uma porção de si próprio na encarnação e então tenta retirar de novo essa porção, deve ser reservado para o terceiro e quarto volumes desta série, que tratam dos corpos mental e causal.

A saída do corpo astral e do plano astral é, assim, uma segunda morte, deixando o homem um cadáver astral que por seu turno se desintegra, sendo sua matéria restituída ao mundo astral, tal como a matéria do corpo físico ao mundo físico.

O cadáver astral e as suas várias possibilidades já foram tratados no capítulo XIX, *Entidades Astrais*, sob Sombras, Cascões e Cascões Vitalizados.

CAPÍTULO XXIV

Renascimento

Depois que as causas que levaram o ego ao devacan se esgotaram e as experiências reunidas foram totalmente assimiladas, ele começa a sentir novamente sede da vida sensível, material, que só pode ser usufruída no plano físico. A essa sede os hindus chamam *Trishna*.

Isso deve ser considerado em primeiro lugar como um desejo de expressão e em segundo lugar como um desejo de receber aquelas impressões externas que são as únicas a levá-lo a capacitar-se de que está vivo. Essa é a lei da evolução.

Trishna aparece para operar através de kama, que, para o indivíduo como para o Cosmos, é a causa primária da reencarnação.

Durante o repouso devacânico, o ego esteve livre de qualquer dor ou desgosto, mas o mal que tinha feito na vida anterior se conservou num estado, não de morte, mas de animação suspensa. As sementes das más tendências passadas começam a germinar assim que a nova personalidade se vai formando para a nova encarnação. O ego tem de carregar a carga do passado, chegando os germens ou sementes como colheita da vida passada, que os budistas chamam *skandhas*.

Kama, com seu exército de Skandhas, espera assim no limiar do devacan quando o ego torna a emergir a fim de assumir uma nova encarnação. Os skandhas consistem em qualidades materiais, sensações, ideias abstratas, tendências mentais, poderes mentais.

O processo é realizado através do ego, que volta a sua atenção primeiro para a unidade mental, que imediatamente assume a sua atividade, e depois para o átomo permanente astral, no qual coloca a sua vontade.

As tendências que, conforme vimos, estão em estado de animação suspensa, são exteriorizadas pelo ego quando retorna ao nascimento e reúnem em torno de si primeiro a matéria do plano mental e também essência elemental do segundo grande reino, que expressam exatamente o desenvolvimento mental que o homem ganhou ao fim da sua última vida celestial. Ele começa, assim, a esse respeito, exatamente onde parou.

A seguir, ele atrai para si matéria do mundo astral e essência elemental do terceiro reino, obtendo assim as matérias com as quais o novo corpo astral será construído, e causando o reaparecimento dos apetites, emoções e paixões que trouxe de suas vidas passadas.

A matéria astral é reunida pelo ego que desce para o renascimento, não conscientemente, como é natural, mas automaticamente.

Esse material é, ademais, uma reprodução exata da matéria no corpo astral do homem ao fim de sua vida astral. O homem, assim, reassume sua vida em cada mundo, tal como onde a deixou da última vez.

O estudante reconhecerá, no que ficou dito acima, uma parte dos trabalhos da lei kármica, na qual não precisamos entrar no presente volume. Cada encarnação é inevitável, automática e justamente vinculada às vidas precedentes, de forma que a série toda forma

uma corrente contínua, ininterrupta.

A matéria astral assim reunida em torno do homem não é ainda formada como um corpo astral definido. Toma em primeiro lugar o feitio daquele ovoide que é a expressão mais aproximada que podemos compreender da verdadeira forma do corpo causal. Assim que o corpo físico do bebê está formado, a matéria física exerce violenta atração sobre a matéria astral que estava antes bastante igualmente distribuída sobre o ovoide e concentra assim o maior volume dela dentro da periferia do corpo físico.

À proporção que o corpo físico cresce, a matéria astral acompanha cada modificação e 99 por cento dela se concentra dentro da periferia do corpo físico, apenas um por cento enchendo o resto do ovoide e constituindo a aura, tal como vimos num capítulo anterior.

O processo da reunião de matéria em torno do núcleo astral às vezes tem lugar rapidamente e às vezes causa longos atrasos. Quando se completa, o ego fica envolvido na vestidura kármica que preparou para si próprio, pronto para receber dos Senhores do Karma o duplo etérico, no qual, como em um molde, o novo corpo físico será construído.

As qualidades do homem não entram em ação, de início. São simples germens de qualidades, que garantiram para si um possível campo de manifestação na matéria dos novos corpos. Se nesta vida se desenvolverem com as mesmas tendências da última, isso dependerá amplamente do encorajamento, ou ao contrário, do que lhes for dado pelo ambiente da criança durante seus primeiros anos. Quaisquer delas, boas ou más, podem ser facilmente estimuladas à atividade pelo encorajamento, ou, por outro lado, podem deperecer pela carência desse mesmo encorajamento. Se estimuladas, tornam-se desta vez um fator mais poderoso na vida do homem do que foram na existência anterior. Se sofrerem deperecimento, permanecem apenas como gérmen estéril, que acaba por atrofiar-se e morrer, e não faz seu aparecimento, absolutamente, nas encarnações que se sucederem.

Não se pode dizer que a criança já tenha um corpo mental definido ou um definido corpo astral, mas tem, em torno e dentro de si, o material de que ambos são feitos.

Assim, por exemplo, suponhamos que um homem tenha sido um ébrio em sua vida passada: em kamaloka ele queimaria o desejo da bebida e se libertaria definitivamente dela. Mas, embora o desejo em si mesmo esteja morto, ainda permanece a mesma fraqueza de caráter que tornou o fato desse homem ser subjugado por ele. Na próxima vida seu corpo astral conterá matéria capaz de dar expressão a esse mesmo desejo, mas ele não é de forma alguma forçado a usar tal matéria da mesma maneira como a usou antes. Nas mãos de pais cuidadosos e capazes, na verdade, sendo educado para ver tais desejos como maus, ele ganhará controle sobre eles, irá reprimi-los ao aparecerem, e assim a matéria astral permanecerá sem vivificação e se tornará atrofiada por falta de uso. Devemos recordar que a matéria do corpo astral está lenta mas constantemente se desgastando e sendo substituída, precisamente como a do corpo físico e, conforme a matéria atrofiada desaparece, será substituída por matéria de ordem mais refinada. Assim os vícios são finalmente dominados e tornados virtualmente impossíveis para o futuro, com o estabelecimento da virtude oposta, a do autocontrole.

Durante os primeiros anos da vida de um homem, o ego pouco domínio tem sobre seus veículos, e ele portanto espera que seus pais o ajudem a obter um domínio maior,

fornecendo-lhe as condições apropriadas para isso.

É impossível exagerar a plasticidade desses veículos ainda não formados. Muito do que se pode fazer com o corpo físico nos primeiros anos, como no caso de crianças treinadas para acrobatas, por exemplo, não é tanto como o que se pode fazer com os veículos mental e astral. Eles se excitam em resposta a todas as vibrações que os tocam e são ansiosamente receptivos a todas as influências, boas ou más, que emanara daqueles que os rodeiam. Ademais, embora na primeira juventude sejam tão suscetíveis e tão facilmente moldados, depressa se afirmam e endurecem, adquirindo hábitos que, uma vez firmemente estabelecidos, só com grande dificuldade podem ser alterados. Assim, numa extensão bem maior do que é compreendido mesmo pelos mais afetuosos pais, o futuro da criança está sob seu controle.

Só o clarividente sabe como o caráter de uma criança progrediria, enorme e rapidamente, se ao menos o caráter dos adultos fosse melhor.

Um exemplo muito impressionante é registrado no caso em que a brutalidade de um professor lesou irreparavelmente os corpos de uma criança, tornando impossível para ela, nesta vida, fazer todo o progresso que para ela se esperava.

Tão vitalmente importante é o primeiro ambiente de uma criança, que a vida em que o Adeptado é conseguido deve ter ambiente absolutamente perfeito na infância.

No caso de mônadas de classe inferior com corpos astrais excepcionalmente fortes e que reencarnam após curto intervalo, acontece às vezes que a sombra ou cascão que deixaram da última vida astral ainda persistem e, neste caso, inclinam-se a ser atraídos para a nova personalidade. Quando tal coisa se dá, traz consigo fortemente os velhos hábitos e as velhas maneiras de pensar e às vezes mesmo a lembrança da vida passada.

No caso do homem que levou vida tão má a ponto de seus corpos mental e astral se destacarem do ego depois da morte, o ego, não tendo corpos nos quais viver nos mundos astral e mental, deve formar novos corpos rapidamente. Quando os novos corpos astral e mental são formados, a afinidade entre eles e os antigos, que ainda não se desintegraram, afirma-se, e os velhos corpos astral e mental tornam-se a forma mais terrível do que é conhecido como "morador do umbral".

No caso extremo de um homem que volta para o renascimento, e que, pelos apetites viciosos, ou ao contrário, formou vínculo forte com qualquer tipo de animal, ele pode ser vinculado, por afinidade magnética, ao corpo astral do animal cujas qualidades ele encorajou, e tornar-se um prisioneiro do corpo físico desse animal. Assim encadeado, não pode seguir em direção ao renascimento: está consciente no plano astral, tem suas faculdades humanas, mas não pode controlar o corpo do bruto com o qual se relacionou, nem se expressar através daquele corpo no plano físico. O organismo animal é, assim, um carcereiro, mais do que um veículo. A alma animal não é ejetada, mas permanece como proprietária adequada e controladora de seu próprio corpo.

Tal aprisionamento não é reencarnação, embora seja fácil ver que casos dessa natureza explicam, pelo menos parcialmente, a crença frequentemente encontrada nos países orientais de que o homem pode, sob certas circunstâncias, reencarnar num corpo de animal.

Nos casos em que o ego não se degradou o bastante para o aprisionamento absoluto,

mas nos quais o corpo astral está fortemente animalizado, é possível passar, normalmente, para a reencarnação humana, mas as características animais serão amplamente reproduzidas no corpo físico — como testemunham as pessoas que têm às vezes o rosto de um porco, de um cão etc. O sofrimento que isso traz para a entidade humana consciente, assim temporariamente afastada do progresso e da auto-expressão, é muito grande, embora naturalmente reformatório em sua ação. É sofrimento de certa forma similar ao suportado por outros egos, que estão ligados a corpos humanos com cérebros doentes, isto é, idiotas, lunáticos etc., embora a idiotia e a loucura sejam os resultados de outros vícios.

CAPÍTULO XXV

O Domínio da Emoção

Este livro terá sido compilado em vão se o estudante não tiver ficado impressionado pela necessidade de, primeiro, controlar o corpo astral; em segundo lugar, de treiná-lo gradualmente para ser o veículo da consciência, completamente submetido à do homem real, o ego; e, em terceiro lugar, no devido tempo, de continuamente desenvolver e aperfeiçoar os vários poderes desse corpo.

A pessoa mundana média pouco sabe e pouco se importa com o que se refere a tais assuntos: mas para o estudante de ocultismo é claramente de importância fundamental que ele atinja o domínio integral de todos os seus veículos — o físico, o astral e o mental. E, embora para propósitos de análise e estudo seja necessário separar esses três corpos e estudá-los individualmente, na vida prática, ainda assim veremos que em grande parte o treinamento de todos eles pode ser levado a efeito, simultaneamente, de modo que qualquer poder desenvolvido num deles ajude de certa forma o treinamento dos outros dois.

Já vimos o quanto é desejável a purificação do corpo físico, por meio do alimento, da bebida, da higiene etc., a fim de se tornar ligeiramente menos difícil o controle do corpo astral. O mesmo princípio se aplica, ainda com maior força, ao corpo mental, porque é, em última análise, apenas pelo uso da mente e da vontade que os desejos, emoções e paixões do corpo astral podem ser levados à perfeita submissão.

Para muitos temperamentos, pelo menos, um cuidadoso estudo da psicologia da emoção é de auxílio muito grande, pois é claramente muito mais fácil trazer sob controle uma força cuja gênese e natureza são integralmente compreendidas.

Com esse propósito, o presente escritor recomenda, muito veementemente, um estudo completo dos princípios que se expõem naquele tratado magistral que é *The Science of the Emotions*, de Bhagavan Das. (Uma súpula admirável desse trabalho foi escrita por K. Browning M. A., sob o título *An Epitome of the Science of the Emotions*.) A tese principal pode ser resumida como se segue:

GÊNESE DAS EMOÇÕES

Relação para com o objeto		Emoção-elemento primária	Graus da emoção
Qualitativa 1	Qualitativa 2		
AMOR (por) <pre> graph LR A[AMOR (por)] --- B[Superior] A --- C[Igual] A --- D[Inferior] </pre>		Reverência Afeição Benevolência	Culto Adoração Reverência Estima Respeito Admiração Afeição Companheirismo Amistosidade Polidez Compaixão Ternura Bondade Piedade
ÓDIO (por) <pre> graph LR E[ÓDIO (por)] --- F[Superior] E --- G[Igual] E --- H[Inferior] </pre>		Medo Cólera Orgulho ou tirania	Horror Terror Medo Apreensão Hostilidade Rudeza Aversão Frialdade Indiferença Ironia Desdém Desprezo Arrogância

Toda existência manifestada pode ser analisada no eu, no não-eu e no relacionamento entre os dois.

Esse relacionamento pode ser dividido em: (1) cognição (Gnyânam); (2) desejo (Ichchâ); e (3) ação (Kriyâ). Saber, desejar e esforçar-se ou agir compreendem, todos os três, o todo da vida consciente.

De duas qualidades são os sentimentos e as emoções: agradáveis ou dolorosos. O prazer, fundamentalmente uma sensação de plenitude, produz atração, amor (râga); a dor, fundamentalmente um senso de diminuição, produz repulsa, ódio (dvesha).

Da atração procedem todas as emoções de amor; da repulsa procedem todas as emoções do ódio. Todas as emoções surgem do amor ou do ódio, ou de ambos, em vários níveis de intensidade.

A precisa natureza de uma emoção particular é também determinada pelo relacionamento entre quem sente a emoção e o objeto que é o motivo da emoção. O que sente a emoção pode ser, *no que concerne às circunstâncias vinculadas com a emoção particular*, maior que, igual a, ou menor que o objeto.

Seguindo essa análise, chegamos aos seis possíveis tipos de elementos-emoções dados na coluna três da tabela que se segue. A coluna quatro dá subdivisões dos elementos primários em vários graus de intensidade, os mais fortes estando à frente e os mais fracos

ao pé de cada grupo.

Todas as emoções humanas consistem de um desses seis elementos-emoções, ou mais frequentemente, de dois ou mais deles combinados. O estudante deve agora ser remetido ao tratado acima mencionado para uma elaboração pormenorizada dos princípios fundamentais da gênese das emoções. Seu trabalho terá ampla recompensa.

Outra linha valiosa de estudo, para o estudante que pretende o autoconhecimento a fim de chegar ao autodomínio, é o da consciência coletiva, ou da multidão. O melhor livro, entre os melhores que o presente autor conhece, sobre esse interessante assunto, é *The Crowd in Peace and War* ("A Multidão na Paz e na Guerra"), de Sir Martin Conway.

Com maravilhosa lucidez e riqueza ilustrativa, Sir Martin demonstra os seguintes fatos fundamentais:

(1) Em sua grande maioria, os homens são educados em meio de, e suas vidas pertencem, a certas "multidões" psicológicas, isto é, a grupos de pessoas que pensam e, sobretudo, sentem de maneira similar. Tais multidões estão no lar, nos amigos e associados, nas escolas e universidades, nas profissões, nas seitas religiosas, nos partidos políticos, na escola de pensamento, nas nações, nas raças e assim por diante. Até os que leem os mesmos jornais formam uma "multidão" psicológica.

(2) Essas multidões são formadas, nutridas e dominadas principalmente pelos sentimentos e emoções — *não pelo pensamento*. A multidão tem todas as emoções, mas não tem intelecto: pode sentir mas não pode pensar. Raramente, ou nunca, as opiniões da multidão alcançam a razão. São apenas paixões contagiosas que percorrem todo o corpo como corrente elétrica, originando-se tal corrente, frequentemente, em um único cérebro. Uma vez envolvido pela multidão, o indivíduo rapidamente perde seu poder de pensar e sentir individualmente e torna-se um com a multidão, participando de sua vida, de suas opiniões, de suas atitudes, de seus preconceitos e coisas assim.

(3) Poucos são os que já tiveram a coragem ou a força de romper as ligações com as várias multidões a que pertencem: a vasta maioria permanece durante toda a sua vida sob o domínio dos grupos que a absorveram.

Nosso autor começa então a enumerar e descrever as várias virtudes da multidão e a mostrar que elas diferem das virtudes do indivíduo, sendo no todo de nível bem inferior e mais primitivo.

Cada multidão, sendo incapaz de conduzir a si própria, precisa e encontra um líder. De tais líderes, há três tipos:

(a) *O dominador da multidão*. É o que domina e lidera a multidão, impondo-lhe suas próprias ideias através da força de sua própria personalidade. Exemplos disso são Napoleão, Disraeli, César, Carlos Magno.

(b) *O intérprete da multidão*. Este tipo, totalmente diferente do dominador da multidão, é o que sente, através de sensibilidade natural, o que a multidão sente ou vai sentir, o que expressa em linguagem quase sempre clara e gráfica, as emoções da multidão, linguagem que, por si mesma, é inarticulada. Tais homens raramente pensam em um problema e imediatamente se põem a pregar seu evangelho. Preferem esperar que as emoções da multidão tomem forma: mergulham, então, no bojo da luta, e dizem, com eloquência, poder e entusiasmo, aquilo que o povo que o rodeia está vaga e veladamente

sentindo. Exemplos desse tipo são muito comuns, especialmente no terreno da política.

(c) *O representante do povo*. Líderes da multidão deste tipo são antes pitorescas figuras-de-proa do que forças individuais. Exemplos típicos são os reis constitucionais, um cônsul, um embaixador, um juiz (pelo menos na Inglaterra). Esses homens são meramente o povo, a "opinião pública" personificada: falam com a voz do povo, atuam por ele e postam-se, por ele, aos olhos do mundo. Devem suprimir ou ocultar suas opiniões individuais e dar a impressão de sentirem como o público sente, e agirem de conformidade com os desejos e sentimentos do público.

O que ficou acima é um simples esboço dos princípios de liderança enunciados no livro mencionado, obra extremamente feliz, e insistimos com o estudante para que faça, por si mesmo, um cuidadoso estudo daquele trabalho. Ele o ajudará, não só a apreciar com maior justiça as forças através das quais "o público" é movimentado, mas também a valorizar pelo seu verdadeiro valor suas próprias crenças, opiniões e atitudes em relação a muitas questões do momento.

É evidentemente da maior importância que, em todos os seus sentimentos e pensamentos, o estudante de ocultismo atue deliberada e conscientemente. A expressão grega *Gnothi seauton* — Conhece a ti mesmo — é um conselho excelente, porque o autoconhecimento é absolutamente necessário a qualquer candidato, se tem de progredir. O estudante não deve consentir em ser arrastado, submergindo na emoção coletiva — ou formas-de-pensamento que produzem um tipo de atmosfera através da qual tudo é visto e pela qual tudo adquire coloração, e que tão claramente domina e movimenta as muitas multidões entre as quais se movem. Não é coisa fácil manter-se contra a inclinação popular, devido ao choque incessante que sofremos por parte das formas-pensamentos e das correntes de pensamento que enchem a atmosfera; ainda assim, o estudante de ocultismo deve aprender a fazer isso.

Ele deve, ademais, ter a capacidade de reconhecer os vários tipos de líderes da multidão, e a de recusar-se a se deixar dominar, persuadir ou lisonjear a fim de aceitar ideias ou seguir linhas de ação, a não ser que faça isso bastante deliberadamente, e com suas próprias faculdades alerta.

As influências das multidões psicológicas e dos líderes das multidões no mundo de hoje, bem como provavelmente em todos os tempos, é realmente muito grande; as forças que manejam são sutis e de longo alcance, de forma que o estudante que pretende o autodomínio e que deseja conduzir sua própria vida emocional e intelectual deve estar continuamente em guarda contra essas insidiosas influências.

O presente escritor é de opinião que um estudo dos livros *The Science of the Emotions* e *The Crowd in Peace and War* forma um preliminar inestimável para a tarefa de treinar e desenvolver o corpo astral até que ele se torne um servo útil e obediente frente à vontade soberana do ego.

Insistimos também em outra linha de estudo, a da mente subconsciente, hoje muitas vezes chamada "inconsciente". Com esse propósito, como introdução ao assunto, se recomenda o livro *The Law of Psychic Phenomena* ("A Lei dos Fenômenos Psíquicos"), de T. T. Hudson.

Estudando aquele livro, o estudante deve ter em mente que ele foi escrito em 1892. À luz do conhecimento presente não será necessário subscrever o todo das análises, classificações ou terminologia de Hudson. Ademais, na opinião do presente escritor, Hudson sobrecarrega demasiadamente as suas premissas e estende suas teorias bem para além do ponto de resistência. Contudo, o livro é de grande valor, primeiro por encorajar um saudável ceticismo quanto a aceitar muito facilmente explicações plausíveis e fluentes sobre muitos fenômenos psíquicos e, em segundo lugar, por trazer ao ponto, com grande força, as tremendas potencialidades latentes na parte subconsciente da natureza do homem e que podem ser utilizadas pelo estudante prudente e discreto com efeito considerável no controle de sua própria natureza astral, purificando e fortalecendo, em geral, seu próprio caráter. Há naturalmente uma quantidade de livros mais modernos que também o auxiliarão nesse sentido.

Resumindo, Hudson declara:

(1) Que a mentalidade do homem é claramente divisível em duas partes, cada uma delas com seus próprios poderes e funções. Chama-se *mente objetiva* e *mente subjetiva*.

(2) A mente objetiva é aquela que toma conhecimento do mundo objetivo, usando como meio de observação os sentidos físicos e tendo sua função mais alta na razão.

(3) Que a mente subjetiva toma conhecimento do ambiente por meios que são independentes dos sentidos físicos. Ela é a sede das emoções e o depósito da memória. Realiza suas mais altas funções quando os sentidos objetivos estão em temporária inatividade, isto é, num estado de sonambulismo ou hipnotismo. Muitas das outras faculdades atribuídas à mente subjetiva por Hudson são claramente as do corpo astral, isto é, a capacidade de viajar para longas distâncias, de ler os pensamentos etc.

Ademais, ao passo que a mente objetiva não é controlável pela "sugestão" contra a razão, a mente subjetiva é constantemente acessível ao poder da sugestão, seja a que vem de outras pessoas ou a que vem da *mente objetiva de seu próprio dono*.

Com o auxílio do moderno conhecimento relativo aos nossos corpos mental e astral e à natureza e uso das formas-pensamentos-e-emoções, o estudante encontrará aqui muitas confirmações independentes e interessantes daquilo que aprendeu das autoridades teosóficas e, como já foi dito, estará melhor capacitado para compreender os virtualmente ilimitados poderes latentes em sua própria estrutura psicológica, que ele pode usar ao longo das linhas estabelecidas pelos ocultistas de renome: tais como as da meditação, por exemplo. Compreenderá também, talvez bem mais vividamente do que antes, a forma pela qual kama, ou desejo, e manas, ou mente, estão entretecidos, e como podem ser desembaraçados para o grande benefício de serem ambos fortalecidos.

Devemos recordar que é pelo pensamento que o desejo pode ser transformado e, finalmente, dominado. Conforme a mente aprende a afirmar seu controle, o desejo se transforma em vontade; a influência não vem então de objetos externos que atraem ou repelem, mas do espírito do homem, do ego, do governante interno.

Retornaremos agora às nossas mais específicas autoridades "teosóficas" e continuaremos a considerar certos outros fatores que entram no desenvolvimento e treinamento do corpo astral.

É óbvio que o estudante deveria visar o domínio e eliminação de certos defeitos

menores, tais como fraqueza emocional e vícios. Nessa tarefa é importante recordar que um vício, tal como a irritabilidade, por exemplo, que se tornou hábito através de repetido consentimento, está armazenado, não no ego como qualidade inerente, mas no átomo astral permanente. Seja qual for a força que ali se acumulou, é uma certeza científica a que diz que a perseverança, no devido tempo, terá a vitória. Do lado do ego há a força de sua própria vontade e através dela a força infinita do Próprio Logos, porque o progresso através da evolução é a Sua vontade. A compreensão da ideia de unidade assim exposta dá ao homem motivo adequado para a tarefa, indubitavelmente dura e às vezes desagradável, da construção do caráter. Por muito grande que seja a luta, estando as forças do Infinito de seu lado, ele tenderá definitivamente a dominar as forças finitas do mal que armazenou em suas vidas passadas.

Um homem que procura matar o desejo, a fim de equilibrar perfeitamente seu karma e dessa forma obter a própria liberação, pode atingir esse objetivo. Não pode contudo escapar à lei da evolução e mais cedo ou mais tarde será arrastado de novo para a frente, para a corrente, pela sua pressão irresistível, e forçado assim a renascer. Matar o desejo não é o caminho do verdadeiro ocultista.

Amores pessoais não devem ser mortos, mas devem ser expandidos até que se tornem universais: amores devem ser erguidos de nível, não rebaixados. A falta de compreensão neste ponto e as tremendas dificuldades da tarefa, quando compreendidas, levam, em alguns casos, à sufocação do amor e não ao seu crescimento. Será o transbordamento do amor, não o desamor, o que salvará o mundo. Um Mahatma é um oceano da Compaixão; não um *iceberg*. Tentar matar o amor é o método usado no caminho da esquerda.

Também foi dito que devemos exterminar a "forma lunar", isto é, o corpo astral. Isso não significa que todos os sentimentos e emoções devam ser destruídos, e sim, que o corpo astral deve estar inteiramente sob controle, e devemos estar capacitados para matar a forma lunar *quando quisermos*. À proporção que o homem se desenvolve, coloca a sua vontade em unidade com a vontade do Logos, e o Logos deseja evolução. É inútil dizer que tal unificação elimina, *ipso facto*, desejos tais como ambição, anseio de progresso e outras coisas assim.

A Voz do Silêncio nos alerta para o fato de haver, sob cada flor do mundo astral, por muito bela que seja, a serpente enrolada do desejo. No caso da afeição, por exemplo, tudo o que tenha natureza de apego deve ser inteiramente transcendido; mas a afeição pura, elevada, destituída de egoísmo, jamais pode ser transcendida, já que é uma característica do Próprio Logos, e qualificação necessária para o progresso ao longo do Caminho, que leva aos Mestres e à Iniciação.

CAPÍTULO XXVI

Desenvolvimento de Poderes Astrais

A posse de poderes psíquicos ou de força física não envolve necessariamente um elevado caráter moral, nem são os poderes psíquicos, em si mesmos, um sinal de grande desenvolvimento em qualquer outra direção, por exemplo, a do intelecto.

Embora, portanto, não seja verdade que um grande psíquico seja uma pessoa espiritual, é verdade, por outro lado, que uma pessoa grandemente espiritual é inevitavelmente um psíquico.

Poderes psíquicos podem ser desenvolvidos por qualquer um que deseje se dar a esse trabalho, e um homem pode aprender clarividência ou mesmerismo tal como pode aprender a tocar piano, se estiver disposto a passar pelo duro trabalho necessário.

Os sentidos astrais existem em todos os homens, mas são latentes na maioria; em geral têm de desenvolvê-los artificialmente os que intentem utilizá-los no presente estágio de evolução. Em alguns, poucos tornam-se ativos sem qualquer impulso artificial. Em muitíssimos podem ser artificialmente despertados e desenvolvidos. A condição da atividade dos sentidos astrais, em todos os casos, é a passividade dos sentidos físicos, e quanto mais completa a passividade física, maior a possibilidade de atividade astral.

A clarividência é, muitas vezes, possuída por pessoas simples. Isto é chamado às vezes psiquismo inferior, e não representa de forma alguma a mesma coisa que a faculdade possuída por homens mais adiantados e adequadamente treinados, nem se desenvolve da mesma maneira.

O aparecimento ocasional do psiquismo numa pessoa não-desenvolvida é um tipo de sensação maciça, estendendo-se vagamente a todo o veículo, em vez de uma percepção exata e definida que vem através de órgãos especializados. Isso foi especialmente característico na quarta Raça-Raiz (a Atlante). Não funciona através dos Chakras astrais, mas através dos centros astrais que estão em conexão com os sentidos físicos. Tais centros não são positivamente astrais, embora sejam um aglomerado de matéria astral no corpo astral. Têm a natureza de pontes de ligação entre os planos físico e astral, e não são sentidos astrais desenvolvidos na própria acepção da palavra. A "segunda vista" pertence a esse tipo de sensibilidade; e com frequência é simbólica, porquanto o perceptor transmite seu conhecimento dessa curiosa forma simbólica. Estimular centros que são pontes, em lugar de desenvolver os Chakras, que são os órgãos astrais, é um engano completo; Esse psiquismo inferior está também associado com o sistema nervoso simpático, enquanto o psiquismo superior está associado com o sistema cérebro-espinhal. Reviver o controle do sistema simpático é um passo para trás, não para a frente.

Com o correr do tempo o psiquismo inferior desaparece, para retornar num estágio posterior, quando pode ser controlado pela vontade.

Pessoas histéricas e muito nervosas podem tornar-se clarividentes, ocasionalmente, sendo o fato sintoma de sua doença e devido ao enfraquecimento do veículo físico a um tal

grau que já não oferece obstáculo a uma certa medida de visão astral ou etérica. O *delirium tremens* é um exemplo extremo dessa classe de psiquismo, podendo as vítimas da doença ver temporariamente certos elementais e entidades etéricas odiosos.

Para os que ainda não desenvolveram visão astral, é aconselhável apreciar intelectualmente a realidade do mundo astral e compreender que seus fenômenos estão abertos à observação competente, tal como estão os do mundo físico.

Existem métodos definidos de loga através dos quais os sentidos astrais podem ser desenvolvidos de forma racional e saudável. Mas isso não só é inútil como também pode ser perigoso tentar tal coisa antes que o estágio de purificação tenha passado. Tanto o corpo físico como o corpo astral devem primeiro ser purificados, rompendo os laços dos maus hábitos de alimentação, de bebida, e abandonando emoções de cólera de todos os tipos etc.

Generalizando, não é aconselhável forçar o desenvolvimento do corpo astral por meios artificiais, porque até que a força espiritual seja obtida, a intrusão de visões astrais, bem como a de sons e outros fenômenos, podem perturbar e mesmo se fazerem alarmantes.

Mais cedo ou mais tarde, de acordo com o karma do passado, alguém que siga o caminho "antigo e real" verá que o conhecimento dos fenômenos astrais virá ter com ele, gradualmente: sua visão mais aguda despertará, e novos aspectos de um universo mais amplo se desdobrarão ante ele, de todos os lados. É uma ilustração para a frase: "Procura primeiro o Reino do Céu, e todas as outras coisas te serão acrescentadas".

A obtenção dos poderes astrais como um fim em si mesma leva inevitavelmente ao que se chama no Oriente o método de desenvolvimento *laukita*: os poderes obtidos são apenas para a personalidade presente, e, não havendo salvaguardas, é bastante possível que o estudante faça deles uso errado. À essa classe pertencem as práticas de Hatha loga, Pranayama ou controle da respiração, invocação de elementais e todos os sistemas que envolvem o entorpecimento dos sentidos físicos, de certa maneira, *ativamente*, pelas drogas (por exemplo, banguê, haxixe etc.), pela auto-hipnose, ou, como entre os dervixes, girando numa dança louca de fervor religioso até que a vertigem e a insensibilidade venham. Ou *passivamente*, deixando-se mesmerizar — de forma que os sentidos astrais possam vir à superfície. Outros métodos são a contemplação do cristal (que leva apenas ao mais baixo tipo de clarividência), a repetição de invocações, ou o uso de cerimônias ou amuletos.

O homem que se põe em transe pela repetição de palavras ou amuletos pode retornar, na próxima existência, provavelmente como um médium, ou ser, de qualquer forma, mediúnico. A mediunidade não deve ser vista de forma alguma como posse de poderes psíquicos, porque um médium, longe de exercer o poder, abdica, pelo contrário, de seu próprio corpo, em favor de outra entidade. A mediunidade não é um poder, e sim uma condição.

Há muitas histórias de misteriosos unguentos ou drogas que, quando aplicados nos olhos, capacitam o homem a ver fadas etc. Ungir os olhos pode estimular a visão etérica, mas é coisa que não pode, de modo algum, abrir a visão astral, embora certos unguentos esfregados em todo o corpo ajudem, grandemente, a saída do corpo astral do corpo físico,

em completa consciência — um fato cujo conhecimento parece ter sobrevivido dos tempos medievais, como pode ser visto na evidência dada em alguns julgamentos por feitiçaria.

O método *lokottara* consiste de práticas de Raja loga, ou progresso espiritual, e é inquestionavelmente o melhor método. Embora mais lento os poderes conferidos pertencem à individualidade permanente e jamais se perdem, pois a orientação do Mestre garante perfeita segurança desde que suas ordens sejam escrupulosamente obedecidas.

Outra grande vantagem de, ser treinado por um Mestre está no fato de que, sejam quais forem as faculdades que o discípulo possa obter, elas estão definitivamente sob seu comando e podem ser usadas integral e constantemente, quando necessário, enquanto que no caso de um homem não treinado tais poderes se manifestam com frequência apenas parcial e espasmodicamente. Aparecem, chegam e partem, por assim dizer, por sua própria e livre vontade.

O método temporário é como aprender a cavalgar insensibilizando o cavalo; o método permanente é como aprender a cavalgar corretamente, de forma que qualquer cavalo possa ser montado. O método permanente significa evolução real; o outro não envolve necessariamente nada disso, já que os poderes obtidos morrem com o corpo.

A visão mais ampla do plano astral não é uma bênção pura, pois que revela o sofrimento e a angústia, o mal e a avidez do mundo. As palavras de Schiller saltam à mente: "Por que me atiraste assim à cidade dos cegos eternos, para proclamar teu oráculo com os sentidos abertos? Toma de volta essa triste clarividência, tira de meus olhos essa luz cruel! Devolve-me a minha cegueira — a feliz escuridão de meus sentidos. Leva de volta teu horrível dom!"

O poder clarividente, se usado com propriedade e sensibilidade, pode ser uma bênção e um auxílio. Mal usado, pode ser uma perturbação e uma maldição. Os perigos principais que se envolvem nele vêm do orgulho, da ignorância e da impureza. É loucura para um clarividente, obviamente, imaginar que é o único assim dotado e a pessoa especialmente selecionada sob orientação angélica para fundar uma nova dispensação, e assim por diante. Além disso, há sempre muitíssimas entidades astrais travessas e maliciosas, prontas e ansiosas para animar tais ilusões e realizar qualquer papel que lhes seja atribuído.

É útil para um clarividente saber algo da história do assunto e compreender algo das condições dos planos superiores, e, se possível, ter algum conhecimento de caráter científico.

Ademais, um homem de vida impura ou motivos impuros inevitavelmente atrai para si os piores elementos do mundo invisível. Um homem puro em pensamento e vida, por outro lado, está, por esse fato, defendido da influência de entidades indesejáveis dos outros planos.

Em muitos casos um homem pode ter ocasionalmente relances de consciência astral sem que isso leve ao despertar da visão etérica. Essa irregularidade no desenvolvimento é uma das causas principais da extrema possibilidade de erros em assuntos de clarividência, pelo menos nos estágios iniciais.

No curso normal das coisas as pessoas acordam para as realidades do plano astral muito lentamente, tal como um bebê se desperta para as realidades do plano físico. Os

que, deliberadamente, e, por assim dizer, prematuramente, entram no Caminho, estão desenvolvendo esse conhecimento anormalmente, e em consequência estão sujeitos a errar de início.

Perigo e dano poderiam surgir facilmente se todos os discípulos sob um treinamento adequado não estivessem assistidos e guiados por instrutores competentes que já estão habituados ao plano astral. Essa é a razão pela qual toda a sorte de horríveis visões etc. são mostradas ao neófito, como testes, de forma que ele possa entendê-las e habituar-se a elas. A não ser que isso seja feito, o discípulo poderia receber um choque que não só o impediria de fazer trabalho útil como seria positivamente perigoso para seu corpo físico.

A primeira introdução ao mundo astral pode surgir de várias maneiras. Algumas pessoas apenas uma vez em toda a sua vida tornam-se sensitivas o bastante para experimentar a presença de uma entidade astral ou de algum fenômeno astral. Outras se encontram com frequência cada vez maior vendo e ouvindo coisas para as quais os outros são cegos e surdos; ainda outros começam a recordar suas experiências durante o sono.

Quando uma pessoa está começando a se tornar sensível às influências astrais, poderá ocasionalmente encontrar-se dominada por um inexplicável terror. Isso vem, parcialmente, da hostilidade natural do mundo elemental contra o humano, por causa dos muitos trabalhos destrutivos do homem no plano físico, coisas que reagem no astral, e, em parte, nos muitos e inamistosos elementais artificiais, nutridos pela mente humana.

Algumas pessoas começam por tornar-se intermitentemente conscientes das cores brilhantes da aura humana; outras podem ver rostos, paisagens ou nuvens coloridas flutuando diante de seus olhos, no escuro, antes de mergulharem no sono. Talvez a experiência mais comum seja começar a recordar, com clareza crescente, as experiências de outros planos adquiridas durante o sono.

Às vezes uma pessoa, uma única vez em sua vida, perceberá, por exemplo, a aparição de um amigo por ocasião da morte deste. Isso pode ser devido a duas causas, em cada uma das quais o desejo intenso do moribundo vem a ser a força compulsora. Essa força pode ter capacitado o agonizante a materializar-se por um momento, caso em que naturalmente não há necessidade de um clarividente. Mais provavelmente tal força pode ter agido mesmericamente sobre quem vê e momentaneamente, amortecendo-lhe o físico e estimulando sua sensibilidade superior.

Um homem que desenvolveu visão astral já não está limitado, como é natural, à matéria física: vê através dos corpos físicos, sendo as substâncias fisicamente opacas, para ele, transparentes como vidro. Num concerto, vê gloriosas sinfonias de cores; numa conferência, vê os pensamentos do conferencista em cor e forma, e está portanto na posição de compreendê-lo mais completamente do que os que não possuem visão astral.

Um pequeno exame revelará que muitas pessoas ganham de um conferencista mais do que as simples palavras indicam, e muitas encontrarão na sua memória mais do que o conferencista expôs. Tais experiências indicam que o corpo astral se está desenvolvendo e tornando-se mais sensitivo, respondendo às formas-pensamentos criadas pelo conferencista.

Alguns lugares fornecem maiores facilidades do que outros para os trabalhos ocultos: assim, a Califórnia tem um clima muito seco, com muita eletricidade no ar, que é favorável

ao desenvolvimento da clarividência.

Alguns psíquicos precisam de uma temperatura elevada para fazer melhor o seu trabalho, enquanto outros não funcionam bem a não ser em temperatura mais baixa.

Sendo um clarividente treinado capaz de ver o corpo astral de um homem, segue-se que, no plano astral, ninguém pode esconder-se ou disfarçar-se. O que o homem realmente é aparece diante de um observador sem preconceitos. É necessário dizer sem preconceitos, porque um homem vê outro por intermédio de seus próprios veículos, o que é, de certa forma, como ver uma paisagem através de vidros coloridos. Enquanto ele não aprender a descontar essa influência, um homem tende a considerar como mais importante em outro homem as características a que ele próprio responde facilmente. É necessário ter prática de liberar-se da distorção produzida por seus próprios pontos de vista, de forma a poder observar clara e exatamente.

A maioria dos psíquicos que ocasionalmente obtêm relances do mundo astral, bem como a maioria das entidades que se comunicam nas sessões espíritas, deixam de relatar muitas das complexidades do plano astral que são descritas neste livro. O motivo está no fato de poucas pessoas verem as coisas como realmente são, no plano astral, enquanto não têm experiência bastante longa. Mesmo os que veem integralmente ficam às vezes demasiado confusos e estonteados para compreender ou recordar, e poucos conseguem traduzir suas lembranças para a linguagem do plano físico.

Também, como temos visto, os habitantes travessos do mundo astral gostam de pregar peças, e contra eles a pessoa não treinada quase sempre fica sem defesa.

No caso de uma entidade astral que constantemente trabalha através de um médium, seus sentidos astrais mais finos podem até tornar-se tão grosseiros a ponto de ficarem insensitivos aos graus superiores da matéria astral.

Só o visitante treinado que vem do plano físico e que possui integral consciência de ambos os planos, pode estar certo de ver clara e simultaneamente tanto o plano físico como o astral.

Clarividência verdadeira, treinada e absolutamente digna de confiança demanda faculdades que pertencem a um plano superior ao astral. A faculdade de previsão exata também pertence a plano superior. Contudo, relances ou reflexos dela mostram-se frequentemente à pura visão astral, mas especialmente entre as pessoas de mentalidade simples, que vivem em condições adequadas — o que é chamado segunda-visão entre os habitantes dos planaltos da Escócia, sendo este um exemplo bem conhecido.

Há pessoas cegas, tanto astralmente como fisicamente, de forma que muitos dos fenômenos astrais escapam à visão astral comum. De início, de fato, muitos enganos podem surgir quando se usa a visão astral, tal como uma criança comete enganos quando começa a usar seus sentidos físicos, embora depois de algum tempo se possa ver e ouvir tão exatamente no plano astral como no plano físico.

Outro método para desenvolver a clarividência — que é aconselhado por todas as religiões e que, se adotado cuidadosa e reverentemente não pode fazer mal ao ser humano — é o da meditação, por meio da qual um tipo muito puro de clarividência pode às vezes ser desenvolvido. Uma descrição resumida do processo envolvido na meditação é dada no livro *O que há além da Morte*, de C. W. Leadbeater, e também naturalmente em muitos

outros livros.

Por meio da meditação, se pode desenvolver extrema sensibilidade e, ao mesmo tempo, equilíbrio perfeito, sanidade e saúde.

O estudante compreenderá facilmente que a prática de determinada meditação constrói tipos superiores de matéria, nos corpos. Grandes emoções podem ser sentidas, vindas do nível búdico, isto é, do plano astral seguinte ao mental, e refletem-se no corpo astral. É necessário todavia desenvolver os corpos mental e causal a fim de manter o equilíbrio. Um homem não pode saltar da consciência astral para a búdica sem desenvolver os veículos intermediários. Com o sentimento apenas, jamais pode obter perfeito equilíbrio ou firmeza; grandes emoções que nos moveram para a direção certa podem bem facilmente tornar-se um tanto enviesadas e mover-nos para linhas menos desejáveis.

As emoções fornecem força de motivação, mas o poder dirigente vem da sabedoria e da firmeza.

Há uma íntima conexão entre os planos astral e búdico, sendo o corpo astral, de certa forma, um reflexo do corpo búdico.

Um exemplo desse íntimo relacionamento entre os planos astral e búdico é encontrado na Missa cristã. No momento da consagração da hóstia, uma força desce, a mais forte no plano búdico, embora também poderosa no mundo mental superior; além disso, sua atividade é marcada nos primeiro, segundo e terceiro subplanos astrais, embora isso possa ser um reflexo do mental ou um efeito de vibração simpática. O efeito pode ser sentido por pessoas mesmo bem distantes da igreja, passando uma grande onda de paz espiritual e de força por toda a região, embora muitos jamais relacionem tal coisa com a Missa que está sendo celebrada.

Além do que ficou dito acima, outro efeito é produzido como resultado da intensidade do sentimento consciente de devoção de cada indivíduo durante a celebração, e na proporção a isso correspondente. Um raio como que de fogo é despedido da Hóstia levantada e faz com que a parte superior do corpo astral cintile intensamente. Através do corpo astral, dada a sua íntima relação com ele, o veículo búdico também é fortemente afetado. Assim, tanto o veículo búdico como o veículo astral reagem um sobre o outro.

Efeito similar ocorre quando uma bênção é dada com o Santíssimo Sacramento.

CAPÍTULO XXVII

Clarividência no Tempo e no Espaço

Há quatro métodos pelos quais é possível observar acontecimentos que estão tendo lugar a distância.

1. *Por meio de uma corrente astral.* Este método é de certa forma análogo ao da magnetização de uma barra de aço, e consiste no que pode ser chamado polarização, por um esforço da vontade, de algumas linhas paralelas de átomos astrais, do observador para a cena que ele deseja observar. Todos os átomos são mantidos com seus eixos rigidamente paralelos uns aos outros, formando uma espécie de tubo temporário, ao longo do qual o claridente pode olhar. A linha tende a desarranjar-se ou mesmo a ser destruída por uma corrente astral suficientemente longa que aconteça cruzar pelo seu caminho. Isto, contudo, raramente acontece.

A linha é formada pela transmissão da energia, de partícula a partícula, ou pelo uso de força que vem de um plano mais alto e que atua sobre toda a linha simultaneamente. Este último método implica em um desenvolvimento muito maior, envolvendo o conhecimento de forças de nível considerável e o poder de usá-las. Um homem que pudesse fazer tal linha, para seu próprio uso, não teria necessidade dela, porque poderia ver longe mais facilmente, e inteiramente através de faculdades superiores.

A corrente, ou tubo, pode ser formada bastante inconscientemente, sem nascer de uma determinada intenção, e é, com frequência, o resultado de um pensamento ou de uma emoção muito forte, projetado de uma extremidade ou de outra — ou pelo vidente ou pela pessoa que é vista. Se duas pessoas estão unidas por forte afeição, é provável que um fluxo razoável de pensamento mútuo esteja constantemente fluindo entre elas, e alguma necessidade súbita ou um transe terrível da parte de uma delas pode carregar aquela corrente, temporariamente, com o poder polarizante necessário para criar o telescópio astral.

A visão obtida por esse meio não é diferente da que se vê através de um telescópio. Figuras humanas, por exemplo, aparecem, habitualmente, muito pequenas, mas perfeitamente claras: às vezes, mas não comumente, é possível ouvir tão bem quanto se vê, com este método.

O método tem claras limitações, já que o telescópio astral revela a cena apenas de uma direção, e tem um campo de visão limitado e particular. Na verdade, a visão astral dirigida ao longo de tal tubo é tão limitada quanto o seria a visão física sob circunstâncias idênticas.

O tipo de clarividência pode ser grandemente facilitado se usarmos um objeto físico como ponto de partida — um foco para a força de vontade. Uma bola de cristal é o mais comum e o mais eficaz dos focos, porque tem um arranjo peculiar de essência elemental, e possui também, em si mesma, qualidades que estimulam a faculdade psíquica. Outros objetos também são usados com o mesmo propósito, tais como uma taça, um espelho, um potinho de tinta, uma gota de sangue, uma vasilha de água, um tanque, água em vasilha de

vidro, ou quase toda superfície polida. Também serve uma superfície inteiramente negra, produzida por um punhado de carvão em pó num pires.

Há quem determina o que vê à sua vontade e é como se apontassem seu telescópio ao sabor de seu desejo; a grande maioria, entretanto, forma um tubo eventual e vê o que se apresenta na outra extremidade da mesma.

Alguns psíquicos só podem usar o método do tubo quando estão sob a influência do mesmerismo. Há duas variedades de tais psíquicos: (1) os que podem fazer pessoalmente o tubo; (2) os que veem através do tubo feito pelo mesmerizador.

Ocasionalmente, embora seja raro acontecer, também é possível obter ampliação por meio do tubo, embora nesses casos seja provável que um poder inteiramente novo esteja começando a se manifestar.

2. *Pela projeção de uma forma-pensamento.* Este método consiste na projeção de uma imagem mental de si próprio, em torno da qual se atrai matéria astral, sendo tal conexão com a imagem retida de forma a tornar possível receber impressões por meio dela; a forma atua, assim, como uma espécie de posto avançado da consciência de quem vê. Tais impressões serão transmitidas ao pensador por vibração simpática. Num caso perfeito, o vidente pode ver quase tão bem como se ele próprio estivesse no lugar da forma-pensamento. Com esse método também é possível mudar o ponto da visão, se isso for desejado. A clariaudiência é talvez menos frequentemente associada com esse tipo de clarividência do que com o primeiro tipo. No momento em que a firmeza do pensamento cai, toda a visão se vai, e será necessário construir de novo uma forma-pensamento para que ela retorne. Esse tipo de clarividência é mais rara do que o primeiro tipo, por causa do controle mental exigido e da natureza mais refinada das forças empregadas. É cansativo, a não ser para curtas distâncias.

3. *Viajando no corpo astral*, seja durante o sono, seja em transe. Esse processo já foi descrito em capítulos precedentes.

4. *Viajando no corpo mental.* Neste caso, o corpo astral é deixado com o físico, e, se a pessoa quiser mostrar-se no plano astral, forma para si um corpo astral temporário, ou *mayavirupa*, conforme descrevemos páginas atrás.

É possível também obter informação referente a acontecimentos que se passam a distância, invocando ou evocando uma entidade astral, tal como um espírito-da-natureza, e induzindo-a ou compelindo-a a empreender a investigação. Isso, está claro, não é clarividência, é magia.

A fim de encontrar uma pessoa no plano astral, é necessário pôr-se em sintonia com ela, sendo suficiente uma pequeníssima pista, quase sempre, como uma fotografia, uma carta escrita por ela, um objeto que lhe pertenceu. O operador então faz soar a nota tônica da pessoa e, se ela está no plano astral, virá resposta imediata.

A nota tônica da pessoa que está no plano astral é uma espécie de tom médio que emerge de todas as diferentes vibrações que são habituais naquele plano. Há, também, um tom médio similar para o corpo mental e os outros corpos de cada homem, formando todas as tônicas reunidas o acorde do homem — um acorde místico, como muitas vezes é chamado.

O vidente treinado afina seus próprios veículos, no momento, exatamente pela nota

da pessoa, e então, por um esforço da vontade, envia aquele som. Seja em qual for dos três mundos que a pessoa procurada esteja, sua resposta instantânea vem. Essa resposta é de pronto visível para o vidente, de forma que ele pode formar uma linha magnética de conexão com a pessoa.

Outra forma de clarividência permite ao vidente perceber acontecimentos do passado. Há vários graus desse poder, desde o homem treinado que pode consultar os Registros Akásicos por si mesmo, quando quiser, até a pessoa que ocasionalmente percebe apenas relances. O psicômetro comum precisa de um objeto fisicamente relacionado com a cena do passado que deseja ver, ou naturalmente pode usar um cristal ou outro objeto como seu foco.

Os Registros Akásicos representam a memória Divina, que já mencionamos brevemente neste livro. Os registros vistos no plano astral, não passando de reflexo de um reflexo de um plano muito mais alto, são muitíssimo imperfeitos, extremamente fragmentados e quase sempre seriamente distorcidos. Têm sido comparados aos reflexos na superfície da água encrespada pelo vento. No plano mental, os registros são completos e exatos e podem ser lidos com clareza. Mas isso, como é evidente, pede faculdades relativas ao plano mental.

CAPÍTULO XXVIII

Auxiliares Invisíveis

O estudante das páginas precedentes terá percebido, a esta altura, que os casos de "intervenção" de agentes invisíveis nos assuntos humanos, que ocorrem de tempos em tempos, e que são naturalmente bastante inexplicáveis para o ponto de vista materialista, podem ser facilmente explicados, racional e simplesmente, por alguém que entenda alguma coisa do plano astral e de suas possibilidades.

No Oriente, a existência de "auxiliares invisíveis" sempre foi reconhecida; mesmo na Europa tivemos as velhas histórias gregas da interferência dos deuses nos negócios humanos, e a lenda romana de Castor e Pollux guiou a legião da república nascente na Batalha do Lago de Regillus. Nos tempos medievais havia muitas histórias de santos que apareciam em momentos críticos e mudavam a sorte em favor das hostes cristãs — tal como São Tiago liderando as tropas espanholas — e os anjos da guarda que às vezes salvavam um viajante de sérios perigos e mesmo da morte.

Auxílio pode ser dado aos homens por várias classes de habitantes do plano astral. Ele pode vir de espíritos-da-natureza, de devas, dos fisicamente mortos, ou daqueles que, embora ainda fisicamente vivos, podem funcionar livremente no plano astral.

Os casos nos quais o auxílio aos homens é dado por espíritos-da-natureza são poucos. Os espíritos-da-natureza evitam os redutos do homem, detestando suas emanções, sua azáfama, sua inquietação. Também, a não ser os de ordem mais alta, são geralmente inconsequentes e impensados, mais se parecendo a crianças descuidadas que brincam do que a entidades sérias e responsáveis. Em geral não se pode confiar neles para nada que represente firme cooperação nessa classe de trabalho, embora um deles ocasionalmente se torne apegado a um ser humano e lhe preste bons serviços.

O trabalho do Adepto ou Mestre se desenvolve principalmente nos subplanos superiores do plano mental, onde Ele pode influenciar a verdadeira individualidade dos homens, e não a mera personalidade, que é tudo quanto pode ser alcançado nos mundos astral e físico. Raramente, contudo, o Adepto acha necessário, ou desejável, trabalhar num plano tão baixo quanto o astral.

A mesma consideração pode ser feita a propósito dos devas, sendo que os dessa classe de entidade, que às vezes respondem aos apelos e às súplicas mais altas do homem, trabalham antes no plano mental do que no astral ou físico e, mais frequentemente, em períodos entre encarnações do que durante a existência física.

Auxílios vêm, às vezes, dos que tiveram morte física recente e ainda permanecem em íntimo contato com os negócios terrenos. O estudante perceberá facilmente, contudo, que o volume de tal auxílio deve ser, na natureza das coisas, excessivamente limitado, porque as pessoas menos egoístas e prestativas são as que menos provavelmente são encontradas depois da morte detendo-se, em integral consciência, nos níveis inferiores do plano astral, aos quais a terra se faz mais acessível.

Ademais, para que uma pessoa morta possa influenciar outra que está fisicamente

viva, ou esta última deve ser de uma sensibilidade fora do comum ou o auxiliar deve possuir um certo conhecimento e habilidade. Tais condições, como é evidente, raramente são encontradas.

Segue-se, então, que presentemente o trabalho de auxílio nos planos mental e astral inferiores está principalmente em mãos dos discípulos dos Mestres e de quaisquer outros que tenham evoluído o bastante para funcionar conscientemente nesses dois planos.

Variada como é essa classe de trabalho no plano astral, todo ele é dirigido naturalmente para impulsionar a evolução. Ocasionalmente está vinculado com o desenvolvimento dos reinos inferiores, o elemental, bem como o vegetal e o animal, desenvolvimento esse que pode ser acelerado sob certas condições. Na verdade, em alguns casos é apenas através da conexão com o homem ou com o uso do homem que o progresso desses reinos inferiores tem lugar. Assim, por exemplo, um animal pode individualizar-se somente através de certas classes de animais que foram domesticados pelo homem.

A mais importante parte do trabalho é se relacionar de uma forma ou outra com a humanidade, principalmente com o seu desenvolvimento espiritual; não obstante, algumas vezes também se dá ajuda puramente física.

No livro clássico sobre o assunto, *Auxiliares Invisíveis*, de C. W. Leadbeater, alguns exemplos típicos de intervenção física são dados. Às vezes um auxiliar invisível, com sua visão mais ampla, pode perceber o perigo que está ameaçando alguém e imprimir a ideia na pessoa ameaçada, ou sobre um amigo que irá ajudá-la. Dessa maneira, naufrágios têm sido às vezes evitados. Em outras ocasiões, o auxiliar pode materializar-se ou ser materializado por um auxiliar mais experiente, de forma suficiente para afastar alguém do perigo, como, por exemplo, tirar uma criança de um edifício em chamas, evitar que alguém tombe num precipício, reconduzir ao lar crianças perdidas, e assim por diante. Temos o exemplo de um auxiliar que, encontrando um menino que tombara sobre um rochedo e tivera uma artéria cortada, foi materializado para que pudesse atar uma ligadura e assim deter a hemorragia, que, de outra forma, teria sido fatal, e, ao mesmo tempo, outro auxiliar levou à mente da mãe o perigo em que se encontrava o filho, conduzindo-a então ao lugar do acidente.

Pode-se perguntar como uma entidade astral se torna consciente de um grito ou de um acidente físico. A resposta é que aquele grito, trazendo em si sentimento ou emoção muito forte, produz efeito sobre o plano astral e dá ali exatamente a mesma ideia que daria no plano físico. No caso de um acidente, o ímpeto de emoção causado pela dor ou pelo medo arde como uma grande luz e não poderia deixar de chamar a atenção de uma entidade astral que estivesse por perto.

A fim de levar um corpo astral à necessária materialização, de forma que atos puramente físicos possam ser realizados, um conhecimento do método usado para isso é claramente essencial.

Há três variedades definidas de materialização: (1) a que é tangível, embora não visível aos olhos físicos comuns. Nas sessões espíritas esta é a espécie mais comum e é usada para mover pequenos objetos e para a "voz direta". Um tipo de matéria é usada, matéria que não pode refletir nem obstruir a luz, mas que sob certas circunstâncias pode ser usada para produzir sons. Uma variedade dessa classe é a que pode afetar alguns raios

ultravioletas, dando assim possibilidade de serem feitas "fotografias-de-espíritos". (2) A que é visível, mas não é tangível. (3) A materialização perfeita, que é tanto visível como tangível. Muitos espíritas estão familiarizados com estes três tipos.

Tais materializações, conforme aqui estamos considerando, são realizadas por um esforço da vontade. Esse esforço, dirigido para a matéria que se modifica de seu estado natural para outro, estará temporariamente opondo-se à vontade cósmica, por assim dizer. O esforço deve ser mantido todo o tempo, porque, se a mente se afastar por meio segundo que seja, a matéria foge e retorna à sua condição original, como o clarão de um relâmpago.

Nas sessões espíritas, uma materialização completa é produzida pela utilização de matéria dos corpos físicos e etéricos do médium e também da dos presentes. Em tais casos, é claro que uma conexão muito íntima se instala entre o médium e o corpo materializado. A significação de tal coisa será considerada mais adiante.

No caso do auxiliar treinado, que acha necessário produzir uma materialização temporária, um outro método, bem diferente, é usado. Discípulo algum de um Mestre jamais teria permissão para impor tal tensão em corpo alheio, como ocorreria se a matéria desse corpo fosse usada para a materialização; nem, realmente, tal plano seria necessário. Um método muitíssimo menos perigoso é o de condensar éter circundante ou mesmo do ar físico, a quantidade de matéria que seja necessária. Esse trabalho, embora sem dúvida alguma fora do poder da entidade média que se manifesta numa sessão, não apresenta dificuldade para o estudante de química oculta.

Num caso dessa natureza, embora tenhamos a reprodução exata do corpo físico, ele é criado pelo esforço mental e de matéria inteiramente estranha ao corpo. Consequentemente, o fenômeno conhecido como repercussão não poderia ter lugar, como pode acontecer quando uma forma é materializada com matéria retirada do corpo de um médium.

Um dano feito a uma forma materializada por um auxiliar através do éter ou do ar não pode afetar mais o corpo físico do auxiliar pela repercussão do que um homem pode ser afetado por um dano feito a uma estátua de mármore que o reproduza.

Mas, no plano astral, se alguém for insensato bastante para pensar que um perigo referente ao físico — por exemplo, um objeto que cai — pode lesar alguém, um dano ao corpo físico, através de repercussão, é possível,

O assunto repercussão é abstruso e difícil, e ainda assim de forma alguma compreendido. A fim de compreendê-lo perfeitamente, é provável que fosse necessário compreender as leis da vibração simpática não só em um, mas em outros planos.

Não há qualquer dúvida quanto ao estupendo poder da vontade sobre a matéria de todos os planos, de forma que só se o poder da vontade for suficientemente forte, na verdade, *qualquer* resultado pode ser produzido por sua ação direta, sem qualquer conhecimento ou mesmo pensamento por parte da pessoa que exerce a vontade tal como ela é para fazer seu trabalho.

Não há limite para o grau até o qual a vontade pode ser desenvolvida.

Esse poder se aplica no caso de materialização, embora seja uma arte que deve ser aprendida como qualquer outra. Um homem mediano do plano astral não seria mais capaz de materializar-se sem ter previamente aprendido como fazê-lo do que o homem mediano

deste plano seria capaz de tocar violino sem ter previamente tomado as lições necessárias.

Há, contudo, casos excepcionais quando intensa simpatia e firme deliberação capacita uma pessoa a efetuar uma materialização temporária, mesmo que não saiba conscientemente como fazê-la.

Vale a pena notar que esses raros casos de intervenção física por parte de um auxiliar astral são com frequência realizados em virtude de um vínculo kármico entre o auxiliar e a pessoa auxiliada. Desta forma, velhos serviços são reconhecidos e as bondades recebidas numa vida são pagas numa vida futura, mesmo pelos métodos pouco comuns que descrevemos.

Nas grandes catástrofes, quando muitas pessoas são mortas, às vezes é permitido que uma ou duas pessoas sejam "milagrosamente" salvas, porque acontece que não é de seu "karma" morrer então, isto é, elas não devem à Lei Divina coisa alguma que precise ser paga daquela maneira particular.

Muito ocasionalmente, assistência física é dada a seres humanos, mesmo por um Mestre.

C. W. Leadbeater descreve um caso que aconteceu com ele próprio. Caminhando ao longo de uma estrada, ele ouviu subitamente a voz de seu instrutor hindu, que no momento estava fisicamente a 7.000 milhas de distância, gritando: "Salte para trás!" Ele deu violento salto para a retaguarda exatamente quando o pesado tubo de uma chaminé de metal estourou sobre o pavimento, a menos de um metro diante dele.

Outro caso notável é registrado, a propósito de uma senhora que se viu em sério risco no meio de perigoso motim de rua e que foi subitamente retirada da multidão e colocada, sem qualquer dano, numa travessa da rua, que estava vazia. Seu corpo deve ter sido erguido diretamente sobre as casas medianeiras e colocado no pavimento da rua próxima. Provavelmente um véu de matéria etérica foi atirado sobre ela, durante a passagem, de forma que não fosse visível ao passar pelo ar.

Através de uma consulta aos capítulos de *A Vida Depois da Morte*, temos a evidência de que há um amplo terreno para o trabalho dos auxiliares invisíveis entre as pessoas que morrem. A maioria delas está em condição de completa ignorância quanto à vida depois da morte, e muitas, pelo menos nos países ocidentais, estão também aterrorizadas com a perspectiva do "inferno" e da "danação eterna" e há muito que fazer para esclarecer as pessoas quanto ao seu verdadeiro estado e sobre a natureza do mundo astral no qual se encontram.

O trabalho principal feito pelo auxiliar invisível é o de acalmar e confortar os mortos recentes, libertando-os sempre que possível do terrível, embora desnecessário, medo que com tanta frequência os assalta, e não só lhes causa muito sofrimento como retarda seu progresso para esferas mais altas, bem como capacitando-os, tanto quanto se pode, a compreender o futuro que têm pela frente.

Disseram que esse trabalho foi, em períodos remotos, atendido exclusivamente por uma alta classe de entidades não-humanas. Mas há algum tempo, os seres humanos que podem funcionar conscientemente no plano astral têm tido o privilégio de dar assistência a essa tarefa de amor.

Nos casos em que a reestruturação do corpo astral pelo elemental de desejo teve

lugar, um auxiliar astral pode romper essa reestruturação e restaurar o corpo astral em sua condição anterior, de forma que a pessoa morta tome conhecimento de todo o plano astral e não apenas de um de seus subplanos.

Outros que têm estado por mais tempo no plano astral podem também receber auxílio sob a forma de explicações e conselhos enquanto fazem seu curso através dos diferentes estágios. Assim, eles podem ser avisados do perigo e retardamento causados pelas tentativas de se comunicarem com os vivos por intermédio de um médium e, às vezes, embora isso se dê raramente, uma entidade já atraída para o círculo espírita pode ser guiada para uma vida mais alta e mais saudável. A memória de tal ensinamento não pode naturalmente ser levada direta para a encarnação seguinte, mas sempre permanece o real conhecimento interior e, portanto, uma forte predisposição para aceitar tais ensinamentos imediatamente, quando os ouvirem de novo, na nova vida.

Alguns dos recentemente falecidos veem-se no plano astral como realmente são e sentem-se portanto cheios de remorsos. Aqui o auxiliar pode explicar que o passado é passado, que o único arrependimento que vale a pena é resolver agir melhor para o futuro, e que cada homem deve tomar a si próprio tal como é, e com firmeza trabalhar pelo progresso, levando uma vida mais autêntica no futuro.

Outros, por sua vez, sentem-se perturbados pelo desejo de reparação por algum dano que praticaram quando na terra e querem tranquilizar sua consciência revelando um segredo que os desacredita e que zelosamente guardaram; dizer qual é o esconderijo de dinheiro ou papéis importantes, e assim por diante. Em alguns casos é possível para o auxiliar intervir de alguma forma no plano físico e assim satisfazer o morto. Mas na maioria dos casos, o máximo que ele pode fazer é explicar que agora é tarde demais para tentar uma reparação, sendo portanto inútil sofrer por esse acontecimento, e persuadi-lo a abandonar seus pensamentos terrenos, que o mantêm preso ao chão da terra e fazer de sua nova vida o melhor que puder.

Imensa quantidade de trabalho é também feita para os vivos, levando bons pensamentos nas mentes dos que estão em condições de recebê-los.

Seria muitíssimo fácil — fácil a um ponto de parecer incrível para os que não compreendem praticamente o assunto — um auxiliar dominar a mente de um homem mediano e levá-lo a pensar exatamente como o auxiliar entendesse, sem despertar suspeitas de influência externa sobre a mente da pessoa. Tal procedimento todavia seria inteiramente inadmissível. Tudo quanto pode ser feito é atirar o bom pensamento à mente da pessoa, entre os milhares que estão constantemente surgindo nela, e esperar que a pessoa o receba, se faça dono dele, e aja de acordo.

Assistência muito variada pode ser oferecida dessa maneira. Consolação é com frequência dada aos que estão desgostosos ou doentes; reconciliações são tentadas entre os que têm estado separados por conflito de opiniões ou interesses; ansiosos pesquisadores da verdade são guiados para ela; quase sempre é possível dar solução a algum problema espiritual ou metafísico da mente de alguém que tem pensado ansiosamente nele. Conferencistas podem ser ajudados com sugestões e ilustrações que são materializadas em matéria mais sutil diante de quem fala, ou impressas em seu cérebro.

Um auxiliar invisível habitual depressa adquire alguns "pacientes" que ele visita toda a noite, tal como um médico da terra faz sua ronda habitual entre seus pacientes. Cada trabalhador se torna, assim, o centro de um pequeno grupo, o líder de uma turma de auxiliares para os quais ele sempre encontra trabalho. No mundo astral o trabalho pode ser encontrado para qualquer número de trabalhadores, e quem quer que o deseja — homem, mulher, criança — pode ser um deles.

Um discípulo pode ser, com frequência, empregado como agente naquilo que virtualmente representa resposta às preces. Embora seja verdade que qualquer desejo espiritual sincero, tal como o que pode ser expresso na oração, é uma força que traz automaticamente algum resultado, também é um fato que tal esforço espiritual oferece uma oportunidade para a influência dos Poderes do Bem. Um auxiliar bem intencionado pode, assim, tornar-se o canal através do qual a energia é transportada. Isso é verdadeiro no que se refere à meditação, e amplamente aplicável.

Em alguns casos o auxiliar é tomado como o santo ao qual o suplicante rezou, e há muitas histórias para ilustrar isso.

Discípulos que estão preparados para o trabalho são empregados também para sugerir pensamentos verdadeiros e belos a autores, poetas, artistas e músicos.

Às vezes, embora mais raramente, é possível avisar pessoas sobre o perigo de alguma atividade a que se estão entregando, sobre seu desenvolvimento moral, afastar a má influência de alguma pessoa ou lugar, ou neutralizar as maquinações dos magos negros.

Há tanto trabalho para os auxiliares invisíveis no plano astral que se faz enfático o dever, para o estudante, de preparar-se, por todas as maneiras ao seu alcance, para assisti-los em sua atuação. O trabalho dos auxiliares invisíveis não seria feito a não ser que houvesse discípulos no estágio em que esse é o melhor trabalho que podem fazer. Assim que passem para além desse estágio e possam fazer trabalho superior, com certeza lhes será dado esse trabalho superior.

Devemos ter em mente que, quando o poder e o treinamento são dados a um auxiliar, eles lhe são dados sob restrições. Jamais ele deve usá-los egoisticamente, jamais deve exibí-los para satisfazer curiosidades, jamais deve empregá-los para espionar negócios alheios, jamais dar o que as sessões espíritas chamam testes, isto é, ele nada deve fazer que possa ser provado como fenômeno no mundo físico. Pode levar mensagem a um morto, mas não pode, a não ser que tenha ordens diretas de seu Mestre para isso, levar de volta uma resposta do morto para os vivos. Assim, a turma de auxiliares invisíveis não é o escritório de um detetive nem um centro astral de informações, mas pretende apenas fazer simples e caladamente o trabalho que lhe é confiado ou que surge no seu caminho.

Um estudante de ocultismo, à proporção que progride, em lugar de dar assistência apenas a indivíduos, aprende a tratar com classes, nações e raças. Conforme adquire os poderes exigidos e o conhecimento, começa a manipular as forças maiores do akasa e a luz astral, e mostram-lhe como obter o máximo possível de cada influência cíclica favorável. É levado a relacionar-se com os grandes Nirmanakayas, e torna-se um de Seus esmoleres, aprendendo como empregar as forças, que são o fruto do Seu sublime auto-sacrifício.

Não há mistério nas qualificações necessárias para quem aspira a ser um auxiliar; até um certo ponto elas já foram descritas, mas pode ser útil expô-las ampla e

categoricamente:

(1) *Unidade de propósito*, às vezes chamada mente em uma só direção ou concentração. O aspirante deve fazer do trabalho de ajudar terceiros o seu primeiro e principal dever. O trabalho que o Mestre lhe destinar deve ser o grande interesse de sua vida.

Ademais, é necessário saber discernir, não só entre trabalho útil e inútil, mas, também, entre as diferentes espécies de trabalho útil. Economia de esforço é a lei primeira do ocultismo, e todo estudante deve dedicar-se ao trabalho mais alto que puder realizar. É também essencial que o estudante faça o máximo do que estiver ao seu alcance, no plano físico, para favorecer os mesmos grandes fins de ajuda a seus semelhantes.

(2) *Autocontrole*. — Isto compreende controle completo do temperamento, de forma que nada visto ou ouvido possa causar irritação real, porque as consequências de tal irritação seriam mais sérias no plano astral do que no plano físico. Se um homem com a faculdade inteiramente despertada no plano astral sentisse cólera contra uma pessoa daquele plano, iria causar-lhe sério e talvez fatal dano. Qualquer manifestação de irritabilidade, de excitação ou impaciência no mundo astral faria imediatamente do auxiliar um objeto apavorante, de forma que aqueles a quem desejasse ajudar fugiriam dele, aterrorizados.

Registrou-se um caso em que o auxiliar invisível se colocou num tal estado de excitação que seu corpo astral cresceu imensamente em tamanho, vibrando violenta e irradiantemente cores flamejantes. A pessoa recentemente falecida que ele esperava ajudar, ficou horrorizada ao ver aquela esfera enorme, ardente, flamejante, aproximando-se dela; tomou-a pelo demônio teológico em pessoa, e fugiu aterrorizada; seu terror aumentou ao ver que o suposto auxiliar a perseguia persistentemente.

Além disso, o controle nervoso é essencial, de forma que nada do que surja como visão fantástica ou terrível possa abalar a intrepidez do estudante. Como ficou dito antes, para que sejam seguros desse controle dos nervos, para que se tornem adequados para o trabalho a ser feito, é que os candidatos, hoje como nos velhos dias, são sempre levados a passar pelo que chamam testes da terra, da água, do ar e do fogo.

O estudante tem de compreender que no corpo astral a rocha mais densa não oferece impedimento à sua liberdade de movimentação, que ele pode saltar impunemente dos mais altos rochedos, mergulhar com absoluta confiança no coração de um vulcão em fúria, ou nos mais profundos abismos dos insondáveis oceanos. Essas coisas devem ser bem compreendidas pelo estudante, para que ele possa agir confiante e instintivamente.

É necessário, também, o controle da mente e do desejo. Da mente, porque sem o poder de concentração seria impossível fazer bom trabalho; do desejo, porque, no mundo astral, desejar é, com frequência, ter, e, a não ser que o desejo seja bem controlado, o estudante pode enfrentar criações nascidas de si próprio e das quais se envergonharia profundamente.

(3) *Calma*. — Isto significa ausência de aflição e depressão. Grande parte do trabalho consistindo em acalmar os perturbados e animar os tristes, está claro que o auxiliar não poderia fazer tal coisa se a sua aura estivesse constantemente vibrando, agitada e aflita, ou coberta pelo tom cinzento da depressão. A visão otimista de tudo está sempre mais

próxima da visão divina, portanto da verdade, porque só o bom e o belo podem ser permanentes, enquanto o mal, por sua própria natureza, é temporário. Calma inabalável leva a uma serenidade jubilosa, e faz a depressão impossível.

Como dissemos antes, a depressão é terrivelmente contagiosa, e deve ser inteiramente eliminada por aqueles que pretendam tornar-se auxiliares invisíveis. Essas pessoas devem caracterizar-se por sua absoluta serenidade sob todas as dificuldades possíveis e pela radiante alegria com que levam auxílio aos demais.

(4) *Conhecimento*. — Quanto maior seja o conhecimento de um homem sobre todos os assuntos, mais útil ele será. Deve preparar-se, pois, pelo estudo cuidadoso de tudo quanto tem sido escrito sobre o plano astral na literatura oculta, porque não pode pretender que outros, cujo tempo já está integralmente tomado, usem um pouco desse tempo para lhe explicar o que ele poderia ter aprendido por si mesmo, no mundo físico, dando-se ao trabalho de ler livros.

Não há talvez, no trabalho de um ocultista, espécie alguma de conhecimento que não tenha uso para o trabalho.

(5) *Amor*. — Esta, a última e a maior das qualificações, também é a menos compreendida. Podemos dizer, enfaticamente, que não se trata de sentimentalismo molóide, transbordando em vagas e alvoroçadas generalidades que temem manter-se firmes ao lado do direito para não serem tomadas pelos ignorantes como "pouco fraternas". O que se deseja é amor bastante forte para agir sem falar nele próprio, é o intenso desejo de servir, que está sempre alerta para a oportunidade de fazê-lo, mesmo que o prefira realizar anonimamente. É o sentimento que sobe do coração de quem compreendeu o grande trabalho do Logos e, desde que o viu, sabe que para ele não pode haver, nos três mundos, outra atividade a não ser a de identificar-se com ele até o limite máximo de sua capacidade, mesmo que seja de uma forma humilde de converter-se num canal minúsculo para aquele estupendo amor de Deus, que, como a Paz de Deus, ultrapassa todo entendimento.

Devemos recordar que duas pessoas no plano astral, para se comunicarem astralmente uma com a outra, precisam ter uma linguagem comum. Portanto, quanto maior número de línguas um auxiliar do plano astral conheça, mais útil ele será.

O padrão estabelecido para um Auxiliar Invisível não é impossível. Ao contrário, pode ser obtido por todos os homens, embora possa tornar-lhes tempo. Todos conhecem algum caso de desgosto ou angústia, seja entre vivos ou entre mortos; isso não importa. Ao prepararmos-nos para dormir, devemos tomar a resolução de fazer o possível, enquanto adormecidos e usando o corpo astral, para ajudar aquela pessoa. Se a lembrança do que foi feito penetra ou não na consciência desperta, é coisa sem importância. Podemos ter certeza de que algo foi conseguido, e algum dia, mais cedo ou mais tarde, teremos a prova de que o sucesso existiu.

Com a pessoa que está inteiramente desperta no plano astral, o último pensamento antes de adormecer importa menos, porque ela tem o poder de passar facilmente de um pensamento para outro, no mundo astral. Neste caso, o fio geral do seu pensamento é o fator importante, porque tanto durante o dia como durante a noite sua mente tenderá a movimentar-se da forma acostuada.

CAPÍTULO XXIX

Conclusão

Embora no momento presente sejam relativamente poucas as pessoas que têm conhecimento direto e pessoal do mundo astral, de sua vida e de seus fenômenos, ainda assim há muitas razões para se crer que o pequeno grupo que sabe dessas coisas através de sua própria experiência, está crescendo rapidamente e tende a ser amplamente aumentado em futuro próximo.

A faculdade psíquica, especialmente entre as crianças, está se tornando cada vez menos rara. À proporção que vai sendo gradualmente aceita e deixa de ser encarada como pouco saudável ou como um tabu, tende a aumentar tanto em extensão como em intensidade. Assim, por exemplo, foram publicados recentemente, e amplamente lidos, livros que tratam de espíritos-da-natureza, mais conhecidos como fadas, mostrando até fotografias dessas graciosas criaturas e de seus trabalhos na economia da natureza. Ademais, qualquer pesquisador cuja mente seja aberta, pouca dificuldade tem para descobrir pessoas, jovens e velhas, que veem fadas frequentemente, trabalhando ou brincando, bem como outras entidades e fenômenos do mundo astral.

A voga enorme do espiritismo tornou o mundo astral e muitos de seus fenômenos objetivamente reais e bastante familiares para muitos milhões de pessoas em todos os quadrantes do mundo.

A ciência física, com seus íons e elétrons, está no limiar do mundo astral, ao passo que as pesquisas de Einstein e outros vão tornando aceitável rapidamente a concepção da quarta dimensão, que há tanto tempo tem sido familiar para os estudantes do mundo astral.

No terreno da psicologia, os modernos métodos analíticos prometem poder revelar a natureza de pelo menos a fração inferior do mecanismo psíquico do homem, confirmando incidentalmente algumas declarações e ensinamentos apresentados pelos antigos livros orientais e pelos teósofos e ocultistas de hoje. Assim, por exemplo, um famoso escritor de livros de psicologia e psicanálise informou recentemente ao autor do presente trabalho que na sua opinião o "complexo" é idêntico ao "skandhâra" do sistema budista, enquanto outro psicólogo de reputação mundial disse a um amigo do autor deste livro que suas pesquisas psicológicas — *não* psíquicas — o haviam levado irresistivelmente ao fato da reencarnação.

Essas são algumas indicações de que os métodos da ciência ocidental ortodoxa conduzem a resultados idênticos aos que há séculos têm sido do conhecimento comum em certas regiões do Oriente e que aproximadamente durante a última metade do século foram redescobertos por um pequeno grupo de indivíduos. Estes, guiados pelos ensinamentos orientais, desenvolveram em si próprios as faculdades necessárias para a observação direta, bem como a investigação do mundo astral e a dos mundos mais altos.

Seria insistir num lugar-comum dizer que a aceitação, pelo mundo em geral, da existência do plano astral e de seus fenômenos — coisa que não pode ser adiada por muito tempo — ampliará e aprofundará imensuravelmente a concepção que o homem tem de si

próprio e de seu próprio destino, bem como revolucionará sua atitude em relação ao mundo externo, incluindo os outros reinos da natureza, fisicamente visíveis e invisíveis. Desde que o homem consiga estabelecer para sua própria satisfação a realidade do mundo astral, será compelido a reorientar-se e a estabelecer para si próprio um novo elenco de valores para os fatos que afetam sua vida e determinam suas atividades.

Mais cedo ou mais tarde, porém inevitavelmente, a ampla concepção de que as coisas meramente físicas têm um papel muito pequeno na vida da alma e do espírito humano e de que o homem é um ser essencialmente espiritual desdobrando seus poderes latentes com o auxílio de vários veículos, físico, astral e outros, veículos que de época para época ele assume, afastará todas as outras opiniões e levará os homens a uma completa reorientação de suas vidas.

Uma compreensão de sua própria e verdadeira natureza, do fato de que através de vida após vida na terra, com interlúdios em outros mundos mais sutis, ele está constantemente evoluindo e se tornando cada vez mais espiritual, lógica e inevitavelmente leva um homem a ver que, se e quando o quiser, pode deixar de entreter-se com a vida e de ficar à deriva sobre a ampla corrente evolutiva, e tomar o leme da viagem de sua própria vida. Deste ponto do crescimento de sua "percepção" das coisas e de suas próprias possibilidades inerentes, passará para o estágio em que se aproximará do Caminho "antigo e estreito", no qual encontrará Aqueles que, ultrapassando Seus companheiros, conseguiram o máximo possível de desenvolvimento *humano*. São os que, ansiosamente, contudo cheios de ilimitada paciência, esperam que Seus irmãos mais jovens deixem o viveiro da vida mundana comum e passem para a Sua vida superior, onde, com a Sua orientação e assistidos pela Sua compaixão e poder, o homem possa erguer-se até as alturas estupendas da espiritualidade que Eles atingiram e tornar-se por sua vez salvador e auxiliar da humanidade, acelerando assim o poderoso plano de evolução em direção à meta que ele se propõe atingir.